INTRODUÇÃO
Á ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

DO AUTOR

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS — (Inquerito sobre a vida artistica brasileira) — Edição Pimenta de Mello — Rio, 1927.

INTRODUÇÃO Á ARQUEOLOGIA BRASILEIRA — Etnografia e Historia — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

A ILHA DA PASCÕA NO CAMINHO DAS MIGRAÇÕES AMERICANAS — Ensaio in Revista Brasileira — Rio, 1934.

CIVILIZACIONES PRE-COLOMBIANAS EM EL BRASIL — In Revista Geografica Americana — Buenos Aires, 1935.

ARCHEOLOGIA GERAL — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1936.

MIGRAÇÕES E CULTURA INDIGENA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1938.

DAS INSCRIÇÕES LAPIDARES DE FUNDO INDIGENA, etc. — Téze apresentada ao 3.° Congresso de Historia Nacional, por ocasião do 1.° Centenario do Instituto Historico e Geografico Brasileiro — Rio, 1938.

INTRODUÇÃO Á ARQUEOLOGIA BRASILEIRA — Etnografia e Historia — 2.ª edição — Comp. Editora Nacional S. Paulo, 1938.

Qualquer referencia a esta obra é obsequio mandar á rua Acarahy, 79, Leblon — Rio de Janeiro — Brasil

Serie 5.ª BRASILIANA *Vol 34*
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

ANGYONE COSTA
Prof. de Arqueologia Brasileira no Museu Historico Nacional

Introdução á Arqueologia Brasileira

Etnografia e Historia

2.ª edição

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
S. PAULO — RIO — RECIFE — PORTO ALEGRE
1938

INDICE

PARTE III

Elementos etnograficos e antropologicos necessarios á compreensão da arqueologia brasileira

PARTE IV

Morfologia da civilização Tupi-guarani, aplicavel, por extensão, ás demais raças brasilicas

PARTE V

Conclusões

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

A segunda edição deste livro dá-me o ensejo de agradecer aos que tiveram a gentileza de se ocupar dele, com bôa fé, no momento em que ele apareceu.

Pelo indio interessou-se o Brasil, e intensamente, na segunda metade do seculo XIX, quando ainda eram escassos os elementos para fixal-o de maneira nitida. Depois, outras preocupações dominaram o espirito dos brasileiros, e a nossa inteligencia esqueceu-o, atrahida por novas indagações.

Quando a primeira edição deste livro surgio, o assunto de que ele trata estava mergulhado em pleno esquecimento. E a rapidez com que os estudiosos e o publico exgotaram a primeira edição veio evidenciar um novo despertar de curiosidade e de estudo em torno da cultura do indigena.

Que esta nova edição da Introdução á Arqueologia Brasileira *possa acompanhar a evolução crescente desse interesse, é toda a recompensa que pleiteio. Livro sem pretensão, nada aspira resolver; só deseja incentivar.*

* * *

Os desenhos e mapas, que ilustram a presente edição, são os mesmos da primeira, tendo sido incluido, neste volume, alem de algumas informações e comentarios, um sub-capitulo sobre alimentação, um indice de assunto e outro de nomes geograficos, tribus, familias e povos, estudados aqui. Quanto ao mais, a não ser num ou noutro ponto de doutrina controversa, em que foi preciso deixar mais claro o meu pensamento, a Introdução á Arqueologia Brasileira *aparece como foi primitivamente publicada.*

A. C.

PARTE I

Elementos para o estudo da Arqueologia Brasileira

PRIMEIRO CAPITULO

A Terra

CAPITULO I

A TERRA

A sedução do meio fisico — O homem — Os desbravadores do caminho.

Avultam na massa continental da America do Sul dois terços que compreendem o Brasil. Tres distintas zonas montanhosas. Vastos planaltos, mais ou menos elevados, fazem a conjugação dessas montanhas com as extensas planicies, nas quais se riscam os sulcos fluviais do Orenoco, do Amazonas, do Prata.

Os Andes levantam-se como uma estreita, longa e altissima faixa ao correr da costa ocidental; as montanhas do Brasil e da Guiana, menos altas que a cordilheira andina, dominam extensa área nas paragens oriental e setentrional; o espaço entre essas tres regiões, conforme ensina Derby, é ocupado por ampla baixada de altitude inferior a mil metros, exceção das estreitas

faixas situadas entre o Brasil e a Guiana, onde o vale inferior do Amazonas interrompe a continuidade, estabelecendo sensivel depressão.

Recentes estudos de geologia, que datam de 1874, com Hartt, Branner, Gorceix, Derby, mais tarde Gonzaga de Campos, Arrojado Lisbôa, Eusebio de Oliveira, permitiram fixar-se conclusões certas, complementares de um quadro anteriormente tentado, em bases exclusivamente geognosticas, por Eschewege, Sellow, Martius, D'Orbigny.

Já agora se pode observar, quanto ás duas regiões de montanhas da zona oriental, em relação aos Andes, que a continuidade da planicie, nessa direção, se acha tambem destruida, em grande parte, pelos fundos vales rasgadas pelos rios Paraguai e Madeira, ao centro, e pelos rios Negro e Orenoco, nas avançadas setentrionais.

Adotando rumo diferente do Orenoco e do Prata, o Amazonas estabelece ligações, tem relações diretas com as tres altas regiões já indicadas. A sua parte superior ou Marañon é perfeitamente andina; a parte media ou Solimões, sitúa-se na região intermediaria entre os Andes e as paragens elevadas do Brasil e das Guianas; e o baixo Amazonas, da foz do rio Negro até lançar-se no Oceano, corre entre terras mais baixas.

O que mais impressiona a visão sobre a carta da Amazonia, além da desmesurada massa, em largura e volume, de suas aguas barrentas, é a grande extensão da varzea ou terrenos baixos sujeitos a periodicas e colossais inundações. Essa varzea acompanha, torcicolante

com o rio, as suas grandes margens, prolongando-se da sua foz no Atlantico ao sopé remoto dos Andes. E como seja coberta de floresta densa, a mataria dá-lhe falso aspecto de terra firme, impressão que se desfaz a um melhor exame do terreno, pois o que ha é apenas uma imensa extensão paludosa, quasi situada ao nivel do rio, semeada de lagos e ilhas de arvoredo cortadas por um entrelaçamento infinito de *furos* (*) e paranás (*) que se completam, adensam-se, entrecruzam-se, surgindo o grande rio dessa imensa planura, como estreita fita perdida "na imensidade do seu antigo leito, ou, melhor, do estuario que ele substitue atualmente", conforme descreve Derby.

Hartt traça a estrutura da planicie, numa sintese que dispensa maior explanação: "O vale do Amazonas, a principio, apareceu como um largo canal entre duas ilhas, das quais uma constituiu a base e o nucleo do planalto brasileiro, e a outra, do planalto da Guiana. Estas ilhas surgiram no principio da idade siluriana ou um pouco depois dela. Naquela epoca os Andes não existiam ainda. Antes da aparição dos Andes, o vale do Amazonas consistia simplesmente em dois golfos unidos por um estreito canal. Os Andes irromperam na entrada do golfo Oeste, convertendo-o em uma verdadeira bacia, posto que com saidas tanto ao Norte como ao Sul. Todo o continente foi

---

(**) Designações geograficas, peculiares á região amazonica. *Furo*, braço de rio que liga duas aguas, as vezes um lago, um *furo* a outro *furo*, ou um afluente, pelo montante da foz, ao curso em que desagua. *Paraná*, braço de rio, geralmente de maior volume, que volta a lançar suas aguas no mesmo rio.

depois deprimido de modo tal que as aguas cobriram amplamente o planalto da Guiana e do Brasil".

Mais tarde, outras transformações se operaram. A terra proseguiu na sua lenta elaboração, transformando-se o Amazonas em vasto mediterraneo, que deixa de lançar suas aguas, conforme ensina Hartt, num lago situado na base dos Andes, para rumar, sob o peso das outras cordas d'agua que o procuram, na direção do Oceano. De mediterraneo cretaceo, passa a lençol lacustre, e na depressão colossal a evolução da terra coloca a maior caudal de agua doce do glôbo.

Maior volume. Maior profundidade. Maior largura. Maior área coberta de terras. Maior descarga no oceano. Agassiz descreve-o: "Labirinto de rios, furos e lagos, não constitue propriamente uma rede fluvial, é antes um oceano de agua doce, cortado e dividido pela terra".

E a terra sofre a impressão da massa d'agua diluvial. É uma terra triste, tão triste que o proprio canto dos passaros, como observava Bates, faz aumentar, na floresta, o terror da solidão.

Mas a terra não é só a Amazonia.

Estendem-se pelo maciço continental 5/8 de planaltos e chapadões, 3/8 de planicies e baixadas; ao norte desenvolvem-se planicies; planaltos e chapadões ao centro e sul. Com o Amazonas ficam para trás as terras baixas, os depositos aluviais, o solo em formação. No meio e a sueste apontam as camadas mais altas. Para

a vertente de leste, um rio despeja as suas aguas visando a faixa médio-litorania do país. Rola da serra das Canastras. Afasta-se, pelos seus tributarios mais avançados, das primeiras aguas que formam a bacia do Prata. Largo e chato, de fundo rochoso, batido pelos ventos do lado do oceano, seu acesso é facilitado de subida. Trechos navegaveis. Trechos interrompidos. Cachoeiras. Estrada indispensavel para conhecer os sertões. Este é o Rio São Francisco.

Logo a seguir, vem o Prata. Seus formadores nascem e vivem no Brasil. O Paraná. O Uruguai. O Paraguai. São os maiores rios que banham o país em sua parte central e meridional. Drenam para a boca extensa do continente todas as aguas brasileiras ao sul do planalto central; da serra dos Parecis e do poente da serra do Mar. São rios brasileiros, mas são tambem rios lindeiros com as nações vizinhas. O Paraná, depois de ser Rio Grande em seu primeiro curso, vai ganhar o nome com que é conhecido da confluencia do Paranaíba por diante. 4.300 kms. de extensão. Grande largura. Por vezes tres quilometros de uma a outra de suas margens. Uma inclinal e uma curva violenta levam as suas aguas a receber o Paraguai, para a descida que constitue o eixo principal do Prata.

O Paraguai, mais modesto, é tambem quasi todo brasileiro. 2.078 kms. de extensão, 1.406 correndo em terras do Brasil. Segundo elemento coordenador do Mar del Plata, essa grande boca de comercio, que o português

nos deu e a imprevidencia politica do primeiro reinado nos levou.

Para demonstrar que o Prata é realmente nosso e todas as suas aguas são nossas, o Uruguai, terceira caudal a estabelecer o estuario, derramando-se isolado no fundo da bacia, vem muito de cima, de nossas terras catarinenses, e é com as aguas dos cursos dessa região e do Rio Grande que adquire força para estabelecer a longa curva que o levará ao seu desembocadouro final.

Mas, nesse explanar, não esqueçamos o relevo, a massa estrutural do país.

Vimos o norte, já focalizamos os grandes rios dos sistemas. Vimos a planicie. Agora, ainda uma vez com Derby, vejamos as montanhas. Não são altas, mas cobrem extensa superficie e, compondo a visão panoramica, entravam o desenvolvimento do homem, são um embaraço posto no caminho das civilizações. Duas cordilheiras, a Oriental ou Maritima, a Central ou Goiana. Cadeias que correm paralelas, cadeias que se prolongam definidas. A Serra do Mar, a Serra da Mantiqueira, entre elas o vale fundo por onde deslisam as aguas mansas do Paraiba do Sul. No sistema Oriental estão as cadeias mais belas, os pontos culminantes do país. Do outro lado, mais para dentro, o enrugamento que produziu o sistema Central, alteando-o ao poente do rio São Francisco e dando-lhe a feição de "aresta viva" que nele descobre Sampaio. Estão aí as serras maiores a se elevarem sobre os chapadões por onde corre o divisor

de aguas das bacias do Amazonas, do Prata, do São Francisco. O resto, são serras, serrotes e chapadas, lugares onde ha clima para uma variada confusão floral. No planalto, desde o rio Uruguai, a serra é aspera e coberta de mata densa na parte voltada para o oceano; suave na sua face interior. Para o lado da Serra do Mar, e para o da Mantiqueira, a floresta que as recobre vai se abrandando, perdendo o tom sombrio que reveste nas duas grandes bacias. Aliás, a floresta na região do São Francisco já empobrece, para desaparecer, mirrada e mesquinha, na estensa faixa nordestina. Aí não ha frescura, ha pouca agua. Os rios quasi sempre não têm curso perene, *cortam* no verão a deixar o seu *talweg* descoberto, á espera de que chuvas, que nem sempre caem, venham faze-los reviver. É a zona da caatinga, a zona do mato ralo, a zona da terra ingrata que, por isso mesmo, terá talvez produzido o homem mais apegado ao solo, de quantos nascem no país.

Mas á beira do mar, por toda a faixa tropical que vai do Gurupi ás Guianas, chove sempre, chove abundantemente, chove demais. Em alguns trechos, geralmente todos os meses, pela estação da lua; noutros, estiadas maiores preparam a terra para a colheita das germinações felizes, e a marcha do sol intervem nessa distribuição de chuvas possibilitando o trabalho agricola.

Para o sul, nas terras do Paraná, nas serras do Rio Grande, nas cochilas do Rio Uruguai, a mata reveste

outra feição. As araucarias marcam precisamente a paisagem. A erva-mate domina. As ondulações estabelecem campos gordos, terras de pastoreio. Muito perto ficam as rechãs cobertas de florestas do Rio do Peixe, as mesmas densas, copadas, intrincadas florestas, que se estendem pela Serra do Mar afora até os pontos agressivos da zona alta da Baía. Nela os penhascos se alteiam, os declives e os precipicios riscam o rebordo por onde avança o frondejamento da massa vegetal. Mas ainda não ha a igualdade, a sombria feição monotona da vegetação amazonica. Seu escarpamento, a variedade em que o enrugamento se apresenta, impede-lhe o alardeamento da mata, o imperio da fronde, que se derrama, e tudo cobre, e tudo esmaga, nas regiões circunvizinhas do Equador.

Aqui, sim, dentro dos tres milhões e oitocentos mil quilometros quadrados da Amazonia, aqui é bem a floresta virgem, a mata inviolada, contemporanea dos primeiros dias da terra. Embora cubra mais de 2/5 da superficie do país, a luta pelo ar e pela luz nela inverte o destino das plantas, tão grande é a abundancia vegetal. Arvores possantes se transformam em trepadeira, milhares de plantas, que são raquiticas em outros climas, se alteiam forçando a passagem a poderosos individuos da especie. Vem do fundo da mata, do tom sombrio da natureza, das barreiras que caem, das arvores que rolam, a certeza de que essa é uma terra sózinha, a terra que não madurou.

A sedução do meio fisico

O meio fisico ainda é aquele que deslumbrou Caminha e encheu de admiração o entusiasmo religioso dos primeiros navegadores. Vendo-o, nenhum disfarça o seu espanto. Vespucio descreve-o com colorido inflamado, sentindo-se, dentro dele, "nas vizinhanças do paraiso terrestre". Gandavo reconhece com enternecimento: "... he esta terra, sem contradição, a melhor da America... he onde sempre a verdura permanece, com aquela temperança de primavera"... E Gabriel Soares escreve: "... terra mui sadia, fresca, lavada de bons ares..." Simão de Vasconcelos chama-o de "país sem igual no universo todo... parecendo uma gloria o avultar de montes e serranias"... Jean de Lery, entre deslumbrado e patetico, confessa: "todas as vezes que a imagem daquele novo mundo se apresenta aos meus olhos, vem-me á memoria a exclamação do profeta: "Oh! Senhor! como as tuas obras são maravilhosas!" E Claude d'Abbeville, citado pelo historiador Rocha Pombo, reconhece emocionado: "As Santas Escrituras fazem grande alarde das belezas do paraiso, particularmente de um grande rio, que banha todo o vale de delicias. Eu me limito a notar a terra do Brasil, que é maravilhosamente embelezada de muitos e grandes rios..."

Os naturalistas por sua vez se expandem na mesma abundancia de gabos. Esquecem a circunspeção da ciencia para se expressar com enternecimento de poetas. Fazem

lirismo comovido diante da natureza que os perturba. Humboldt mal se acerca do vale do Amazonas e já nele antevê possibilidades de "celeiro do mundo". Bates intromete-se onze anos na floresta e de lá manda dizer á Europa que o "paradis of naturalists" está localizado no Brasil. Ferdinand Denis escreve um livro que é um poema de admiração das nossas coisas. Maravilhado tenta o panegirico: "nada poderia dar uma ideia da admiração que sugerem formas vegetais tão pitorescas e tão novas. O espirito, por pouco que tenha de poetico, apodera-se de todos os objetos, a que a imaginação empresta tão indivizivel encanto: chega-se a ver ali o reino da abundancia eterna". Outras grandes vozes alinham identicos louvores e, quando a ciencia melhor estuda e recomenda moderação na apreciação dos seus aspectos, ainda é a mesma linguagem, de galas e exageros, que o panorama das nossas terras sugere.

Muito deste calor admirativo peca em verdade pelo excesso. Ha elogio sem contraste, um universalismo de conceito encomiastico que a ciencia se apressará em corrigir. As realidades objetivas colocarão a terra no lugar certo que ela deverá ocupar, dentro do esquema exato da verdade. Mas a justa medida, na apreciação de seus aspectos, não deixará de reconhecer, para o Brasil, como unidade fisiografica, uma situação singular. O país desnorteia pelo complexo de conclusões a que leva o estudo do seu mundo fisico.

A ausencia dos cataclismas, que assolam a orla do Pacifico, em grande parte da região andina, assim como

a inexistencia de vulcões na face de cá do continente, equilibra-se na determinante erosiva que constroi a cordilheira. O que a altitude majestosa dos Andes não ultimou a favor da nossa meteorologia, realiza-o a mediocridade das nossas montanhas associada á imponencia das correntes fluviais. Sob o calor dos tropicos, na ardencia do Equador, que em outras latitudes transforma a vida do homem em permanente sacrificio, a incoerencia benigna com que a natureza se manifesta no Brasil permite-lhe gozar de um clima fresco e brando, soprado por permanente aliseos e amparado por uma camada de humidade que, caindo continuamente sobre a extremidade norte e a parte central do país, lhe refresca os dias e torna-lhe as noites agradaveis.

A desconexidade atordoante em que os fenomenos cosmicos edificam a vasta massa continental, desconcerta e derroga a imaginativa aprioristica das teorias melhor arquitetadas. Thomas Bukle vê ruir o edificio construido pela harmoniosa solidez do seu saber, assistindo á obra de formação e consolidação de um país, projetado nos moldes da civilização ariana, dentro de vasto continente que as suas afirmações tinham negado. Nos elementos que destroem a arquitetura de Bukle sente-se a influencia, a multiplicidade de agentes, que possibilitam o aparecimento e a existencia do homem, no diagrama equilibrado das nosas variações termometricas. A altitude das serras, o desenvolvimento das pequenas cadeias de montanhas do alti-plano brasileiro, assim como o tropicalismo exagerado da sua vida vegetativa, não impedem, no momento

exato, a eclosão da especie animal. Da divergencia dos fatores fisicos, que unificam numa só planicie dois dos maiores rios do globo, sem que nenhuma cadeia de montanhas sirva de divisor ás suas aguas, resulta a formação do ambiente onde o aparecimento e a existencia do homem cedo se tornam possiveis.

É sabido que o animal encerra em si mais partes liquidas do que solidas, de onde o predominio daquele elemento na natureza. Esse predominio, quando diz respeito ás condições inerentes á vida humana, constitue um principio generalizado e marca de maneira incontrastavel o lugar do homem na terra. Estão ligadas a este encadeamento as afirmativas inspiradas na paleontologia, de que em todas as regiões onde a ciencia pesquisou a passagem do ser humano, foi encontrar seus vestigios no fundo de vales e bacias, em campinas e planicies cortadas por correntes e ribeiros, á margem dos chapadões linograficos, seguindo o *talweg* dos rios, na vizinhança constante de lugares onde o elemento animal ou vegetal encontrou a existencia assegurada pela boa distribuição de humidade.

O homem

O equilibrio das condições atmosfericas é, em toda a parte, o penhor de segurança e bem-estar, e este equilibrio, acompanhando as regiões de agua-facil, demarcou até certo ponto as regiões onde o homem primitivo viveu. Foi assim que ele veio a aparecer nas zonas fisiograficas si-

tuadas á beira das vertentes, das lagunas e dos rios; das enseadas e do mar, nos lugares onde as aguas, confundindo-se, misturando os seus elementos potamograficos, permitiram muito cedo o desenvolvimento da vida, facultando ao primata, como recurso facil de nutrição, o molusco, o peixe, o berbigão, enquanto o meio ambiente lhe facilitava a edificação aquatico-vegetal dos palafitas.

No Brasil, precisamente, o homem surgira ao fim do periodo terciario para o quaternario, segundo as afirmações, que não se comprovaram, de Lund, Broca, Morton, Agassiz, Ameghino, Roth, etc. Geologos, paleontologos, e tambem outros naturalistas, através esgotantes trabalhos de analise dos elementos fornecidos pelo solo, pelas plantas, pelas cavernas do país, chegaram á conclusão de que muito cedo as matas do litoral e os chapadões foram habitados por homens que, diferentes do indigena encontrado pelo europeu, contudo deviam ser, como presume Ehrenreich, referindo-se aos achados da Lagoa Santa, descobertos por Lund, o seu mais proximo avô. Se outros têm querido verificar por aqui a passagem do homem ante-diluviano, sem que a documentação cientifica o confirme, não se pode negar que vestigios certos ocorrem quanto á existencia, em nossa terra, de um homem que não era precisamente aquele que o navegador português conheceu. Sua passagem assinala-se por diferentes lugares e deve-se, exclusivamente, o podermos hoje tentar uma reunião de elementos capazes de formar a classificação das zonas por onde ele andou, á contribuição reunida em seculo e meio pelo esforço de naturalistas, que tudo fize-

ram para decifrar o misterio em que se envolviam os aspectos indiciais do viver brasileiro.

Antes de passarmos á descrição dos vestigios que marcam ou assinalam o aparecimento desse pretenso *homo brasiliensis,* façamos um rapido resumo das explorações cientificas, que mais e melhor contribuiram para o conhecimento dessas questões no Brasil.

Os desbravadores do caminho

O começo do seculo XIX marcou na Europa o interesse de descoberta pelas terras, homens e coisas da America do Sul. Até então, sabia-se da existencia dessa parte remota do mundo, pelas ligações politicas que algumas côrtes europeias com ela continuavam a manter. Aquelas que já haviam quebrado os laços de ascendencia sobre as velhas colonias, cansadas de extorquir-lhes o ouro, de arrancar-lhes os recursos, ensaiavam conhece-las agora para prende-las melhor, com as vantagens que essa penetração estabeleceria sobre as demais nações, em igualdade de tratamento comercial. O mundo, cansado de um periodo de lutas, em varios países senão em todo o continente, preparava-se para desfrutar o patrimonio enriquecido pelas treguas da paz, nos diversos campos da ciencia, das artes, do trabalho fecundo e, para tornar mais consistente essa intenção, que elevaria tão alto o conceito do seculo XIX, lançava suas vistas; numa curio-

sidade insaciavel, para a imensa America, ansiosa por devassa-la e conhece-la na sua substancia estrutural.

Justo era que, dentro do novo mundo, o Brasil fosse o país mais visado pela curiosidade europeia. Metade de continente, nação de vasto desenvolvimento territorial, possuindo elementos dos mais interessantes para o estudo dos diversos ramos da natureza, em breve a nossa terra atraía quantas expedições se organizavam para desbravar a America Meridional.

Algumas das maiores expedições destinavam-se, inicialmente, a explorar o nosso país, rumando para aqui, conforme nos conta em seu trabalho "Explorações Scientificas", o eminente Rodolfo Garcia, sabios de varias procedencias ao serviço de todas as provincias do saber. Geografos, geologos, palentologos, etnologos, especialistas dos diversos ramos culturais, botanicos, zoologos, entomologos, itiologos, davam-nos a sua preferencia, considerando a nossa terra centro opulento de pesquisas, vasta retorta destinada ás observações das ciencias naturais.

Ficara muito distante a primitiva viagem de exploração cientifica, que trouxera La Condamine, em 1743, á bacia da Amazonia. O sabio francês viajara chefiando missão geografica ás ordens de Luiz XV, rei de França e não tivera, por trinta anos, seguidores. Sómente em 1783, Portugal previra a necessidade de conhecer alguma coisa do imenso país que ele explorava do lado de cá do Atlantico, e despachava para a nossa terra a primeira e unica missão que neste carater organizou, confiando a

um brasileiro, que nascera na Bahia e era professor em Coimbra, Alexandre Rodrigues Ferreira, o encargo de orienta-la e dirigi-la. Alexandre Rodrigues Ferreira partiu de Lisboa a 1 de Setembro de 1783, chegando ao Grão-Pará a 21 de Outubro do mesmo ano. Aqui trabalhou com uma dedicação sem limites. Interessou-se por tudo, a terra, a flora, a fauna, o homem, deixando desta sua obra memoravel, valiosa contribuição escrita. Vinte sete maços Ms. e sete Vs. de desenhos enviou a Portugal, perdendo-se quasi todo este material, pilhado por Junot e comido pela traça, nos arquivos. Salvaram-se cinco Vs. dos sete de estampas, mandadas copiar, em aquarelas, como estão no original, os quais são propriedade do Museu Nacional. Alexandre Rodrigues Ferreira viveu dez anos no Brasil, situando suas atividades no interior do Pará, do Amazonas, de Mato Grosso. Variadas especies da nossa flora e fauna, primeiramente descritas por ele, aparecem com o nome de naturalistas de outras terras, especialmente francezes. Geoffroi de Saint Hilaire, que esteve com Junot em Portugal e foi auxiliar de Cuvier, foi um destes. Ha um episodio singular, na vida do sabio brasileiro. Tendo o governo português se esquecido de indenizar as despezas da "viagem filosofica", como se intitulou a excursão de Alexandre Ferreira, e como estas fossem atendidas regularmente pelo capitão-mór do Pará, seu amigo e admirador, que para tanto se endividara, comprometendo nas despezas o dote da filha Germana, Alexandre Rodrigues Ferreira prontificou-se a resgatar a

divida, casando com a moça, que não conhecia. Com razão é Alexandre Rodrigues Ferreira considerado o Humboldt brasileiro, e vale a pena lembrar que o notavel naturalista faleceu em Lisboa, a 23 de Abril de 1815, e foi inegavelmente o pioneiro das descobertas e dos estudos de que seria o palco o nosso país, no seculo que começava.

Na despedida do seculo XVIII para a entrada do seculo XIX, Humboldt iniciava pelo mundo a sua peregrinação genial. Enciclopedico, completo em quasi todos os territorios da cultura, vinha desbravar os caminhos que os especialistas do seculo XIX percorreriam. Mas não pôde chegar ao Brasil. De lá, das ribas andinas, desceu numa rapida inspeção os olhos sobre a Amazonia, embebeu-se na majestade dos seus cenarios portentosos, e percebeu-lhes a grandeza. Vendo-a, de contorno e de relance, logrou prever-lhe o destino, muito embora não lhe houvesse podido esmiuçar as riquezas, porque, avisadamente, o governo português determinara de Lisboa a Dom Francisco Mauricio de Souza Coutinho, governador-capitão-general do Pará, ordens severas a respeito de "hum tal barão de Humboldt, natural de Berlim, a quem deviam prender", por isso que a pretesto de fazer observações geograficas queria "tentar, por meio de novas ideias e capciosos principios", os animos dos fieis vassalos, "sendo essas viagens sumamente prejudiciais aos intereses da coroa".

Mesmo assim, oferecendo-se premio em dinheiro para a captura do sabio, Humboldt pisou o norte da Amazonia

em 1800 e, do que anteviu e proclamou, em seu regresso, beneficios ficaram estratificados no interesse que o Brasil passou a despertar não sómente ás côrte, mas o que era mais valioso, ás sociedades cientificas da Europa.

No decorrer do seculo XIX são inumeras as explorações que se dirigem ao Brasil. Garcia, num esforço exhaustivo de pesquisa, traça-lhes magnifico roteiro, que é uma obra completa no genero. Sumariemo-la, ampliando-a neste capitulo, para fixarmos com a descrição da terra o lugar que nela devem ocupar os que realizaram a obra de analise cientifica dentro da qual procuramos estudar os elementos e estabelecer as zonas arqueologicas, bem como conciliar o material etnografico, deixado pela raça americana como a contribuição mais valiosa ao estudo da arqueologia brasileira.

Nosso plano não obedece á necessidade de uma ampla sumula descritiva, é uma simples referencia a excursões e estudos promovidos em torno ás misteriosas planuras e elevações interiores do país. Em 1812 viaja da Inglaterra o naturalista Charles Waterton, especializado em estudos de ornitologia, e faz duas viagens á Amazonia, visitando igualmente o Maranhão e Pernambuco. No periodo de 1815 a 1817 vem ao Brasil o principe Maximiliano, de Wied-Neuwied, aqui ficando aproximadamente tres anos. Sua viagem foi das mais proveitosas. Apaixonado pela etnografia, vizitou varias tribus, cujos costumes descreveu mais tarde. Esteve entre os Botocudo do Rio Doce, dos quaes retirou alem de preciosas informações sobre o modo de vida, organização social, etc., um precioso vocabulario.

Descreveu igualmente os costumes dos Puri, dos Patacó ou Pataxo, bem como de outras tribus que ocupavam o territorio entre a Baía, o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Escreveu proveitosamente sobre a flora e fauna, publicando, mais tarde, no periodo de 1820 a 1832, valiosas obras sobre a excursão, onde ha cartas geograficas, cenas de costumes, figuras de indios, paisagens, constituindo tudo uma preciosa rezerva de informes sobre o Brasil. De 1816 a 1818, outro naturalista inglês, que consagra seus estudos preferencialmente á botanica, William Swainson, demora em nosso país, do qual percorre Pernambuco, Alagoas, Baía, Rio de Janeiro, reunindo numerosas coleções de ornitologia e entomologia. O periodo de 1817 a 1835 consagra o naturalista austriaco Johann von Natterer, companheiro de Martius, ás suas excursões e estudos pelo Brasil. Vive dezoito anos no interior do país, tendo realizado dez viagens de alto proveito aos sertões da nossa terra, que percorreu em todas as direções, enriquecendo de maneira impressionante os estudos da zoologia. O barão George Heinrech von Langsdorff esteve por tres vezes no Brasil. A primeira, de dezembro de 1803 a fevereiro de 1804, a segundo, de 1813 a 1820, a terceira, de 1825 a 1829. Nessa ultima excursão, quando se encontrava dirigindo uma expedição organizada pelo Czar Alexandre da Russia, foi atacado de loucura, que se pronunciou exatamente na ocasião em que o sabio se encontrava entre os Apiacá, no alto Rio Arinos. O mal de que sofreu Langsdorff era de pronunciado fundo erotico e lhe valeu dolorosas cenas tragi-comicas. Apanhada sem

chefe, a comissão desceu o Juruena e o Tapajós de onde fez transportar o naturalista para o Rio de Janeiro, que de lá seguiu para Freiburg, sua terra natal. Langsdorff ainda viveu muitos anos, sem haver recuperado a razão, falecendo a 29 de junho de 1852. Auguste de Saint-Hilaire, que estudou varios aspectos cientificos e pitorescos da nossa terra, aqui demora de 1816 a 1822, realizando cinco jornadas pelo interior. Visita o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiaz, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, a Cisplatina, o Espirito Santo, reunindo em todas essas provincias abundante material de estudo. Alem de notaveis narrações sobre os nossos costumes, deixou Saint-Hilaire duas grandes obras sobre a flora brasileira e preciosas informações etnograficas relativas aos Botocudo, Caiapó das cabeceiras do S. Francisco, Coroado do Xopotó, e outras tribus de Minas. A 15 de Julho de 1817, e na mesma expedição, Spix e Martius, os dois sabios que mais alta contribuição trouxeram ao conhecimento da nossa flora, chegam, por sua vez, ao Brasil, que percorrem de norte a sul. Viajaram as provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Bahia, e subiram para o Amazonas, percorrendo o grande vale até Tabatinga. Martius escreveu valiosas monografias sobre os indios e a terra, considerada em seus costumes, mas o seu monumento imperecivel é a sua Flora que, auxiliada e continuada por dezesete colaboradores, é tida como um dos livros basicos, eternos da botanica. Os trabalhos de Spix sobre a fauna são igualmente valiosos, sendo consi-

derados indispensaveis á quem queira conhecer o nosso mundo animal.

Vindo da Dinamarca, e seduzido pelas descobertas fosseis de plantas e de animais, que tanta luz trariam aos problemas da paleontologia e da prehistoria brasileira, Lund demanda o planalto central, aí se fixando, empolgado pelos estudos que empreendeu, até sucumbir, nesse mesmo distrito da Lagoa Santa, no centro de Minas Gerais, aonde o apostolado de sua mocidade o conduzira. Pieter Wilherm Lund aporta ao Brasil na juventude, a 8 de Dezembro de 1825 e morre a 5 de Maio de 1880. Vivera 55 anos em nosso país.

Durante sua permanencia no Brasil, reside na povoação de Itaipus, onde organiza coleções de botanica. Muda-se, depois, para Nova Friburgo, realizando explorações nos terrenos em torno do Paraíba do Sul. Em 1830 vai á Europa, tornando ao Brasil dois anos depois. Chega pela segunda vez á Capital do Imperio a 19 de Janeiro de 1833. Percorre as provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo. Passa a Uberaba, interna-se em Goiaz, visita Paracatú e o rio São Francisco. Vagueia pelo trecho de Curvelo e de Santa Luzia do Rio das Velhas.

Embevecido pela natureza do chapadão central, resolve ficar definitivamente em nossa terra. Foge do litoral, aonde não mais voltou. Interna-se de uma vez para sempre na zona da Lagoa Santa, a que empresta, desde esse momento, toda a robusta atividade de seu espirito pesquisador. Os segredos que essa zona mineira lhe oferece não lhe permitirão afastar-se de junto dela. Celibatario,

misantropo, faz da Lagoa Santa a companheira inseparavel de sua vida, aquela que lhe assegura o equilibrio da saude, recebe-lhe as emoções de alegria, ligadas ás descobertas de que em breve se torna o centro principal. Mantem constante comunicação com os institutos europeus, remete para o Museu de Copenhague e para a Sociedade Real dos Antiquarios do Norte grande copia de material extraido das cavernas, em numero de duzentas peças, de sua descoberta e exploração.

Nas imediações da Lagoa Santa reune grande numero de fosseis do pleistoceno.

Sumariando seus trabalhos, Teodoro Sampaio analisa: — "Desse estudo resultou saber-se que na idade pleistocena, a fauna mamifera no Brasil era muito rica; que aparentava a feição especial que atualmente distingue a fauna sul-americana da do Velho Mundo, que as ordens mamiferas não eram mais ricas em generos do que agora, que era, porém, mais distinta da atual e especialmente rica em generos peculiares, agora extintos; que a pobreza dessa fauna em grandes animais em relação á do antigo continente, não era tanta, ou diga-se prehistorica. Os grandes mamiferos aqui então existentes se equivaliam em tamanho aos elefantes, rinocerontes e hipopotamos, que no mesmo periodo viviam na Europa".

De 1837 a 1838 percorre o nordeste, em estudos de botanica e de zoologia, o botanico inglês George Gardner, que penetra o rio São Francisco, estuda a formação de sua bacia, passando depois á provincia do Ceará, onde pros-

segue as mesmas pesquisas, ao mesmo tempo que enriquecia as especies de sua coleção botanica.

Com d'Orbigny se acentúa a curiosidade propriamente etnografica pelas raças que habitavam inicialmente a America Meridional. Ele parte da França em missão que mais interessava a outras regiões do continente, demorando no Brasil de 24 de setembro a 11 de outubro de 1826. Fica no centro da America de 1826 a 1833, dedicando-se, especialmente, a estudos de geologia e geografia, não sem revelar singular interesse etnografico pelas tribus e povos que encontrou. Deve-se-lhe a primeira tentativa de classificação etnografica da America do Sul. Em seu iate *Beagle,* Darwin realiza de 1831 a 1836, a famosa viagem de que resultou a classificação das especies. Tendo partido de Devonport a 27 de dezembro de 1831, atinge os rochedos S. Pedro e S. Paulo, de que nos dá a primeira descrição, a 16 de fevereiro de 1832. Passa depois na Baía e no Rio de Janeiro, onde demora quinze dias. Daí vae ao Prata e ao Pacifico. Dois anos depois, ao regressar, toca novamente na Baía, a 1 de agosto de 1836, escala de passagem, forçado por um desvio de rota, no porto de Recife e despede-se definitivamente do Brasil, atingindo Falmouth, na Inglaterra, a 2 de outubro de 1836. A 28 de Maio de 1848 outros dois naturalistas, Wallace e Bates, aportavam ao Brasil, aonde por muitos anos se deixariam ficar. Mergulhando nas riquezas da bacia do Amazonas acresceriam imensamente o nosso patrimonio, retornando Wallace quatro anos depois, em 1852, á Europa enquanto o seu incansavel companheiro por aqui se deixava

esquecer mais 7 anos, tornando á Inglaterra a 2 de Junho de 1859.

Á proporção que os relatos e as noticias dessas incursões eram divulgados nos meios cientificos, outras figuras se apressavam a explorar as riquezas do nossa massa continental. Richard Spruce vem da Inglaterra e permanece nos altos sertões da Amazonia durante 15 anos, de 1849 a 1864. O principe Adalberto da Prussia, em missão cientifica, chega ao Rio, percorre a cidade e seus arredores, demanda o norte, atinge o Pará, sobe o Amazonas e, pela primeira vez, explora o rio Xingú até as suas cabeceiras, retornando depois á Europa. Um ano após, Francis de Castelnau vem da França e aqui chega a 17 de Junho de 1843. Percorre o Brasil central, entrando por Minas Gerais. Sobe o Araguaia e o Tocatins, atinge a bacia Amazonica, explorando vasta região central da America do Sul.

Depois de Castelnau uma expedição americana, dirigida pelo suiço Louis Agassiz, e trazendo grandes figuras, aporta ao Rio a 23 de Abril de 1865, percorre o litoral em direção ao norte, embrenha-se na Amazonia, regressando á America a 14 de Setembro de 1873. É a "Thayer Expedition", que assinalados serviços prestará ao país, em diferentes ramos das ciencias. Dela fez parte, e merece ser lembrada, Elizabeth Gary Agassiz, segunda esposa de Agassiz, colaboradora dedicada da expedição, que lhe ficou devendo valiosos trabalhos, inclusive a redação do diario de viagens, mais tarde revisto, ampliado e publicado. Agassiz, que era uma clara e compreensiva inteli-

gencia, observou varios aspétos censuraveis da vida brasileira e, por isso, injustamente, alguns escritores querem apresenta-lo como inimigo do nosso país.

Cultor apaixonado de elementos pouco estudados na natureza, a passagem de Agassiz por aqui foi de resultados incalculaveis. Encontrou na Amazonia mais de 1.800 especies de peixes, além das que tinham sido estudadas no Oceano Atlantico; o duplo das do Mediterraneo; dez vezes tantas quantas conhecera Lineu no mundo inteiro. Fazendo parte da expedição de Agassiz, outros naturalistas vieram. Charles Frederick Hartt, chegado ao Brasil em 23 de Maio de 1865, regressa mais cedo aos Estados Unidos, voltando novamente ao nosso país, em 1867, em 1870, em 1877. Nestes dozes anos sua atividade se desenvolve quasi toda no Brasil, onde organiza e dirige o Serviço Geologico do Imperio. Estuda desenvolvidamente a nossa geologia e paleontologia, percorre e examina os sambaquis da bacia amazonica e ainda observa a etnografia da mesma região. A viagem de 1870 fe-la Hartt á frente da Morgan Expedition, organizada nos Estados Unidos para proceder a diferentes estudos no Brasil. Hartt foi quem primeiro combateu a teoria da glaciação, construida por Agassiz.

No mesmo ano de 1867 veio ao Brasil a expedição organizada pela Smithsonian Institution, de Wash., destinada a explorar os Andes Equatoriaes e o Amazonas. Desta expedição fez parte o geologo James Orton, que definitivamente explicou a formação do vale amazonico, de origem terciaria, não de agua-doce mas salgada, restos

de antigo mediterraneo. Orton, que é considerado o verdadeiro destruidor da teoria do glaciario amazonico, fez mais tarde, em 1873, uma nova excursão á America do Sul, atravessando do Pará ao Jurimaguas e, dahi, pelos Andes, até Lima. Em 1870 o geologo, zoologo e etnologo inglês Herbert Huntington Smith, percorre a Amazonia e o interior de Mato Grosso, reunindo abundantes coleções, que vão enriquecer os museus de Londres. Um notavel geologo americano, que se torna amigo do Brasil, para onde transfere residencia, é Orville Adalbert Derby. Vindo ao Rio em 1870, a chamado de Hartt, para tomar parte nos trabalhos de organização dos serviços de geologia, ele percorre o país, interessa-se pelos seus problemas, estuda a geologia, a arqueologia e a etnografia da Amazonia, estuda a geologia do nordeste e de regiões do sul do país, fixa-se definitivamente no Brasil, onde vem a morrer, depois de quarenta e seis anos de residencia, a 27 de novembro de 1916. Depois de Derby, Branner, John Casper Branner, tambem geologo, visita-nos em 1875, e percorre e estuda especialmente o nordeste, faz a geologia de Sergipe e de Alagoas, volta aos Estados Unidos, regressa novamente ao Brasil e passa a dividir sua atividade entre o seu país e o nosso. Em 1911 dirigiu a Stanford Expedition, por ele organizada, da qual fizeram parte, entre outros, o malacologo Fred. Baker e o entomologo M. Mann, que, depois de trabalharem no nordeste, para onde a Stanford Expedition se destinara, excursionaram pelo Maranhão, Pará e Amazonas, subindo o Alto-Madeira. Outro grande geologo, que entre nós viveu e aqui ficou

até o fim da vida, foi Karl Rath, chegado da America em 1845 e falecido em S. Paulo, onde morava, em 1875. Rath procedeu a varias explorações no interior daquela provincia e na do Paraná, tendo examinado detalhadamente os sambaquis da costa de Iguape. Ainda em 1875, emigra para o Brasil o naturalista alemão Fritz Muller, que aqui viveu até 1897, falecendo em Santa Catarina, onde residia. Fritz Muller deixa rica contribuição para as nossas coleções, promovidas no carater de naturalista-viajante do Museu Nacional. De 1876 a 1882, o naturalista francez Jules Creveaux, excursionou pelo interior da America do Sul, interessado em estudar as populações dos altos rios da Amazonia. Em uma das ocasiões em que se afastou do Brasil achava-se Crevaux explorando o Pilcomayo, afluente da margem esquerda do Paraguay, á espera da estação favoravel para atravessar o Brasil Central, quando foi morto pelos indios Toba, em abril de 1882. 1880 assinala o inicio das atividades dos alemães Karl von den Steinen e Paul Ehrenreich. Ambos vieram duas vezes ao Brasil, a primeira na viagem de 1880 a 1884; a segunda, na de 1887 a 1888. Logo na primeira excursão, von den Steinen penetra o Amazonas, cujo curso percorre, vai ao Xingú inexplorado, que até então fôra apenas visitado, com carater de exploração, pelo principe Adalberto da Prussia, sobe ás suas cabeceiras e recolhe precioso material, sobretudo de etnografia. Na segunda, von den Steinen desce até Cuiabá, emquanto Ehrenreich penetra pelo Tocatins e pelo Araguaia, que percorre em todo o seu curso, desvendando-lhe as nascentes. Anteriormente, na

sua primeira viagem, estudara demoradamente a tribu dos Botocudo, do Espirito Santo. Da colheita de material linguistico e arqueologico reunido pelos dois sabios, pode dizer-se que começa verdadeiramente o interesse cientifico pelo estudo das tribus brasileiras.

Em janeiro de 1898 chega ao Brasil, entrando pelo Cucuhy, o conde italiano Ermano Stradelli, apaixonado de viagens, de terras e povos de costumes exoticos, espirito e inteligencia voltados para as seduções do novo mundo. Stradeli instala sua vida no Amazonas. Vive em Vista Alegre, em Manáos, no Rio Branco e seus afluentes, mas elege para centro de atividades o rio Uaupés, onde estaciona, tres vezes, em intima comunicação com os indigenas. Estuda a terra, as plantas, os costumes, as linguas e lendas, que recolhe dos Crixaná, dos Taria, dos Uapé. Apaixona-se pela ideologia do indio, estuda os desenhos rupestres, colhe um valioso vocabulario nheengatu. Vem a falecer, morfetico, defronte de Manáos, em 1926, no improvisado leprosario de Umirisal.

Em 1895 o governador do Pará, Lauro Sodré, convida o naturalista Henri Coudreau, que estudava ha muitos anos a Guiana, a estender suas observações aos grandes rios daquele Estado. Coudreau aceita o convite e vem ao Pará acompanhado de sua mulher, igualmente naturalista. Percorre varios rios paraenses. E, em 1899, morre ás margens do Trombetas, sendo a excursão continuada e concluida por madame Coudreau, que publica de tudo um relato, um pouco mais tarde, em Paris.

A excursão de Coudreau, entretanto, não encerra o capitulo das explorações ao Brasil. Outros naturalistas acorrem. O prestigio do país não se esgota, trabalhado no decorrer de um seculo pelos nomes maiores da ciencia.

Desolada com o sacrificio do marido, madame Coudreau regressa á Europa, onde vai ultimar a publicação e organização de seus trabalhos conjuntos, mas outra naturalista, a doutora Emilia Snethlage, oriunda da Alemanha, toma-lhe resolutamente o lugar, embrenha-se na floresta, trabalha aproximadamente trinta anos, varando regiões desertas do Pará, do Amazonas, das Guianas, classificando aves e mamiferos, estudando costumes indigenas. A doutora Snethlage até 1922 fica presa a contratos com o Museu Goeldi e, dessa data por diante, transfere-se para o Museu Nacional.

Adolf Ducke, outro naturalista ligado ao Brasil pelo coração e pela atividade de toda sua vida, presta ao Museu Goeldi e, posteriormente, ao Jardim Botanico do Rio de Janeiro, util e aplicada atividade na sua especialização cientifica.

Erland Nordenskïold, diretor do Museu de Gottenburgo, na Suecia, vem duas vezes á Amazonia, á procura de material arqueologico, deixado pelos povos da Bacia. Chega, na primeira viagem, em 1909; na segunda, acompanhado da senhora Nordenskïold, demora de 1913 a 1914, visitando tribus encontradas em estado de civilização rudimentar, quasi assistidas na pureza virginal em que viviam na epoca pre-colombiana. Lograram reunir co-

leções num territorio, conforme ele mesmo confessa, em sua "Ars Americana", completamente inexplorado no campo da arqueologia.

Outro alemão, Köch-Güenberg, interna-se nos sertões do Nordeste e depois na Amazonia, onde com alternativas se deixa ficar dezenove anos, reunindo material precioso, pela qualidade e pela quantidade, para a obra admiravel que construiu.

Professor das Universidades de Freiberg e Heidelberg, diretor do Museu de Etnografia de Stuttegart, publica mais de quarenta volumes sobre a etnografia americana, compreendendo desde os usos e costumes até os mitos e as lendas de cada povo. Durante a sua longa peregrinação no continente, vai ao Chaco Paraguaio e detem-se quatro vezes no Brasil, as duas ultimas no vale do rio Branco, terra do heroi Macunaima. De suas expedições em nosso país a mais arrojada foi a primeira, em que subiu de Mato Grosso ao Amazonas, percorrendo o rio Xingú, seguindo o mesmo trajéto que, arriscadamente, fizera outro seu compatriota, em 1883, Karl von den Steinen. Em sua segunda visita, em 1906, percorreu os rios Negros e Uapés. Pela segunda vez visitou o rio Branco e parte do Orenoco, em 1911, publicando, de regresso, o seu "Von Roroïma zum Orinoco", em cinco volumes.

Sua ultima viagem ao Brasil ocorre em 1924, incorporando-se Köch-Grüenberg á expedição Hamilton Rice e com ela subindo novamente o rio Branco, onde veio a falecer, quando estacionado em Vista Alegre, a 9 de Outubro de 1924.

Fazendo grande coleção de plantas, o botanico e etnológo doutor Max Uhle, diretor do Jardim Botanico de Berlim, percorre a Amazonia, em 1908 e 1909, demora na zona do rio Branco, aonde percorre as serras Grande, Mocojaí, Murupu e toda a região montanhosa vizinha da serra da Roraïma.

Mais tarde, assume a direção do Museu de Historia Natural de Quito, passa a estudar, apaixonadamente a arqueologia da America do Sul, para a qual traz duas ou tres soluções definitivas. Já em edade avançada, recolhe-se a uma vila, em Berlim, onde reside, não dando por encerradas as suas atividades sabias.

Uma expedição que, pelos grandes objetivos visados, numerosas figuras que a ela se incorporaram, e aperfeiçoadas instalações materiais de que se servia justifica uma referencia á parte, é a que rumou á Amazonia em 1924, dirigida e organizada pelo já citado medico e milionario americano Hamilton Rice, membro da American Geographical Society, da Royal Geographical Society of London, o qual vem se dedicando, desde 1909, a explorações na America do Sul.

Hamilton Rice surge em Manaus, segue para a serra da Roraïma, percorrendo-a em toda extensão, no Brasil, na Venezuela, na Guiana inglesa; vai depois a Bogotá e Iquitos, fazendo nessa zona seis expedições. Durante os anos de 1924 e 1925 efetuou a setima excursão, transportando-se em iate especial, trazendo hidro-avião, poderosas estações de radio, todos os recursos que a ciencia moderna encorporou.

Suas explorações visam preferencialmente o campo da geografia, da geologia, da etnografia, e têm Manaus como ponto de partida. Muito material é colhido, e elle publica uma grande obra, em tres volumes, sobre essa vasta região, objecto das pesquisas e finalidades das suas excursões.

Court Niemuendajú, alemão naturalizado brasileiro, mergulha então na floresta portentosa, contratado pelo Serviço dos Indios, e recolhe, coleciona, seleciona, agrupa, e anota, o material mais consideravel, mais abundante, já reunido em torno da vida dos indigenas de vastas regiões do interior do Brasil. Sua atividade é tão grande que, sem exagero, o naturalista que quizer fazer, de ora por diante, qualquer estudo sobre a etnografia desta parte do novo mundo, terá de ouvil-o e consultar o abundante material por elle reunido, estudado e recolhido a varios musêos. Vem depois, outro alemão, Hermann Meyer. E o francês Alfred Metraux, exato e conciencioso historiador dos povos Tupi-Guarani. E Crequi-Monfort, devotado á etnografia. E o dinamarquês Gustav von Konigswald e Paul Rivet, diretor do musêo de Trocadero, que explora os rios das Guianas e estende sua penetração pelos territorios do Brasil, aonde esteve em 1929, tendo visitado os sambaquis da costa de Santos. E o padre Tastevin, paciente evangelizador que, enquanto procura salvar a alma, vai anotando a vida, os modos, o trajar, os costumes dos indios Juruá e Purús. E Emilio Goeldi, zoologo notavel, apaixonado igualmente da etnografia e dos costumes dos indios, o qual deu ao Museu do Pará,

que hoje tem o seu nome, a projeção cientifica atual. E o americano Steere, primeiro a examinar, antes de Ferreira Pena, as riquezas do Pacoval. E Lucien Adan. E o padre Colbacchini, apaixonado estudioso dos Borôro, de Mato Grosso. E outro italiano, Quadronne. E o meu amigo, e ilustre colega, etnografo e americanista Mordini, que vem de Lucca, na Italia, proceder a excavações no Pacoval, depois de haver estudado os nativos da Guiana. E Schuller, e tantos outros.

A esta resenha de figuras da ciencia, que se interessaram pelo Brasil e contribuiram para seu melhor conhecimento, devemos juntar o concurso de varios brasileiros, como Francisco Freire Allemão, Frei Custodio Alves Cerrão, Antonio Correia Lacerda, Guilherme Schuch (barão de Capanema), geologos; Manuel Ferreira Lago, André e José Rebouças, João José Lobo Peçanha, zoologos; Domingos Ferreira Pena, naturalista dos mais notaveis, grande figura pelo equilibrio e correção do seu saber; Ladislau Neto, J. B. de Lacerda, Joaquim Corrêa de Melo, Joaquim Monteiro Caminhoá, J. Barbosa Rodrigues, Couto de Magalhães, Gonçalves Dias, e ainda outros, estudiosos de varios ramos, no ultimo quartel do seculo que findou.

Nos dias que correm, de 1900 para cá, outros brasileiros retomaram o caminho dos sertões.

Rondon, Roquete-Pinto, Pirineu de Souza, Alipio Bandeira, Manuel Pinheiro, demandaram a zona do noroeste desbravada pelo primeiro. A Serra do Norte é

devassada, os planaltos e vales de Mato Grosso são revelados ao Brasil. Surge Rondonia, que é um rico país, como expressão territorial, sendo tambem um monumento de arte e de saber, ligando o destino vario desses homens.

A expedição Rondon (Candido Mariano da Silva Rondon) inicia-se na vila de Brotas, Mato Grosso, em Agosto de 1907. Partem os expedicionarios de Diamantino a 184 Kms. a N. N. O. de Cuiabá, a 2 de Setembro. A 7 atingem o territorio dos Parecis, não mais explorado desde que por aí andara a bandeira de Antonio Pires, nos começos do seculo XVIII. A 19 do mesmo mês, alcançam a aldeia de Queimada. A 10 de Outubro tocavam o extremo da zona de distribuição dos Parecis, tendo atravessado uma extensão anteriormente ocupada por nação tão consideravel que o famoso paulista afirma que, num dia só, encontrava dez a doze aldeias, algumas de trinta tabas. A 20 de Outubro atingem a margem do Juruena, Rondon, o tenente Lyra e o fotografo Leduc, vanguardeiros da expedição. Vencida a etapa dos campos dos Parecis, começa a região dos Nambiquaras. Estavam a N. O. de Cuiabá, palmilhando sempre o coração da mata virgem. Ao fim de Outubro, deparam sinais certos da presença dos Nambiquaras e a 27 do mesmo mês, atingiam as margens do rio Juruena, onde jamais o homem branco tinha andado. Com essa primeira etapa, e dada a oposição sanguinolenta que os indios começavam a fazer-lhes, Rondon regressa, deixando para o ano seguinte o prosseguimento do caminho.

Em 1908 recomeça a expedição. Rondon atravessa o Juruena, penetra o territorio dos Nambiquaras e dos Tapanaiunas, corta o Juina, o Camararé, avançando sempre na direção N. N. O. Descobre dois rios incognitos, até então, na carta geografica, a que dá os nomes de rio Nambiquara, e rio 12 de Outubro. Novamente é perseguido pelos indios. Para, estuda a região. Deixa presentes para os selvagens, e retrocede na intenção de recomeçar quando a resistencia haja passado.

A terceira e definitiva expedição parte no ano seguinte, em 1909. Inicia-se no rio Juruena, para a mesopotamia que o separa do Madeira. A marcha começa a 2 de Junho e já a 11 de Outubro achava-se a 18" 17,7", O. do Rio de Janeiro, sob o paralelo de 11°, 49, 15, S. a 354 Kms. do posto do Juruena. Nessa altura descobre outro rio a que dá o nome de Pimenta Bueno. Prossegue. Em fins de Novembro cruza outra corrente, que batiza de Barão de Melgaço, em memoria de Augusto Leverger, indo a 13 de Dezembro, depois de 1297 Kms. de marcha através da mata virgem, palmilhando uma picada de dois metros de largura, aberta pelos seus homens, chegar ás margens do Jamari, em vez de alcançar o Jaci-paraná, para onde inicialmente sua expedição rumava.

O desvio fôra ocasionado por erro existente nas melhores cartas geograficas, mas não causou grandes prejuizos, porque, tendo ocorrido o desencontro com a expedição de socorro que Rondon para ali mandara, de outros recursos foi lançado mão por ser o rio Jamari

explorado por seringueiros. Descendo este afluente, Rondon e seus companheiros, a 25 de Dezembro, sulcavam as aguas do rio Madeira.

A excursão de Roquete-Pinto, que se dirige aos altos sertões da Rondonia, ocorre em 1912.

Roquete parte do Rio de Janeiro a 22 de Julho, subindo pelo estuario do Prata. Montevideu e Assunção tornam-se etapas obrigatorias do seu caminho. A Estrada de Ferro Noroeste não havia atingido o Paraná, e o brasileiro continuava constrangido, para ir ao interior do seu país, a atravessar terras estranhas. A 12 de Agosto entra, viajando rio acima, na zona dos indios Guatós. Ao fim de Agosto alcança o Tapirapoan com travessia pelo Paraguai, no Passo do Barranco, rio e vale do Sipotuba, Porto dos Bugres, margens do Sipotuba e do Paraguai, "cobertas de matas de poáia, de sapezal, de campo de ciperaceas onde se encontram carbonizadas grandes arvores que as queimadas não puderam derribar".

Em Aldeia Queimada, Roquette inicia as suas observações sobre os indios Parecis. Estuda-os do ponto de vista antropologico e etnografico. Acompanha-os por Pouso de Agua Quente, Pouso do Mutum, Pouso do Uaikoakorê, onde chega a 15 de setembro, região coberta de seringaes, e nome com que os Parecis designam os indios da Serra do Norte e do rio Juruena.

Neste Pouso do Uaikoakorê costumavam aparecer os indios Nambiquaras, mas dessa vez não foram vistos. Ficara para trás o chapadão dos Parecis, aproxima-se o

vale formoso do Juruena, avança o Juina, "mais belo curso d'agua daquele sistema", conforme se afigura a Roquete, a mata adquire o aspecto maciço e pesado da floresta amazonica, e finalmente, quando os espiritos cançavam de esperar, nas proximidades do Ribeirão 20 de Setembro, sobre uma colina, á beira da linha telegrafica, Roquete recebe de chôfre a sensação do encontro com os Nambiquaras.

Os seus olhos recolhem a impressão que não deverá mais pela vida apagar-se-lhe: numa brecha da mata brilha, na escuridão densa, a luz de uma fogueira. Em redor, acocorados, sentados pelo chão, agachados no mato ralo, estão os indios. E' tarde, e "um luar leitoso concorre para emprestar tons estranhos" ao conjunto. Na area coberta em meio do mato distinguem-se vultos irrequietos, que correm, gritam, gesticulam. As mulheres trepam ageis, pelos galhos das jaboticabeiras na incompreensão da surpresa. Figuras lepidas, esguias, animadas, de homens, mulheres, e creanças, inteiramente nús, gravam na placa recetiva do excursionista o choque de uma emoção que o tempo por diante não conseguirá desfazer.

Os dias que se seguem são aproveitados para o estudo do material recolhido em abundancia pelo cientista brasileiro.

Uma excursão que, não visando diretamente esclarecimentos de etnografia, não deixa de trazer contribuição a esta ciencia, é a do geologo Avelino Inacio de Oli-

veira, em 1925, através do rio Erepecurú, na Guiana Brasileira. Organizada em Obidos, Estado do Pará, pelo senhor J. Picanço Diniz, a expedição vizava as regiões chamadas Campos Geraes, onde anteriormente tinham ido tres outras dirigidas pelo padre Nicolina, catequizador de indios. No ano de 1876, a primeira, em 1877 a segunda, em 1882, a terceira. Em 1890 o governador Justo Chermont fizera subir ao Erepecurú o engenheiro paraense Antonio Manuel Gonçalves Tocantins e, em 1894, o governador Lauro Sodré incumbiu de missão identica o agrimensor Lourenço Valente do Couto, sendo escassos os resultados dessas viagens.

Por ultimo, no governo Pais de Carvalho, em 1900, madame Coudreau promove uma excursão ao Erepecurú, que ela chama de Cuminá, no livro que a esse respeito publica "Voyage au Cuminá". Um quarto de século depois, o geologo Avelino de Oliveira realiza a penetração acima, atingindo lugares onde já haviam chegado, nos campos de Ariramba, os naturalistas Paul le Cointe e Adolf Ducke.

A excursão Avelino Inacio de Oliveira-Picanço Diniz inicia-se na Lagôa Salgada, a 30 de Novembro de 1925, atinge os Campos Gerais, no Morro Tocantins, a 21 de Dezembro, e a 4 de Janeiro estava de regresso, tendo entrado em contacto com os indios da região, os Pianocotós, situados ás margens do Parú, divididos em dois grupos, e os Tunaianas, na margem esquerda do Erepecurú.

A comitiva, que se constituia de onze pessôas, incluindo uma india domesticada, interprete dos indios Pianocotós, tem seu encontro com os nativos no dia 18 de Dezembro. A interprete dirige-lhes a palavra em dialéto "caxinauá" o que motivou alarido entre as indias, que se ocultaram no mato, ficando sózinho um indio que as acompanhava.

Segundo relata o sr. Avelino Inacio de Oliveira, trava-se o seguinte dialogo:

— Que vem fazer?

— Venho te vêr. Trouxemos presentes, disse a interprete, mostrando-lhes cuias pintadas contendo missangas; sou mulher e incapaz de te fazer mal.

"Desconfiado, o Pianocotó exigiu que ella lhe mostrasse os peitos e á vista destes abaixou o arco, abandonando a atitude hostil".

Cena de uma dramaticidade igual, ocorrera ha vinte e cinco anos, no mesmo lugar. Apenas, uma variante. Em vez da interprete india, quem se desfazia das roupas e mostrava o busto nú era madame Coudreau, vencendo o escrupulo ancestral nas mulheres do tronco ariano.

A cena que se reproduzia teria porem seus efeitos assegurados. Por ella se chegaria á observação dos Pianocotós e a comissão poderia anotar os costumes da tribu. Saberiamos que os Pianocotós praticam a pequena agricultura, recebem de outras tribus alguns artefatos, como fosforos, terçados, machados, etc. E mais, que andam

nús, cobrindo apenas o sexo, o homem com um palmo de pano quadrado caido á frente e amarrado com fios, a mulher com um retangulo de tecido nos quadris. São geralmente bem desenvolvidos de corpo, de boa indole, a côr mascarada pelo abuso constante do urucurú, que os desfigura.

O Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil tem promovido valiosas expedições cientificas aos altos rios da Amazonia, ao lado de outras encaminhadas para o centro e sul do país. Visando entretanto determinados fins cientificos, essas excursões não se incluem no plano geral desta obra. Nem por isso, porem, deixamos de registrar, como das mais interessantes, a do geologo Avelino Inacio de Oliveira, ao rio Branco, já referida, e a do sr. Glycon de Paiva, ao vale do rio Negro.

Fora deste campo, modernamente, em pesquisas de arqueologia, foi á Marajó a senhora Heloisa Torres. Tambem ali tem estado, mais de uma vez, em proveitosos estudos, o naturalista Carlos Estevão de Oliveira, que em 1937 percorreu parte dos sertões do nordeste. Carlos Estevão dirige, atualmente, o Museu Goeldi. Em excursão á baixada maranhense, esteve em estudos o sr. Raimundo Lopes, que mais tarde excursionou entre os Urubús.

Como vimos, foram os sabios de todos os campos das ciencias naturais que trouxeram sua contribuição ao melhor conhecimento de nossa terra. Alguns por ela se enterneceram de tal maneira a se deixarem por aqui ficar. Fugiram ás civilizações materiais, adiantadas, de onde

provinham, para permanecer dentro da natureza, no cenario novo que seus olhos encantava. Não houve, assim, segredo completamente inviolado, dentro da geologia, da geografia, da astronomia, da flora, da fauna, da paleontologia, da antropologia, da arqueologia, de todas as ciencias que preparam o conhecimento do mundo e levam ás origens da vida. A curiosidade do homem tudo soube dominar porque, para vencer as dificuldades maiores, o sabio aqui contou sempre com as seduções da terra joven, cunhã-kira, terra que dorme, e que aos poucos vai sendo despertada pelos apelos da inteligencia investigadora.

PARTE II

Pesquisas arqueologicas

PRIMEIRO CAPITULO

Preliminares

SEGUNDO CAPITULO

Cavernas

TERCEIRO CAPITULO

Esteiarias ou Habitações lacustres

QUARTO CAPITULO

Sambaquis

QUINTO CAPITULO

Estações liticas

SEXTO CAPITULO

Mounds

SETIMO CAPITULO

Hipogêos

OITAVO CAPITULO

Material suspeito

NONO CAPITULO

Centros arqueologicos e sua distribuição nas zonas geograficas do país.

Capitulo I

PRELIMINARES

Nessa terra, revolvida assim por sábios e curiosos, é que se agitaram e viveram os homens que Cabral encontrou, e os que aqui já se haviam estabelecido antes da descoberta.

A existencia pregressa desses homens é ainda uma curiosidade insatisfeita. Detalhes não desvalorosos, é certo, mas insuficientes para uma reconstrução satisfatoria, constituem as fontes vivas do seu estudo. São os elementos arqueologicos. Surgidos das condições primitivas da vida indigena, se resumem nos sambaquis, *mound-buildings,* hipogeus e cavernas, estações liticas e, bem assim, nas incrições rupestres, quasi todas de significação duvidosa ou de nenhuma significação.

Coexistem com esses elementos, varios materiais acumulados pelos naturalistas, nem sempre seriados ou sistematizados em condições de poderem fornecer um indice seguro para o estudo das origens dos homens do passado.

São muito vagas as conclusões a que chegaram os palentologistas nas suas pesquisas no Brasil, e pouco se modifica a observação no que se refere á antropologia, que ainda se acha aqui na infancia. Sabe-se de tribus extintas. Estudam-se as tribus historicas. Conhece-se alguma coisa da maneira de viver dos homens que andaram pelo litoral no tempo das caravelas. Mas esse material é insuficiente ao conhecimento da prehistoria e confuso para a interpretação certa da historia. A preocupação arqueologica, que devêra preexistir, desaparece. Além de escassos elementos, pouca consistencia apresentam eles á interpretação.

No dominio exclusivo da arqueologia, a situação se desenha peor. Seu material é deficiente. Sua literatura, em idioma nacional, perfeitamente escassa. Alguns autores de ensaios esparsos, sem continuidade, nem a sequencia que estudos dessa natureza requerem. Ladislau Neto, H. von Ihering, Teodoro Sampaio, foram os experimentadores que reuniram os elementos e tentaram uma sintése de conjunto. Outros, ficaram nos detalhes. Não gruparam, não seriaram, não deduziram. Méros ensaistas lateraes.

São deste numero, apenas no que se refere á arqueologia, acentue-se, Hartt, Ferreira Pena, Steere, Derby, Barbosa Rodrigues, figuras maiores, seguidas por alguns estudiosos de menor relevo, que talvez tivessem construido obra séria se melhor contribuição encontrassem para o estudo da disciplina.

Dentro do grande respeito que aqueles nomes nos merecem, tentemos uma critica de seus trabalhos. O primeiro, Ladislau Neto, foi o que escreveu maior tomo, aquele que pesquisou e reuniu cópia mais consideravel de material, seriando-o, dividindo-o, classificando-o. Trabalhou, e trabalhou muito. Reuniu elementos que existiam em seu tempo, recolhidos ao Museu Nacional. Como não lhe bastassem, foi ele em pessoa ao Pará logrando ser dos exploradores felizes do famoso Pacoval. Colheu e trouxe desse e de outros depositos precioso material em cerámica, em cópias de inscrições, em néfrites trabalhadas, noutros especimens liticos.

A tudo dedicou um carinho, uma constacia comovedora, pondo ao serviço das suas pesquisas os seus amplos conhecimentos, que abrangiam da historia natural aos dominios da paleontologia, da antropologia, da arqueologia e, por outro lado, alcançavam as linguas mortas, não lhe sendo estranhos os segredos da egiptologia. Era um sábio, no sentido que se possa dar ao homem que alargou muito o campo dos seus conhecimentos. Não era um talento de sintese. Não tinha genio criador. Mas seria injustiça negar-lhe uma curiosidade sem limite e uma inteligência vivissima.

E foi, justamente, essa inteligência vivissima, que o prejudicou nesses estudos. Imbuido de todas as ideias que corriam, ao tempo, na Europa, sobre as questões a que se filiava o seu espirito, Ladislau Neto, demonstrando uma grande compreensão da arqueologia, ampliou entretanto, em excesso, o campo das suas conclusões.

Via os objetos conforme queria que eles fossem, e não como eles eram. E assim, podendo ser um grande livro, as suas "Investigações sobre a Arqueologia Brasileira", publicadas em 1885, no VI volume dos *Arquivos do Museu Nacional*, são hoje um ensaio apenas valioso pelo material recolhido. Não tem espirito de análise, porque seu autor nem sempre pôde sofrear os vôos da fantasia.

Basta acompanhar os seus processos de critica. Avistando o *mound* do Pacoval, Ladislau Neto passa a ver *mounds* por toda parte. "Ha em seus artefatos ceramicos (referindo-se ao Pacoval) alguns pontos de afinidades com os que hão sido encontrados nos sambaquis de Santarem, nos "Mounds" das duas margens do Amazonas... etc.", diz ele.

Descobre na louça de Marajó modelos os mais extravagantes. Vê em certos idolos, fórmas intencionais de "escapularios", pagina 329; noutros, simples artefatos de barro, não oscila em evocar a ideia fálica, ligando-a ao culto do Lingam, como se praticava na India. Nas tangas, lobriga a intenção ária do *Yone*, pags. 332, 334, 335, 393, 394. Nas igaçabas funerarias, descobre a gerarquia das mulheres nelas sepultadas, muito embora não guardem mais que ossos enegrecidos, pag. 326. Tem a preocupação de chamar o Pacoval de *monumento sagrado*, ou *construção sagrada*, ou *colina sagrada*, pags. 262, 265, 267, e outras. Estranha a ausencia de elementos decorativos

retirados da flora, na louçaria marajóara, e pergunta: "Será porque, oriundos de países desnudos de vegetação, fossem insensiveis ás belezas das ribas do Amazonas?" Ladislau deixa parecer que esse povo teria provindo de alguma terra esteril, de algum Saára desconhecido, localizado longe da America...

Mas, não são apenas esses detalhes. Descobre na louça de Marajó uma escrita simbolica, pag. 425, e outras. Afirma "na louça ha importantissimos documentos que deixarei a outros a interpretação, a meu ver demasiado precóce"..., enlaça os marajouaras aos povos do Mississipe, pag. 437, volta a insistir na falolatría dos obscuros Aruans, pags. 437, 438, 439 e 440, nega a esse povo o uso da pedra, a prática dos artefatos líticos e, entretanto, confessa ter extraido do Pacoval dez ou doze machados de pedra, o que é exquisito, porque o naturalista que procede a uma excavação sabe si encontrou *dez* machados ou *doze* machados, não póde permanecer nesta duvida. São números que não se trocam, objetos que não criam confusão aos olhos argutos de um sabio.

Ladislau Neto faz mais. Encontra *quatro ou cinco objétos que devem ter sido cachimbos*, e publica a reprodução de um desses exemplares, reduzido a 2/3 do seu tamanho natural, pag. 446, evidente cachimbo de barro...

Essas incongruencias, criadas pela extrema pressa do naturalista, tiram á sua obra o melhor do seu valor, põem em duvida a autenticidade das proprias pesquisas, já excessivamente abalançadas no episodio das inscrições

rupestres, que aparecerá neste livro em seu devido tempo e oportuno lugar.

Deixando as "*Investigações sobre a Arqueologia Brasileira*", defrontamos o estudo de von Ihering, naturalista, homem de ciencia, alemão, diretor por muitos anos do Museu Paulista. Muito menor numero de paginas, e evidentemente menos cópia de material. Sente-se, porem, nesse trabalho, o frio analista, o sóbrio raciocinador de formação teuta. Aqui não ha poesia nem hipóteses avançadas, não ha vôos de inspiração. Tudo medido e calculado, mas o trabalho prejudica-se pelo pressuposto das conclusões. Este autor tem pontos de vista arquitetados *apriori*, e são esses pontos de vista que diminuem o acerto de suas deduções. Acha que os primitivos povoadores da Amazonia, foram povos Tapúias como ele os chamava, os de Marajó inclusive, individuos que na sua opinião, não usaram o cachimbo... Esse era do uso dos guaranís, ao que afirma, e não se tornára conhecido das tribus que lá viviam... Diz isto, afirma tal. Esquece que, alem dos cachimbos a que alude Ladislau Neto, Ferreira Pena, o idoneo Ferreira Pena, na sua primeira excavação ao Pacoval de lá retirou um desses artefatos de barro, descrito por ele proprio, no seu trabalho *Apontamentos sobre os cerâmios do Pará*, vol. II dos *Arquivos do Museu Nacional*, 1877, e referido modernamente por Sampaio. E ainda, que Hartt relata o encontro de cachimbos entre os achados desse mesmo Pacoval... A contribuição de von Ihering, entretanto, *Arqueologia comparativa do Bra-*

sil, vol. VI da *Revista do Museu Paulista*, 1904, é um trabalho sóbrio, meditado, que se ressente sobretudo dos parcos conhecimentos da etnografia nele revelados por seu autor, e da pobresa de pesquisa, pois que Ihering não conheceu a Amazonia, como confessa, e nem utilizou o abundante material dali retirado e reunido em varios museus, especialmente no Museu Nacional.

E' a oportunidade de falar na contribuição apresentada por Teodoro Sampaio, a mais recente e bem feita. O grande sabedor de antiguidades americanas, que é Teodoro Sampaio, no seu ensaio *Arqueologia Brasileira*, não se abalança a desenvolvidas ou audaciosas conclusões, antes fica no dominio das realidades, expondo com clareza, em bom estilo, o pouco que se tem feito nesta provincia do saber. Seu trabalho trai o sabor vernaculo, é escrito numa lingua plastica e maleavel, concisa e ajustada ao assunto. Procede a uma demonstração do escasso material da nossa arqueologia, relatando com exatidão e critério o trabalho promovido em seus diversos campos, e tirando deduções acórdes com a ciência do nosso tempo.

Dois pontos, entretanto, do eminente ensaista, colidem com a nossa maneira de pensar: a filiação dos Aruans, conforme queria Pena, ao tronco Caraiba, que os alemães separaram completamente, mostrando constituir dois grupos etnicos á parte; e a evidente posição de vanguardeiro em que se coloca, entre os que acreditam nas inscrições ruprestes, vendo nelas a linguagem escrita, a formação idiografica do indio.

Teodoro Sampaio filia-se ao grupo dos que esperam descobrir hieroglifos nos riscos e circulos concentricos, nas garatujas de toda especie, com que indios, bandeirantes, caçadores, excursionistas, assinalaram sua passagem por serras, cataratas, rios, cavernas e grotas do país. E assim pensando, vê nas faladas incrições a linguagem dos selvagens e analisa algumas de seu conhecimento pessoal, por tel-as examinado na bacia do S. Francisco e nos sertões da Baía, combatendo a ideia de que as incrições sejam passatempo de indio e afirmando que elas poderão trazer grandes esclarecimentos aos problemas da prehistoria brasileira.

Conciência tão logica, analista tão fino, não compreendemos como o autor possa inscrever-se entre os que acreditem nessa ideografia indigena. Na America do Sul nenhum povo praticou a arte da escrita, e as populações mais adiantadas dessa parte do novo mundo apenas conheciam a tradição oral, pela qual os Aimarás, os Quéchuas, plasmas da civilização Incaica, transmitiam sua historia, promoviam o recenseamento das populações, e firmavam o laço de continuidade, que ligava entre si as familias e prendia num só grupo esses povos. Não foram alem do quipo.

Não deixaram escrita, nem indicios seguros, no caso do Brasil, por onde se possa reconstituir o passado.

E' o proprio Sampaio que escreve:

"A prehistoria indigena é ainda um enigma indecifrado quanto aos primeiros incolas da nossa terra, á sua

origem, ás suas migrações, ás suas lutas, ao grau de civilização a que atingiram neste país tropical de tão larga extensão maritima onde, de certo, o homem primitivo teria encontrado as condições proprias de existência ou o seu *habitat* verdadeiro.

E mais adiante:

"Aos focos da civilização andina, a ocidente, destruidos pelos conquistadores espanhois, não logramos ajustar outros, quiçá desaparecidos e ignorados nos seus vestigios, no imo dos nossos sertões, sobre os planaltos brasileiros, tão amplos e ladeados dos maiores rios do mundo".

"Das vagas tradições antigas de reinos indigenas, como essas do lendário *El Dorado* e do *Paititi*, alvo de tantas aventuras malogradas através das savanas de Orenoco e da Hilea Amazonica, nada mais resultou para a ciência do que o alargamento das descobertas geograficas e a triste desilusão das riquezas sonhadas".

Outros nomes aparecem, tentando forçar um logar na arqueologia brasileira. Vieram á nossa terra fantaziar, descobrir restos da civilização egipcia, no S. Francisco, ou ruinas das civilizações gregas, no vale Amazonico. São pessôas indiferentes á estrutura da ciencia, mas que praticaram um mal enorme, porque escreveram livros nocivos, livros que chegaram a ter circulação entre o povo, produzindo uma difusão de erros, invencionices e absurdos, dificeis de extirpar. Não é facil arrancar do espirito de um joven, ávido de conhecimentos, a impressão errada que um livro máu lhe deixou.

Capitulo II

AS CAVERNAS

Os vestigios melhores da paleontologia brasileira, são os achados da Lagôa Santa, despidos das fantasias que a principio lhe atribuiram.

No momento em que eles apareceram, póde dizer-se que a paleontologia começava, de onde a grande repercussão, a prodigiosa ressonancia encontrada por essa voz, que se fazia ouvir tão distante.

Desde o fim do seculo XVIII, que a ciencia européa se ocupava com o homem da prehistoria. Apesar de Cuvier não ter dado importancia ao achado de 1823, esqueleto humano retirado pelo geologo Ami Boué, de terrenos do pleistoceno, encontrado ao lado de ossos de animaes extintos, a intuição dos sabios se orientava naquela direção. Com Edouard Lartet, o verdadeiro fundador da paleontologia humana, acentuava-se ainda mais o interesse pela nova ciencia, feita, simultaneamente, em quasi todos os paizes da Europa e com uma projeção tão

grande, que criava ambiente no Novo Mundo. Assim, quando a voz de Lund se fez ouvir, a Europa sentiu-se no dever de indagar de onde este eco partia, que região da terra era o Brasil.

Lagoa Santa

Os estudos realizados á procura do homem primitivo no Brasil, encontram nos depositos da Lagôa Santa o seu melhor elemento. Feitos pelo famoso naturalista Pieter Wilherm Lund, considerado o pae da nossa antropologia, são aqui os de maior valor cientifico, os mais antigos e importantes. Foram colhidos de 1833 a 1834, e considerados por Beuchat e outras autoridades na materia, os principais e mais valiosos materiaes da paleontologia brasileira. Lund, que consagrou toda sua vida a esses trabalhos, descobriu e estudou fosseis da idade pleistocena, como instrumentos de pedra e restos humanos, concluindo que a ocupação da America do Sul pelo homem excedia o periodo historico, e provavelmente entrava pelos tempos geologicos.

Para conhecermos o que representam para a ciencia os achados da Lagôa Santa, ouçamos o proprio Lund, em relato resumido de suas descobertas, feito em carta dirigida em Abril de 1842 ao Instituto Historico e Geografico Brasileiro:

"A questão de coexistencia do homem com as grandes especies extintas de mamiferos terrestres não póde ainda ser resolvida de uma maneira decisiva, pelas investigações dos naturalistas do velho mundo. Emquanto que alguns poucos fatos parecem favoraveis a uma solução afirmativa do problema, outros, e em muito maior numero, conduzem a um resultado negativo. Tendo eu tido ocasião favoravel de submeter essa questão a um novo exame nesta parte do mundo, não tenho poupado esforços para chegar a uma solução definitiva dela; porem apesar do mais feliz exito dos meus trabalhos, na parte zoologica, não me foi possivel ainda tirar uma conclusão satisfatoria deste importante assunto.

"Os arquivos em que se acham depositados os documentos relativos á historia do nosso planeta, na epoca geologica de que se trata, são as cavernas furadas em pedra calcarea, que entra como parte constituinte numa formação das mais extensas do interior do Brasil. Os animais, cujos restos se encontram envolvidos nos depositos terreos destas cavernas, são em maior parte diferentes de todos os que existem atualmente na superficie da terra, mostrando assim terem pertencido á criação distinta da que se apresenta hoje á nossa vista. O numero das cavernas que até agora tenho examinado, sobe a perto de duzentas, e o das especies de animais que nelas tenho reconhecido, só na classe dos mamiferos, a 115, numero que muito excede aos das especies dessa classe que atualmente existem nestes mesmos lugares, o que se reduz a 88.

O estado mutilado em que se acham geralmente os ossos das cavernas, e a natureza destas mutilações me têm convencido de que, na maioria dos casos, eles devem a sua introdução nas cavernas ás feras desses tempos, as quais habitavam nos esconderijos interiores delas, para onde carregavam as suas presas, para ali devora-las.

"No meio dessas numerosas testemunhas de uma ordem de cousas diferentes da atual, nunca tenho encontrado nem o mais leve vestigio da existencia do homem. E, contudo, numa epoca em que os animais ferozes abundavam neste país, e debaixo de formas gigantescas, como explicar que o fraco ente o homem escapasse á sorte que havia acarretado tantas vitimas, munidas de forças fisicas muito superiores? Julgava, pois, — em tanto que uma questão possa ser decidida por via dos fátos negativos, — o numero destes fátos já suficientes para decidir a presente questão, quando, inesperadamente, depois de seis anos de baldadas pesquisas, tive a fortuna de encontrar os primeiros restos de individuos da especie humana, debaixo de circunstancias que, ao menos admitiam a possibilidade de uma solução contraria da questão.

"*Achei estes restos humanos em uma caverna, que continha, misturados com eles, ossos de varios animais de especies decididamente extintas* (Platyonyx Bucklandii, Chlamydotherium Humboldtii, C. Majus, Dasypus sulcatus, hydrochaerus sulcidens e, a.) circunstancia que devia chamar toda a atenção para estas interessantes reliquias.

Demais *representavam eles todos os caracteres fisicos dos ossos realmente fosseis.* Eram em parte petrificados, e em parte penetrados de particulas ferreas, o que dava a alguns deles um lustro metalico, imitando o bronze, assim como um peso extraordinario. *Sobre a imensa idade deles não podia pois haver duvida alguma:* porem, em quanto á questão de saber se os individuos de que eles derivavam tinha sido coevos com animais em cuja companhia se achavam, não se pode infelizmente tirar conclusão alguma decisiva, visto a caverna que os continha achar-se nas margens de uma lagôa, cujas aguas anualmente, ao tempo das grandes chuvas, entravam nela".

Encontrado o homem, o antropologo depara-se diante de uma grave questão, conhecer de que qualidade era este homem, a que raça pertencia, como vivia e se alimentava, qual o seu desenvolvimento intelectual. O mundo voltava-se para o sabio a indagar de novos detalhes, que permitissem conclusões. E é o proprio Lund que se apercebe da curiosidade que a sua descoberta vai produzir, e adianta-se a atender por antecipação ás perguntas que não demorarão a chegar.

"Felizmente as respostas a estas questões são menos dificeis e menos duvidosas. Tendo achado varios cranios mais ou menos completos, pude determinar o lugar que deviam ocupar os individuos a quem tinham pertencido, no sistema antropologico. Efetivamente a estreiteza da testa, a proeminencia dos ossos zigomaticos, o angulo facial, a forma da maxila e da orbita, tudo assinála a estes

cranios o lugar entre os mais caracteristicos da raça americana. E' sabido que a raça que se aproxima mais da raça americana é a mongolica, e que um dos caracteristícos mais constantes e mais salientes pelos quais se distinguem entre si, é a maior depressão da testa na primeira. Neste ponto da organização os cranios antigos mostram-se não sómente conformes com os da raça americana, mas alguns deles exibem este carater num grau excessivo, até o desaparecimento total da testa".

E ainda:

"Sabe-se que as figuras humanas que se acham esculpidas nos monumentos antigos do Mexico, representam em mór parte uma configuração singular da cabeça sendo esta inteiramente destituida de testa, fugindo o cranio para trás imediatamente acima das cristas superciliares. Esta anomalia, que geralmente se atribuia a uma desfiguração artificial da cabeça, ou ao gosto dos artistas, admite agora uma explicação mais natural, sendo provado pelos presentes documentos autenticos, que realmente existe neste continente uma raça exibindo esta anormal conformação.

"Os esqueletos mostraram ter pertencido a individuos de ambos os sexos e eram de tamanho ordinario; todavia dois de homens oferecem dimensões acima do vulgar".

E acrescenta:

"Pelas indagações dos naturalistas da Europa, consta que nenhuma das grandes especies de mamiferos ter-

restres, cujos ossos se acham num estado verdadeiramente fossil, tem existido viva nos tempos historicos e que, por consequencia, a data de sua extinção remonta a mais de tres mil anos. Aplicando este resultado ás especies extintas do Brasil no que concorda o estado de conservação dos ossos, que é o mesmo nos dois países, e atribuindo áqueles ossos humanos, que se acharam num estado de conservação perfeitamente analogo ao que carateriza os ossos fosseis, uma antiguidade correspondente, temos para estes uma idade de trinta seculos para cima. Como porem o processo de petrificação é um dos que têm sido menos bem estudados, principalmente em relação ao tempo exigido para a sua consumação, e constando mesmo que esse tempo varia, segundo as circunstancias mais ou menos favoraveis, não se pode arriscar uma estimação dele senão como uma aproximação bastantemente vaga. Seja porem isto como fôr, sempre fica para estes ossos uma antiguidade muito consideravel, que os faz remontar não só muito alem da epoca do descobrimento desta parte do mundo, como talvez alem de todos os documentos imediatos que possuimos da existencia do homem visto não se ter ainda achado em outra alguma parte ossos humanos em estado de petrificação.

"Fica, portanto, provado por estes documentos, em primeiro lugar, que a povoação do Brasil *deriva de tempos mui remotos, e indubitavelmente anteriores aos tempos historicos*".

A descrição feita pelo proprio Lund, nas linhas acima, se completa sabendo-se que o achado daquele sábio ocorreu na chamada Lapa da Lagôa do Sumidouro, tendo permanecido, por varios anos, em relativo segredo.

Nenhuma pessoa enfronhada nestes assuntos estranhará a longa transcrição, em vez da palavra do Autor. O escrupulo, a honestidade da observação, preferem sempre, em pesquisas desta natureza, como ensina Mendes Corrêa, o relato, a palavra do proprio arqueologo ou etnologo que as procedeu.

Em 1876, Lacerda e Peixoto publicaram, acompanhada de notas explicativas a reprodução de um cranio pertencente ao Instituto Historico e Geografico Brasileiro, mas não foi senão em 1888, com a publicação feita na Europa por Sören Hansen de peças da coleção de Lund, conservadas no Museu de Copenhague, que os trabalhos da Lagôa Santa se tornaram conhecidos em seus detalhes. Os fosseis dos quais os restos humanos, ali reunidos, parecem ter sido coevos, são o Glyptodon, o Scelidotherium, o Chlamydotherium e o Machairodus, pelo que se chega á conclusão de que a fauna das cavernas da Lagôa Santa corresponde a do pampeano superior. O material do achado de Lund, considerado da mais veneravel antiguidade, apresenta os mesmos caracteristicos do esqueleto descoberto muitos anos depois, em 1881, por Santiago Roth, noutro ponto da America do Sul, em Arrecifes, pequeno afluente do rio da Prata, lugar Pontinelo, provincia de Buenos Aires.

O mesmo divulgador de Lund, Sören Hansen, estudando igualmente o achado de Santiago Roth, que tão vivas semelhanças apresenta com o do sabio dinamarquez, acordando com a opinião de Virchow, Kolmann e Quatrefages, reconhece, segundo proclama Beuchat á pagina 244 do seu *Manuel d'Archeologie Americaine,* que este esqueleto reune os mesmos caracteres raciais que distinguem os despojos das antigas cavernas do Brasil.

Beuchat, ocupando-se da identidade de raça, que aproxima numa só familia os despójos arqueologicos de Minas Gerais e de Pontinelo, assim conclue seu pensamento:

,En résume on peut dire que les restes les plus anciens que nous connaissions en Amerique sont ceux découverts par Lund dans les cavernes de la province de Minas Geraes, et qu'ils appartiennent à une race d'aspect très archaiques, qui a peut-être vécu au Brésil á l'époque quaternaire et dont les descendents se sont répandus sur toute la surface de l'Amérique du Sud. Cette race, contemporaine des grands scélidothéridés du pampéon supérieur, peut donc étre considerée comme aussi ancienne — et même peut être plus ancienne — que celle dont nous avons trouvé des reliques en Europe. Quant aux autres ossements humains, il nous faut attendre des observations plus precises avant de nous prononcer sur le âge certain". (pag. 245 — cap. L'Homme pré-historique de la race de Lagôa Santa).

Cavernas não exploradas

A descrição das cavernas calcareas, já perfeitamente exploradas, vem acabar aqui, o que não quer dizer que não existam ou possam existir outras, grutas ou abrigos, espalhadas pela consideravel extensão territorial do país. Nos sertões brasileiros ha indicios evidentes da existencia de depositos desta natureza, que a arqueologia precisa considerar. Nos altos sertões, nas serras, grotas e vales do interior, deparam-se elementos reveladores da existencia de raças diferentes do tupi-guarani, que dominou o litoral, raças emigradas ante a pressão exercida, do lado do mar, por esse povo, ou que ahi já existiam em periodo anterior.

Descendo de Cunani, deixando para trás as terras da Guiana Brasileira, deparam-se no Amazonas e em alguns dos seus afluentes, excelentes depositos arqueologicos, que não são mais do que cavernas funerarias deixadas pelos antigos indios. Miracan-uêra, por exemplo. Este deposito, situado á margem esquerda do grande rio, em terreno de aluvião, na mesma longitude da foz do Madeira, 14 milhas acima de Serpa, dilata-se por uma extensão de cinco milhas. Os artefátos de barro que nele se acumulam acham-se isolados uns dos outros servindo-lhes de material uma argila fina levemente corada. Contêm diversos ornatos e, na parte externa, são revestidos por

uma camada de tinta branca — alvaiade, que lhes dá uma aparencia de porcelana simplesmente polida.

Na mesma direção encontra-se outra caverna, situada na foz do rio Trombetas, distrito de Obidos, a qual se estende por uma distancia de duas milhas ao longo da costa chamada do Parú, sendo a caverna menor que a precedente e igualmente abundante em vasos de barro fino, porem mais ricos de ornatos.

Essa localidade foi visitada primeiramente por J. Barbosa Rodrigues, a que se seguiu Ferreira Pena, logo após, dando do deposito noticia detalhada, em comunicação feita ao Museu Nacional.

Outro deposito avulta, ainda na mesma região, isto é, a bacia amazonica, perfeitamente caracterizado como caverna ou centro funerario de indigenas. Referimo-nos ás pequenas grutas situadas ás margens de um afluente do rio Maracá, inferior curso d'agua que se lança no braço norte do Amazonas, um pouco acima da extremidade ocidental da ilha de Marajó, na mesma região conhecida pelo nome de Guiana Brasileira. Esta localidade recebeu a tempo, em primeira mão, a visita de Ferreira Pena, que fez ali uma bela coleção de urnas funerarias, de tipo particular, representando, em seu conjunto, a figura humana e a de diversos animais e, ás vezes, simultaneamente, as duas numa só peça.

Ferreira Pena, que melhor estudou essa louçaria, informa que as urnas foram encontradas em grutas naturais situadas na extremidade de uma planicie muito acima da

margem do rio. As peças não estavam enterradas, como é costume, mas apenas dispostas em certa ordem sobre o solo tendo a areia e terra corrida das alturas vizinhas, penetrando na cavidade, dado logar a crescerem dentro delas algumas plantas cujas raizes estragaram as igaçabas e seu conteúdo.

Hartt dá noticia desse achado, no que foi precedido por Pena, que, embora não tão completo no detalhe, iguala-o na justesa dos conceitos e narração. O deposito de Maracá, para o naturalista brasileiro, consta de tres grupos, estando um deles situado à grande distancia dos outros, todos, porem, em terrenos banhados pelas aguas de um braço do pequeno rio Maracá. Conclue sua informação dizendo que não contem sinão urnas de fórmas tubulares representando corpos humanos e outras em fórma de jabotis. Essas urnas foram encontradas á sombra de pequenas lapas e nelas existiam esqueletos humanos. O material de Maracá é grosseiro, muito inferior, quer ao de Pacoval, quer ao de Cunani.

A louça dali retirada é toda ela de baixa qualidade, trabalhada em barro misturado com areia, de paredes grossas e irregulares, superficie aspera e mal acabada. Não está pintada e tem apenas a côr vermelha produzida pelo processo de queimar, que foi imperfeito, permitindo a fixação do barro preto no interior.

CAPITULO III

ESTEIARIAS OU HABITAÇÕES LACUSTRES

A esteiaria corresponde aqui, rigorosamente, á palavra italiana *palaffiti*, designativa das habitações lacustres, typos de construção muito comum ao homem da pré-historia. Elas aparecem em todos os continentes e, na Suissa, no lago Zurich, atravessou o neolitico e chegou a época dos metaes. O Dr. Keller, descobridor das lacustres suissas e seu maior investigador, ao lado do material trabalhado pelo homem da pedra polida, retirou delas numerosas peças da epoca do bronze. Suas descobertas em 1857, não fizeram mais que esclarecer um assunto de que desde Herodoto as letras classicas se ocupavam. No Brasil a esteiaria aparece como elemento auxiliar de classificação arqueologica justamente porque, nos lugares onde foram edificadas, acamparam tribus que aí deixaram, assinalando sua passagem, material representado pela ceramica, pelos

ossos humanos, pelos objétos de pedra, pelos detritos de alimentação.

A ocorrencia de esteiarias ou palafitas, no sul do país, não está perfeitamente verificada. As do Maranhão e, até certo ponto, as da Amazonia, essas sim, já foram examinadas por mais de um viajante. "Os sitios sobre esteios que hoje encontramos na propria baixada maranhense, — diz o sr. Raimundo Lopes, que é quem melhor trata do assunto, como na Amazonia, onde, no Javarí, Remate de Males é uma cidade de casas desse tipo, reproduzem atenuado na faixa palustre e contornos da firme, acima do nivel da estiagem, o tipo de habitação de que os pré-colombianos fizeram verdadeiro burgo em plena concha lacustre".

"Das esteiarias encontradas, acrescenta, a mais usante é a do *lago* Genipapo, no *lago* Caboclo, diante da boca do Paraná, a da *Ponta da Estrela;* acima, a ilha da Cuieira, onde um lastro de ceramica indigena, sem esteiaria, se atravessa ao leito (outro caso de canal que se fixa na ponta da terra firme); adiante de *Rosario,* as esteiarias da *volta do Armindo* e da boca do *Igara-Florante.*

Executado o primeiro, estes pontos ficam á vista um dos outros; era o leito do rio povoado quasi sem solução de continuidade.

Depois da descrição das aldeias palafitas de Turi, encaixadas entre a chapada de Pinheiro, outras terras firmes que se ligam á serra de Piracambú. "O rio corre largo estirado em lavados a que impropriamente chamam de

lagos; o canal é que traça meandros entre corôas arenosas que só lenta e parcialmente se descobrem no verão. É o aspecto de certos rios de terra firme da Amazonia, sobretudo desse Araguáia, no qual lá no amago continental do planalto, Castelnau achava algo de mar"...

Esta, a descrição das esteiarias do Maranhão, unicas, a rigor, estudadas. Seu autor abrange num largo conhecimento todas as suas faces. Pelo seu opúsculo verificamos a existencia de elementos arqueologicos em vasto perimetro da região do Cajari, do Turi, do Mearim, do Pindaré, de quasi todos os cordões aquaticos que formam essa bacia lacustre.

As esteiarias de Maranhão oferecem-se, assim, como elementos onde os sambaquis e as estações liticas ajudam a compreensão dos problemas raciais anteriores á posse da terra pelo europeu.

Descrevendo propriamente a esteiaria, Raimundo Lopes analisa: "Tipo classico de varzea aluvial, pertencente ao *rosario* de lagôas do Pindaré e do seu afluente o Maracú, o lago Cajari tem por defluente principal o rio do mesmo nome, que dele sái junto á propria vila de Penalva. O rio Cajari mostra aspecto de rio jovem, com poucos meandros, em alternativas de poções e cortado de lagos, o que, na classificação decorrente das teorias de Morris Davis, bem lhe caracteriza essa recente idade fisiografica. Esse dado e a situação da esteiaria ser-nos-ão de melhor resposta á lição possivel de que a antigualha pu-

desse ter sido construida em muito menor profundidade do que a que apresenta atualmente. Na época em que a estudei a esteiaria achava-se toda visivel, com os seus milhares de esteios, uma perspectiva belissima, impressionante, esponteando com os seus troncos negros, como se fosse imensa floresta morta, á face argentada das aguas. Em toda ela o fundo não era maior de dois palmos, mas nos verões normais, mais de um metro e nos invernos, de dois a tres metros de agua, nesses pontos, ocultam a cidade extinta. Estamos, pois, diante de um fato analogo, apenas, *in genere*, aos atuais sitios sobre esteios, chamados pelos caboclos *retiros* e *sitios* de girau e nos quais se passa pitorescamente a vida dos pescadores e vaqueiros daquela zona. Esse tipo geral de *habitat* tomava na esteiaria outras proporções servindo de morada a um povo, hoje extinto, de especial civilização e mesmo em uma situação em pleno lago, que difere da dos pequenos retiros atuais, situados estes em pontos que secam periodicamente".

"A enorme extensão, quasi dois quilometros em certas direções, da principal ruina, convence-nos de que se trata de uma grande povoação lacustre e a massa de cerámica e de objétos de pedra acusa a atividade de uma população consideravel e organizada.

Essa esteiaria não é rica de material ceramico, que todo se condensa num sitio determinado, que o povo apelidou de *cacaria*. Ela porem cobre grande area e oferece como elemento de construção diversas especies de madeira,

por onde se conclue que ela suportou construções a altos niveis, por conseguinte construções demoradas, verdadeiras estações". É o proprio autor que vimos citando, o primeiro a reconhecer que "a cidade lacustre era propriamente *um centro e refugio,* não excluindo *outras formas* de ocupação humana".

Ainda resulta dos estudos procedidos sobre esse material, conclue Raymundo Lopes, que a civilização dos lacustres, pela ceramica comparada á de Viana, no mesmo Estado, é pré-colombiana, corresponde ao homem anterior á epoca dos descobrimentos.

É o momento de dizer que a esteiaria do Cajari foi a primeira estudada, a maior do grupo e de todas as construções indigenas conhecidas no país, sendo tambem oportuno esclarecer, que o *sitio* que o povo apelidou de *cacaria,* é um pequeno grupo de esteios, uma pequena esteiaria.

Vale saber, tambem, que essa louça é dos tipos mais adiantados, vindo logo após á do Pacoval e podendo ser confrontada com a dos ipogêeos de Cunani. Nas peças de ceramica lacustre maranhense, ha o desenho em volutas, o tipo das retas interseptadas, o de raios verticais e zonas circulares, o das curvas irregulares, o triangular — losanguiforme. Tambem aparecem fórmas de cabeças de animais, de asas e acessorios, não menos variadas que as lineares.

Saindo do Maranhão, encontram-se na baixada e no delta do Paraíba do Sul, vestigios de palafitas, perfeitas

esteiarias do tipo cajariense, observadas pelo sr. Alberto Lamego Filho. Essas esteiarias não exploradas, ainda, são as habitações em que os Goitacazes viviam, na epoca da descoberta. Sabe-se, pelos primeiros cronistas, que os goitacazes eram um povo, apesar de dado á luta, de habitos tribais rigorosamente lacustres.

Eram grandes canoeiros e, em pirogas velozes, faziam a guerra aos seus inimigos, donos da Guanabara.

Capitulo IV

SAMBAQUIS

Moderna compreensão — A corrente naturalista — A corrente artificialista — A corrente mista.

Dos elementos arqueologicos do país é este o mais estudado, o mais conhecido, melhor ponderado. Von Ihering divide a costa, para esse efeito, em dois sentidos: provincia sambaquiana do Rio de Janeiro, S. Paulo, Santa Catarina, deixando em aberto a verificação dos sambaquis da Baía e de outros Estados do norte; e provincia sul-brasileira, que se estende do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro, compreendendo, no seu dizer, territorios habitados por populações Guaranis e povos Gês.

Antes dele, porem, os sambaquis eram estudados, e procurava-se a sua interpretação.

Já em pleno seculo XVI, Fernão Cardim, o padre erudito, autor do *Tratado da Terra e da Gente do Brasil,*

os conhecia. É verdade que não faz ideia do valor arqueologico, que naquele tempo era nenhum, mas com eles se impressiona, registrando-lhes a abundancia pela costa derramada do país. Na Baía eram porções. Falando dos que se conheciam nas proximidades da cidade do Salvador, o padre Cardim descreve: "Os indios antigamente vinham ao mar ás ostras e tomavam tantas que deixavam serras de cascas, e os miolos levavam de *moquem* para comerem entre ano; sobre estas serras pelo decurso do tempo se fizeram grandes arvoredos muito espessos e altos, e os portugueses descobriram algumas, e cada dia se vão achando outros de novo, e destas cascas fazem cal, e de um só monte se fez parte do colegio da Baía, os paços do governador, e outros muito edificios e ainda não he esgotado".

Era o fenomeno que passava a interessar a curiosidade dos homens inteligentes e que iria, um seculo mais tarde, pela palavra do beneditino frei Gaspar da Madre Deus, pronunciar-se melhor, acusando-se com certa precisão, que os naturalistas confirmariam e ampliariam.

Frei Gaspar da Madre Deus nasceu em S. Vicente, a 9 de Fevereiro de 1715, estudou no mosteiro de S. Bento da Baía, e ensinou no do Rio de Janeiro. Enquanto isso, coligia dados sobre sua capitania e estudava o gentio. Percorrendo as terras por onde a influencia da ordem chegava, muito cedo se apercebeu de que pelo litoral montes de detritos e cascas, revelando antiguidade, a miude

se deparavam. Examinando-os, estudou-os cuidadosamente, interessado em explical-os.

Na antevisão do fenomeno o padre observa a formação dos sambaquis, a que chama de casqueiros, indaga o que eles contêm, e logo descreve o achado, afirmando que neles se encontravam, além dos detritos de conchas, ossos humanos misturados e machados líticos, panelas de barro, elementos confusos e héterogeneos, bastantes para levar-lhe ao espirito a convicção de que serviam de cemiterio aos indios. E acrescentava, descritivo: "É indivizivel a imensidade que colhião de ostras, berbigões, amejoas, sururús de varias castas e outros mariscos; mas a pesca principal era de ostras e berbigões, ou porque gostassem mais deles ou porque os encontrassem em maior copia, e colhessem com facilidade. De tudo isto havia e ainda hoje ha muito abundancia nos mangais da Capitania de São Paulo. Com os tais mariscos se sustentavam enquanto durava a pescaria, o resto secavão, e assim beneficiado conduzião para as suas aldeias, onde lhes servia de alimento por algum tempo. As conchas lançavam a uma parte do lugar onde estavão congregados, e com elas formavam montões tão grandes, que parecem outeiros a quem agora os vê soterrados". E, mais adiante: "Destas conchas de mariscos que comeram os indios, se tem feito toda a cal dos edificios desta capitania desde o tempo da fundação até agora, e tarde se acabarão as ostreiras de Santos, S. Vicente, Conceição, Iguape, Cananeia, etc. Na maior parte delas ainda se conservam inteiras

as conchas, e n'algumas acham-se machados, pedaços de panelas quebradas, e ossos de defunto, pois se algum indio morria nos tempos da pescaria, servia de cemiterio a ostreira, na qual depositavam o cadaver e depois o cobriam de conchas".

A moderna compreensão

No seculo XIX os sambaquis começam a ser examinados, no seu justo significado cientifico, em varias regiões do Brasil. Viera do norte da Europa o ensinamento. Estudados, na Dinamarca, no ano de 1847, pelos naturalistas Steenstrup, Forchhmmer e Vorsae que lhes deram o nome de *Kjoekkmmondding,* (restos de cozinha), eles são em sua origem, em sua formação inicial, o mesmo amontoado de carapaças e de produtos humanos líticos, existentes na Dinamarca, em Portugal, na Asia, no vale do Nilo, ou no Brasil.

Observada pelos sabios dinamarqueses, a ostreira, sambaqui, ou *Kjoekkmmondding,* passa a interessar o mundo inteiro. Em todos os lugares ela aparece, não ha mais um monticulo suspeito, na proximidade de um rio, de um lago, de um braço de mar, que não ofereça ao naturalista a possibilidade de interpretar pontos da pré-historia. Silvio Frois Abreu passa em revista, nesse campo da arqueologia, o que está ocorrendo no mundo, e observa a existência de sambaquis em Portugal,

no vale do Téjo, estudados por Carlos Ribeiro; em Cornwall e Devon, na Inglaterra, por Pengelly e Spencer Bate; na França, por Hamy e Sawage; na Asia, por Early, que estudo os da peninsula Malaia; na Africa, localizados no vale do Egito, analisados por Jaques de Morgan; nos Estados Unidos, em Massachussets, Georgia, Maine, Florida, na costa do Pacifico, estudados, entre muitos outros, por Charles Lyell, Hartem Smith e N. E. Nelson. E ainda Darwin descreve os da Terra do Fogo; Max Uhle, os da costa do Perú; Rath, os da Guiana Holandesa; Aureliano Oyarzun, os do Chile.

Acompanhando as melhores autoridades, encontramos no Brasil os sambaquis em vários rios da Amazonia, na costa do Pará, no Maranhão, na Baía, no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Em todos os lugares onde o homem primitivo descançou, nas regiões em que a melhoria de condições o levou a estacionar, deixou ele o traço evidente da sua presença, erigindo, nestes montes de cascas e detritos, o marco de sua existência inicial. A variedade sinonimica demarcadora da sua localização nas diversas regiões do interior, corresponde justamente á maneira de apelida-los, que o povo de cada provincia lhes dá. Ostreira em São Paulo e na Baía, casqueiro no Rio Grande do Sul, berbigueira em Santa Catarina, sernambi no Maranhão, sambaqui ou mina no Pará e no Amazonas, todos são, em derradeira analise, o mesmo deposito arqueologico, que o primitivo habitante destas terras construiu. Uns me-

lhor estudados, outros menos, os sambaquis têm sido examinados eficientemente, fornecendo os seus detritos indicações sobre a existencia passada do indigena brasileiro. Ao grupo dos que o estudaram se filiam, modernamente, Silvio Fróis Abreu, Heloisa Torres, Raimundo Lopes, Roquete-Pinto, Backheuser, e, mais distanciados, J. B. de Lacerda, Ferreira Pena, Ladislau Neto, Barbosa Rodrigues, Steere, Hartt, Carlos Rath, von Ihering, Loefgren, Karl von Kozeritz, Ricardo Krone, Fritz Müller, Bates, Orville Derby, Guilherme Schuch, (barão de Capanema), que coligiram sobre o assunto paciente documentação com pontos de vista pessoais. Os sambaquis explorados pelo prof. Backheuser, são todos de formação marinha, ao que nos declarou o ilustre professor.

O primeiro elemento encontrado nos sambaquis é a ostra, ainda hoje aqui representada por tres especies: Ostrea Brasiliana, Lam., a maior de todas; a Ostra Virginia e a Ostrea Pulchenea, Orb. De outras conchas, aparecem o berbigão e a "ameijoa", a primeira com duas especies da familia das Veneride, uma do genero Cryptogramma, e outra do genero Venus, que prevalece em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nos sambaquis desta região, Roquete a encontrou, juntamente com as especies Venus, Voluta, Olivancilaria, Buccinum, todas gastropodas. A ameijoa é da familia Lucinideae, da especie L. Jamaicenses, com estrias concentricas. Na familia Ayacide a Azara prisca é considerada especie extinta. Ainda, em menor porção, os sambaquis reunem tariobas

(Iphigenia brasiliensis) Chaves (Oliva reticularis, Lam.); leques (Pholas costata); e sernambys (Lucina, sp.). Das especies fluviais, encontram-se a Hyria, a Castalia, o Unio, o Anodon.

A corrente naturalista

Os sambaquis são classificados e explicados segundo diferentes teorias. Para alguns eles obedecem a uma formação natural. Outros vêem em sua composição simplesmente o trabalho dos homens da pré-historia, representando uma intenção incipiente, um detalhe da capacidade de raciocinio das raças da primeira idade. Um terceiro grupo neles procura descobrir o esforço conjugado do homem e dos elementos naturais. Os que defendem a primeira hipótese vêem nos sambaquis o recúo estático do mar, determinado pelo afastamento do oceano, e a ação eólea exercida sobre as conchas lançadas á praia. Conclúem que são um simples amontoado de carapaças de lamelibranquios e gastropodos, acumulados pelas correntes marinhas e pela ação dos ventos, obra exclusiva desses agentes naturais. São partidarios desta corrente, além de outros, von Ihering, Rath, J. B. Lacerda, para citar os mais notaveis.

Para esses representantes da corrente naturalista, os sambaquis oferecem variações de morfologia, alongando-se ou arredondando-se, segundo a variedade e a disposição

dos fatôres reunidos em sua composição. Não concebem a hipótese de que esse amontoado de carapaças possa ser um trabalho artificial, um cemiterio de indios. Von Ihering, sempre que nos sambaquis aparecem esqueletos ou outros vestigios humanos, explica-os como resultado de um naufragio. Rath descreve-os como "camadas de grossura identica para todos os lados feitas pelo diluvio e não pela mão dos homens". Acrescenta que, "em certas partes destas ostreiras, cobertas com terras diluviais de vinte até trinta pés de profundidade, acham-se as sepulturas de um povo que viveu antes do diluvio, "sem que, entretanto, aceite a teoria de sua formação artificial". Rath, profundo conhecedor do litoral do Brasil, onde viveu vinte anos, aplicados em pesquisar os sambaquis que se estendem de Angra dos Reis á Lagoa dos Patos, prejudicou suas conclusões com os pontos de vista a que se apegou.

A corrente artificialista

Depois da interpretação dos partidários da exclusiva ação natural, — os que vêem nas ostreiras a contribuição artificial. São os pesquizadores que antevêm nesses amontoados heterogéneos, o remanescente de primitivas existências, o marco miliario de rudimentares civilizações, de povos errantes, de capacidade primária, vivendo no regime tribal. Dentre os que se colocam neste caminho, ha a lembrar: Hartt, Ricardo Krone e Löefgren.

Hart muito cedo se interessou pelos sambaquis, estudando os do vale do Amazonas e do Baixo Tocatins, situados a centenas de quilometros do oceano, e mostrando as semelhanças existentes entre eles e os do Nilo.

As pesquisas por Hartt realizadas no sambaqui Taperinha, pouco abaixo da cidade paraense de Santarem, foram valiosissimas. Procedendo á rigorosa observação nesse amontoado de carapaças, chegou á conclusão do seu artificialismo, em consequencia da abundancia de objétos fossilizados que aí encontrou, soterrados sob diversas camadas: costelas, cranios, tíbias, esqueletos, fragmentados e inteiros, ossos de jacaré, espinhas de peixe, restos de carangueijos, cinza e carvão.

A descoberta de Hartt, preciosa para o estudo inicial da etnografia, serviu tambem para derrogar a teoria da glaciação da bacia amazonica, a que nos referimos folhas atrás. Deparando-se a centenas de milhas do oceano com elementos marinhos fossilizados, Hartt pôde desferir um golpe no monumento de sagacidade que Agassiz construira, e contra o qual James Orton, assinalando a formação terciária daquelas terras, protestára em definitivo, abalando a convicção do eminente autor da teoria, que, ao morrer, já a teria repudiado.

Do ponto de vista etnográfico a observação de Hartt veio trazer grande elucidação, por isso que encontrá suficiente elemento esclarecedor nas primitivas migrações das raças americanas, segundo o quadro estabelecido por von den Steinen e Ehrenreich. Seria bem possivel que,

na sua imensa caminhada, os primitivos tupis-guaranis, senão os proprios Gê, houvessem assinalado sua passagem pelo litoral e proximidades, com a construção, não intencional, desses marcos de uma existencia errante e dolorosa. Ou, tambem, que o homem das cavernas da Lagoa Santa, no qual Ehrenreich visiona o antepassado do Botocudo, acossado pelos grandes animais dessas épocas recuadas, — descesse rumando para o litoral, aonde o instinto lhe dizia que a existencia decorreria a coberto dos grandes perigos que infestavam as planuras centrais.

Na verdade, que significação humana poderiam apresentar esses conchais ou sambaquis, senão a de centros culturais, lugares onde as tribus viveram? que eram esses homens ou de onde vinham essas tribus? Nada se conseguiu saber até hoje pela inexistência de traços materiais, que possam precisar sua raça. Por que não seriam os sambaquis o resultado construtivo dos longos estacionamentos das tribus primitivas no seu periodo de migrações? São perguntas que ainda não foi possivel responder e só o serão, certamente, quando estudos mais completos dissiparem as dúvidas que tornam confusas as condições de conhecimento do homem pré-cabralino.

Ricardo Krone, esse defende a teoria artificialista com a convicção adquirida em quasi um quarto de século de convivência com os sambaquis de Iguape. Muitas foras as conclusões a que chegou, na sua paciente e incessante pesquisa, não sendo das menores a exáta averiguação feita por ele relativamente á idade desses velhos sam-

baquis. Capacitou-se de que os sambaquis mais antigos datavam do periodo pleistocenico, conseguindo determinar-lhes aproximadamente a idàde pela localização que os mesmos apresentavam e evolução pronunciada de seus artefátos. Para Krone, os sambaquis antigos estavam mais afastados da costa atual e neles predominavam as ostras, enquanto que nos mais modernos se observava com a maior aproximação da costa o dominio absoluto da carapaça e do berbigão. Esses ultimos sambaquis, no seu entender, iam sendo construidos á proporção que a borda litoránea adquiria o seu contorno atual.

Os sambaquis de Iguape, em seu modo de ver, eram indubitavelmente obra humana, neles aparecendo elementos estranhos, mas não em quantidade tal que possam prejudicar a sua bem construida classificação.

Alberto Löefgren, esteve no Brasil a convite de Hartt e deixou valiosa contribuição para o estudo dos sambaquis, como formação artificial. Trabalhou inicialmente em S. Paulo, depois no Rio e no Nordéste, voltando novamente ao Rio, onde se localizou. Em São Paulo estudou dedicadamente os sambaquis do litoral. Observa nessas construções o esforço inicial do homem. Para ele esses conchais são edificações de um povo pré-historico, de que não se tem noticia. Vê nesses monticulos de detritos marinhos não cemiterios de indigenas, mas sim "restos de comida", sobejos de refeição, verdadeiros "Kjoekkmmonddings", segundo a classica definição dina-

marquesa. Os sambaquis do Brasil ele os coloca na epoca pré-colombiana, mas não ante-diluviana, avançando na defesa da sua tese pela antropologia, procurando descrever o povo que ele imaginava construtor dos sambaquis.

A corrente mixta

Entre os partidários da corrente natural e os da artificial, surje uma terceira, a dos que vêem no sambaqui uma combinação de elementos, reunidos pela natureza e pelos homens, em trabalho simultaneo de agregação. Roquete-Pinto desliga-se do primeiro grupo e passa a adotar essa corrente, que pode ser chamada mixta. Ha outros partidarios da mesma teoria, a quem os sambaquis se afiguram verdadeiros depositos de cascas e de moluscos, podendo conter artefatos liticos, detritos e ossos humanos, material, em suma, representativo da ação simultanea dos homens e do mar. Para aqueles que adotam esse ponto de vista a ostreira assenta em regiões anteriormente ocupadas pelas aguas. Aí vièram tribus á procura de alimento, fugindo ao misterio da mata, procurando afastar-se das grandes especies animais. Este ou aquele motivo de defesa primaria, grupou acidentalmente o individuo a beira mar, nos lugares aonde a sua inteligencia incipiente percebia facilidades da nutrição.

Outra versão encontrou Fróis Abreu em Santa Catarina, para explicar a formação dos sambaquis. Ao que

observou, segundo verificação por ele procedida, os indigenas teriam feito chegar até o mamaluco e ao mestiço do litoral catarinense uma narrativa ensinada pelo padre aos tupiniquins, caetés e mais tribus ali encontradas. Os homens dos "sambaquis" teriam desaparecido na imersão universal de que só escapou, segundo a lenda judaica, a barca de Nóe. Assim, os sambaquis seriam os vestigios brasileiros do diluvio biblico, lenda que só poderá ter-se formado através do ensinamento ou doutrinação dos jesuitas, irradiada possivelmente do antigo Colegio de São Vicente para as tribus de sua alçada, na projeção do sul.

O sambaqui, afinal, não é mais do que um deposito arqueologico formado pela ação conjunta do homem e da natureza e, a corrente mista, aquela que o explica melhor, não implica em separal-o do *Kjoekkmmondding,* muito embora o nosso não tenha talvez a mesma antiguidade dos *restos* de comida da Dinamarca.

Recapitulando, á procura de uma definição, com preocupação de sintese, pode dizer-se que os sambaquis são montes de carapaças de moluscos, geralmente de forma arredondada, onde se acumulam detritos deixados pelos primeiros homens e nos quais se encontram artefátos de barro e pedra, ossadas humanas, ossadas de animais, outros elementos que evocam a vida tribal.

A definição etimologica de sambaqui é confusa. Segundo Batista Caetano, ela se origina de *tamba-ki,* sendo "peito de mulher" o significado desta palavra, em idioma tupi. Não parece absurda a explicação. Alguns sam-

baquis, como o do rio Velho, examinado por Silvio Fróis Abreu, revestem a fórma conica do peito de mulher, sendo curial que, objétivo como é, o indio aplicasse aquele vocabulo na exáta significação que lhe dava. O tupicologo Bezerra de Menezes insurgiu-se contra esta definição, afirmando que sambaqui deriva etimologicamente de — *samanguaiá* — (Berbigão) e *ibicui* — (areia) ou *sambamuaiá-ibicui,* que quer dizer areia de *samanguaiá,* — *acui,* isto é, *samanguaiá* como pó, muito *samanguaiá.*

Tambem Teodoro Sampaio, define sambaqui de outra maneira, dizendo: "Sambaqui ou *tambaqui,* como tambem se diz na lingua geral ou tupi, é por sua significação literal — a jazida de ostras, pois vem de *sambá* ou *tambá,* concha, ostra, e de *qui,* derivado de *quire,* dormir, jazer".

CAPITULO V

ESTAÇÕES LITICAS

A falta absoluta de sistematização, em questões de arqueologia brasileira, leva-os a adotar a designação de "estação litica" prevista por Ladislau Neto em carta aposta aos *Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil,* publicado pelo naturalista Carlos Wiener, no I Vol. dos "Arquivos do Museu Nacional", em 1876, e anunciada, na mesma epoca, por Ferreira Pena, para designar lugares onde o indigena viveu e, finalmente, defendida e desenvolvida, em nossos dias, por Silvio Fróis Abreu, que reune sob essa mesma classificação varios lugares, diferentes paradas do homem primitivo, nas quais são encontrados indicios do seu viver.

Estudando cuidadosamente o assunto, Silvio Fróis Abreu procedeu a rigorosa analise no material que as constituia, recolhendo elementos por ele mesmo pesquisados no sul do Brasil, que o levaram a indicar a expressão "estações liticas" para determinar certos pousos onde

o indio ou o homem primitivo andou e que não se enquadram, a rigor, em nenhuma das classificações usuais. É assim que, entrando no conhecimento do material dos sambaquis do Rio Grande do Sul, escreve que esses amontoados de carapaças são "depositos acumulados durante o inverno de cada ano pelas tribus do interior, as quais fugidas ao açoite do minuano, nas planuras do sertão, se acolhiam ao clima hospitaleiro do litoral, onde por espaços de quatro meses se entregavam exclusivamente á pesca, do que lhes resultava abundante provisão". Mas adiante confessa que se firmou nesta convicção "quando, escavando alguns sambaquis, observei que abundavam neles justamente as espinhas de peixes que mais aparecem no inverno" e, completando seu conceito deixa claro *que esses sambaquis não são sambaquis e sim estações liticas.* Slivio Abreu amplia, entretanto o seu conceito sobre a "estação litica", utilizando ainda outros argumentos, e é neste desenvolvimento que não podemos acompanha-lo reconhecendo, entretanto, o bem aplicado da expressão, com finalidade limitada áqueles lugares onde se encontram pequenos cemiterios, isto é, sitios em que afloram poucos materiais em louça ou pedra, contendo ou não restos humanos.

Com esta interpretação fugimos de generalizar a expressão a todo e qualquer sitio onde o indio tenha podido acampar. Não concordamos com seu emprego para designar os sambaquis, como quer esse naturalista, pelo mesmo motivo porque, se aceitassemos a sua classificação,

estariamos no dever de amplia-la aos *mounds*, aos hipogêos, ás cavernas, a todos os lugares, finalmente, aonde os naturalistas têm descoberto ou fixado indicios certos da existencia de tribus primitivas.

Os diversos elementos aqui utilizados para uma tentativa de clasificação de zonas arqueologicas repelem a generalização de que vimos tratando, que muito mais acertada ficaria dentro da formula — ceramios, estudada e proposta com melhores argumentos por Ferreira Pena em 1872. Entretanto, se não a devemos ampliar, abraçamo-la com satisfação, nos termos restritos, para expressar os lugares que não marquem longos e permanentes estacionamentos, mas, apenas, os sitios de transição, os sitios de estação eventual, os sitios de aprovisionamento, aonde por um ou outro motivo o homem pré-historico foi obrigado a pousar.

Não é impossivel chegar-se ao conhecimento certo de fátos que possam elucidar a questão da longa ou pequena demora do indigena nos lugares aonde a sua vida errante o levou. O simples elemento quantitativo, nos objétos encontrados em cada lugar, demonstra á evidencia se essa demora foi longa ou abreviada, se o conjunto arqueologico representa um simples pouso de transição ou se foi mais longe e se constituiu uma verdadeira aldeia, um centro de vida social.

Colocando nesses termos este detalhe de classificação, aceitamos que — estações liticas — sejam os lugares onde o indio demorou transitoriamente e que, por esse

mesmo caráter de transitoriedade, apenas se revelam no aparecimento de poucos achados funerarios, pequeno numero de peças, nunca na abundancia de louçaria de alguns sambaquis, *mounds,* hipogêos e cavernas, que retratam, evidentemente, os traços principais do individuo reunido em tribu.

A senhora Heloisa Torres ainda ha poucos anos explorou, no Distrito Federal, um terreno habitado antigamente por indios, que me parece ilustrar, evidentemente, a nossa asserção. Ocorreu a descoberta em Junho de 1929, á margem da linha Auxiliar, onde foram encontrados, em excavações ocasionais, varias artefátos de ceramica em bom estado de conservação. Pela disposição e situação topográfica do achado e seu restrito numero de peças, póde-se talvez determinar, sem exagero aprioristico, a transitoriedade da construção. Igual conclusão é possivel tirar de outro achado, nas mesmas condições, referido pela supracitada autora, de peças de ceramica por ela recolhidas em um antigo casqueiro, na fazenda Iriri, municipio de Magé. E' ao proprio Silvio Abreu que vamos buscar argumento afirmativo da nossa interpretação, quando lembra que, assim como os civilizados constroem atualmente seus cemiterios dentro de suas cidades, os indigenas os edificavam nos lugares aonde moravam. Logo, se ha um grande deposito é que aí se fixou por muito tempo um grande povo, caso evidentemente demonstrado, entre outros, pelos achados de Marajó e da caverna de Atariupe, região do Orenoco, da antiga nação

dos Aturas ou Aturés, onde Humboldt encontrou em vasta cavidade debaixo de uma rocha saliente, seiscentos esqueletos guardados cada um numa cêsta quadrada, tecida de fôlhas de palmeira, revelando, sem nenhuma duvida, a existencia de importante centro de vida indigena. Se os achados arqueologicos são sumários e, na região em redor não se encontram outros, é que o homem primitivo apenas aí acampou; realizou uma estação, não demorou, não viveu.

Tomada em sua justa medida a expressão — estações liticas — vejamos onde elas se localizam em nosso país. Silvio Fróis Abreu encontrou-as: uma em Imbituba, entre os comoros de areia de onde parte a estrada para a vila Mirim; outra ainda entre os mesmos comoros, perto dos escritorios de certa empresa industrial; a terceira, a varios quilometros de distancia, proxima á ponta do Itapirubá. Nessas estações existiam peças quebradas de ceramica, pedaços de diabase, alguns machados, raspadeiras, um fragmento de ceramica pintada, varios ossos humanos quebrados, machados polidos, espinhas de peixes, conchas dos mesmos tipos encontrados nos sambaquis.

Dessas tres estações seu explorador considera a terceira, a de Itapirubá, a mais importante, pela propria situação dos morros onde ela se encontra, que formam "uma ponta de rocha viva onde as vagas se quebram tempestuosamente". Por isso que constituiam valioso ponto estrategico, esses morros estavam destinados a servir de

acampamento para passagens, mais ou menos, demoradas, de tribus em marcha.

O explorador da estação de Itapirubá recolheu varios artefátos e, entre esses achados, distingue a ceramica tanto pela sua rusticidade e antiguidade, como tambem pela variedade de ornamentação, que lhe empresta certa beleza, apesar de seu aspecto rustico. Não nos parece que só mereçam a classificação de "estação litica" os tres achados de Silvio Abreu, na costa de Santa Catarina. Estudando a rigor a descrição feita no chamado sambaqui de Taperinha, descoberto e examinado por Hartt, pouco abaixo da cidade paraense de Santarém, assim como os de Pinheiro, Cametá e Obidos, construidos em uma região rica pela quantidade e qualidade de ceramica, facilmente a pobreza quantitativa de seu material nos leva a inclui-los entre as "estações liticas", embora seja este um ponto discorde com a classificação que geralmente lhes dão.

Capitulo VI

"MOUNDS"

O Pacoval — Camutins e Santa Isabel

No Brasil, a terra dos *mounds* é a Amazonia. Dentro da Amazonia, a ilha de Marajó. Fica ela situada na fóz do grande rio e os primeiros cronistas chamavam-na ilha de Joanes, nome tirado a uma antiga aldeia de indios, estabelecida no local onde foi erigida a vila que ainda hoje se chama Joanes. Mais tarde, depois da fundação da cidade de Santa Maria de Belem do Grão Pará, por Francisco Caldeira de Castelo Branco, que a instalou em 10 de Janeiro de 1616, segundo documento encontrado por Capistrano de Abreu e estudado por Garcia, os portugueses começaram a se estabelecer no rio Marajó-assú, e desenvolvendo seu comercio vieram a dar o nome de Marajó á ilha, pelo qual se tornou conhecida.

Marajó, conhecido e valioso deposito de *mounds* segundo o testemunho de varios viajantes que a têm percorri-

do em diversas épocas, inclusive o proprio autor, é de formação aluvial, de nivel baixo e deprimido. Não tem rocha a não ser o grés ferruginoso e é sujeita a inundações gerais, no perido de Janeiro a Junho, época das grandes chuvas, quando se transforma em lago, de onde emergem os *tesos*, cobertos de capões de mato, nos quais se edificam as casas das fazendas ou se reunem as malhadas até que as terras enxuguem. Na região sul e ocidental ela se veste de matas e seringais. Estes seringais já hoje muito abandonados são situados de preferencia nas cabeceiras e no alto dos seus rios de curso perene, como o Anajás e o proprio Arari, navegaveis por pequenas embarcações a vapor.

Constantemente batida pelas refrégas do oceano, apenas na sua orila do nordéste vê aflorar o grés, sendo sujeita a um constante rebaixamento produzido em parte pela erosão do terreno movediço, que as aguas levam, a se verificar a hipótese de Reclus, divulgada por Euclides da Cunha, e combatida por Raimundo Morais, a enriquecer o patrimonio territorial das Antilhas e do golfo Mexico.

O Pacoval

E' no lago Arari, situado na parte oriental de Marajó, na zona dos campos de pastagens, a meio caminho das cidades de Cachoeira e de Soure, e propriamente a 48 kms. a sudoéste desta ultima, que emerge a pequena

ilha do Pacoval, valioso *mound-building*, rigorosamente uma ilha dentro de outra, e de evidente construção artificial.

O Arari é um extenso lençol de agua derramado por trinta quilometros de nórte a sul, por cinco de éste a oéste, pouco fundo, muito piscoso, como muito farta é toda a ilha de Marajó, e se atribúe a formação dos *mound-builings* aí encontrados a tribus riparias que para esse lugar acorressem em eras remotas, atraidas pela sedução e fartura do lago e das extensas campinas em redor. Numa das suas margens encontra-se o precioso "mound", o Pacoval, riquissimo pelo seu conteudo, ao lado de outro ilhote, apresentando os dois a morfologia, talvez de inspiração totemista, de um jaboti.

Por ocasião das vazantes normais, tres a quatro metros da superficie do Pacoval, em sentido obliquo, ficam expostos aos sol, permitindo um mais perfeito trabalho de sondagem da sua louçaria.

Em 1932 verificou-se uma seca sem precedentes na ilha de Marajó, baixando consideravelmente as aguas do lago, permitindo facilidades de trabalho no Pacoval, que não foram suficientemente aproveitadas.

Hartt, o notavel cientista a quem tanto devem esses estudos, no seu valioso trabalho "Contribuição para a Etnologia do vale do Amazonas", publicado no "American Naturalis't" e nos *Arquivos do Museu Nacional*, vol. VI ano de 1885, conta que teve noticia do Pacoval em 1870 por informação que lhe forneceu o "seu amigo

sr. Domingos Soares Ferreira Pena e, não podendo, como era seu desejo, imediatamente visita-lo, incumbiu dessa missão o seu auxiliar sr. Barnard, que efetivamente o visitou e o descreveu, dele retirando os primeiros materiais". "No verão de 1871 — acrescenta — a ilha foi visitada pelo sr. J. B. Steere, da Universidade de Michigan, cuja atenção fôra chamada para este asunto pelo mesmo senhor Pena, que mais tarde tambem a percorreu, fazendo importante coleção para os museus do Pará e do Rio de Janeiro".

Depreende-se dessa afirmação categorica, que a descoberta do Pacoval se deve, evidentemente, a Barnard, agindo em cumprimento de ordens recebidas do proprio Hartt, quando, na verdade, quem dele primeiro teve conhecimento foi o supracitado naturalista Steere, tambem americano como Hartt, (*) mas que não fazia parte do valioso grupo de pesquisadores que aquele ilustre e benemerito cientista dirigia. Esta nossa afirmação repousa na palavra do proprio Pena, constante de documento anterior ao de Hartt e que, seguramente, esse naturalista não conhecia. Pena explica no seu valioso trabalho *Apontamentos sobre os ceramios do Pará,* publicado no II vol. dos *Arquivos do Museu Nacional,* em 1876, que a sua visita ao Pacoval fôra precedida pela do dr. Steere, deixando assim isento de duvida que a primeira pesquisa Pena, da qual tantos beneficos resultados provieram para

---

(*) Hart, que nasceu no Canadá, estudou e passou a juventude nos Estados Unidos, cuja nacionalidade adquiriu. Veiu muito moço para o Brasil, ao qual dedicou o melhor da sua atividade.

ao rico ceramio se deve a esse naturalista americano. A excursão realizada pelo grande brasileiro, que foi Ferreira a nossa arqueologia, data exatamente de 1871, quando já o Pacoval havia recebido as visitas de J. B. Steere e de Barnard, em 1870. Ferreira Pena voltou em 1873, epoca em que tambem lá esteve outro ilustre auxiliar de Hartt, o geologo e étnologo norte-americano Orville Derby, grande amigo do Brasil. Derby visitou novamente o Pacoval em 1876.

Da primeira viagem de Derby, ha este relato descritivo do precioso deposito: "A escarpa desde cima até embaixo está cheia de louça, parte da qual parece ter sido abandonada sem cuidado, ao passo que outras peças foram evidentemente enterradas de proposito, e estas mostram a origem artificial da ilha desde um ponto abaixo do nivel da enchente. Grande parte dos objetos parecem ter sido quebrados antes de serem eles depositados, e muitos têm sido quebrados pelas raizes, de modo que é raro se achar uma peça inteira. Os objetos consistem em utensilios domesticos, tais como potes, furnas de farinha, bacias, idolos representando a figura humana, e urnas funerárias ou igaçábas. Quasi todas são ornamentadas com gosto admiravel, com figuras pintadas ou gravadas, sendo os desenhos pela maior parte decorativos, raras vezes representando objétos naturais. Figuras em relevo, representando varios animais, inclusive o homem, são comuns aos bordos e azas das vazilhas. Tanto os objétos simples, como os ornamentais, foram encontrados

perto da superficie, na parte media e inferior do monte, de modo que não parece possivel estabelecer divisões no deposito".

"Os objétos mais perfeitos são as igaçábas, que foram enterradas com especial cuidado. A terra em redor delas é frequentemente composta de areia fina misturada com cacos, cinzas e carvão, mostrando que depois de colocada a igaçaba na cova, esta foi cheia com uma terra especial. Encontra-se, tambem, ás vezes areia fina e cacos dentro das igaçabas, misturados com os ossos. Ás vezes uma igaçaba bem ornamentada se acha colocada dentro de outra simples maior. Todas pareciam ter sido cobertas com uma tampa; mas esta geralmente é quebrada, caindo os fragmentos dentro da igaçaba, junto com a terra. Os ossos encontrados dentro das igaçabas são muito mal conservados, caindo em pó quando expostos ao ar e em alguns casos parecem ter desaparecido. Em diversos casos pude reconhecer pelos ossos que o esqueleto inteiro tinha sido enterrado, posto que as bocas das igaçabas que pude observar não sejam bastante largas para admitir um corpo humano coberto com as carnes, nem a igaçaba pudesse conte-lo. Parece, portanto, que o esqueleto foi sómente enterrado depois da decomposição das carnes. Ha tambem certeza de que alguns dos objetos pertencentes ao individuo foram enterrados com o corpo. Em dois casos achei dentro das igaçabas as chamadas *tangas* e em uma destas não se pode admitir que esta entrasse por acaso. A igaçaba tinha sido enterrada den-

tro de outra maior, e a tanga achava-se no espaço entre as duas. E' interessante notar que, neste caso, a igaçaba representa uma mulher. Em um ou dois outros casos achei dentro das igaçabas pequenas vasilhas ornamentadas, que pareciam ter servido para guardar tinta ou rapé. Os instrumentos de pedra são excessivamente raros. Não encontrei nenhum, mas tenho visto uns outros que, segundo consta, foram achados no Pacoval".

Na descripção que tambem fez do material extraido desse "mound", Hartt relaciona, por sua vez, tangas, cachimbo, quatro idolos, urnas antropomorfas, potes para agua, vasilhas em forma de pratos, todo esse espolio oferecendo grande variedade de tamanho, e ornamentação preciosa. Algumas vezes os objétos são guarnecidos de asas, e outras, simples. As peças têm ornatos no lado interno ou externo e, ás vezes, em ambos, apresentando sempre enfeites, em gravuras ou pintura, muito bem cuidados e reveladores de bom gosto. Deviam ser conservados, adianta Hartt, para o uso de mesa, para guardar comida, e não para cozinha-la. A maioria das peças tinha o feitio de tigelas europeias. Acrescenta essa descrição existir no Pacoval uma serie de maracás ou chocalhos, instrumentos intimamente ligados ao culto dos tupis, os quais eram feitos de uma cabaça contendo seixos, guarnecida de um cabo e adornada de penas. Os indios acreditavam que, quando era agitado o maracá, falava com eles um espirito. Seguramente o maracá era um idolo, pois logo adiante Hartt afirma que alguns dos idolos de Maracá e Taperinha são maracás.

A sra. Heloisa Torres, falando sobre o discutido Pacoval, descreve-o como pequena colina, contendo urnas e grande variedade de outros vasos, conservados desde nivel muito baixo. Os primeiros exploradores verificaram no ilhote que forma o "mound" uma depressão onde se encontrava louça, seguida de camadas elevadas, contendo abundante ceramica acumulada em camadas superpostas, sendo que os artefátos mais aperfeiçoados, a louça melhor trabalhada, aparece nas extratificações inferiores, o que assinála um periodo de regressão nas tribus que o edificaram.

Os oleiros mais adiantados de Marajó — sabe-se hoje — foram indios aruaks que, impelidos pelos caraibas, atravessaram a planicie Amazonica, perseguidos por aqueles ferozes inimigos, que os levaram ás Grandes Antilhas. Teodoro Sampaio explica que os artefátos do Pacoval devem ter sido confeccionados pelas tribus dos primitivos aruaks, sabido que quando o tupi-guarani chegou á margem esquerda do Amazonas já encontrou no norte o caraiba, que lhe impediu a passagem.

Verdadeiramente, em ordem cronologica, as primeiras explorações feitas no Pacoval foram as de Steere e Ferreira Pena, esta procedida em 1871. Ferreira Pena, nas excavações que então realizou, retirou um cachimbo de barro, vindo, a seguir, jarros, pratos, idolos bordados com preciosos desenhos, que mais se acentuavam á proporção que as pesquisas atingiam as camadas inferiores. Abundante foi a quantidade de maracás,

cheios de pedras que fazem o efeito que seu nome lhes dá. Sampaio chama a esses objétos de maracás simbolicos, de uso religioso. Pena localiza-os entre os poucos objétos ligados por esse povo ao seu totemismo incipiente. Os maracás revestem a configuração humana, mal trabalhada. Ao seu lado se reuniam igaçabas e outros vasos de desenhos preciosos dos quais falaremos mais a vagar, quando tivermos de nos ocupar da parte artistica, no capitulo referente á etnografia. Vale a pena registrar neste detalhe o aparecimento do primeiro exemplar da tanga, artefato de barro usado pelas mulheres.

Falando sobre a tanga, escreve a senhora Heloisa Torres: "Encontram-se nos cemiterios de Marajó umas peças triangulares, abaúladas e ricamente ornamentadas, cuja aplicação era problematica. Cada um dos angulos da peça é provido de um pequeno orificio. Deste, em direção ao vertice do angulo, parte um sulco, intencionalmente feito, e que devia servir de leito a um fio vindo do furo. Realmente a pintura de que é revestida a peça toda se encontra frequentes vezes estragada neste ponto, mostrando que ela havia sido de fáto usada e a sua pintura escoriada pelo fio. Acontecia que só se encontravam tais objetos em urnas antropomorfas femininas. A descoberta de um idolo feminino, portador de uma peça dessas, em Santarem, veio elucidar o caso. Tratava-se de tangas de ceramica usadas pelas mulheres, provavelmente em certas cerimonias".

Estas palavras foram pronunciadas e publicadas em 1929, em erudita conferencia realizada no salão nobre da Escola Nacional de Belas-Artes, pela ilustre patricia e, por elas, fica no espirito do leitor a impressão de que só recentemente, e pela descoberta do idolo de Santarem, a utilidade e aplicação da tanga se fizeram conhecidas. Entretanto, lendo Ladislau Neto, esse autor explica o uso e utilidade das tangas. Realmente, em seu estudo de arqueologia, consagrado á Exposição Antropologica Brasileira, realizada no Museu Nacional a 29 de Julho de 1882 e publicado no vol. VI, correspondente a 1881 e sómente divulgado em 1885, aquele arqueologo, tratando das citadas tangas, das quais apresenta a reprodução grafica de nove, assim as descreve, dando-lhes de pronto uma segura interpretação:

"As mais pobres tangas pertencentes ás mulheres mais obscuras da tribu, ás da plebe, em suma, são simplesmente pintadas de vermelho. As folhas de vinha das Evas obscuras da grande ilha não exigiam o mesmo cuidado empregado na modelação das outras. Faziam-se provavelmente sem medida nem modelo, com as desatenções do *à peu prés*, o que se reconhece pela falta de rigorosa simetria e mais ainda pela ausencia de relevo observado nas tangas aristocraticas. Estas ultimas são tão numerosas quanto ás primeiras e não hesito em menciona-las como os mais delicados artefátos deixados pelos *mound-builders* marajoenses. São placas triangulares curvilineas, ou melhor, são triangulos esfericos ligeira-

mente irregulares nas extremidades e no encurvamento, quanto necesario foi a se poderem adotar ao orgão a que eram destinadas. Em cada extremidade ha um orificio, pelo qual se depreende imediatamente o modo pelo qual eram atados esses adornos. Chamo-lhes adornos, porque eram, segundo penso, o unico objéto com que as morenas insulares procuravam velar sua nudez". E, acrescenta: "Seria, porem, a tanga um simples atavio de pudicia ou devemos atribuir-lhe alguma utilidade higienica ou a significação de algum rito?" "Que fosse pecular ao caráter de nubilidade, suponho-me de alguma sorte impedido de o afirmar, por haver encontrado um destes objétos com dimensões proprias da idade de 6 a 7 anos, sendo tambem possivel, entretanto, haver sido fabricado o pequeno especimen em questão como brinquedo de crianças. Ordinariamente essas tangas eram fabricadas com muito mais cuidado que os vasos mais ricos. A argila que lhes era destinada, depurada de quaisquer grãos de areia e muito mais cautelosamente preparada que a da louça, achatava-se até adquirir a espessura de 5 a 7 milimetros. Talhado o triangulo dava-se-lhe a concavidade necessaria, adelgaçando-se o precioso adorno gradualmente do centro para a periferia, por modo que tivessem as bordas metade e muitas vezes menos de metade da espessura do centro. A pintura fazia-se depois de seca a tanga inteiramente á sombra, como de resto era de costume praticar-se com os mais trabalhos ceramicos".

"Quanto á utilidade destes enfeites, bem possivel é que os trouxessem as mulheres de Marajó durante a menstruação e, neste caso não fôra muito de admirar que subsistissem nesta pratica a prescrição de um rito e ao mesmo tempo a necessidade de certas cautelas numa região infestada de dipteros tão importunos quão numerosos".

"Qualquer que fosse, porem, a causa determinativa do uso de semelhante adorno, é certo que lhe davam o mais alto apreço e um valor estimativo de custosa joia, que nessa conta e valia mui provavelmente suponho a tivessem. E na verdade, o que mais delicado se exibe na pintura da ceramica aborigene de Marajó mostra-o esta especie de graciosos artefátos, compendiando na sua superficie, em delicadissimas miniaturas, todas as decorações da louça mais perfeita da ilha.

"A tanga portanto não tinha, quanto a mim, a simples utilidade da compostura ou da preservação a que me referi precedentemente. Alguma nobre significação se lhe devia atribuir, significação que não podia deixar de ter suas correlatividades com a falolatria dos habitantes de Marajó, ponto unico da America onde vemos em simultaneidade o uso da tanga e a presença do falus, sobre tão grande variedade de fórmas exibidas". E, procurando ligar a tanga á idolatria americana, Ladislau pergunta: "que deve ser a tanga senão a imagem do divino triangulo hindú, do tres vezes sagrado yone, fonte e principio do proprio Lingam?"

E se ainda pudesse subsistir alguma duvida sobre o conhecimento que do uso das tangas tinham os arqueologos, desde seu encontro no Pacoval, a opinião de Hartt, que primeiro as estudou, seria definitiva. "Tomando em consideração a direção dos fios, escreve, a ornamentação delicada da superficie convexa, a forma e o tamanho dos objetos, não vejo que pudessem ter outro uso senão o de tangas de mulher". (*Nota sobre algumas tangas de barro cosido dos antigos indigenas da ilha de Marajó.* I vol. dos Arquivos do Museu Nacional — 1876). E, ainda, o testemunho de Ladislau Neto, em 1885: "Em todas as urnas em que se guardam ossos de mulher ha sempre a tanga", que reconhece ser um adorno pessoal; "pertencia exclusivamente á pessoa para a qual havia sido fabricada".

Outros achados não tivessem ocorrido no *mound* do Pacoval e o da tanga compensaria o interesse que, nos dominios da arqueologia, sua descoberta provocou. O fáto já observado das camadas mais altas do *mound* acusarem na sua louçaria uma depressão cultural, parece dar ganho de causa áqueles que afirmam terem sido mais adiantados os primeiros povos que o construiram.

Diz ainda a senhora H. A. Torres, que os indios encontrados em Marajó, pelos portugueses, eram de nivel cultural baixo, esquecendo, talvez, que tanto os tupis puros, localizados á margem esquerda do Amazonas, como os Aruak, pelos seus representantes marajouaras mais proximos de nós, os Aruan e os Neengaïba, já ofe-

reciam vestigios de adiantada cultura. Basta lembrar a obra realizada em pleno seculo XVII, lá em cima, pelo padre da Companhia de Jesus Samuel Fritz, entre os Omaguas, para se ter uma ideia do que eram esses tupis puros, como modelo de vida gregaria.

Aos aruan atribue Ferreira Pena a posse ou autoria do Pacoval. Se a hipotese do ilustre naturalista se confirma em referenca a essa tribu do tronco aruak, é licito filiar-se o traço de cultura, que na necrópole de Arari se testemunha, á civilização dos povos de Darien e America Central, ou mais diretamente aos da Florida e vale do Mississipi, por intermedio das Antilhas, diz Sampaio, mas ainda nada se pode afirmar nesse campo da antropologia.

Em 1871 Orville Derby explorou o Pacoval e entre o material recolhido trouxe um esqueleto humano, com as articulações perfeitas, encerrado em uma urna pequena. Apesar do bom estado da ossatura, nada foi possivel afirmar sobre o problema da raça ou do povo de que ele procedia, seguramente povo ou raça construtora do Pacoval, por isso que, só poderia ser ali enterrada uma pessoa da tribu, conhecido o habito que os indios mantinham de sacrificar os prisioneiros apanhados em combate. Os sucessivos achados do Pacoval têm trazido grande luz a esses estudos, já hoje podendo afirmar-se que os primeiros emigrados eram mais habeis, tinham melhor gosto artistico.

Sampaio explica a regressão ornamental da louça aí encontrada como sendo a resultante da sucessão feminina, e somos da mesma opinião. A mulher primitiva, de cujas mãos habeis ela saía, vinda de meio adiantado, não teve continuadoras condignas na mulher bárbara, colhida em guerra com tribus viznhas e incorporada como escrava. Seguramente, a essa operaria inhabil deve-se a regressão da louçaria, e nem se tenha por fantasiosa a hipótese, estabelecida como era a praxe do roubo de mulheres de uma para outra tribu em guerra. E' conhecido o episodio, rigorosamente historico, da queixa feita a Colombo, quando chegou ás Antilhas, pelos indios aruaks, que aí habitavam, contra seus ferozes inimigos, os caraibas, que, além de os perseguir, ameaçavam extermina-los por lhes tomar as mulheres.

Camutins e Santa Isabel

Pouco além do *mound* de Pacoval, depara-se o de Camutins, de onde tem sido retirado, gualmente, abundante material, representado em ossadas humanas enterradas em igaçabas quasi sempre femininas.

Derby foi dos primeiros a estudar os Camutins, na sua excursão de 1876. Descrevendo-os, refere que "cerca de oito leguas a O. S. O. da Fazenda Nacional Ararí existe o grupo de montes conhecidos pelo nome de Camutins. Os montes acham-se situados ás margens do

pequeno igarapé de Camutins que desemboca no rio Anajás, cerca de uma legua em linha réta abaixo do monte principal. O monte principal é de forma eliptica, tendo aproximadamente 210 metros de comprimento e 80 metros de largura, na base. A sua altura atual é de 13 metros acima do nivel do campo. Está coberto de mata, e no seu cume existe um belo laranjal. As encostas têm a inclinação de cerca de 200 metros e são suleadas por pequenos vales formados pelas chuvas. Estes vales se originam do alargamento produzido pela chuva nos buracos feitos nas excavações de igaçabas, que têm sido muito procuradas pelo povo da vizinhança. Formam canais em miniatura, que, quasi se encontrando dos dois lados, reduziram o cume do monte a uma zona estreita. Em cima do monte existe uma pequena choupana e no lado oposto do igaparé, uma fazenda de criação".

"Como no Pacoval, acrescenta, todo o monte é evidentemente de origem artificial, mostrando os pequenos vales louça até a base. Logo em frente, no lado oposto do igarapé, ha uma grande excavação de forma irregular, donde parece ter saido a terra deste e de outros montes".

E mais adiante:

"Meu informante mencionou doze montes na distancia de meia legua, todos na margem oriental do igarapé, excéto um. Quasi todos se acham na estreita zona de mata que margeia o igarapé, constando que ha dois no campo. Encontram-se ás vezes fragmentos de louça no campo, e na mata, no nivel ordinario. Em frente ao

monte maior de Camutins deparam-se fragmentos de potes grandes numa área pouco elevada, acima do nivel geral dos campos, e desligada dos grandes montes.

A louça encontrada no monte maior de Camutins é do mesmo caráter que a do Pacoval. Pelo que pude observar parece que as igaçabas são mais frequentemente pintadas do que gravadas, o contrario do que se observa no Pacoval. A forma predominante é grande, deprimida e globular, ao passo que, no Pacoval, as formas menores e subcilindricas e conicas são mais comuns".

Não estão situados sómente no Pacoval e nos Camutins os depositos arqueologicos de Marajó. A N. O. do lago Arari, na região dos campos da grande ilha, existe o *mound* de Santa Isabel, menos explorado que o primeiro, entre outros motivos por se acharem os artefátos soterrados em chão plano e nivelado, como toda a campina vizinha. Bem que lhe seja inferior, em extensão e quantidade de artefátos, é todavia, o unico que pode rivalizar com o Pacoval no genero e boa apresentação do material, na perfeição dos desenhos, no relevo e pintura dos vasos.

Ferreira Pena, que o visitou em 1873, descrevendo-o sucintamente diz ter reecontrado em Santa Isabel algumas *tinteiras*, "utensis indispensaveis aos pintores indigenas, todas elas ornadas de elegantes e delicados relevos, e uma contendo boa porção de argila em massa, muito fina, e de cor vermelha, conservando ainda muita humidade, devido provavelmente a algum suco vegetal que entrara em sua composição".

Com o estudo procedido sobre os ceramios de Marajó encerramos a parte descritiva dos *mound-buildings* brasileiros, porisso que, elementos que se enquadrem nessa classificação arqueologica só encontramos, no país, os depositos da ilha. Dentro do sentido que os americanos dão aos *mounds*, cemiterios de indigenas, edificados em camadas superpostas, de pedra e terra, ou sómente de um desse materiais, nos quais se encontrem restos humanos e o material em silex ou ceramica que essas tribus encerravam com seus mortos, não se pode incluir outros lugares onde existem vestigios da mesma natureza aqui deixados pelo homem primitivo. No Brasil sómente o Pacoval apresenta essa morfologia exáta porque, alem da sua composição aproximar-se da de certos *mound-buildings* americanos, iguala-se-lhes, tambem, na conformação exterior, onde talvez se descubra, como naqueles, a evidencia de uma ideia relgiosa. Ha entre os toltekas varios "mounds" revestindo a forma de animais, valendo lembrar o da Serpente e o do Elefante, entre esses povos considerado animais sagrados. O *mound* do Pacoval teria certa arquitetura simbolica em desenho com que Ladisláu Neto ilustra o trabalho que sobre o assunto publicou em 1885, no 6.° vol. dos "*Arquivos do Museu Nacional*".

Adotamos para esta classificação o vocabulo *mound* por nos parecer o mais consentaneo. Realmente, desde que o Rev. Harries, nos Estados Unidos, o utilizou em começo do seculo XIX, dando-lhe a significação que a ciencia lhe empresta presentemente, seu uso se tornou

habitual. De 1848 para cá, com os trabalhos de Squier e Davis, conseguiram-se elementos que explicam sua formação ali, querendo uns que os *mound-buildings* fossem construções edificadas pelos toltekas do planalto do Mexico, teoria defendida por aqueles, e mais J. T. Short e o Rev. Mc-Lean, enquanto outros vêm nos *mounds* o trabalho de uma raça totalmente desaparecida, muito mais avançada que a dos indios barbaros que desceram do norte e entraram em contacto com os toltekas impelindo este povo para o sul.

Grupamos na mesma categoria de *mounds*, muito embora lhe faltem varios detalhes caracteristicos, o de Camutins e o de Santa Izabel, cemiterios de indigenas e depositos de louçaria, por terem sido edificados evidentemente pelas mesmas tribus, *nu-aruak* ou aruan, o que se comprova pelo tipo morfologico de Camutins e pelo tipo da ceramica conservada num e noutro.

Capitulo VII

OS HIPOGÊOS

Deste tipo de construção funeraria, o ipogêo, em uso entre antigos povos da idade clássica, são conhecidos e estudados dois, localizados no norte do país, em plena região limitrofe, na Guiana Brasileira. Mas não se pense que o hipogêo aparece aqui revestido da mesma grandeza, trabalhado com a mesma linha arquitetural, que lhe dava tanta proeminencia, entre os antigos. Não, o ipogêo, no Brasil, toma este nome na ausencia de outro que possa dar uma idéa aproximada do tipo de ceramio funerario encontrado no Cunani. Mesmo ali, na unica região onde o situamos, ele aparece pouco. São apenas dois, o que mais precioso os torna, pela singularidade de cultura do povo que os construiu.

Os hipogêos de Cunani foram explorados pelo naturalista Emilio Augusto Goeldi em 1895 e, antes dele, sómente Coudreau os conheceu. Dirigindo o precioso

Museu do Pará, que hoje tem o seu nome, Goeldi promoveu duas excursões áquela região, com a intenção de estuda-los, alcançando pleno exito. A primeira, que é a que nos interessa, fe-la á Guiana Brasileira, situada entre o Oyapok e o Amazonas, penetrando a vasta extensão de terras entre o Cunani e o Cassiporé, nos meses de Outubro e Novembro, epoca dos campos enxugarem. Procedidos os reconhecimentos da zona, sua excursão se prolongou ao Amapá, chegando ás terras cobertas de lagos das varzeas vizinhas, nunca visitadas por outro naturalista, verdadeira "terra incognita", como o seu descobridor a chamou.

Foi no igarapé da Holanda, tributario da margem esquerda do rio Cunani, que se deparou a Goeldi o encontro notavel: num morro chamado Monte Curú, um pedaço de granito lavrado, do tipo dos marcos usados para divisão de terrenos, colocado em posição obliqua, atraiu a atenção da comitiva. Observado, facil foi descobrir que o marco tinha mesmo aquele fim: separava dois grandes discos de granito que, por sua vez, eram as tampas protetoras de duas cavernas de forma especial, onde certamente havia material a estudar. Da utilidade do achado, é o proprio naturalista que diz quando explica: "com a mais agradavel surpresa e bem compreensivel júbilo verificou-se serem estas cavernas repositorios intactos de rica, variada e, otimamente conservada, ceramica funeraria indigena".

Um dos companheiros de Goeldi nessa missão, justamente o encarregado do serviço arqueologico, Aureliano Pinto de Lima Guedes, publica no Vol. III das supracitadas "Memorias do Museu Goeldi", a seguinte descrição relativa á importante e valiosa descoberta:

"Na margem esquerda, a cerca de 400 metros acima da embocadura do igarapé da Holanda, que desagua na 5.ª cachoeira, junto á vila de Cunani, na margem esquerda do rio desse nome, encontra-se pequena colina chamada "Monte-Curú" na qual encontrei, ao cima desta, dois depositos de igaçabas muito particulares pela sua forma, cuja presença era indicada por um pedaço de granito em fórma de alongada piramide quadrangular truncada. A uns oito metros de cada lado deste marco, achava-se um disco de granito tendo 1m.50 de diametro e 14 centimetros de espessura. Removido a muito custo, este disco nos deixava ver um poço com cerca de 2 m. 1/2 de profundidade e, mais ou menos, 1,20 de diametro. Descendo ao poço vi do lado de O. um lugar cavado em forma de semicirculo com um raio mais ou menos de 0,90, tendo seu solo nivelado com o do poço e a sua abertura voltada para este. O této deste escavado tem a forma de uma esfera imperfeita, cujo zenit na parte interna desce regularmente até nivelar-se com o solo escavado. Emprego o termo escavado — porque realmente foi escavado pelos indios, ao contrário notar-se-ia sobre a abobada da terra que teria sido revolvida, ao passo que o corte neste poço

indica terra primitiva, que de modo algum foi revolvida. Neste escavado, que para mim representa o papel de mausoleu, é que estavam colocadas 8 igaçabas de diversas fórmas e tamanhos, notando-se duas a duas semelhantes. O lugar mais central era ocupado pelas maiores e as menores enchiam o resto do espaço. Essas igaçabas em sua totalidade continham fragmentos de ossos calcinados que, pela sua abundancia, suponho encerrava cada uma restos de mais de um individuo. Umas igaçabas tinham forma de alguidares com pequenos buracos praticados no fundo, outras tinham mais ou menos a forma de uma bandeja ornamentada nos quatro cantos, um tinha quasi a forma de um chapeu armado colocado sobre um pequeno cilindro, duas em forma de grandes esféras sobremontadas, de pescoço alongado e amplo. A mór parte delas tinha a forma de potes de grande bojo, com pescoço largo ornamentado com um desproporcionado rosto de indio. Do bojo partiam braços e pernas quasi em miniatura. De cada par, umas tinham orelhas furadas e seios, o que me faz supor que continham restos de pessoas do sexo feminino, outras não tinham seio nem orelhas furadas o que me leva a crer que encerravam restos de individuos do sexo masculino. Todas elas, exceção feita dos dois potes grandes, por cima de uma camada esbranquiçada de resina de jutaicica, eram ornamentadas com pinturas de diversas formas e gostos. Proximo ao local desses dois mausoleus, do outro lado da colina, existe um enorme massiço de granito".

A preferencia que damos a esse trabalho descritivo, ao em vez de transcrevermos as proprias palavras do naturalista chefe da missão, está amparada pelo dr. Goeldi que, logo no inicio do seu relato, abre aspas para deixar falar o auxiliar, reproduzindo a exposição feita por Aureliano Pinto Guedes. Outros naturalistas estiveram, mais tarde, no Cunani, mas em nada diferem as suas afirmações, no tocante ao mérito da descoberta, do que disseram Goeldi e o seu auxiliar. Como, entretanto, da maneira de escrever, de um e de outro, não fique perfeitamente clara a legitimidade da classificação — ipogêos — em que situamos esses achados, cedemos a palavra a Teodoro Sampaio que, ocupando-se por sua vez desse mesmo assunto, assim se expressa:

"No Cunani o naturalista Emilio Goeldi descobriu dois ipogêos. Excavados em forma de poço com alargamento em cama hemisferica e lateral ao nivel do fundo, esses ipogêos, testemunhados por marcos de pedra em forma de piramide quadrangular truncada e cobertos por discos da mesma pedra granitica de 1/2 metro de diametro e espessura de 14 cmts., encerravam urnas, pratos, vazos de varias fórmas, com a sua ornamentação abundante, ou em relevo, como na louça de Marajó, ou por meio de desenhos policromicos, de notavel efeito, pela vivacidade das côres e bem acabado das linhas. Ao progresso ceramico, que esses artêfatos, por si sós, significam, ha aqui, a mais a distinguir, a propria construção

do ipogêo, abrigo mais seguro para esses preciosos depositos de que o simples aterro dentro de um lago, como na metropole de Marajó. O construtor desse ipogêos certamente procede de gente mais culta, emigrada do norte, talvez reflexo da civilização pré-colombiana da America Central, ao que nós acrescentamos, não ser absurdo vêr nessas tribus remotas, atravez da sua ceramica e da perfeição dos seus tumulos, o remanescente dos diaguitas do planalto peruano e das montanhas argentinas".

CAPITULO VIII

MATERIAL SUSPEITO

Cidades abandonadas — Inscrições em lapas e rochedos.

Os ossos e esqueletos humanos, que em outros lugares são elementos essenciaes ao estudo da arqueologia, no Brasil perdem este valôr e se revelam suspeitos, porque sempre aparecem mutilados, em condições de não permitir uma perfeita reconstituição da ossatura humana. Dificil é realmente o estudo speleologico em nossa terra, atento ao costume de certas tribus indigenas ocultarem em cavernas as urnas funerarias, ou nela fazerem enterramentos. Este habito, verificado entre os indigenas da descoberta, continuou por algum tempo, e era-lhes anterior. Sabe-se que eles inumavam em cestas, em igaçábas, em inis, segundo as condições do local onde habitavam.

Para os arqueologos, a melhor contribuição, até hoje oferecida, deste material, é a calote craneana encontrada pelo geologo Barão de Capanema, na serra de Baturité, no, Ceará, devido, sobretudo, á sua extraordinaria semelhança com a calote de Neanderthal. As condições, porem, em que ela foi achada, não permitiram um estudo completo, perdendo-se um dos melhores elementos que poderiam explicar determinada incognita do nosso passado, como pensa Sampaio. Afóra a calote de Baturité os arqueologos defrontam-se com material semelhante, sujeito, porem, à interpretações duvidosas.

— Restos humanos encontrados e recolhidos pelo professor Hartt, na caverna das Mumias, ao sul de Minas Gerais;

— Ossadas encontradas pelo doutor Bleyer, em cavernas de Santa Catarina;

— Ossadas descobertas pelo naturalista Krone, nas grutas do Ipiranga, São Paulo;

— Ossadas encontradas nas cavernas do alto Uruguay.

Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto, entre outros, dedicaram-se ao estudo do nosso material antropologico, nessa decada de 1870 a 1880, na qual tanto se trabalhou á procura de um caminho exáto no intrincado da nossa pré-historia. Peixoto, estudando os botocudos, por exemplo, e procurando encadea-los ao homem da Lagoa Santa, concluiu que "a julgar por sua configuração grosseira, pela simplicidade das suturas, pela fronte tão fugidia e

pelo consideravel prognatismo, é ele inferior ao homem da Lagoa Santa. O seu representante atual, até novas investigações, será o bugre do Paraná. Foram seus antepassados pré-colombianos, comedores de moluscos, os construtores dos sambaquis. Pelos caracteres craneanos, eles se aproximam mais da raça dos sambaquis. Quanto aos indices nasal e orbitario, conservam o meio termo entre os dois tipos". (Rodrigues Peixoto -- Os botocudos, 1885).

Modernos estudos, feitos por antropologos do maior credito, filiam — e parece-me que definitivamante — o homem da Lagoa Santa aos Pericués, da Baixa California, aos Ona e Alacaluf, da Patagonia e, finalmente, aos Botocudo, Goianaz e Coropo, do Brasil (Cf. Vernau, Montandon, em "Les Origines de L'Humanité", "Les anciens Patagons", e "La Race, Les Races".

O ilustre antropologo Roquete-Pinto, está no grupo que restringe a antiguidade dos achados de Lund. Aliás, á altura em que chegaram estes conhecimentos, não é possivel ter hoje outro ponto de vista.

Cidades abandonadas

Outro material que se enquadra no titulo de suspeito é o referente ás chamadas *cidades abandonadas*. Elas são várias, e nenhuma existe. Apenas ao que se sabe, e em virtude de pesquisas procedidas, elas vivem na imagina-

ção de espiritos fantasiosos, ou de pessoas ignorantes que, em presença de fenomenos naturais, se espantam por não saber explica-los.

Vamos da-las, em lista sumariada:

a) — a do interior do Piaui, colocada ás vizinhanças da vila de Piracurúca, ao norte do Estado, e chamada pelo povo *Sete Cidades,* nome de uma ilha misteriosa do Atlantico pre-colombiano. Descreve-se essa pseudo-cidade como compreendida num recinto fortificado de mais de legua de circúito encerrando sete praças, diversos arruados, grandes paredes e pilastrões arruinados, figuras de pedra semelhantes a esfinges. Delas diz o eminente poligrafo Gustavo Barroso:

"Perto de Piracuruca, no Piauí, num ermo, afloram, por entre a rasteira vegetação do carrascal, inumeros rochedos de bizarras formas esculturados pelas erosões milenarias. Com certa dóse de imaginação o sertanejo nelas vê ruas alinhadas, arcos de triunfo, catedráis, estátuas e outras coisas urbanas. Estão agrupados em sete posições distintas e disso lhes veio o nome de Sete Cidades. Contam que ali jazem sete belissimas cidades encantadas por artes magicas em tempo remotissimo. O misterio daquelas rochas curiosas naquela região deserta e semiárida, as inscrições rupestres betadas de tinta vermelha, que semeiam as lajes, as formas arquiteturais que se perfilam no horisonte, quando a gente se aproxima do lugar, tudo isso contribuiu para a formação da lenda".

Assim, o que se evidencia da explanação do brilhante homem de letras é que as *Sete Cidades* são cidades, apenas, na lenda. A ciencia, avançando mais, explica que as supostas ruinas não são mais que o produto de erosão das rochas de quartzito, assumindo em mais de um ponto aspectos bizarros e pitorescos.

b) — a do interior da Baía, de que fala uma relação de 1753, de autor ignorado, mandada pesquisar pelo Instituto Historico e Geografico Brasileiro, naquele ano, pelo seu delegado na Baía, conego Benigno José de Carvalho e Cunha, que muito se preocupou com o assunto, objeto de artigos e referencias na imprensa do tempo. Falava-se, então, que essa cidade possuia ruinas de monumentos, muros com inscrições, pórticos, colunas, estátuas, figuras em relevo sobre os muros e casas abobadadas, etc. Recebendo a incumbencia da veneravel instituição, o conego Benigno poz-se em campo seguindo as indicações apontadas, nada vindo a encontrar afinal.

c) — a de Monte Alto, no logar chamado Riacho das Pontas, vertente do Rio Verde Grande, na Baía. No local indicado ha, num campo, extenso alinhamento de pedras de cerca de *metro* e meio de altura, fincadas equidistantes, desenvolvendo-se aproximadamente por um quilómetro, e não distante, sob uma esplanada rochosa, as ruinas de antigas e aparentes construções de pedra tosca, sem cabamento que possa dizer se elas são obras da natureza ou trabalho do homem. Em seu aspecto esse material revela ruinas de antigas construções em pedras toscas,

algumas de grandes dimensões. Uma série de pilares parece demarcar construções extintas e a fisionomia do local transmite a impressão de que em Monte Alto existiu, em remoto passado, uma cidade de que os cronistas não falam.

As origens dessas ruinas, ou pseudo-ruinas, se conservam, até o presente, ignoradas.

d) — a dos arredores de Castro, no interior do Paraná.

Inscrições em lapas e rochedos

Outro ponto obscuro e bastante desacreditado entre os materiais auxiliares da arqueologia brasileira, são as inscrições pitográficas.

Inscrições ou falsas inscrições, por toda parte se deparam, nos sertões do Nordeste, na planicie amazonica, nas montanhas do litoral, nas serras e grotas do interior, materiais que os homens procuram explicar, tentam em balde traduzir, sem que, até agora, haja aparecido uma unica decifração, capaz de lhes descobrir o pensamento e revelar a ideia.

Os litoglifos brasileiros, esgotantemente estudados por Alfredo de Carvalho em seu trabalho *Pré-historia Sul-americana,* publicado em Recife, em 1909, são de tres especies.

a) — gravados na superficie mais ou menos plana dos rochedos, em posições horizontais, verticais, inclinadas, representando figuras diversas, mas geralmente similares;

b) — pintados, idem, idem, variando de aspecto segundo a mão tôsca que os desenhou;

c) — pintados e gravados, simultaneamente, fórma em que são mais raros.

Existem eles por todos os recantos do paiz, especialmente do Nordeste á bacia do Amazonas. Quasi todos os sertanistas os conhecem, tendo sido Humboldt, quem, encontrando-os ao norte da grande bacia, em territorio estrangeiro, primeiro os considerou.

Dentro do país, propriamente, os litoglifos encontram-se, segundo enumera o mesmo autor, nos seguintes lugares:

— á margem esquerda do Amazonas e seus tributários Trombetas, Cuminá, Nhamundá, Urubu, Rio Negro, Japurá. Deles falam madame Coudreau, Wallace, Ladisláu, Stradelli, Hart, Koch-Grüenberg.

— á margem direita do Amazonas e seus tributarios Madeira, Tapajoz, Xingu, Anapú, Tocantins. Deles falam Keller-Leuzinger, Matheus Heath, Cunha Mattos, Gonçalves Tocantins, Barbosa Rodrigues, Castelnau, Segurado, Hartt, von den Steinen, Ehrenreich.

— no Maranhão, no Ceará, no Piauí, no Rio Grande do Norte, na Paraíba. Deles se ocuparam o autor do "Dialogo das Grandezas do Brasil", o padre Ives d'Evreux, o padre Francisco Corrêa Teles de Menezes, que ali viveu

de 1799 a 1806, Whitfield, Koster, Alencar Nogueira, Hierckmans, Aires de Casal, Retumba.

— em Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Baia. Deles dão noticia, Correia Teles, Sebastião de Vasconcelos Galvão, Martius, John Branner, Louis Lombard, Richard Burton, Phelippe Rey, e Felisbelo Freire.

— no Rio de Janeiro, em São Paulo, Goiaz, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio Grande do Sul. Deles falam Saint Hilaire, Cunha Matos, Jaime Reis, Domingos Jaguaribe, von den Steinen, Kunert, von Kozerits, von Ihering, Severiano da Fonseca, Max Schmidt, Vojtêch Fric e P. Fraeger.

Das tres zonas situadas fóra da Amazonia, essa é a mais pobre, apresentando sensivel diferença em relação á quantidade de inscrições perdidas pelo Nordeste e pelo norte do país.

Sobre as inscrições pairam as mesmas duvidas, senão decepções, existentes em relação ás ruinas de cidades de que nos ocupamos acima. Vários estudos e exames minuciosos têm sido feitos sobre o material dessa especie, resultando sempre tentativas vãs.

Vejamos as principais inscrições assinalaveis:

a) — a primeira não pode ser outra senão a da famosa lapa chamada de Pouso Alto, Paraíba do Sul, transmitida ao Instituto Historico e Geografico Brasileiro, que a confiou a Ladislau Neto, para que esse cientista a estudasse. Ladislau Neto traduziu-a reconhecendo nos sinais caracteres de hebreu antigo, causando essa descoberta, no

mundo cientifico europeu, uma forte repercussão e ocupando a atenção da imprensa nas grandes cidades. O *Journal des Débats* reivindicou a descoberta, localizando-a não no Brasil mas no Perú, e informando que a inscrição fôra encontrada numa pedra quebrada em quatro pedaços, no alto de uma coluna. Ao fim de longas pesquisas, de varias sociedades especializadas, a inscrição foi reduzida a nada pela autoridade de Renan, quando já se haviam passado dez anos de discussão sobre o assunto. No relato que, então, endereçou a Renan, dando conhecimento dos detalhes que o aparecimento e estudo da supracitada inscrição produzira, Ladislau procurou redimir-se da precipitação com que andara, escrevendo nessa famosa *"Lettre a Monsieur Ernest Renan à propos de l'Inscription phenicienne apocryphe sumise em* 1872 *à l'Institute Historique et Ethnopraphique du Brésil"*, publicada em 1885, o seguinte:

"Ah! permettez-moi de vous le dire, illustre et cher maitre, j'éprouvai à cet instant la même impression mélancholique et pour ainsi dire aigre-douce que l'on ressent lors que, mal éveillé encore, on voit fuir les derniéres images d'un songe délicieux et la pénombre du rêve faire place à la lumière du jour qui nous rapelle aux tristes réalités de la vie materielle:

L'inscription phénicienne de la Parahyba était une inscription apocryphe".

b) — os supostos ieroglifos dos rochedos da Gavea, aqui existentes, em pleno Rio de Janeiro. Esses sinaes sobre os quaes muita tinta tem sido gasta, tambem exami-

nados por uma comissão do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, constituida por Manoel de Araujo Porto Alegre e conego Januario da Cunha Barbosa, nada puderam revelar. Não oferecem nenhum indicio de linguagem e, na face da pedra em que tanto se distinguem, transmitem a impressão de evidentes nervuras graniticas.

São, evidentemente, trabalho de erosão, desgaste produzido na pedra, ação ou fenomeno de interesse restrito da geologia. Visto por geologos, em diferentes epocas, já hoje não é licito a nenhum espirito serio pôr em duvidas essa afirmação.

Todas essas inscrições, diz Sampaio, foram frustradas tentativas, sem resultado pratico para a ciencia á cata de monumentos que, no passado remoto, nos equiparem aos Aimarás e Chibchas do planalto andino, ou denunciem, nesta parte do novo continente, as pegádas dos fenicios ou uma projeção das velhas civilizações do vale do Nilo.

Koch Grüenberg, interessando-se pelas inscrições espalhadas pelas vastas regiões por onde andou, procurou escrupulosamente decifra-las, chegando à conclusão de que elas são o resultado do carater brincalhão do indio, simples gracêjo sem maior significação.

Teodoro Sampaio não julga desprovido de interesse certo material fornecido pelas inscrições, apesar das palavras poucos infensas a aceita-lo, com que antecede a sua relação. É assim que, em outra pagina do seu trabalho, depois de descrever os dois tipos mais freqüentes, escreve:

"Maior valor se lhes deve atribuir que a de simples *ludus homini*, produto sem significação, de méro passa-

tempo ou de recreação do selvagem ocioso. As inscrições lapidares de procedência indigena na America do Sul acodem a um sentimento religioso e, no Brasil, ás mais das vezes, têm um carater funerario acessorio das necropoles do gentio primitivo. Encontram-se nas penedias, nas encostas de serra, nos penedos isolados, nos rochedos á margem dos rios encachoeirados, e nos lugares e cavernas que serviram de cemiterio de indios".

Não satisfeito com perfilhar essas inscrições, que sempre nos pareceram suspeitissimas, Sampaio aceita outras, emprestando-lhes sentido ideografico, muito embora as cerque, como acontece a todas, o mais pesado misterio.

São as seguintes:

a) — a da serra do Anastacio, no sertão do Vasa Barris, copiada por von Martius, na qual se figuram circulos com traços retos, como que a representarem sóis, e outros sinais. Nas proximidades desta inscrição aquele naturalista encontrou fragmentos de louça de barro que deixam crêr ter havido no local um cemiterio indigena.

Em torno desses carctéres estabeleceram-se interpretações, havendo quem visionasse, nos mesmos, relato de fátos guerreiros, acontecimentos coletivos da tribu. Sampaio explica que os primitivos povos do Brasil não contavam os acontecimentos gerais, narravam, apenas, o fáto pessoal, o que ocorria com o individuo. Diz ele que o nosso indio não registrava feitos belicos de carater geral. Episódios memoráveis, para eles, eram os proprios, de cada um. Com estes se impressionavam, procurando tomar o nome do guerreiro que abatiam marcando, no

proprio corpo, com caractéres inapagaveis, o numero de escravos ou mortos que faziam em guerra.

b) — as que se atribuem aos indios maracás da Baía, encontradas no lugar denominado Casa de Pedra, vizinho da Fazenda de Santa Rosa, no vale do Paraguassú;

c) — da mesma tribu, as inscrições lapidares que se deparam no lugar *Serrote do pintor*, cabeço rochoso da Serra Grande, vizinho da fazenda Contendas, cerca de 20 quilometros ao sudoeste do arraial dos Milagres, no vale do Paraguassú.

Para esta inscrição, muito especialmente chama Sampaio a atenção, descrevendo-a como feita em desenhos de varias cores, desde alguns centimetros acima do solo até mais de oito metros de altura, em lugar só acessivel com aparelho de subir;

d) — as inscrições da região do medio Paraguassú, onde ha cavernas cobertas de sinais, que Sampaio atribue aos indios, muito embora existam varias contendo caracteres latinos e algarismos, que o mesmo autor atribue aos bandeirantes;

e) — a do Serrote da Loja, a léste da estação de Santa Rosa, no interior da Baía. E uma vasta massa granitica com a aparencia de enorme tartaruga, a cabeça estendida em atitude de movimento. Na *loja* ou lapa, multiplicam-se inscrições a tinta pelas paredes e em maior numero sobre o teto, alto de dois a tres metros, razo em cima o bastante para receber urnas funerárias. Neste mesmo *Serrote da Loja* encontra-se uma especie de idolo,

em que a cabeça e ombros são blocos graniticos da meia encosta, aproveitados intencionalmente, diz Sampaio.

Nessa região ha varios outros locais revelando inscrições e demonstrando terem servìdo de cemiterio de indios. Vale a pena, porem, acrescentamos, não esquecer que essa região foi palmilhada por sertanistas, bandeirantes dos seculos XVII e XVIII, e tudo leva a crer que esses grupos de batedores de sertão procurassem assinalar sua presença nos lugares por onde passavam.

Sampaio conclúe seu trabalho sobre inscrições divergindo de Koch Grüenberg, dizendo que "as inscrições não são o resultado de méro passatempo de selvagem em horas de ócio; em geral essas inscrições em cavernas e lapas, pelas paredes e tétos desses esconderijos, assinalam necrópole do selvagem e, muita vez, pela natureza do desenho, querem significar o nome do individuo morto na sua ultima morada". O notavel cientista vê nas inscrições do sertão baiano não só o registro do nome do indio como a sua descendencia, e acredita que tais inscrições estudadas com mais cuidado e mais metodo, podem revelar muita coisa interessante do passado e da filiação das diversas tribus deste país, e de suas relações de todo genero com os outros póvos primitivos do Continente.

Para robustecer a sua convicção nos elementos de uma escrita intencional, deixada pelos primeiros povoadores do Brasil, o saudoso americanista dá grande curso ás pedras, geralmente em fórma de mó, descritas pelo con-

selheiro Tristão de Alencar Araripe e encontradas nos sertões do Ceará.

Diz Sampaio:

"A semelhança do que se viu no Cunani, com os hipogêos — cobertos com grande mó de granito e testemunhado com lasca de pedra adrede plantada, se encontram por estes sertões pedras trabalhadas, que denotam fins identicos. Na Ribeira de Cariu, Ceará, achou-se uma pedra trabalhada em redor, em fórma de disco, no lugar Almas, e com carateres esculpidos na periferia. Tambem no Ceará, no logar Coronzó, rio de Inhamuns, depara-se uma lage redonda, como mó de ferreiro, do tamanho de uma roda de carro, cerca de 1/2 m. de diametro, suposta a outras irregulares e com sinais graficos em cima. Do mesmo feitio de uma mó achou-se outro disco rochoso na fazenda da Serra, do municipio de Icó, assinalada com figuras diversas, e já uma vez levantada e tombada pelos moradores, á cata de tezouros imaginarios. Tambem na serra do Pereiro, ainda no mesmo Estado, achou-se uma pedra grande e chata, redonda como roda de carro, com tres blocos superpostos, á maneira de tampa, e para um lado uma figura grande de barro cosido, ôca por dentro, com a forma de um tamanduá, quasi do tamanho de um cavalo, figura que os caçadores já destruiram á cata de algum cabedal. No Pirangui, tambem territorio cearense, achou-se uma pedra redonda achatada á maneira de uma mó, e pela face dela algumas letras ou riscos, e de junto sai-lhe uma carreira de marcos de pedra fincados, dos

quaes o ultimo ao correr dos outros, com a ponta inclinada para fóra".

Sampaio atribue essas pedras gravadas aos povos Gê. É possvel presumir, com ele, que os Gê, banidos da bacia amazonica, hajam descido pela costa á procura de passagem para o sertão, onde se instalaram longe do grupo invazor que os perseguia. Ahi viveram em diferentes latitudes e regiões, divididos em tribus das quaes ainda hoje se distinguem os representantes — que os europeus encontraram e o tempo e o trato dos civilizados não conseguiram totalmente extinguir.

Ás inscrições de Sampaio e Araripe vale a pena acrescentar aquelas que Ladislau Netto, antes de Sampaio, sumariou. Ladislau procurava em tudo, no menor detalhe oferecido pela natureza, conclusões que encadeassem os homens primitivos do Brasil á corrente que mais o seduzia, á das grandes migrações através de oceanos e continentes.

Viu inscrições por toda parte e, muito embora até hoje nada se tenha provado quanto á intenção verbal que ele lhes atribuia, vamos reproduzir aquelas de que dá noticia:

— Incrições encontradas por Karl von Kozerits, em lajedos do Rio Grande do Sul, tendo o pinheiro como principal elemento de composição;

— inscrições do rochedo Itamaracá, no rio Xingú, copiadas por um auxiliar de Ferreira Pena e remetidas ao Museu Nacional por esse escrupuloso naturalista;

— inscrições pintadas proximo a Montes Claros, Minas Gerais, e encontradas por Felicio dos Santos;

— inscrições nas escarpas orientais da serra do Bacamarte, na Paraíba;

— inscrições, finalmente, do interior do Ceará e do Maranhão.

Iinutil acrescentar que Ladislau jamais as recifrou. Elas existem, é bem verdade, perdidas pelo interior, gravadas no fundo de grotas, em abas de serra, em chapeirões. O que querem dizer, ninguem sabe e, como se nos afiguram confusas e inexplicaveis, a nós, que não as aceitamos com o carater que outros lhes atribuem, tambem aos seus mais acalorados entusiastas elas vão impressionando, sem nada lhes revelar. O interior do país está cheio delas. Brinquedo de indio, marcação de roteiro de sertanistas e bandeirantes, o que é certo é que elas se conservam cerradas, indecifraveis, ante a curiosidade do homem.

Grito de dôr ou de amargura, pedido de alimento ou de socorro, indicação de caminho ou de cemiterio, brinco inocente de criança ou ordem imperativa de mando, pedido de paz, reclamo de femea, angustia ou tortura, as inscrições são problemas à margem, são questões, quando muito, laterais, no programa de nossa arqueologia.

Não podem constituir uma questão principal, dentro da arqueologia brasileira, porisso que nenhum valor documental oferece essa pretensa escrita. Tal convicção têm-n'a muitos autores, estribados nas pesquisas de Richard Andrée e Garrick Mallery, citados por Alfredo de Carvalho, e de Koch-Grüenberg que, depois de estudar deta-

lhadamente o trabalho de Stradelli, no qual este aceita como escrita as inscrições, procedeu á revisão dos originais litoglifos em que o viajante italiano via a chave da escrita ideografica do indio, refutando-os, segundo ó autor da *Pre-historia Americana,* "mercê do exame direto de centenas de litoglifos, da convivência intima e demorada com os aborigenes vizinhos e de judicioso inquerito quanto aos processos normais de sua execução, e não derivados de méra contemplação de cópias fatalmente aprimoradas dos desenhos originais, da influência de descrição mais ou menos imaginosa de sua perfeição artistica, ou de seu prestimo subsidiario na revelação de outros enigmas arqueologicos".

A ardente imaginação de Stradelli, não logrou fazer-se acreditar, destruida pela propria inconsistencia do material por ele reunido em volumes, em contradição, aliás, com as conclusões a que chegara na sua primeira viagem, á vista das mesmas inscrições.

As inscrições rupestres do Brasil são iguais ás inscrições rupestres de toda parte: meros desenhos, figuras singelas, sinal de comunicação de um indio para outro indio. Não é possivel dar-lhes outra interpretação, porque elas não acusam nenhuma das fórmas da escrita. São apenas desenhos de uma inspiração e execução semelhante ao das creanças,

CAPITULO IX

CENTROS ARQUEOLOGICOS E SUA DISTRIBUIÇÃO NAS ZONAS GEOGRAFICAS DO PAÍS

Estudados os diversos elementos arqueológicos, tentemos um esboço capaz de prefixar-lhes em linhas certas um quadro de sistematização.

Entre os principais países deste continente, o nosso é o unico que não possue um mapa especializado.

Na Argentina, os trabalhos de Luis Maria Torre permitiram a organização de uma perfeita carta, no genero, que é atualmente estudada no sentido de sua ampliação em mapa arqueologico geral da America do Sul.

No Brasil pouco se tem feito, mas a nossa tentativa é um primeiro passo que outros deverão seguir. Aqui utilizamos, como modelo coordenador, documento subsidiario da bacia Amazonica, a carta organizada por Erlan Nordenskiold, professor da Universidade e director do Museu

de Gottenburgo, publicada na *Ars Americana, L'Archeologie du Bassin de L'Amazone* — Edição de G. van Oest, Paris — 1930, trabalho que, especialmente neste capitulo, muito nos auxiliou e da maior valia bibliografica, por ter sido o ultimo que o grande americanista produziu.

A começar pela ampla depressão ou bacia, vejamos os centros arqueologicos que, a nosso ver, prefixam e situam essa tentativa de classificação.

Estão eles localizados em quatro grandes regiões: a bacia Amazonica, compreendendo a parte mais opulenta, pela qualidade e quantidade dos depositos; a zona maranhense onde predomina o elemento palafita; a zona sul do litoral, onde se encontram as provincias sambaquianas da classificação de Ihering; a zona central, ou região do planalto, marcada pelos depositos famosos da Lagoa Santa.

Os centros arqueologicos principais a estudar, incluindo sambaquis, esteiarias, mounds, ipogêos, cavernas, etc., são os seguintes:

Na Bacia Amazonica:

1) — Cunaní
2) — Maracá
3) — Pacoval
4) — Camutins
5) — Sambaqui de Cachoeira, estudado por Mordini
6) — Sambaquis da foz do Tocatins e de Cametá (Baena e Noronha)

7) — Santa Izabel
8) — Tesos e mondongos de Marajó
9) — Caviana
10) — Santarem
11) — Taperinha
12) — Miracanguêra
13) — Rio Tefé
14) — Irapurá
15) — Cerro do Carmo
16) — Rio Içãna
17) — Anuiá Iuitéra
18) — Apicuns
19) — Tijolo
20) — São João
21, 22, 23, 24) — (Sambaquis extintos, estudados na costa de Salinas por Ferreira Pena)
25) — Pinheiro

Na zona maranhense

26) — Maiobinha
27) — Pindaí
28) — Ilha da Cueira
29) — Armindo
30) — Florante
31) — Lago Genipapo
32) — Lago Cajari
33) — Encantado

Na zona costeira do norte e centro

34) — Cunhaú
35) — Valença
36) — Guaratiba
37) — Piracão
38) — Cabo Frio
39) — Macaé
40) — Parati
41) — Saquarema
42) — Feital
43) — Cosmos

Na zona costeira do sul

44) — Santos e São Vicente
45) — Conceição de Itanhaem
46) — Iguape
47) — Cananéa
48) — Guaraqueçava
49) — Paranapaguá
50) — Paranaguá
51) — S. Francisco
52) — Imbituba
53) — Laguna
54) — Joinvile
55) — Sanhaçú
56) — Armação da Piedade

57) — Porto Belo
58) — Rio Tavares
59) — Rio Cachoeiro
60) — Canas Vieira
61) — Rio Baía
62) — Luiz Alves
63) — Carniça
64) — Cabeçuda
65) — Caputera
66) — Perrichil
67) — Ponta Rasa
68) — Mirim
69) — Ponta da Guaiuva
70) — Vila Nova
71) — Vila do Mirim
72) — Itabirubá
73) — Penha
74) — Rio Una
75) — Magalhães
76) — Porto do Rei
77) — Lage
78) — Itapirubá
79) — Sambaqui das Cabras
80) — Sambaqui a 1 quilometro ao sul de Tramandai
81) — Junto ao Capão do Quirino
82 a 98) — Sambaquis do Arroio do Sal (dezeseis)

99 a 102) — Sambaquis das proximidades de Torres (23) estudados por Roquette-Pinto, e Antonio Serrano

Na zona central

103) — Lagoa Santa

Estudados quanto os recursos atuais permitem, assim podemos sumariar o relato dos centros arqueologicos brasileiros:

CUNANI, descoberto pelo naturalista Coudreau em 1883, explorado e descrito detalhadamente em 1895, por Emilio Goeldi, urnas antromorfas guardadas em hipogêos. Hartt fala das urnas aí depositadas, dizendo que foram empregadas durante as idades da pedra e do bronze, na Europa, e por diversas tribus, na America. Informa que os estruscos e os egipcios tambem as utilizavam, assim como os antigos povos do Mexico e do Perú, o que muito de perto interessa aos nossos estudos.

MARACÁ, situados na Guiana, conhecidas desde 1879 — urnas funerarias em pequenas grotas naturais; nelas aparecem os primeiros tipos de hibridismo acentuado, de forma humana e animal.

PACOVAL, primeiro *mound-builder* explorado em Marajó. Do material extraído a peça que primeiro aflorou foi um cachimbo. O artefáto mais abundante, e precio-

so por não ser encontrado em outras paragens, é a tanga. Hartt foi quem primeiro estudou o seu material, reconhecendo na louçaria linhas classicas ornamentais, como as gregas e as aspirais da parte antiga, e assinalando-lhe, tambem, a preferencia revelada a favor da figura humana e de animais. Observou a ausencia de motivos ornamentais, inspirados nas plantas, nas flores, nas folhas e nos frutos, quasi nunca empregados nessa decorações. Na ceramica ainda distinguiu avultado numero de idolos, figurinhas de barro, de forma humana, assentadas, nariz salientes, mãos ás ilhargas, pernas em forte adução, acusando-se, em algumas, o sexo e, quando este é feminino, coberto pela tanga.

CAMUTINS, *mounds* situados em Marajó, pouco distante do Pacoval, contendo louça de igual qualidade, no genero das peças, e em seu preparo.

CAVIANA, ceramica diferente da de Marajó.

Esse material assinala a existencia da "estação litica", que aqui aparece com o nome mais apropriado á formação do ceramio.

SANTAREM, rico e desenvolvido teritorio onde igualmente os resquicios do homem primitivo são encontrados em lugares que lembram as referidas "estações" e fornecem a melhor ceramica recolhida fora de Marajó e Cunaní, toda ela trabalhada em estilo semelhante ao das peças chinesas antigas, sem pintura, mas de relevo muito aperfeiçoado.

Nimuendajú encontrou entre ela fragmentos pintados e alças de jarras representando cabeças de animais, parecendo não ser trabalho do mesmo povo que construiu os outros objetos. E' impossivel fixar sua epoca devido a estarem as peças quasi sempre quebradas e estragadas pela agua das enxurradas. Hartt encontrou igaçabas em TAPERINHA. A louça de Santarem apresenta a singularidade de ter sido trabalhada, ao que parece, por outros povos descidos ao Amazonas. Derby e Freitas encontraram, dessa louça, em 1876, muitos fragmentos identicos, em diversas localidades situadas no curso inferior do rio. No Trombetas esses achados tomam vulto notavel, pela sua quantidade e perfeição.

MIRACANGUÊRA reune numerosos tumulos, verdadeiros vestigios de "estações". Barbosa Rodrigues, em 1870, aí descobriu varias urnas funerarias com a forma de seres humanos e, nesta mesma região, entre o rio Madeira e Santarem, Nimuendajú encontrou peças bem trabalhadas.

Em arredores de MANÁOS, em antigos cemiterios dos Barés, o sr. J. d'Anthony reuniu importante coleção de vasos e potes quebrados, descritos por A. Métraux, não podendo toda esta louçaria, entretanto, dar uma idéia precisa do povo que a produziu, por falta de cronologia.

RIO TEFÉ — muito perto da embocadura desse rio o padre Tastevin recolheu numerosos vasos estudados por Métraux. Apesar de certas particularidades, eles demonstram semelhança com o material de Santarem e são uteis, no dizer daquele etnologo, ao estudo da influencia que essa região possa ter exercido na louçaria indigena.

A' margem direita do IRAPURÁ, Tastevin deparou-se com uma urna representando o rosto humano, contendo ossos em mau estado de conservação. Urnas funerarias simples foram tambem descobertas por Nimuendajú em *Cerro do Carmo, Rio Içana* e *Anuiá Iuitéra*, região do rio Uapés.

Deixamos de registrar outros encontros de Nimuendajú e Max Uhle, na planicie Amazonica, por já se situarem em territorios de países vizinhos, como as belissimas urnas funerarias encontradas numa barranca do rio Napo, que estão fora do Brasil.

Estudando a ceramica recolhida nesses depositos arqueologicos, Nordenskiöld assim resume seu pensamento: "En Amazonie, l'évolution de l'art céramique est soulignée par le passage du décor modéle (têtes d'homme ou d'animaux), des ligues entrelacées et des gravures en creux à l'ornamentation penitie. Je suppose que cette transition est due en grande partie à l'influence des Andes. Dans les iles les plus éloignées du continent comme Haiti et la Jamaique, on ne trouve — fait typique signalé par Lovén — aucune pièce dont l'ornamentation, peinte ait été faite avant la cuisson. L'immigration des Arowak en ces iles est anterieure à l'epoque oú ils eussent appris à cuire le peinture appliquée sur les poteries. Cette migration a du avoir lieu, comme le dit Lovén, en un temps ou la ceramique etait encore trés archaique". (Ars. Americana — pag. 34).

SAMBAQUIS — Um breve exame da louça dos sambaquis espalhados pelas diversas zonas geograficas, com

especialidade as do sul, põe em relevo a inferioridade desse material. Deles têm sido extraídas peças de louça grosseiras, sem pintura, como as que foram estudadas por Hartt. A não ser os sambaquis do norte, onde Raimundo Lopes pesquisou louça fina, a ceramica desses depositos é de má qualidade. De má qualidade, e escassa. Ha encontros de boas peças, é bem verdade, mas esses não chegam a combater a afirmação de que o oleiro desses tempos era um operario inferior.

Ao em vez de se distinguirem pela ceramica, os sambaquis se enriquecem com a contribuição lithica: machados, pedras de amolar, mós, cunhas, bailadeiras, pontas de flecha, zoolitos. Nessas peças aparece o granito, o quartzo, o diabase. São de diversos modelos: machados cuneiformes, semi-lunares, etc.

Vejamos alguns sambaquis: Os visitados por Ferreira Pena, em numero de sete, na região do Salgado, isto é, costa de Salinas, Marapaim, etc., em 1876, entre os quais:

Apicuns, ao pé de pequeno igarapé deste nome, á margem direita do Arapipó;

Tijolo, situado na pequena ilha do Furo, na confluencia do rio Inajá com o Pirabas; e

São João, em terra firme, á margem direita do igarapé Avindeua, proximo á juncção com o rio Pirabas, pela circunstancia desses depositos não terem fornecido contribuição especial, gastos pelos caieiros, como se achavam na epoca que Ferreira Pena os percorreu.

O mesmo ocorre com o sambaqui de *Pinheiro*, nos arredores de Belem.

Hartt encontrou sambaqui no interior do Amazonas, em *Taperinha,* pouco abaixo de Santarem, Charles Linden, em *Pinheiro,* suburbio algumas milhas ao norte de Belem, Mordini, arqueologo italiano, em *Cachoeira,* municipio central de Marajó, Baena e Noronha, no baixo *Tocantins.*

Deixando a Amazonia, os sambaquis da ilha do Maranhão vêm em primeiro lugar. Na varzea aluvial do Pindaré, no seu afluente Maracú, no lago e rio Cajary, aparecem nas esteiarias e sambaquis, estudados pelo sr. Raymundo Lopes, peças de ceramica quebrada em abundancia, que aquele autor, observando do ponto de vista artistico, aproxima da ceramica de Cunani. Os depositos dessa louçaria em cacos são:

Encantado
Maiobinha
Pindaí
Ilha da Cuieira
Lago do Caboclo
Lago do Genipapo
Lago Cajari
Florante, etc.

Esta louça é considerada, pela sua beleza, intermediaria entre a do Pacoval e a de Cunaní.

Após o Maranhão, os sambaquis do Rio de Janeiro e do Distrito Federal e, dentro do Distrito, aqueles que o autor reconhece como "estações", nos quais tem aparecido alguma ceramica inferior, igaçabas contendo ossos,

e uma ou outra peça de barro fino, como as que a senhora Heloisa Torres encontrou, de que falamos paginas atrás.

É pequena a contribuição desses depositos.

Os sambaquis da zona compreendida entre o nordeste e a Bahia, são considerados extintos, ou tendem a desaparecer.

Na mesma ordem decrescente os sambaquis de S. Paulo, da costa de Iguape, de S. Vicente, etc., explorados por Karl Rath, von Ihering, Löefgren, Benedito Calixto, entre outros. É de notar que nos sambaquis explorados por B. Calixto, em *Itanhaem,* proximo á serra de Paranapiacaba, na bacia formada pela confluencia dos rios Conceição, Preto, Branco e Aguapeu, nenhum material jazia.

O mesmo diga-se com os de *Santos, Iguape* e *Cananeia,* situados em pequenas ilhas ou lagamares. Já nos sambaquis do Paraná, Santa Catarina e São Paulo, a que se refere von Ihering, são encontrados machados polidos, mãos de pilão, poucos utensilios de ceramica, morteiros zoomorfos, etc.

Na provincia sul-brasileira por von Ihering criada para localizar os sambaquis do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro, e povoada por Guaranis e Gês, localiza esse naturalista além de machados polidos de tipo comum, outros com sulcos semi-lunares, circulares e subterminais e, na zona extrema meridional, machados com entalhes laterais. Ainda se deparam nos depositos dessa região, pontas de flecha, de pedra lascada, pontas polidas de arpão e virotes, bolas e discos perclusos servindo de pedra de funda, mãos de pilão, pedras de adorno, tembetás de

forma curta e larga, vasos de barro cozido, uns para uso domestico, outros, as igaçabas, para enterros de defuntos, e finalmente cachimbos de barro.

Vejamos, agora, a contribuição fornecida exclusivamente por Santa Catarina e estudada por Carlos Wiener, em 1875, de que nos fala em seus *Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil*, publicados em 1876, no I vol. dos Arquivos do Museu Nacional, e que abrangem os sambaquis de *Sanhaçú, Armação, Piedade, Porto Belo, Rio Tavares, Rio Cachoeiro, Canas Vieira, Rio Baú* e *Luiz Alves*, localizados na antiga provincia, e nos quais Wiener recolheu restos humanos, material litico, etc.

Na mesma região, modernamente, a paciente e exhaustiva pesquisa de Sylvio Fróes Abreu explorou vinte e dois sambaquis e "estações", recolhendo tambem de quasi todos material que, senão abundante, por se acharem muitos depositos transformados em caieiras, mesmo assim, puderam levar ao seu espirito a convicção de serem, em sua maioria, constituidos pelo mão do homem, e os outros, de origem mista ou mesmo de exhaustiva formação artificial, apresentarem elementos arqueologicos suficientes á sua inclusão aqui. Entre os sambaquis e "estações" visitadas por Silvio Abreu, contam-se: *Carniça, Cabeçuda, Caputera, Perrichil, Ponta Rasa, Mirim, Ponta da Guaiuva,* (não explorados, mas observados por Silvio Abreu), *Vila Nova* (2), *Vila do Mirim, Itabirubá, Penha, Rio Una, Imbituba, Lage, Itapirubá.* Da importancia desses depositos é o proprio autor que fala. "Os indicios do homem primitivo são ali numerosos, significativos e varia-

dos. Numerosos, pois numa rapida vilegiatura nos foi dado visitar dezenove sambaquis e tres "estações" pré-historicas; significativos, pois são abundantes os artefatos, em tudo semelhantes aos de outras estações, bem como são frequentes os achados de esqueletos de homens fossilizados; variados, porque se encontram ao lado do classico sambaqui, em forma de monte, os indicios de trabalho humano nas pedras e os sitios onde acamparam outrora tribus indigenas".

Ainda se incluem aqui os sambaquis explorados pelo diretor do Museu Nacional, Roquete-Pinto, no Rio Grande do Sul, dos quais foram extraidos alguns materiais.

Estão eles entre Cidreira e Vila das Torres. São o *Sambaqui das Cabras,* na vizinhança da lagoa D. Antonia, a cerca de 2 1/2 leguas ao sul de Tramandai; outro a cerca de 1 quilometro para o sul; outro junto ao Capão do Quirino, dezesseis perto do Arroio do Sal. Ainda ha os quatro de Torres, todos de grandes dimensões, sendo um ao chegar á vila de S. Domingos e os outros tres proximo de Mampituba.

A zona chamada do Nordeste, isto é, toda a faixa litoranea sub-tropical, que se estende do norte da Baía até a embocadura do Parnaíba, nas proximidades do Maranhão, é pobre de centros arqueologicos, apesar de toda ela ter sido habitada, de velha data, por antigas e variadas nações indigenas.

Essa solução de continuidade bem pode ser explicada aqui pela influencia do clima que, sujeitando a zona a prolongadas estiagens, impediria os longos estacionamen-

tos em suas praias e varzeas calcinadas, tornando instavel a fixação dos seus primitivos povoadores.

Tambem as lutas ocorridas depois da conquista, entre os portugueses e as diversas tribus da região, entre essas entre si e, ainda, entre portugueses e holandeses, e portugueses e francezes, que se disputavam o dominio da região, intressando, em suas lutas armadas, as familias indigenas, podem ser outro fator altamente apreciavel a explicar a anomalia que se nota nesse setor do litoral.

Recapitulando, agora, o que se descreveu sobre o material encontrado nos centros arqueologicos, pode-se dizer:

Em pedra, propriamente, os melhores achados da Amazonia são as nefrites trabalhadas, isto é, os muiraquitans, gravados em forma de animal ou de homem, aos quais geralmente os indigenas emprestavam certa interpretação simbolica. Eram os deuses, eram os Totens, a que se apegava, em seus misticismos naturistas, essa população primitiva. A outra reminiscencia, ou a outra contribuição que a pedra deixou entre os indigenas da planicie, revelada recentemente por Vernau e Paul Rivet, é a clava, a hacha extraída da rocha, e que, precisamente porque a pedra escasseia na vasta imensidão por onde o Amazonas e os seus grandes tributarios derramam suas aguas, constituiu ativo comercio de trocas entre os povos da bacia (economia naturista, dos alemães).

As ideias e invenções, no dominio da ceramica, propagavam-se pelas migrações e pelas trocas.

No territorio que se estende entre os Andes e os vales vizinhos da planicie, a economia naturista possibilitou de muito a penetração das civilizações. As tribus que residiam nas proximidades da montanha recolheram variados elementos dos povos de cima do planalto. A infiltração ocidental é neles muito evidente e, graças á sua contribuição, os povos que habitavam propriamente a planicie puderam levar a grandes distancia o reflexo da sua cultura superior.

Na Amazonia, propriamente, acentua-se a evolução da ceramica na passagem ao modelo — cabeça de homens e de animais — com linhas entrelaçadas, pintadas ou gravadas no barro, e essa modificação pode ser atribuida á influencia andina.

Em Santarém já é dificil demonstrar a mesma influencia, registrando-se, pelo contrario, fortes analogias entre a ceramica de Santarém e a dos povos do istmo da America Central.

Pensa Nordenskiöld que a influencia centro-americana deve ser contemporanea da que irradiou do Perú e dela emana a ideia dos vasos de tres pés e de outros tipos de potes encontrados em Santarém e Maracá.

Mas não se julgue que os povos amazonicos fossem pobres de originalidade, pois essa ressalta, imediatamente, estudando-se melhor a sua louçaria.

O autor de "Ars Americana", por exemplo, assim o observa: "Une invention curieuse, speciale au bassin de l'Amazone et aux contrée limitrophes, consiste à munir la poterie d'un bor creux, dans lequel on introduit de

petites billes, de façon à ce que l'objet puisse servir de sonnaile", acrescentando que a fabricação desses potes deve ter exigido, sem nenhuma duvida, uma grande habilidade manual. Tambem é sabido que nesse campo propriamente tecnico, de composição ou fabricação de objeto, a louça da Amazonia leva vantagens sobre as outras pelas suas qualidades de perfeição no acabamento, como serve de exemplo a louça vidrada e a resistencia ou solidez do barro.

Concluindo essa observação sobre ceramica amazonica, ha um fáto a registrar, para o qual ainda não se encontrou explicação suficiente: a difusão de estilos, entre regiões muito distantes, como ocorre, a exemplo, com os potes ou taças de cabeça de passaro encontradas proximo do rio Paraná e no rio Tapajoz, na ilha da Trindade e nas vizinhanças do rio Oyapock, na Guiana Brasileira. Dos estudos procedidos, das excavações realizadas nos variados centros arqueologicos, com a contribuição dos cronistas, é possivel concordar com Nordenskiöld quando descreve: "La lecture des enciennes descriptions de voyage et l'étude des trouvailles archeologique faite en Amazonie ne permettent pas de croire que la civilisation indienne em cette contrée ait jamais atteint un dégré supérieure à celui auquel elle était pervenue, lors du voyage effectué en 1541 par Orellana, le premier Européen qui descendit le fleuve. Quita-t-il jamais un culture amazonienne supérieure à celle dont parlent les premiers récits de voyage? Rien ne nous permet, à l'heure actuelle, de le supposer".

PARTE III

Elementos etnograficos e antropologicos necessarios á compreensão da arqueologia brasileira

PRIMEIRO CAPITULO
O indio da descoberta e seus caminhos historicos.

SEGUNDO CAPITULO
Classificação etnografica

TERCEIRO CAPITULO
Localização dos povos tupi

QUARTO CAPITULO
Os Guarani e os Tabajara

QUINTO CAPITULO
Tribus Tupi -Guarani situadas fora do Brasil e Centro de irradiação da raça Tupi.

SEXTO CAPITULO
Povos coexistentes com os Tupi

SETIMO CAPITULO
Grupos pouco estudados

OITAVO CAPITULO
Observações referentes aos tipos antropologicos.

CAPITULO I

O INDIO DA DESCOBERTA E SEUS CAMINHOS HISTORICOS

Se ainda hoje, diz von Ihering, o numero de tribus indigenas, diferentes em lingua e costumes, no Brasil, é bastante elevado, muito maior deve ter sido a diversidade entre esses elementos, na epoca da descoberta. "Acresce, terem em geral coexistido, na mesma região, tribus pertencentes a diversos grupos antropologicos, o que dificulta, sobremaneira, o estudo da arqueologia e estabelece a necessidade de conhecer-se um pouco do viver das tribus historicas, isto é, das tribus encontradas na éra de quinhentos, conservadas ou desaparecidas mais tarde".

O certo é que o povo que a frota de Cabral veio encontrar na terra da America despertou no espirito do europeu uma viva surpresa, produzida pela verificação da nudez, pela novidade da côr, pela dissemelhança dos traços raciais, etc. etc. Quem eram aqueles homens? E aquela

terra? India ou Costa d'Africa? Os oficiais já encanecidos em outras viagens, chamados a reconhece-los, diz Capistrano, os herois de anteriores e arrojadas travessias, os Bartolomeu Dias, os Nicolau Coelho, consultados pelo capitão-mór da armada, nada souberam explicar. Afirmavam que indios e negros não eram, muito embora pela alcunha de indios esses povos passassem a responder. Quem a deu, e o motivo por que o fez, não se averigou, ao certo, mas a verdade é que por indios foram tratados, como indios encaminhados á Europa, e ainda como indios vieram a interessar os cronistas. Se grande foi a surpreza que a todos acometeu no primeiro momento, não se tornou menor nos seculos que se seguiram. É que o português vinha á terra de sua descoberta exercer apenas o trafico, não se afeiçoando ao povo que aqui, antes dele chegar, vivia. Foi o jesuita, foram os padres da Companhia de Jesus, os que primeiro viram no habitante da nova região uma criatura humana em condições de interessar a outros homens. As cronicas de então são o documentario mais precioso existente da vida indigena, completadas com um ou outro relato dos primeiros viajantes, que por essas bandas chegaram. Mas uns e outros, Anchieta, Nobrega, Cardim, Fritz, Hans Städen, Jean de Léry, Gandavo, se muito puderam observar, nem tudo souberam descrever. E só com o tempo, com o avanço e desenvolvimento das viagens, com as conquistas das ciencias sociais e das ciencias naturais, com a creação da geografia humana, se tornou possivel explicar, numa tentativa que ainda vive

no dominio das hipoteses, a origem das raças que habitavam o Brasil. Trinta anos foram precisos para que os europeus percorressem a vasta extensão do litoral e o seculo XVI se esgotou sem que os descobridores avançassem alguma coisa em direção das terras centrais. Só em 1614 se iniciou a exploração do interior, feito que veio precipitar de certo modo o conhecimento das tribus que palmilhavam em estado de selvageria as regiões do Brasil central. Os primeiros cronistas, aprendendo a lingua estranha, estabeleceram entendimento com os indios da costa, Tupis-guaranis e, por esses, vieram a saber da existencia de outras gentes, errantes pelo interior, que aqueles chamavam Tapuias. Tapuias eram para os Tupis todos os seus inimigos, todos os povos estranhos e de sua côr cuja lingua não entendiam.

No momento que marca a chegada dos navegadores portugueses ao litoral, dominavam a costa, em marcha ascendente, os Tupis-guaranis, que haviam impelido as tribus inimigas para a parte central do continente. Os povos do tronco Tupi, falando uma mesma lingua, impunham seu comando, sem solução de continuidade, por toda a extensa região da costa, que se prolonga do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, e adotavam diversos nomes de acordo com as condições locais. Eram, assim, *Potiguaras, Tupiniquins, Tabajaras, Cahetés, Tupinambas, Tupinaens, Terminimós, Tamoios, Carijós* e *Tapes.* E entre eles destacavam-se pelo seu espirito destemeroso e seu ardor belico, os *Tupinambás,* os *Tupiniquins,*

e os *Carijós*. Havia, assim, *Tupis*, na costa, *Guaranis*, no sul, *Tapuias*, no centro, qual deles mais arisco e extravagante em seus costumes e em seu falar. Todos, entretanto, se confundiam aos olhos dos europeus, que apenas viam neles homens de côr bronzeada, de vida errante, e habitos temiveis. Nada ou pouco entendiam da sua lingua. E a maneira de explica-los não os interessou a principio, porque a tanto não lhes chegavam a curiosidade e o engenho.

Capitulo II

CLASSIFICAÇÃO ETNOGRAFICA

Rodolfo Garcia, estudando com um zelo beneditino esse assunto, explica que, antes dos trabalhos realizados por von den Steinen e Ehrenreich, reinava a maior confusão no campo desses conhecimentos, aqui. Na mesma região, ás vezes, não se distinguia uma de outra tribu, e essa confusão era acrescida pelas designações estranhas e curiosas que recaiam sobre as mesmas familias, dadas de umas para outras, sendo essa balburdia aumentada pelos nomes aplicados apressadamente a muitas delas, por observadores ou viajantes inescrupulosos. Com von Martius começou a melhorar esse estado de coisas, mas o grande naturalista, preocupado com outros assuntos, tambem altamente valiosos, não teve tempo de sanear esse campo, imprescindivel á exata compreensão do problema das tribus brasileiras. Ainda hoje muitas dessas tribus, no Brasil encontradas pelo colonizador europeu, continuam a responder por designações fautivas, muito embora o trabalho

realizado no sentido de corrigi-las. A insistencia com que antigas designações erroneas se tem perpetuado em muitos casos ha prejudicado o metodo de sistematização desses povos, resultando, a miude, a simultaneidade de nomes para um determinado grupo ou familia, o que não deixa de estabelecer incertezas, tornando mais facil a compreensão de um assunto que, sem esses inconvenientes, seria de facil e intuitiva interpretação.

Dando grande desenvolvimento a esses estudos, Ehrenreich, segundo Garcia, recomenda muita precaução no emprego dos carateres corporais, que só admite quando coincidem tipos antropologicos determinados com grupos linguisticos conexos e afinidades de sangue. Aliás, muitas tribus apresentam, apesar da identidade linguistica, as mais evidentes variedades somaticas.

Os elementos para a moderna classificação etnografica das tribus brasileiras, dentro da escola alemã, se podemos chamar assim ao corpo de doutrina organizado pelos alemães, são a fixação exata da estrutura gramatical, com seu estudo comparado e, quando falhem materiais dessa natureza, o estudo tambem comparativo dos vocabularios. Como elemento de grande relevancia nesse plano entra, segundo reconhece von den Steinen, a fixação dos nomes relativos ao corpo humano, conservados geralmente pelas diferentes tribus, o que permite a fixação dos prefixos prenominais. Entram igualmente neste quadro, e com uma indiscutivel importancia, os nomes utilizados para significar os diferentes graus de parentesco,

bem como os fenomenos naturais. Da complicação e estudo dessa contribuição idiomatica, resulta o apuramento de afinidades por ventura existentes. Faz-se a analise da evolução operada na lingua, compreendendo o inicio e a dispersão dos grupos primitivos, e a reconstituição, tanto ou quanto aproximada, do linguajar iniciado.

Dá-se aqui maior desenvolvimento ao estudo da lingua e do povo Tupi em consequencia de recairem sobre ele os informes mais antigos, os vocabularios iniciais, as primeiras gramaticas dos jesuitas e outros missionarios vindos do seculo XVI por diante ao Brasil.

Os Tupis são historicamente o povo mais importante, e á sua lingua inicial, chamou-se *Abaneênga* ou Tupi-antigo por oposição a *Neêngatú* ou Tupi-moderno. O Abaneênga do sul ou Guarani, foi a lingua dos Paraguaios e dos Correntinos, enquanto o Abaneênga do Norte se tornou a lingua dos jesuitas e por muito tempo foi conhecida como lingua-geral. Atualmente essa designação é dada ao Neêngatu ou Tupi-moderno, que predominou sobre as outras. A primeira gramatica Tupi foi escrita pelo padre Anchieta, que a compôs em Tupi-antigo. Outros padres da mesma epoca redigiram catecismos e canticos ou exortações religiosas na mesma lingua, para facilidade da catequese. No idioma falado na região meridional — Guarani ou Abaneênga do Sul — Montoya e Restivo escreveram valiosos documentos linguisticos, indispensaveis á consulta de quem procure entrar em conhecimento com o velho linguajar desses indios.

A primeira tentativa de classificação das raças sul-americanas foi realizada pelo naturalista francês Alcides D'Orbigny que, em sua viagem á America do Sul, grupou os povos desta parte do novo mundo em tres tipos gereaes: Raça ando-peruana; Raça pampeana; Raça brasileo-guarani.

A rigor, porem, a primeira classificação da familia indigena brasileira é a de von Martius, que apresenta um quadro completo das populações primitivas, no qual, pela primeira vez, são estudadas as tribus chamadas tapuias pelos primeiros cronistas, entre elas distinguindo-se os Gês como grupo independente.

É esta a sua classificação:

I — Tupis ou Guaranis.
II — Gês ou Crans.
III — Guck ou Coco.
IV — Crens ou Guerens.
V — Parecis ou Perugis.
VI — Goitacás.
VII — Aruak ou Aroaquiz.
VIII — Lengoas ou Guaicurús.
IX — Indios em transição para a cultura e a lingua portuguesa.

É, porém, de von den Steinen, seguido de Ehrenreich, a grande contribuição neste sentido. Numa e noutra das suas viagens modificaram o quadro de von Martius, alte-

raram seu agrupamento de tribus, definiram com segurança elementos ainda não sistematizados no esquema racial brasileiro. Von den Steinen, penetrando o sertão com essa exclusiva finalidade, pôde dispor de vagares para o estudo de material que Martius não compulsara. Na alta Amazonia encontrou tribus vivendo no regime virginal primitivo, sem acusar nenhum contacto com o branco, no mesmo estado de pureza deparado pelos europeus, na era das descobertas. Tendo-se-lhe aberto a oportunidade de aprofundar a questão dos idiomas, falado de um modo geral pelos indios, von den Steinen pôde construir o seu sistema, baseado nos fatos seguintes, conforme Garcia:

a) — os povos Caraibas e Tupis devem ser inteiramente separados, por imperativos etnograficos e linguisticos;

b) — procedem originariamente de Mato Grosso as legitimas tribus Caraibas, de onde avançaram gradualmente do Sul para o Norte até as Guianas; a tribu dos Baicaris, encontrada nas cabeceiras do Xingú, são os representantes mais puros dessa importantissima familia;

c) — a familia Guck da classificação de Martius é insustentavel por isso que contem elementos absolutamente heterogeneos, sendo algumas tribus francamente Caraibas, ao passo que a maioria deve participar de um novo tronco étnico chamado por Gilii e por Lucien Adam, *Maipure*, e para o qual von den Steinen propôs a denominação de Nu-Aruak, justificada, de um lado, pelo ca-

rateristico sufixo pronominal *nu*, e de outro, por ser a lingua Aruak a primeira conhecida do grupo.

Sinopse do sistema de von den Steinen:

I — Tupis.
II — Gês.
III — Caraibas.
IV — Nu-Aruaks ou Maipure.
V — Goitacá (Waitaka).
VI — Panos.
VII — Miranhas.
VIII — Guaicurus (Waikuru).

Vinte anos após, Ehrenreich visitou novamente, o interior do Brasil, internando-se pelos altos sertões, em diversas direcções, na colheita de material etnografico.

Com um estudo mais detalhado que o anterior, realizado por Karl von den Steinen, Ehrenreich logrou modificar, com elementos que lhe foi dado reunir, o quadro de classificação da familia ameraba.

Neste valioso trabalho, publicado em 1904, o sabio alemão distingue tres provincias étnograficas na America do Sul. A primeira reune os povos do Brasil, Venezuela, Guiana, Antilhas, estendendo-se para o sul até o Paraguai. Nessa primeira provincia, situam-se os indios das planicies fluviais da Colombia, Bolivia e Perú, os Tupi-Guaranis e suas multiplas variedades; os Aruaks das Antilhas, Guianas, Venezuela e da bacia Amazonica, espalhados entre as

tribus Tupis até a foz do Amazonas de um lado, e até Môxos e Mato-Grossó de outro; Caraibas, dispostos esporadicamente desde a bacia do Orenoco até o rio Xingú. A segunda e a terceira zona etnica compreendendo os indios do Chaco, da Argentina, do Chile, e os povos andinos.

A classificação de Ehrenreich não inclue outras familias importantes existentes no país, familias que, naquela epoca, ainda não tinham sido estudadas e que vieram a ser posteriormente visitadas, entre outros, pelos franceses Crequi-Montfort e Paul Rivet e pelo alemão Koch-Gruenberg. O nosso Capistrano de Abreu inclue-se entre os estudiosos desse grupo.

Completando o quadro excessivamente reduzido de Ehrenreich, Rodolfo Garcia adiciona-lhe os povos Gês, que o autor germanico, por não estarem estudados ou bem conhecidos, deixou de incluir em sua classificação. Com a junção dos Gês, feita por Garcia tambem em atenção á importancia historica dessa familia e á área consideravel ocupada por ela dentro do nosso país, fica restabelecido o quadro das quatro grandes classificações anteriores:

I — Tupis-Guaranis.
II — Aruaks.
III — Caraibas.
IV — Gês.

Ainda aconselha aquele etnologo, para exato conhecimento das tribus brasileiras, a formação de um quadro

lateral com as seguintes tribus, perfeitamente estudadas e que não pertencem a nenhuma das supra-citadas familias:

I — Cariris ou Kiriris.
II — Pano.
III — Goitacás.
IV — Guaicurús.

Alem desses povos, já bastante conhecidos em sua estrutura idiomatica, será preciso tomar em consideração os seguintes, ainda no periodo de observação e de estudo, mas perfeitamente identificados, em suas linhas gerais: Borôros, Carajás, Trumaïs; Nhambiquaras e outros indios da Serra do Norte, estudados por Rondon e Roquete Pinto; Betóias ou Tucanos; Pebas; Cachuapanas; Catuquinas e Macús. São, em geral, tribus alofilas, que devêm ou podem ter ligações com outros povos do Brasil ou dos paizes vizinhos, mas sobre as quais os estudos ainda não adiantaram o suficiente para justificar sua sistematização com caracteristico proprio, dentro de um quadro geral das familias indigenas brasileiras.

CAPITULO III

LOCALIZAÇÃO DOS POVOS TUPIS

Na orla litoreana — Na bacia amazonica.

Os *Tupi* ocupavam, de norte a sul e de leste a oeste, uma zona consideravel, mais de quatro mil kilometros, numa equivalencia aproximada com o territorio brasileiro.

Modernamente, os povos *Tupi*, mais detalhadamente conhecidos, foram grupados por varios etnologos, entre os quais von den Steinen e Ehrenreich, já citados, e mais Brinton, Raoul de la Graserie, Koch-Gruenberg, Beuchat, Rivet, Crequï-Monfort, Schüller, e outros, que estudaram e seriaram as diversas familias, observando sua área de expansão geografica, que é quasi tão consideravel como a dos *Aruak*, maior que a dos Gê, inferior á dos *Caribas*.

Sua distribuição pelo litoral e regiões do interior obedece rigorosamente á seguinte colocação:

Na orla litoreana

Na zona compreendida entre o rio Parnaíba e o rio Pará, fixam-se os *Tupinambá.* Povo valente e feroz, hostilizaram sempre os colonizadores e, aliados dos franceses, quando estes perderam o dominio sobre a França Antartica, preferiram abandonar suas terras e rumar os altos rios da Amazonia, a ficar sob um jugo que os molestava. Claude d'Aubbeville refere-se á localização dessa tribu na baixada lacustre do Maranhão, isto é, no Pindaré, no Mearim, no Itapicurú. Ha quem conteste, quanto ao Pindaré e ao Mearim, dizendo que ahi se firmavam os *Tabajara.* Metraux acrescenta-lhes os indigenas da ilha do Bananal, cujos moradores atuaes são os Javaé ou Carajá.

Descendo o Parnaíba, a zona arida e seca, coberta de carrascais e pequenas serras, com poucos cursos d'agua perenes, que se estende até o rio Paraíba, abrigava a importante nação dos Potiguares, que depois avançou tambem em sentido perpendicular ao litoral, demandando o sertão, onde ocupou vales e serras, chegando a Ibiapaba e ao Apodí.

Do Rio Doce á embocadura do São Francisco, estendia-se um povo feroz, os *Cahetés,* mais tarde refugiados na serra de Aquitibá, em luta com tribus vizinhas. Em Iguarassú e em Itamaracá, estavam os *Tabajara* a embargar-lhes o passo.

Na mesma zona, em paralelas, medindo forças com os *Cahetés,* espalhavam-se, na area compreendida pela em-

bocadura dos rios Parnaíba e S. Francisco, estendendo-se do chamado Mediterraneo Brasileiro a Camamú, os destemidos *Tupinambá,* tão ferozes quanto os do norte. Nesta região, entretanto, seu predominio era menor, porisso que apenas ocupavam estreita faixa de terra.

Tambem em comprimida extensão de litoral, desde Camamú, ao Norte, até o rio São Mateus, ao sul, chegando ás vizinhanças do Espirito Santo, dominavam os *Tupiniquin,* que mais tarde fugiram do litoral, perseguidos, simultaneamente, pelos *Tupinambá* e *Aimoré,* de um lado, enquanto os brancos, afoitos, não lhes davam guarida, na margem do mar. Os *Tupiniquin* representam um papel unico na historia: foram o primeiro povo avistado por Cabral, o povo com o qual o capitão-mór da esquadra real tratou, cabendo-lhe fazer a hospedagem da curiosa tripulação que velejava na esteira misteriosa das Indias.

Na zona coberta de florestas e montanhas onde se estendia a Capitania do Espirito Santo, derramava-se igualmente a influencia dos *Termiminó,* que montavam guarda ao curso do Parnaíba, cujas ilhas guarneciam, vivendo em constantes hostilidades com os *Tamoio.*

Toda a região costeira entre a capitania de S. Thomé, até a baía de Angra dos Reis, tinha como dona absoluta e ciosa do seu predominio, a valente nação *Tamoia,* que vivia em constantes lutas com os *Termiminó.* Finalmente, — a tribu que respondia pelo nome de

Tupi, e prolongava seu dominio do litoral de Angra dos Reis a Cananeia, poderosa nação. Possivelmente estabelecida em mais de um ponto da zona costeira, esse povo vivia em guerras, possuido que era de animo grandemente belicoso, sustentando verdadeiros combates navais com os *Tamoio*. Ocupava o lugar onde foi a vila de Cananeia, a Serra de Paranapiacaba e toda a região de montanhas e florestas que se estendia do Tieté ao planalto onde os jesuitas edificaram S. Paulo.

Na bacia Amazonica

Na sua ascensão, o povo Tupí vem de preferencia estacionar na Amazonia. A grandeza da planicie domina-o, e ele se deixa ficar á margem dos seus rios rumorosos, nas suas ilhas pitorescas, nos seus lagos piscosos, á beira das cachoeiras, das corredeiras, em todos os lugares, em suma, onde a comodidade o mandou parar.

É que a Amazonia, sendo um grande vale, é um mundo. A mais densa floresta, a mais sombria paisagem, aquela que consegue dar a impressão de espanto e de grandeza, sem amedrontar nem oprimir. O homem será pequeno na majestade esmagadora de sua opulencia vegetal; mas jamais sentirá o terror cosmico que aniquila as mais fortes vontades em latitudes iguais, nas outras partes do mundo. Sendo pesado, o seu ceu não é soturno

como a abobada de aço dos ceus da Africa equatorial ou dos lagos da Asia. A natureza aqui é o proprio misterio da Criação na multiplicidade fecunda de uma vida universal. Aguas e arvores, passaros e reptis, mamiferos e roedores completam o diagrama do potencial-creador, tornando o homem o espectante mudo, mas não aterrorizado, desse minuto que é sozinho na historia. A Amazonia seduz o civilizado, fascina as inteligencias, empolga o analista frio. Se ela é ainda hoje um dos recantos do universo para onde se voltam até os homens que se atribuem a ascendencia mediterranea, que fascinio não exerceria sobre aqueles outros homens, os indios, integrados na vida infante da terra? Para lá se voltaram eles, desde cedo, em familias que vinham de toda a vastidão continental do Brasil.

Os *Tupi* não devem ter sido dos primeiros a aparecer na Amazonia, mas logo nela se irradiaram, com imenso poder de infiltração. Pervagaram todos os rios levando de vencida os aruak e outros povos que antes deles tinham chegado. Penetrando pelo sul ou pelo sueste, caminhando em migrações que se orientavam na tangente das cordas aquaticas, os tupi apoderaram-se da região. Lá foram visita-los sabios de todos os países. Dos rios amazonicos não escapou nenhum; das tribus aí localizadas, bem poucas.

No Marañon, esteve Humboldt em 1802; no Pastaza, Maldonado, em 1743, mme. Goudin em 1769; no Coca-Napo, Gonçalo Pizarro em 1540, Teixeira, em 1637; Fritz, em 1686, Villavicencio, em 1858; no Huallaga, Maw, em

1827, Herndon, em 1852; no Ucaiali, Castelnau, em 1846, Gibbon, em 1852; no Javari, Back e Hoonholts, em 1874; no Putomaio-Içá, Juan de Sosa, em 1609, Reyes, em 187 , Simson, em 1876; Crevaux, em 1878; no Juruá, Chandless em 1867; no Caquetá-Japurá, Spix e Martius, em 1820, Silva Coutinho, em 1884, Crevaux, em 1878; no Purus, Urbano em 1860, Chandless, em 1864, Labre, em 1887, Ehrenreich, em 1889; no rio Negro-Uapés-Branco, Santos, em 1770, Humboldt, em 1800, Spix e Martius, em 1820, de Bauve, em 1833, A. Schomburgk, em 1838, Wallace, em 1861, Stradelli, em 1881, Coudreau, em 1885; no Madeira, Palheta, em 1723, d'Orbigny, 1826-1833, Castelnau, em 1845, Keller-Leuzinger, em 1867, Selfridge, em 1878; no Trombetas, Barbosa Rodrigues, em 1867, Coudreau, em 1884; no Tapajós, Langsdorff, em 1827, Castelnau, em 1844, Chandless, em 1862, Barbosa Rodrigues e Hartt, em 1872, Coudreau; no Parú, Crevaux, em 1878-79; no Xingú, Adalberto da Prussia, em 1842, von den Steinen, em 1884-1887, Coudreau; no Jari, Crèvaux, em 1878-79; no Amazonas, Orellana, em 1540, Teixeira, em 1637, Fritz, em 1698, La Condamine, em 1744, Spix e Martius, em 1820, Montravel, em 1846, Azevedo, em 1862, Agassiz, Hartt, em 1865, Pena, Derby, Steere; no Tocantins, Castelnau, em 1844, Couto de Magalhães, em 1884, Hassler, em 1886, Ehrenreich, em 1888, Coudreau. Modernamente, entre muitos outros, Metraux, Tastevin, Niemuendajú, Koch-Grüenberg, Rivet, Nordenskiöldi, Hamilton Rice, A. Mordini, etc.

E do inquerito, da procura desses sabios, da curiosidade bem conduzida impressa aos seus trabalhos, logo se evidenciou, segundo A. Metraux, que as terras do Maranhão setentrional, onde começa a planicie, foram procuradas pelos *Guajajura, Gojajara* ou *Uayayá,* indios que se estabeleceram no Grajaú, do qual ocuparam a parte inferior, demorando algumas de suas aldeias á margem do Mearim e, no sertão, a éste desse rio. Avançando para os campos do sul, estabeleceram-se nas vizinhanças da Serra de Cintra, entre as cabeceiras do Grajaú e Porto Franco, subsistindo ainda hoje no Pindaré e, segundo alguns, no Gurupí. Foram estudados pelo doutor H. Snethlage.

Outra tribu que se fixa no Maranhão é a dos *Turiauara.* Viviam esses indios antigamente sobre o rio Turi e os seus restos encontram-se hoje no rio Acará-assú. Depois, os *Pacajá*, os *Marano* ou *Mirano,* os inquietos *Tembé*, povos que se movimentam, se modificam e, por circunstancias não bem conhecidas, tomam outro destino. Os primeiros habitam o rio que tem o seu nome e se estendem até o Xingú. Os *Mirano* vão se estabelecer lá dentro, no Pará, entre os rios Acará e Capim, de onde atingem as cabeceiras do Bujarú, afluente da margem esquerda do Capim. Os *Tembé* se mantêm nos meados do seculo XIX na região do Alto Pindaré, de onde passam para o Norte, até o Mojú. O Ararandeua agasalha a tribu Capim, do Guamá, do Acará-Mirim e da missão de Santo Antonio do Prata. Nesta mesma região do Capim ainda

existem os *Manaié* ou *Amanajé*, que se estabeleceram no seu afluente o Ararandeua, estendendo seu dominio para o Norte, até o Mojú. O Ararandeua agazalha a tribu *Auambê*, que se estende na mesma esteira á procura do Mojú. Os *Guajá*, indios numerosos, vivem nos sertões do Capim e do Gurupi.

Vem, a seguir, o grupo da região propriamente Araguaia-Tocantins. Sejam os primeiros os *Auambê*, que habitam a margem esquerda do Baixo Tocantins, sob o ultimo rapido do rebordo do Guariba, perto de Arapari, estudados por Ehrenreich, que os identificou com os Amanajó ou Manajó, classificados por Martius de maneira diferente. Na mesma zona, lado do Maranhão, habitam o alto-Mearim, distrito de São Bento dos Pastos Bons, a oeste do rio das Balsas, daí alcançando o Tocantins, os indios *Manaxo*. Em plena região encachoeirada do rio, na famosa cachoeira da Itaboca, ao 4.º de lat. sobre o curso superior dos rios que se lançam no Amazonas, junto de Portel, habitam os *Tapiranha*. Mais para baixo, vivem no rio do mesmo nome, tambem afluente do Tocantins, os *Jacundá*. Entre o rio Tapirapés e o rio Naja, afluente do Araguaia, habita a tribu dos *Tapirapé*, da qual no seculo VIII desceu um braço para a extremidade meridional da ilha de Santana do Bananal, indo estabelecer-se outro no Alto Araguaia.

Ainda no Tocantins encontram-se os *Nambiguara* e os *Canoeiro*, estes ultimos espalhados nas duas margens do grande rio, habeis tripulantes de canoas, de onde lhes vem o nome dado pelos primeiros viajantes. Ambos, ape-

sar de incluidos, os primeiros, por Metraux, os segundos, por Rivet, entre a grande familia *Tupi*, formaram sempre grupos áparte.

Descendo para o Xigú, habita no seu afluente Jurunas a raça que tem este nome, estabelecida em cinco grandes aldeias, nas ilhas do curso do rio, onde as encontrou von den Steinen. No Xingú, essa é uma das principais tribus, antigamente antropofaga, hoje gabada pela sua brandura e modos hospitaleiros. Untam o corpo com oleos para evitar a mordedura de insétos, trazem o cabelo comprido e usam-n'o em rabicho. Distinguem-se pela sua inclinação pelos bichos, que amansam e reunem numerosos, em seus terreiros. Domesticam, segundo alguns viajantes, até a onça e a jiboia.

A 14 dias de embocadura do rio, são encontrados, no Xingú, os *Taconhapé* ou *Tukunapeua;* na verdade, porem, seu verdadeiro dominio é no rio Iriri, afluente do Xingú. Segundo as tradições dos Chipaya, recolhidas por Court Niemuendajú, esses indios vieram do baixo Curuá e se estabeleceram, a seguir, no Iriri. Tambem a tribu *Aracajú,* tupis mencionados por Betendorf sobre o Xingú, vivia no sertão, perto de Cusari. Os *Guahuara* localizam-se numa vintena de aldeias espalhadas pelo baixo Xingú, juntamente com os *Guayapi,* indios que falam, como aqueles, a lingua geral. Na mesma região os *Chipaya,* ao fim do sec. XIX, viviam sobre o Iriri, não distanciados de sua embocadura no Xingú.

O *Curuaya* ou *Curuahé* habita á margem direita do Curuá, na região que se estende entre este rio e o Iriri

e a Terra do Meio, onde os encontrou a naturalista Emilia Snethlage, a serviço de exploração do Museu Goeldi, do Pará. Os *Manitsauá* concentram-se numa aldeia do rio Manitsauá-missú, afluente da margem esquerda do Xingú, e os *Auêtos* se estabeleceram á margem de uma lagoa formada na borda esquerda do baixo Kulisehu, sob 12º 14' de lat. sul.

Os *Kamayura* — Um pouco mais ao norte do que os precedentes, estabelecidos sobre outra laguna, situada a pouca distancia da margem esquerda do Kuluene, ficam os indios deste nome. Os *Tupinambarana* ou *Tupinamba* estendiam-se na região compreendida entre a embocadura do Madeira, o rio Canumá-mirim e o Amazonas, região que tomou o nome de ilha dos Tupinambaranos, que aí se estabeleceram desde o começo do sec. XVII, emigrados da costa do Brasil, com o nome de Tupinambás. Sua tradição historica é a de guerreiros vorazes.

Maué, Manguaz ou *Mau-ari.* Instalaram-se esses povos em fins do seculo XVII, ao sul dos *Tupinambas,* na borda de um lago ao qual conduzia um igarapé, distanciado dois ou tres dias de subida, diz Metraux. Possuiam tres aldeias, situadas a pouca distancia uma da outra. Niemuendajú em sua viagem de 1925 encontrou os ultimos *Mahués* concentrados entre rio Uaicurapá e o rio Maués ao sul do Andirá. São muitos desconfiados, astutos e perfidos. Industriosos, inteligentes, foram eles que iniciaram o preparo do guaraná.

Nessa região são os *Mundurucús* a familia mais importante. Sua violenta aparição no Tapajós data de

1770. Uns quarenta anos mais tarde estavam donos de toda a bacia fluvial desde os primeiros *rapidos* até um dia de descida na confluencia do Arinos e do Juruena. Spix e Martius viram-n'os. Coudreau encontrou-os no alto Tapajós. Foram considerados uma das maiores nações indigenas. Eram altos, robustos, de musculatura solida, tez bastante clara, distinguindo-se pelo seu carater reto e pela firmeza de convicções. Muito belicosos, tiveram sempre boa organização militar. O centro da nação *Apiaká*, no seculo XIX, foi a bacia do Arinos e do Juruena, um pouco acima da confluencia dos dois rios. Algumas familias dessa tribu se estabeleceram, posteriormente, no Tapajós, para escapar ás perseguições dos brancos. Köch Grüenberg encontrou traços dos *Apiacá* no baixo Ronuro.

Ainda são do Tapajós e seu afluentes; Os *Parintintin*, que falam um dialeto guarani quasi puro e são assinalados no alto Tapajós e no São Manuel, por cima do Salto Augusto e do Sete Quedas; os *Tapanahuna*, fixados no rio do Peixe, afluente do Arinos. Falam um dialeto aproximado do Apiacá; os *Tapanhóananhúm*, vizinhos daqueles, no rio do Peixe, pela semilitude do nome parecem constituir uma fração daquela tribu. Metraux assim pensa, e escreve. Os *Timaona* viviam no alto rio do Peixe, vizinhos dos precedentes, a cuja familia parecem igualmente pertencer. Na mesma região os *Raipe-Chichi* ou *Aipo-Sissi*, estudados por Coudreau, entre o Arinos e o S. Manoel. Köch Grüenberg é de opinião pertenceram esses indios á familia *Tupi-Guarani*.

Os *Kayabi,* pouco conhecidos, parecem a Metraux que habitam o curso inferior do rio Verde e as margens do Paranatinga. *Capahyba* ou *Cauahipe* — Estudados por Niemuendajú, viviam no começo do sec. XVIII no interior do sertão a oeste e a leste do alto Tapajós. A partir dessa epoca eles não foram mais designados senão por Parintintin, nome que lhes deram seus inimigos. Segundo Niemuendajú, os *Parintintin,* em longo periodo, prolongaram suas incursões por uma imensa area de 22 mil ks., cujos limites são os seguintes: ao N. e O. o rio Madeira; ao S. o rio Machado, desde sua embocadura até a fronteira com Mato-Grosso e seu afluente oriental o rio Branco, ao N. o 6° 40, lat.

Tupi — É a Niemuendaju que se deve a determinação exata da posição desta tribu. Esses indios são divididos em tres grupos, os *Paranáu,* os *Uirapé,* os *Tacanatibas-Iriauhún.* Os dois primeiros grupos vivem sobre o curso superior do Riozinho, afluente do Machado, e o ultimo em seu confluente com este rio. Estes tupis, segundo detalhes etnograficos, são proximos parentes dos *Parintintin-Kaohibas* e, como estes ultimos, devem ser restos da nação *Cabahiba,* destruida pelos Mundurucú. Os *Nhogapi* — Vivem no alto Madeirinha, afluente da margem esquerda do rio Roosevelt, falam um dialéto tupi muito alterado por influencia dos *Katukina.*

Nos afluentes andinos do Amazonas vivem os *Yurimagua,* entre o paraná de Cupea, braço oriental do delta

do Iapurá e do Amazonas. Conhecido do padre Fritz este povo veio a emigrar mais tarde e se estabeleceu no Putomaio. Tambem aí vivem os *Omagua* nas ilhas do Amazonas, desde a embocadura do Napo até a do Juruá.

Omagua ou *Cambeba* formam grupos que se estabeleceraam antigamente sobre o Napo, perto de seu confluente com o Aguarico. Povo de qualidades inteligentes, missionado pelo padre Fritz são tambem os *Cocama,* habeis piratas, que habitavam ás margens do baixo Ucaiali e em redor de uma grande laguna, a grande Cocama, á margem esquerda deste rio. Esses tres povos vizinhos exerceram sempre forte influencia na região. A esse grupo é de justiça acrescentar os *Cocamilla,* que habitavam o baixo Hualagua e constituiam, provavelmente, uma colônia *Cocama.* Ainda os *Xabitaona,* que viviam perto de Santiago, sobre o rio do mesmo nome, e falam o mesmo idioma que os Cocama.

Pariana — Parentes dos *Omagua.* Citados por Acuña, entre as nações do Putomaio. Os *Miranhas,* que têm seu centro principal no rio Kahuinari, são encontrados, entretanto, em toda região compreendida entre o Iapurá, e o rio Igára-paraná, fontes do rio Kahuinari nas iminencias de Futahi. Seu nome, dado pelas tribus vizinhas, quer dizer — Vagabundos. São muito belicosos.

Spaulo — Mencionados por Acuña, viviam abaixo dos *Condurizes,* que estavam fixados sobre o Iamundá, segundo refere Garcia. Os *Pauxis* — Falam, segundo Betendorf, citado por Metraux, a lingua geral. Ha duvida

sobre a classificação dessa tribus. Alguns etnologos, entre os quais Rivet, incluem-n'os entre os Caraïbas.

Mara-guaçú — Pensa Metraux que não são outros que os da missão de Urubuquara, entre o Parú e o Gurupatuba. Os *Paikipiranga* Rivet coloca-os entre os *Tupi-Guarani*. Vivem perto das cabeceiras do Maracá, afluente da margem esquerda do Amazonas. Os *Oyampi* e *Emerillon* são os unicos Tupi-Guarani que penetraram a Guiana, fazendo esta migração no meio do sec. XVIII. Os restos dos *Oiampi*, estendem-se pelo Tumuc-Humac, cabeceiras do Oyapok e um dos seus afluentes da direita, o Montacouére; os *Emerillon* ocupavam no fim do sec. XIX o baixo Camopi e outras regiões circunvizinhas e, atualmente, se concentram na região pouco conhecida, compreendida entre o Camopi, o Araona e o Alto Apronague. Os *Calayona* viviam nas vertentes meridionais de Tumuc-Humac, vizinhos do Oiampi: De toda a vasta região que ocuparam depois, entre o Kouc e as cabeceiras do Araguari e do alto Jari, eles não possuem mais que tres aldeiamentos insignificantes. Alguns ainda vivem entre as cachoeiras e no baixo Parú. Finalmente, os *Caripuna*, que Coudreau cita entre os indios do Baixo Oyapock. Esta tribu da qual não existia senão uma vintena na epoca que ele escreveu, foi uma das grandes resistencias apresentadas pelos indigenas á obra de penetração do Amazonas e seus afluentes, pelos homens civilizados.

CAPITULO IV

OS GUARANI E OS TABAJARA

No momento em que a expedição oficial de Martim Afonso de Sousa desce de São Vicente á procura da bacia do Prata, já sob a direção de seu irmão Pero Lopes de Sousa, contornando, assim, o extremo meridional das nossas terras e rompendo a linha do Tratado de Tordesilhas, que limitava á altura de Santa Catarina as terras de dominio da coroa portuguesa, os Guarani eram os donos de toda essa costa, desde a barra de Cananeia até ás campinas que seriam mais tarde a Capitania do Rio Grande de São Pedro, conforme aparece nos primeiros documentos oficiais.

A terra por aquelas bandas se aplana, a Serra do Mar atenua o seu enrugamento e vae morrendo até estender-se nas ondulações do Pampa. Pero Lopes de Sousa conheceu de contorno essas terras e pôde chegar lá em baixo, onde as matas se abrem numa clareira envolvendo as aguas agitadas da Lagoa dos Patos. Aí se lhe depararam

terrenos aluviais, florestas ricas, aguas fartas e piscosas, que podiam alimentar um grande povo.

No momento da chegada do nobre portuguez, nessas terras predominavam, em luta com os vizinhos, as tribus *Arechan*. Povos valentes, belicosos, levavam a guerra aos que, para adiante, lhes disputavam a posse dos caminhos. Ao lado, os *Charrúa*, os *Gaianaz*, tribus que se entredevoravam, na disputa de terras. Mais para o centro, nas cochilas interiores, dominando vastas extensões de um imperio que pela continuidade se tornava invencivel, os *Guarani*, valentes indios guerreiros, firmavam sem contestação seu poder. Por outras regiões, os Minuano se extendiam.

Os postos avançados da tribu Guarani alcançavam as planuras do Rio do Prata, derramando-se pelas ilhas do baixo delta do Paraná e pela margem direita deste rio até as proximidades da Carcaraña. Subiam o Paraná, viviam na confluencia deste e do Paraguai, ocupavam a região de Sant'Ana, onde se erigiu depois a missão de Itatí. Deste ponto por diante, sucediam-se sem interrupção, ao longo dos dois rios, vivendo em luta com os *Agaz*, que os tinham afastado da embocadura do Paraguai. Nas proximidades do local onde mais tarde os espanhois fundaram Assunção, viajantes que por aí tinham andado, anteriormente, como Cabot, encontraram os *Carijó*. Para cima voltavam os *Guarani* a estabelecer dominio e iam fixar seu limite, segundo Metraux, no rio Corrientes, afluente do Paraguai, que serve de marco á sua influencia na bacia deste nome. Na direção do rio Apa, ainda se

encontravam tribus Guarani isoladas, assim como em terrenos vizinhos dos *Xaraye,* povo que com eles vivia em luta.

Confusos são os roteiros que podem determinar uma exata localização dos *Guarani,* na direção que leva ao *divortium aquarium* das duas grandes bacias do Amazonas e do Prata, sendo incerto afirmar que eles tivessem passado as serras do Amambaí e de Maracajú. Até muito proximo da antiga vila de Xerez, sobre o alto rio Miranda, eles chegaram. Foi, porém, na bacia do Paraná que os seus nucleos mais densos se estabeleceram. As montanhas e planicies do Paraná e imediações de São Paulo, assim como as terras de Santa Catarina, firmaram-lhe o dominio, ocupando os *Guarani* as cordas d'agua da região. Lá em cima, no alto Paraná, Metraux explica que eles se separavam dos Tupi pelo rio Tieté, mais tarde estrada batida pela audacia e pelo sonho de bandeirantes, separação estranha que repugna acreditar a Garcia.

Os indios de toda essa vasta região eram, na maioria, da tribu Guarani, originando-se em parte a confusão existente sobre esses povos, da nomenclatura dada pelos espanhois que primeiro com eles trataram, aplicando-lhes nomes distintos, tirados ás vezes das localidades por eles ocupadas, outras dos genitivos a que os caciques respondiam. Dentre as nações distintas que nessa região viviam, os *Guainaz* e os *Carijó* são os mais conhecidos. Metraux não distingue entre *Guarani* e *Carijó,* mas Garcia coloca-os como familias á parte. Essas familias geral-

mente não tinham territorio fixo e constituiam provavelmente a camada de população mais antiga.

Do primitivo povo *Guarani* dono daquelas prolongadas planicies, na epoca do desbravamento das terras meridionais, os *Cainguá* ou *Caaguá,* ao começo do seculo XIX, habitavam as cabeceiras do rio Iguatemi e se estendiam para o norte na tangente do alto Miranda. Seus grupos mais avançados na direção Norte não passavam a Cordilheira de São José e se assinalavam igualmente nas margens do rio Jejuí e do Aquaraí Guassú. Espalhava-se tambem sobre a margem direita do Paraguai, recebendo nomes distintos, segundo as localidades onde se assinalavam. Assim, eram *Carimã* os que habitavam na serra de Maracajú e *Tarumá* os que viviam perto da missão de Santo Estanislau. Os *Guianaz,* possivelmente povos *Gês,* estendiam-se pela margem direita do Paraná e, na margem esquerda, chegavam proximo ás cataratas do Iguassú.

Grupos de *Cainguá* ainda hoje se encontram estabelecidos por aquelas regiões em contacto com os civilizados e respondendo a outros nomes, como o de *Chiripá.* Anbrosetti os subdivide em *Aquitere* e *Ciripá.*. Os *Guaianaz* que por lá tambem existiam e certos viajantes querem que sejam *Guarani,* falam a lingua desse povo, do qual por muito tempo o odio guerreiro os separou.

Palmilhando a região encontram-se ainda, bem definidas, as seguintes tribus Guaranis: os *Apapocuva,* espalhados por muitos lugares; os *Zanygua,* que viviam antigamente proximo da embocadura do Iguatemí e hoje se

instalaram entre o rio do Peixe e o Itarirí; os *Oguaiva* paralisados depois de andarem pela serra de Maracajú, entre os *Tanyguá*; os *Cheiru* que vão do Iguatemí até Ligeiro, no Rio Grande do Sul; os *Abahuguays* do rio Dourado; os *Paiaguaçú*, do rio Curupainhã; os *Ybytyguá*, que vivem defronte da serra do Diabo; os *Abachiripá*, na margem esquerda do Paraná; essas ultimas cinco tribus pertencentes ao grupo de *Cainguá*.

Metraux aponta os *Aré*, que viviam antigamente na região do Cerro do Ipeí, perto da fronteira paraguaia, e que são os chamados *Botocudo*. Sabe-se desses indios que eles emigraram em data desconhecida para o Atlantico, cujas terras não puderam atingir. Seus descendentes vivem ainda nas florestas do baixo Ivaí.

Encerra a descrição desse grupo de Tupi e Guarani do Sul ou mais precisamente Guarani, a tribu dos *Guaiaqui* ou *Guachaqui* que, apesar do seu viver errante, se mantem mais ou menos nas mesmas regiões, o territorio das antigas Missões, onde foram pela primeira vez assinalados, no seculo XVIII. Atualmente eles podem ser encontrados na região de florestas que se estende entre 25° e 27° de Lat. Sul e que fica situada entre o planalto de S. Joaquim ao Norte, o Paraná a Este, a Serra de Vila Rica a Oeste, e as missões do Sul.

Os *Guaiaquí*, apesar de viverem na idade da pedra, em que os encontrou o doutor Velarde, em nossos dias, são, pelo idioma, Tupi puros. Vivem como nomades, em pequenos grupos, de oito a quinze, nutrem-se de pesca e caça e, por vezes, de mel que procuram na floresta. O

seu unico adorno é um colar feito geralmente de dentes de animais. Andam completamente nús. Desconhecem o uso da rede. São de uma regressão absoluta, que desconcerta os etnografos.

O explorador, que os revelou, fel-o em 1933.

Tabajára

O nome de Tabajára foi usado por um grande numero de tribus Tupi.

Metraux estudando "La civilization materielle des Tupi-Guaranis", diz parecer-lhe que *Tabajára* significa inimigo. Sob esta denominação eram tratados os indios que viviam a Este dos *Tupinambá*, no Mearim; os indios do alto-Gurupí; os da serra de Ibiapaba; os que viviam a Oeste dos *Potiguar;* os da provincia de Pernambuco, onde exerciam grande dominio; os primeiros invasores tupis da costa da Baía; os indios da provincia do Espirito Santo; os *Tupi* da capitania de S. Vicente.

Os *Tabajára* moravam no interior das terras, em regiões cujos nomes só podiam ser conhecidos através dos seus inimigos da costa. Como a maior parte dos povos *Tabajára* são conhecidos por outros nomes, Metraux só designa por *Tabajára* os residentes no Maranhão.

Claude d'Abbeville pensa que os *Tabajára* são um ramo destacado dos *Tupinambá* e diz que eles viviam a 150 leguas da costa, afastados para o interior, no Alto

Mearim, na serra da Ibiapaba, na região montanhosa do Ceará. Os Tabajára foram os primeiros povoadores da costa, e o centro da sua nação ficava na Baía.

* * *

Nos primeiros tempos da conquista foram considerados como grandes nações, pelos portugueses, os *Tamoio*, os *Tupinambá*, os *Potiguar*, os *Caheté*, os *Tupi*, os *Aimoré*, os *Goitacaz*, os *Praí*, e varios outros grupos de *Tupi* e *Tapuia*, vocabulo este só utilisado hoje com o significado que o tupi lhe dava, e por nós explicado paginas atraz.

Aquelas nações povoavam parte da orla maritima daí se originando seu rapido contacto com os europeus. Mais tarde, porém, esses povos internaram-se fugindo á pressa do branco, indo juntar-se ou combater, conforme as circunstancias, a *Borôro*, *Guaicurú*, *Paiaguá*, *Pareci*, *Guarani*, *Goiá*, *Chavante*, *Manaué*, que habitavam varias regiões do interior, antes deles lá chegarem.

Wapeus, von den Steinen, Ehrenreich, são de opinião que o centro de coordenação, expansão e dominio dessas raças, foi a bacia central do Paraná-Paraguai, na altura de Mato Grosso, de onde saíram e, em forma de leque, fizeram a marcha, emigrando para diversos pontos do país.

CAPITULO V

TRIBUS TUPI-GUARANI SITUADAS FORA DO BRASIL E CENTRO DE IRRADIAÇÃO DA RAÇA TUPI

Povo dominador por excelencia, os *Tupi-Gurani* impunham ás tribus que combatiam o uso da sua lingua, e mesmo sobre o europeu, o português dos primeiros seculos da conquista, influem decisivamente, compelindo-os a adotar seu idioma, a lingua geral, como se chamava ao linguajar praticado, indiferentemente, por indios e reinois, nas terras do litoral.

Os povos de seu grupo, situados fora do Brasil, não têm maior interesse do ponto de vista brasileiro. São os *Chiriguano* que, ao norte, se estendem pela provincia de Sara, na Bolivia, ao norte de Santa Cruz, ao sul se limitam com a fronteira argentino-boliviana, para o sudoeste avançam até ás imediações de Tarija, á oeste alcançam o territorio de Tarabuco, estendendo-se na dire-

ção leste até a colonia de Carandaitaí. Vão ainda por diante. Chegam pelo Chaco entre o rio Pirai e o rio Grande tendo seu territorio distendido por uma extensão aproximada de cem léguas por quarenta de largura. Ao que diz Metraux os *Tupi* ainda se encontram na missão de Santa Rosa, ao Norte de Santa Cruz de la Sierra, localizando-se tambem um grupo desses indios no Chaco.

Afóra esse povo, numeroso e adiantado, aparecem tambem os *Chanê*, estabelecidos no baixo Itiro, na Argentina, no Caipipendi e ao sul do Pilcomaio, no baixo Parapaiti; os *Tapieté*, vizinhos dos *Chiriguano*, entre o Pilcomaio e o Parapaiti; os *Guarajú*, na região compreendida pelo São Miguel e pelo rio Blanco, já reunidos, presentemente, em missões. Esses indios tambem conhecidos pelo nome de *Itatine*, são do antigo tronco *Guarani*, provindos de Itate, provincia do Paraguai.

Os *Pauserna* e os *Siriono*, são as duas unicas familias que faltam recensear. Os primeiros, antigos *Guarajú*, estabelecidos remotamente sobre o Paragua, afluente do Itrenez e sobre o rio Tarbo, que lança suas aguas no Paragua; os segundos, os *Siriono*, tribus errantes, que emergem em varios e distanciados lugares, ocupando uma area em desacordo com a sua extensão numerica. Percorrem florestas e varios rios, nas regiões do Ichilo, do Grande, do Blanco, do Machupo, do Ivari, do Guaporé, do Beni e do Mamoré.

* * *

O problema da irradiação da raça tupi-guarani foi estudado por Garcia, em sua excelente *Etnografia Brasileira,* na qual ensina que o centro de irradiação desse povo foi provavelmente o territorio situado entre o medio Paraná e o alto Paraguai. Metraux, igualmente, tendo dedicado valiosos trabalhos ao estudo da vida e costumes desse povo, acredita que os vales da região central do Tapajoz, do Xingú até o Rio Pará e as vertentes matogrossenses da Paraná, fossem o berço, a primitiva area de expanção dos *Tupi.* Segundo conta Garcia, desceram uns o rio Paraguai; foram outros para N. O., e para E. ainda outros. Os *Tupi* do Amazonas, *Mundurucu, Maué, Juruna,* teriam esgalhado do tronco comum antes do descobrimento do novo-mundo. Os *Tupinambarana,* do Madeira, os *Tupinambá* do Maranhão e terras adjacentes, emigraram depois de começada a colonização do país. Nas grandes migrações historicas realizadas por esse povo assinalaram-se tres vias distintas por ele percorridas: a primeira, partindo do sul do Brasil pelo litoral, chegou ao interior do Amazonas e penetrou, mesmo, na Guiana Oriental; a segunda, estendeu-se para Oeste e atingiu a Bolivia; a terceira seguiu o curso do Tapajós e dominou varios pontos deste rio. A' proporção que os *Tupi* irradiavam pela planicie amazonica, atingindo o seu alto curso, localizando-se no Marañon, galgando os afluentes do extremo-norte, iam recolhendo costumes mais adiantados, praticados pelos povos do planalto-andino. Do vestuario aos artefatos de ceramica; do bom acabamento da *oca,*

edificada para menor numero de individuos, para aqueles que constituiam, exclusivamente, uma familia, ao numero e qualidade de moveis que o indigena vai incluindo entre os seus teres, sente-se, evidente, a influencia contagiosa que a civilização incaica começava a infiltrar na raça que partira, em velha data, do sul, despojando de suas terras, pelas armas, outras raças rivais.

Os *Tupi* sempre se distinguiram pelos habitos guerreiros. Viviam em aldeias fortificadas, exerciam além da caça, a pesca e a agricultura, e praticavam a navegação. Os *Omaguq,* no Amazonas, foram chamados os fenicios da America do Sul, pela rapidez da sua navegação, mesmo de longo curso. Esses *Omagua* foram aldeados, amansados e dirigidos no seculo XVII, anos de 1668 a 1725, pelo jesuita alemão Samuel Fritz, que aldeou trinta e oito tabas, nas grandes ilhas fluviais do Marañon, onde tinham seu centro principal.

Os *Tupi* do Alto-Amazonas eram essencialmente riparios e Rivet, por sua vez, afirma que eles faziam suas migrações por via-fluvial.

Ainda estudando a classificação dessas raças, Garcia explica que faltaram a von Martius elements de observação e de estudo, que se depararam, em circunstancias propicialissimas, a von den Stein, descobrindo no centro do continente representantes das principais tribus do Brasil em estado cultural quasi-precabralino, de absoluta pureza, inteiramente imunes a qualquer influencia europeia. Graças ao material obtido em tais condições, acrecenta —

tanto linguistico como antropologico, — pôde von den Steinen construir nova classificação das tribus brasileiras e explicar hipoteticamente suas migrações.

Como base de seu estudo, von den Steinen adotou os seguintes principios para a sua melhor sistematização:

a) — devem ser inteiramente separados, por causas etnologicas e linguisticas, os caraiba dos tupi;

b) — legitimas tribus caraibas procedem originariamente do centro do continente, da região de Mato Grosso, de onde avançaram gradualmente do sul para o norte, até as Guianas, sendo os *Baicari,* encontrados nas cabeceiras do Xingú, os representantes mais puros dessa importantissima familia;

c) — a familia *Guck,* da classificação de Martius, é absolutamente insustentavel por conter elementos absolutamente heterogeneos, sendo alguns francamente caraibas, ao passo que a maioria deve participar de novo tronco etnico para o qual von den Steinen propôs a denominação de Nu-Aruak, justificado de um lado pelo caracteristico sufixo pronominal — *nu* — e de outro por ser a lingua *Aruak* a primeira conhecida do grupo.

Capitulo VI

POVOS COEXISTENTES COM O TUPI

Os Gê — Os Carîba — Os Nu-aruak — Os Kiriri — Os Pano — Os Guaicuru — Os Goitacá — Os Carajá — Os Borôro — Os Trumaï — Os Pareci — Os Nambiquara.

Não foi apenas, historicamente, o povo *Tupi-guarani* a grande raça indigena do Brasil. Outras nações desfrutaram quasi que o mesmo poder ocupando consideravel extensão territorial. Os *Gê* e os *Nu-aruak,* para não citar senão os maiores, influenciaram ou dominaram territorios mais amplos no periodo anterior á conquista, isto é, de 1614 para trás.

Von den Steinen alterou a velha divisão da familia Tupi, feita antes dele, em *Tupi da costa, Tupi do norte* e *Tupi do Sul,* incluindo nela os *Tupi puro* e os *Tupi impuro.* Sua alteração baseou-se na circunstancia do

idioma acusar influencias estranhas, em mais de uma tribu ou nação, o que assinala o contacto com tribus alofilas, contacto inevitavel tendo em vista a grande irradiação desse povo no continente.

Os Gê

Observando a importancia dessa grande familia, torna-se indispensavel o seu estudo em virtude do acentuado valor historico que ela representa, e da sua vasta disseminação pelo centro do territorio brasileiro.

Os *Gê* habitavam em varios pontos do país e foram senhores da Amazonia antes dos *Nu-aruak* e dos *Tupi-Guarani* ali se fixarem. De lá desceram, estabelecendo-se em regiões diferentes. São *Gê* os *Timbira,* os *Aimoré-Botocudo* do Espirito Santo e Minas Gerais, os *Piocolgé,* os *Augé,* os *Grangé,* os *Paicogé,* os *Guajajara,* os *Capiscran,* os *Manajo,* os *Temembé.* Tambem são *Gê,* os indios do interior de Pernambuco e Maranhão, que prestaram auxilio aos holandeses nas lutas de 1684.

Orientando-se em sua marcha, de leste para oeste, os *Gê* alcançaram as margens do Xingú, distribuindo-se depois os seus diversos povos pelas terras que mais tarde compreenderam as provincias do Pará, Maranhão, Piauí, Baía, Goiaz, Minas Gerais, S. Paulo, Paraná. Suas tribus contavam-se por dezenas, sendo seus remanescentes,

nos tempos historicos, entre os principais, os *Timbira* no Pará e Maranhão, divididos em dois ramos maiores: os *Timbira da Mata* e os *Timbira do Campo.* Entre os primeiros, citavam-se os *Sacramecran, os Picobogê,* os *Augé,* os *Grangé,* os *Paiçogé.* Anotavam-se entre os segundos, os *Guajajára,* os *Capiecran,* os *Manajó* e os *Temembé,* que se estabeleceram mais tarde ás margens do Tocantins.

Ao sul a familia *Gê* está representada pelos *Caiapó* ou *Ubirajara*; pelos *Acuen,* de que descendem os atuais *Chavante* ou *Cherente* e *Gaigang* da Serra dos Parecis, e os *Canoeiro;* e pelos *Corôado* de que são representantes, atualmente, os *Chocren.* Algumas dessas tribus eram ativas nas artes da paz e fabricavam uteis e belos instruments de pedra, machados de fórma semi-lunar, cavadeiras em feitio de cunha, ornatos de pedra fina de varias côres, tembetás para beiço e outros ornatos do corpo, tecidos da fibra de ortiga, enfeites de pena, inscrindo tambem inscrições em rochas nos lugares escolhidos para suas necropoles. Desses indigenas assim adiantados, todos filiados ao referido grupo, cita Sampaio, nos sertões da Baía, os *Maracá,* "habeis agricultores", os *Caracan,* "ceramistas famosos", os *Acoroá* ou *Coroado,* "excelentes manufatureiros da fibra de ortiga, com que teciam bons panos lavorados a primor, que causavam admiração". Esses indigenas eram tambem habilissimos oleiros e nessa arte distinguiam-se pelo tamanho e vulto das peças de sua fabricação. Rivais na sua ceramica aparecem, na

mesma familia, os *Miramonin,* parentes dos *Goianá,* tambem notaveis pela perfeição com que trabalhavam o barro.

Os *Gê,* cujo nome se estabeleceu pela predominancia dessa letra na formação do seu idioma, não foram povos de civilização inferior aos *Tupi-Guarani,* antes tão adiantados quanto eles, se não mais nas industrias domesticas, tendo, porem, animo menos propenso ás atrações da guerra, aos pendores marciais. Só assim se explica que, em todos os campos onde se defrontaram com os seus valentes e aguerridos inimigos, sempre lhes cederam o lugar, sempre se deixaram bater.

Os Caraïba

Os povos *Caraïba* constituiam uma das mais poderosas familias sul-americanas e pode dizer-se que viviam constantemente em luta contra os seus inimigos. Partindo do Brasil central, região de Mato Grosso, estabeleceram uma longa caminhada na direção do norte, rumando a bacia Amazonica. Em sua marcha encontraram os povos *Nu-aruak,* que foram conduzindo para a frente, sob o vigor de suas armas.

Povo nomade e guerreiro, dotado de bravura pessoal e de espirito de aventura, os *Caraïba* estiveram sempre em luta com os *Nu-aruak,* fixados antes deles na planicie amazonica, de preferencia nas ilhas da foz do grande rio. Por onde o povo *Caraïba* passou os *Nu-*

aruak desapareceram. Foi uma perseguição tenaz, uma luta constante. Fortes dominadores, antropofagos vorazes, os *Caraïba* eram os senhores do mar aonde as frotas de Colombo primeiro aproaram nos fins do seculo XV, e semeavam com as suas velozes pirogas o terror, tanto que, por sua fama, o mar lhes tomou o nome, só mais tarde vindo a ser batizado, por geografos e cosmografos, como Mar das Antilhas.

Tendo deixado na Amazonia um unico ramo, a familia dos *Baikari*, os *Caraïba*, para galgar o Oceano, atravessaram e dominaram os territorios da atual Venezuela, de onde se passaram para as pequenas Antilhas, mais tarde intalando-se nas grandes ilhas deste nome.

Gastos pelas guerras e pelo baixo nivel de nascimentos, muito cedo se extinguiram, tendo deixado fama temerosa entre os primeiros navegadores que se abalançaram a viajar por esse trecho da costa americana.

Modernamente encontrou-se no Brasil, como representante desse povo, a referida tribu *Baikari*, vivendo totalmente isolada nas cabeceiras do rio Xingú, aonde foi depara-la em plena idade da pedra a comissão cientifica que, dirigida por Karl von den Steinen, explorou o interior do Brasil. Os *Baikari*, quando von den Steinen os visitou, viviam em plena regressão, não acusavam influencia estranha, muito embora estivessem cercados por dezenas de tribus de nivel social superior ao seu. Tambem não apresentavam diferenças essenciais no tipo fisico.

Os Nu-aruak

Os *Nu-aruak* ou simplesmente *aruak*, são o grande povo que vivia paralelamente com os *Caraïba*, dono da planicie amazonica antes de ali chegarem as tribus *Tupi-Guarani*.

Formam uma das raças mais caracteristicas da America do Sul, por onde se espalharam sem medida, ocupando a maior area continental. Não originarios, como outras raças sul-americanas, da região central do continente, lá para as bandas de Mato Grosso, os *Nu-aruak* muito cedo emigraram, indo localizar-se nos altos rios da planicie, aí desenvolvendo uma adiantada vida tribal.

Estabelecem-se de chegada nos climas melhores e são os grandes oleiros, os ceramistas estudados mais tarde em diversos centros da região. Só muito depois, espalharam-se por outros rios, por outras tangentes, por outros climas, já então sob a pressão e a violencia guerreira dos seus inimigos os *Carïba*.

Perseguidos, não tardam em dilatar a sua area de expansão, vão ocupar a vasta extensão de terras que se estende da foz do Amazonas ás faldas andinas do Perú e da Bolivia, desdobrando-se em dois galhos: um que seguiu pelo interior, no rumo do Sul, chegando ao Paraguai; outro para Leste, dispersando-se no centro do Brasil. Parece que um terceiro ramo *Aruak* atravessou pela Amazonia o planalto andino e chegou em epoca muito

antiga ás costas do Pacifico. Dos tres grandes povos encontrados pelo europeu no Brasil, e senhores da America do Sul, é o que mais se espalhou e maiores variações idiomaticas oferece, sendo, possivelmente, um dos mais antigos.

Apesar das grandes migrações realizadas por esse povo, ou por isso mesmo, os *Aruak* eram de habitos pacificos, praticavam a agricultura, usavam a rede de dormir e se distinguiam pela admiravel perfeição com que fabricavam a ceramica, que entre eles atingiu as formas mais delicadas e belas. Embora dos mais antigos, o povo *aruak* não foi dos que primeiro envelheceram. Batido por outros povos, perseguido pelos europeus, ele resistiu entretanto ao ambiente geo-fisico.

Garcia ocupando-se dos *Nu-Aruak,* chama-os de senhores de grande extensão da Amazonia, provavelmente originarios do planalto andino, e acrescenta que, mais tarde, os *Carïbas* impeliram-nos continuamente para o norte, até as Antilhas, onde Colombo chegando ao arquipelago os encontrou. Teriam vindo pela Venezuela ou pelo Orenoco e eram de espirito pacifico, agricultores, grandes ceramistas. Não praticavam a antropofagia.

No primeiro encontro que tiveram com Colombo, queixaram-se dos *carïbas,* que lhes roubavam as mulheres, solicitando ao navegador a devolução das companheiras. Realmente, outra expedição do genovês desditoso descobriu uma ilha das pequenas Antilhas povoada ex-

clusivamente por mulheres, que aí os caribas detinham ao partir para as guerras. Eram as mulheres *aruak*.

Do povo *Aruak,* vivem ainda, ao norte da bacia Amazonica, os *Atorai,* os *Maipúre,* os *Baré,* os *Baniba* ou *Baniva* e os *Uarequena,* todos situados no Essequibo, no Orenoco, no Negro, no Cassiquiare, e em varios dos afluentes desses rios. Os *Baniva,* no alto e os *Manau,* no baixo rio Negro, grupados na barra do rio Negro, deram origem á cidade de Manaus e assinalam, segundo Eherenreich, a migração dos Aruaks para o medio Amazonas. São tambem remanescentes *Aruak,* entre outros, os *Ticuna* ou *Tucuna,* os *Passé,* os *Javitero,* os *Garutana,* os *Catopolitánio,* os *Acari,* os *Siussi,* os *Ipeca,* os *Cáuua,* os *Huhúteni,* os *Paioarini,* os *Tapira,* os *Cuali.* Dessas tríbus as que habitam no Içana superior, especialmente os *Ipeca,* são tribu de tipos bonitos, esbelta estatura, agradavel aspecto, homens fortes e belos. Vivem em poligamia. Os homens andam vestidos, as mulheres usam camisa. São mediocremente civilizados e foram estudados ha poucos anos por Köch Grüenberg, que entre eles conviveu dois anos. Steere visitou em 1873 algumas tribus *Aruak* e esteve entre os *Jamamadi,* os *Paumari* e os *Ipuriná,* considerando esta tribu a mais numerosa e aguerrida, chegada á região ha pouco, segundo este naturalista informa. Ainda se encontram na região os *Cauamari,* e outros povos, sendo que os *Paumari* atravessam um estado de absoluta regressão social, pervagando em pequenos grupos ás margens do rio Xingú, onde os fomos encon-

trar em viagem realizada em 1914, aos afluentes do grande rio.

Eram naquele momento os restos de uma tribu que acabava, sucumbida ao peso de sofrimentos gerados pela doença, pela antiga perseguição de outras tribus e pelo combate tenaz do seringueiro. Baixos, amarelos, macilentos pelo paludismo, moravam em ranchos tão desguarnecidos e primitivos que não dariam abrigo seguro aos proprios animais.

Dormiam sobre o chão limpo, disfarçavam-se numa semi-nudez, com trapos sujos de algodão.

Era o unico detalhe que marcava nessas pobres vidas a presença da civilização.

Os Kiriri

Dentro da secura e semi-aridez do Nordeste, numerosas tribus, constituindo uma grande familia, foram muito cedo se estabelecer.

Ao contrario dos seus irmãos, que de todos os pontos do continente sul-americano se movimentaram para as estações de grandes aguas visando de preferencia a bacia setentrional, um povo, presumivelmente de lá desceu, dizendo-se originario de "um lago encantado" no qual Capistrano de Abreu vislumbrava o Rio das Amazonas.

Estendendo-se na zona compreendida pelo rio Paraguassú, pelo S. Francisco, pelo Itapicurú, e, possivelmente, pelo Gurupi, os *Kiriri*, ou *Carini*, povo de que falamos, eram os incontentaveis e absolutos senhores dessa exten-

sa região, no momento que os portugueses investiam á conquista do Norte e Nordeste do país.

Vajaram os *Kiriri* pelo litoral, mas nem sempre seu caminhar lhes foi suave. Deixando a região do "lago encantado" de onde se diziam originarios, logo os belicosos *Tupiniquin* lhe embargaram os passos, no que são seguidos pelos *Tupinamba,* uns e outros impelindo-os para leste, rumo á aspereza dos sertões, ás terras de pouca agua.

Mas tambem nos sertões ha pousos felizes, vales fartos e frescos, regiões de pequena elevação. Por isso que são da planicie, os *Kiriris* procuram as ribeiras, mas não fogem das montanhas. Vão se abrigar á sombra das matas frescas das serras do Borbòrema, dos Cariris Velhos, onde estabelecem o seu quartel general, dos Cariris-Novos, dos leitos do Acaracú, do Jaguaribe, do Assú, do Apodi, e outros, que senão conduzem grandes volumes de agua, possuem regiões amenas e de perene frescura.

Mas, não é só. Seus passos os conduzem ao São Francisco, em cuja parte baixa se localizam, assim como em seus afluentes e lagunas proximas.

Parece que são os primeiros a chegar por ali, porque as suas lutas, pelos tempos adiantes, ocorrerão mais facilmente com os portugueses, que com os proprios indios rivais.

Calado, cabisbaixo, soturno, o *Kiriri* fixa-se nas terras onde com tenacidade se instalou, tendo tido contacto, desde o começo do seculo XVII, com os colonizadores portu-

gueses, que por aqueles tempos entraram em guerra com as esquadras e os exercitos mandados para a defesa dos dominios que a Holanda pretendia instalar no país.

Data dessa epoca e origina-se dessa circunstancia a calamidade de perseguições que irá cair sobre a tribu. O povo *Kiriri* biparte-se na contenda entre os holandeses e portugueses pela posse da terra, mas a sua grande maiora acompanha os soldados de Nassau. Facil é ver o destino que irá, certamente, aguarda-lo, quando o português ganha a partida: o *Kiriri* é exterminado, o *Kiriri* é perseguido, o *Kiriri* é arrasado.

Todo pretêsto serve, mesmo porque as campanhas contra a tribu passam a ser feitas sem pretêsto nenhum. Mas sempre aparecem motivos para caça-los, do Maranhão a Pernambuco, do S. Francisco ao Ceará. Muito embora com a expulsão dos holandeses eles se recolham ao interior, fugindo avisadamente aos seus amigos, de quem temiam o odio e conheciam o desejo de vingança, os portugueses se fartaram de persegui-los, nas ultimas decadas do seculo XVII e primeiras do seculo XVIII.

Recolhidos á Serra de Ibiapaba, os portugueses vão até lá extermina-los. No Rio Grande do Norte, no Ceará, no Maranhão, as perseguições se sucedem. Já francamente rebelados, tornam-se, por sua vez, uma força temivel, nas capitanias de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

Os *Kiriri* da Baía foram aldeados pelo padre João de Barros, mais ou menos em 1650, enquanto frades ca-

puchinhos aldeavam outros no S. Francisco e na Paraíba. Sua lingua está cuidadosamente estudada, podendo dizer-se que é um dos povos brasilicos cujos segredos a etnografia decifrou. Ha abundante literatura linguistica sobre os *Kiriri*, feita por autores holandeses, franceses, portugueses, alemães e brasileiros.

Muitas eram as tribus da familia *Kiriri*, sendo das principais os *Teremembé* que, desde o Itapicurú, ou o Gurupi até Camocim, estendiam o seu dominio, sendo em 1679 barbaramente perseguidos. Dos *Teremembé*, atacados por portugueses do Maranhão, que se faziam acompanhar de cento e tantos brancos e, aproximadamente, quatrocentos e cincoenta indios rivais, só escaparam, em uma maloca de trezentos, trinta e sete indigenas. Após essas atrocidades, em 1687, o padre Miguel de Carvalho aldeou os *Teremembé* do Ceará.

Outras tribus, tambem valorosas, são os *Paiacú* e os *Jandui*. No fim do seculo XVII sofrem novas perseguições. Para acalmar as lutas do Rio Grande do Norte, é chamado o famoso bandeirante paulista Domingos Jorge Velho. Mas já mais longe vão as perseguições. São os *Icó* a se queixarem nos limites das capitanias do Ceará e da Paraíba, no rio do Peixe; os *Caratiu* e os *Cariú*, estes habitando entre o rio Salgado e a parte setentrional do Jaguaribe, dominando a ribeira dos Bastiões, enquanto os primeiros ficavam no distrito de Caratius e no de Inhamum, abrigando-se nos lugares frescos da serra da Ibiapaba,

Vêm, a seguir, os *Areriú*, na ribeira do Aracacu, os *Jucá*, no vale do pequeno rio desse nome; os *Genipapo*, habitantes do distrito de Baturité, Russas e cabeceiras do rio Choró; os *Curema*, residentes no Piancó, os *Janduí*, nas ribeiras do Assú, do Mossoró, do Apodí, de onde passaram, mais tarde, ao territorio da Paraíba, entre os rios Curimataú e Trairi; os *Ariú* ou *Areá*, habitantes do rio Piranhas, da serra de Sabugí e do alto Piranhas; os *Pega*, indios seus vizinhos, os *Panati* incluidos por Martius e aldeados em Gramació.

Ainda von Martius assinala em Pernambuco, como povos *Kiriri*, os seguintes: *Guarahun*, *Carapotó* ou *Carapoti*, *Pipipõe*, *Xocó*, *Vouvê* e *Uman*, indios que andavam embrenhados nos sertões da Serra Negra, da Terra Nova e nas cabeceiras do Piancó.

Em Aguas Belas existiam os *Carnijós*, que subsistem, aldeados, em estreito contacto com os brancos.

Foram visitados em 1886 por John Branner, que os estudou detalhadamente e, ha poucos anos, por Mario Melo, que os descreveu em seu estado atual, informando que os *Carnijó* são representados por 130 familias com uma população de 700 almas. Seu governo é ministrado dentro da maneira tradicional, pelo *Iatica*, chefe escolhido por uma especie de assembleia, o *Ouricuri*, que exerce poderes discrecionarios e extintos por morte. São grandes caçadores e nadadores. E a moral da tribu é excelente, em grande parte devido á conduta dos homens. As mulheres são de muita pudicia.

Homens e mulheres praticam a dansa religiosa chamada *Tolê*, do culto Jurupari. *Ouricuri* é nome dado ao local em que os homens reunem para as praticas religiosas e escolha dos seus chefes. Esse lugar dista uma legua da aldeia indigena e é uma especie de terreiro grande, em semi-circulo, circundado de arvores e dominado por frondoso joazeiro, a que Mario Melo parece atribuir função totemista.

Falam a lingua Iatê e os homens guardam absoluta reserva sobre o que se passa no Ouricuri, defeso ao conhecimento das mulheres. Reunem-se todos no Ouricuri, em Agosto, quando os Carnijó, desarmadas as palhoças, vão instala-las naquele local, dando-lhes a forma de semi-circulo, e fazendo fundo ao Joazeiro. As mulheres, que assistem á cerimonia do culto, são tambem proibidas de se aproximarem do Joaseiro.

Para os lados das Alagoas o mesmo Martius refere-se á existencia dos *Aconan*, dos *Ceococe*, dos *Uamói* e *Romari*, os primeiros situados a oeste de Penedo e os demais na serra de Pão de Açucar. Subindo na direção da Baía viviam os *Sabujá*, nas vizinhanças do Salvador. Em 1818 Spix e Martius encontraram, em Pedra Branca, cerca de 600 *Kiriri*, semi-civilizados, dos quais recolheram um vocabulario. Mais tarde, em 1891, Ehrenreich, que por ali andou, verificou estarem os remanescentes dessa tribu desaparecidos, por extinção. Os *Rodela* e os *Jaicó*, do Rio São Francisco, eram tambem *Kiriri*.

Distinguiam-se os *Kiriri* dos numerosos povos vizinhos pela arte do tecido, pela agricultura adiantada, pela

ceramica rudimentar de seu fabrico. Dormiam em redes de algodão, usavam tipoia a tiracolo para conduzir os filhos, viviam de preferencia nos ribeiros ou nas suas proximidades, só procurando as serras como refugio de ocasião contra o ataque dos inimigos. Garcia corrige a observação de Martius, que ensinava terem os *Kiriri* aversão pelo litoral. Eles só se afastaram da costa e demandaram o sertão, quando os portugueses ligados a tribus inimigas os impeliram.

Lucien Adam resolveu, em definitivo, com o material linguistico, a questão oncernente a serem considerados os *Kiriris,* no quadro geral da nossa etnografia, uma familia á parte, perfeitamente separada das outras que coexistiam no continente. Do ponto de vista historico, são eles uma das familias que mais interessam á formação etnografica do Brasil pelo menos no grande setor que se estende, acompanhando o litoral, das margens do S. Francisco ao Itapicurú, no Maranhão.

Os Pano

Dentro do vale Amazonico, muito embora a invasão armada do *Tupi-Guarani,* sobrou sempre lugar para outras tribus.

A terra era farta, os rios abundantes, o clima bom. O indigena, amigo de pouco trabalho, lá se sentia feliz.

A conjunção de povos, na bacia do grande rio, não é por outros fatores que se explica.

A' primeira mirada os etnografos confundem-se. Distinguem, apenas, dois ou tres povos na planicie. Depois, essas duvidas se aclaram. Aí por 1888 Raoul de la Grasserie, citado por Garcia, conseguia isolar e localizar o grupa *Pano*. Era um novo elemento precioso a enriquecer os estudos etnograficos, logo discutido, analisado, aceito, entre outros, pelos etnologos Karl von de Steinen, Brinton, Ehrenreich.

O grupo ou familia *Pano* se localiza no Ucaiali, no Javarí, no alto Juruá, no medio Madeira, no Beni, em Madre de Dios, galgando os inumeros afluentes desses rios, em territorio boliviano, peruano e brasileiro.

As tribus da familia *Pano* diferem, nas suas caminhadas, das tribus propriamente brasileiras. Enquanto estas sobem, elas descem os rios, talvez fugindo ás montanhas andinas, de onde talvez tenham partido. Descendo do Perú oriental, infletem para a margem do Amazonas, percorrem o Jutai, vão ao Madeira e ao Madre de Dios, comprimem-se sobre o territorio do Acre, onde aparecem os seguintes grupos *Pano*: *Amahuacá*, divididos em dois grupos, *Aninauá*, habitantes do alto Envira; *Jaminauá*, tribus do rio deste nome, afluente do Envira; *Capanauás*, nas cabeceiras deste mesmo rio, ocupando a faixa de terra entre o S. João e o Caipora; outra tribu com o mesmo nome, nas nascentes do Javari.

Ocupando grandes dominios no rio Envira, aparecem os *Caxinauás*, que se estendem pelo paraná do Ouro, pelo alto Marú e seus tributarios da direita, pelo Ibuaçú e

Humaitá, pelo alto Tarauacá, alto Gregorio e alto Liberdade.

Sobre o Humaitá, palmilhando a zona vizinha, o rio Muru, e o rio Furnaia, afluente do alto Envira, encontram-se os *Teuxinauá*; mais par cima, para as bandas do alto Liberdade, do Valparaiso, do Amoacá e do Grajaú, ficam os *Sipinauá*, avizinhados dos *Paninauá* e seguramente do mesmo ramo dos *Saminauacana* do Ucaiali. O vocabulo Caxinauá, estudado de maneira esgotante, do ponto de vista linguistico, pelo grande Capistrano de Abreu, quer dizer "indio morcego", seguramente aparentado, segundo Rivet e Tastevin, dos *Caxibos* ou *Cahibos*, que quer dizer "morcego", habitantes do territorio do Perú. Teuxinauá significa "indio amarelo" e Sipinauá "indio papagaio", ainda segundo a mesma fonte citada por Garcia.

Vêm a seguir, ainda pertencentes á mesma familia, os *Ararauá*, no alto Liberdade e no alto Envira; os *Contanauá*, sobre o Tarauacá e o Humaitá; os *Pacanauá*, "indios pacas", sobre as cabeceiras do Envira; os *Marinauá* "indios cotias" sobre o Turmaia; os *Guaianauá*, entre o Môa e o paraná dos Mouras; os *Paianauá*, na parte superior daquele rio; os *Inocuini*, entre o Môa e o Sungarú; os *Nauá*, no alto Juruá, acima do Liberdade, nome generico a que respondem todos os indios *Panos* do alto Juruá. Como sub-tribus dos *Nauá* aparecem, na mesma terra, os *Iaiá*.

Na mesma região encontram-se duas tribus *Catuquina*, na margem direita do Juruá, em seu afluente Re-

conquista, e no alto Javari. No rio Catuquina, afluente do Paranacú, assinala-se outra tribu deste nome, mencionada por Maximo Linhares e referida por Garcia. No rio Aturiá, afluente da margem direita do Juruá, encontram-se os *Yuavo*, e, nas suas nascentes, os *Yurá;* ao pé das colinas de Cantamana, ocupando terras acreanas e peruanas, junto á cordilheira Canchahuaia e o rio Tamaia, vivem os *Remo*, divididos em duas tribus. No divisor das aguas do Juruá e do Tamaia, encontram-se os *Sacuia*. Aparecem tambem nessa região, ladeados de grupos *Aruak*, os *Mainauá* de nome Pano, mas ainda não perfeitamente conhecidos. Sobre o Curumá, ainda no territorio acreano, vivem os *Cauamari*, estudados por Paul Rivet e pelo padre Tastevin.

Fora do Acre, já em territorio do Amazonas, entre o Ituí e o Javari, habitam duas tribus *Maioruna* que têm no territorio peruano os seus grupos principais. Com o nome de *Marubo* ou *Pelado* o padre Fritz, no seculo XVII, se referia a essas tribus que viviam entre o Ucaiali e o Javari, e ainda aos *Maioruna* que respondem tambem pela alcunha de *Marubo*, e vão aparecer nas margens do Cochiquina, afluente da direita do Amazonas, acima do Javari e, igualmente, neste rio. *Maioruna* "homem do rio", é vocabulo de origem quéchua. Lá para o Jutaí e o Javari, divididos em tres grupos, vivem os *Culino* ou *Curina*, que Garcia recomenda não devem ser confundidos com os *Culina* ou *Culino* do Juruá, filiados

á familia *Nu-Aruak*. O mesmo autor diz que esses indios falam um dialeto Pano, segundo verificaram Tastevin e Rivet, que a lingua dos *Maioruna*, como a dos *Culino* e a dos *Caripuna*, foi elemento basico na formação do idioma Pano. Em territorio brasileiro essa familia ainda se apresenta com os *Caripuna* ou *Jaún-Avo* de Mato Grosso, no medio-Madeira.

Alem do territorio nacional, existem outros grupos Pano, os *Chamicuro*, os *Setibo*, os *Sipibo*, os *Caxibo*, os *Cunibo*, os *Pichobo*, e outros mais, no Perú; os *Atssahuacá*, os *Pacaguara*, os *Capuébo*, os *Chacobo*, os *Sinabo*, na Bolivia.

Os *Pano* vivem da agricultura, fazem grandes roçados preparados pelos homens, onde cabe ás mulheres o trabalho da colheita. Praticam a caça e a pesca. São pequenos avicultores. Plantam milho, mandioca, mendubi, e frutas de que se alimentam. Têm comercio estabelecido com os barracões e os regatões que sobem os rios. São por todos os motivos uma tribu adiantada.

Os Guaicurú

As extensas campinas do sul de Mato Grosso, alcançando Miranda e Corumbá e, por outro lado, penetrando os vastos territorios do Grã Chaco, eram ocupadas, no seculo XVI, quando os espanhois e os portugueses faziam suas incursões por ali, pelos destemidos *Guaicurú*. Povos

cavaleiros, acostumados a lutar montados, dominando a campina, levavam sobre seus inimigos, vizinhos, essa vantagem primordial. Altos, de côr acobreada escura, e dextros, diferençavam-se das demais raças, e suas origens não se acham até hoje bem explicadas.

Criavam o gado vacum, cavalar e lanigero e, para alimentar esses imensos rebanhos, mudavam constantemente de lugar, instalando-se preferencialmente nas terras onde as campinas dominavam. Suas mais antigas noticias, com esse detalhe de povos criadores, foram dadas pelos primeiros bandeirantes paulistas, que devassaram aquelas terras.

Francisco Rodrigues do Prado, que primeiro os estudou, descreve-lhes o dominio como abrangendo as terras que margeiam o rio Paraguai, arras que foram perdendo poupo a pouco, á proporção que os portugueses e espanhois iam avançando com suas povoações.

Seus costumes eram muito pessoais. Vivendo vida diversa, não podiam proliferar facilmente. Sempre em guerras, nas quais suas mulheres os acompanhavam, conforme narra o brigadeiro Machado de Oliveira, os nascimentos, entre eles, eram insuficientes. As mulheres praticavam geralmente o aborto, para não estorvar a vida errante dos maridos, e, sómente dos trinta anos por diante, consentiam em fecundar. Talvez da menor percentagem das mulheres proviesse o habito da pederastia, que entre essa tribu se praticava. Prado informa que aos

praticantes passivos chamavam *cudinas,* nome dado, igualmente, a todo animal castrado. Roubavam crianças e impunham a escravização ás tribus vencidas, poupando a vida das crianças e das mulheres, logo adotadas pela tribu. Eram monogamos e as mulheres entre eles recebiam grande culto de estima. Inimigos dos *Paiaguá,* mais tarde fizeram com eles as pazes, tomando-lhes o uso da canoa, em que eram peritos, e juntos combatendo os paulistas, que em canoas navegavam ao demandarem as ruinas de Cuiabá.

De algumas de suas tribus resta hoje apenas a documentação historica, assimiladas que foram por outras. Os *Matará,* os *Abipone,* os *Charrúa,* os *Lengua* antigos, os *Quiniquinau* de Miranda, encontram-se neste numero. Outras, porem, subsistiram espalhadas em territorio brasileiro, argentino, paraguaio, como os *Paiaguá,* os *Mbaia* ou *Caduvéo,* os *Enimagá,* os *Toba,* os *Mubocobis,* alem de outras.

Os *Guaicurú* têm sido confundidos com os *Tupi-Guarani* por varios estudiosos, sendo hoje perfeitamente conhecida a separação que demarca o horizonte desses dois povos. Não parece, tambem, que os *Guaicurú* sejam indios brasileiros, como quer George Friderici, citado por Garcia, por isso que, na epoca da conquista, já eles habitavam os territorios do Chaco onde se encontravam não como hospedes recentes, mas como donos ou antigos posseiros da terra, sobre a qual exerciam pleno e incontestado dominio.

Os Goitacá

Das tribus que receberam os portugueses no seculo XVI uma das que primeiro se extinguiram, tendo infligido aos colonizadores os mais arduos trabalhos, foi a dos *Goitacá* ou *Goitacaz.* O seu dominio se exercia em estreita faixa de terra do Espirito Santo e Paraíba do Sul, apertada pelos *Papanaz* e pelos *Tamoio,* que com suas terras confinavam.

Foram os *Goitacá,* no relato dos primeiros cronistas, indios dos mais ferozes, selvagens dos mais crueis, que habitavam a costa. O meio em que tiveram de viver lhes plasmou um feitio á parte, diferente, em seus habitos e costumes, das outras nações selvagens. Hospedes do litoral, habitando terras de poucas matas, tornaram-se invenciveis lutadores em campo aberto. Instalados nos campos aluviais do baixo Paraíba, cujas terras ocupavam até a foz, foram peritos nadadores, peritos remadores, destros, habeis e corajosos lutadores do mar. Viviam, nos seus campos, em palafitas. Dominavam os tubarões, com eles lutando n'agua, utilizando um pau de palmo pouco mais ou menos, que metiam na boca do peixe, enquanto com a outra mão lhe arrancavam as entranhas, conforme frei Vicente do Salvador.

Saint-Hilaire, que os estudou, ensina que os *Goitacá* formavam um povo á parte, uma especie de ilha no meio dos povos da raça *Tupi,* senhora do litoral. Outros

naturalistas se ocuparam da temerosa tribu. Eschwege, Martius, o principe de Wied-Neuwied, trouxeram valiosa contribuição para o conhecimento deste povo, logo extinto nos primeiros seculos da conquista. Tres tribus distintas constituiam eles, os *Goitacaguaçú*, os *Goitacamopi*, e *Goitacajacorito*. Tambem os *Coroado*, os *Puri* e os *Coropó* eram seus descendentes, exceção dentre esses, dos do grupo do rio Pomba, em Minas Gerais, ali existente até o primeiro quartel do seculo XIX, não confundidos com os *Coroado*, acentuadamente caracterizados como remanescentes *Goitaca*.

Os *Goitaca* primitivos já na primeira metade do seculo XVII haviam desaparecido, supressos pelo português, acamaradado nessa liga de defesa a tribus de grupos diferentes. Seus ultimos remanescentes vivem hoje muito reduzidos, na zona do Paraíba, para o Norte até Minas e Itapemirim. Seu estado de regressão é lamentavel, quasi comparado ao dos *Botocudo*, sobre os quais levam apenas a vantagem do uso da rede de dormir. Dentre esses ultimos decendentes do valente povo, os *Coroado* e os *Puri* foram os que mais se destinguiram. Os *Puri* tiveram um vocabulario de sua lingua organizado por Alberto de Noronha Torrezão e foram catequizados por Guido Tomaz Marlière; os *Coroado*, estudados por Saint-Hilaire, Aires do Casal e Neuwied, nada têm de comum com os *Camê*, que são *Gê*, nem como os *Borôro*, e foram devidamente classificados como familia á parte por Ehrenreich, em 1886.

Os Carajá

Na epoca da conquista os *Carajá* viviam na vizinhança dos *Tupi* da costa, falando deles Jean de Lery e outros cronistas do tempo. Formaram, nos anos a seguir, um povo consideravel, no medio Araguaia, onde ainda se encontram e têm sido visitados por muitos excursionistas. Povo laborioso de pescadores e lavradores adiantados, com uma vida tribal avançada, Castelnau, Ehrenreich, Gustav von Konigswald e Fritz Krause, que os estudaram, falaram com entusiasmo dos seus costumes, observando que, nos ultimos tempos, os *Carajá* receberam dos civilizados o uso das ferramentas e do vestuario, repelindo os demais costumes e vivendo vida superior não só em relação ás demais tribus como aos proprios civilizados seus vizinhos.

Em tres ramos principais se divide a familia *Carajá*, que são os que propriamente acodem pelo nome de *Carajá*, situados desde o S. José até a ponta norte da grande ilha do Bananal; os *Xambioá*, na região encachoeirada do rio e os *Javahé*, pacificos habitantes do interior da ilha. A margem direita do Xingú encontra-se outra tribu *Carajá*, que vive em guerra com os *Juruna* e da qual dá noticia von den Steinem.

Ehrenreich que, do ponto de vista somatico, estudou os *Carajá*, assim os descreve: "Cranio alto muito comprido e estreito, nariz fortemente proeminente, em

geral muito curvado, fendas oculo-palpebrais pequenas e, ás vezes, rasgadas, cabelo comprido, ora duro, ora ondeado, relativamente fino".

Os menos puros da tribu são os *Xambioá,* que se mesclam com mulheres e crianças roubadas aos *Caiapó* e, no aspecto linguistico, se isolam de todas as tribus americanas.

Os homens carajá são de grande estatura e as mulheres pequenas.

Os Borôro

Em terras do mesmo clima, nas imensas planuras de Mato Grosso, localizam-se os *Borôro,* conhecidos desde que as bandeiras paulistas demandaram os altos sertões. Quando Antonio Pires de Campos penetra em direção ao planalto dos Parecis, conta com o auxilio dos *Borôro* na caminhada que vai tentar. Eles estão em contacto com os brancos, desde 1741, e os exploradores cientificos, desde Langsdorff e Natterer, penetrando o sertão de Mato Grosso são atraídos pelo estudo dessa tribu, que von den Steinen e Ehrenreich conseguem definitivamente explicar, separando-a das demais da região e marcando-lhe o ponto de irradiação original.

Compreendem os *Borôro* dois grupos principais em Mato Grosso: os da *Campanha* e os *Cabaçais,* ou do rio Cabaçal. Os primeiros, segundo Garcia, vivem em pe-

quenos aldeamentos á margem direita do Paraguai e Jaurú, para os lados da Bolivia; os segundos se situam na margem e cabeceiras do Cabaçal e do Jaurú, que corre para a margem direita do Paraguai. Um pouco mais para o sul encontram-se os *Borôro* do rio das Garças, pacificados em 1891 por Candido Rondon. Originariamente, essas tribus *Borôro* sairam de região do rio São Lourenço, estabelecendo-se nas cabeceiras do Araguaia e contravertentes do S. Lourenço, tendo como vizinhos os *Caiapó*.

O nome de *Coroado*, a que respondem esses indios, é usado por varias tribus diferentes, que nada têm de comum com aqueles, como os da bacia do Paraná, os do Xingú, na bacia do Amazonas e os *Xipotó*, situados entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em compensação, *Borôro* são os indios chamados *Barbado* da região do Diamantino, servindo essa confusão de nomes apenas para dificultar o conhecimento certo deste povo.

Os *Borôro* são indios escuros, caçadores, que formam bandos predatrios, nos quais Martius vê a combinação, a mistura de varios indios e de negros fugidos, levando vida errante de aventura, sem pouso certo e definido. Não praticavam a agricultura, viviam da caça e pesca, não conheciam o uso da rede, sendo peritos na pintura de armas e ornatos de pena. Praticavam geralmente o assalto e o roubo, de que se mantinham.

Modernamente os *Borôro*, até ha pouco inclassifi-

cados, do ponto de vista linguistico, foram bem estudados por Paul Rivet, Créqui-Monfort e Basilio de Magalhães, que os entronca no grupo *Otukê,* indios da Bolivia, de onde teriam descido para os territorios brasileiros assinalados acima. Estudou-os, modernamente, em valioso trabalho a que nada escapa do ponto de vista etnologico, o padre Colbacchini.

Os Trumaï

Poucas informações existem sobre os indios *Trumaï,* até o presente indecifraveis. Seu primeiro contacto com os civilizados, para pesquisa etnografica, data das expedições alemãs de 1884 e 1888, de von den Steinen e Ehrenreich. Na primeira viagem esse encontro foi rapido. Vieram em quatorze canoas e logo revelaram grande curiosidade e ganancia pelos objetos que avistavam, mas, ao som de um tiro de carabina, disparado inadvertidamente, retomaram as suas canoas e desapareceram no mato. Da segunda excursão o conhecimento resultou melhor e von den Steinen pôde verificar que eles eram tribus estranhas na região, provavelmente originarias das tribus do Chaco Argentino que, por motivo ainda não conhecido, se tenham encaminhado para aquela zona. Desse excasso conhecimento resultou considera-los Ehrenreich tribus alofilas.

Os *Trumaï* são povos de grande estatura, só excedida pelos *Borôro.* As mulheres, entretanto, como acontece em outros grupos, são de pequeno porte.

Os Pareci

Data de 1718 o aparecimento dos indios *Pareci,* habitantes dos vastos campos de Mato Grosso, que seu nome tomaram. Por esse epoca penetrou no planalto em demanda do alto sertão a bandeira de Antonio Pires, que foi o primeiro civilizado a estabelecer conhecimento direto com esse povo.

Tribu numerosa, conta Antonio Pires que, num só dia, atravessava dez e doze aldeias, "algumas de trinta casas, de cerca de quarenta passos de largura, redondas, do feitio de um forno, mui altas"... E lá dentro numerosa população, como era costume entre as tribus, se adensava na oca, população, entretanto, laboriosa e adiantada, que cultivava a terra, plantava a mandioca, o milho, o feijão, os ananazes, de que faziam soboroso vinho. Povo dado á caça e á pesca, armavam fôjos em terrenos cercados entre dois rios, para apanhar veados, e umas e outras caças, que caiam vivas na armadilha.

Não eram dados a guerras e procuravam sempre defender-se, nunca tomar a ofensiva. Suas armas já eram naquele tempo o comum das armas usadas pelos outros povos do seu estado social: arco, flexas, folhas largas de madeira rija que manejavam á guisa de espada, pequenas lanças para defesa das ocas, onde só se entrava, de gatinhas, tão pequena era a portinhola de comunicação.

Povo adiantado, já possuiam um culto perfeitamente delineado. Seus idolos eram guardados em tabas especiais onde só entravam varões. As mulheres eram

inibidas de ver o que ocorria nas cerimonias religiosas, e não tinham permissão de olhar para a cabana onde se celebrava o culto. Neste detalhe os *Pareci* se aproximam da antiga tribu de origem *Kariri* ou *Kiriri*, os *Carnijó* de Aguas Belas, em Pernambuco, os quais, praticando o culto Jurupari, cercam-n'o de todas as reservas para com as mulheres, impedidas de pisar até o solo sagrado onde se realizam as cerimonias do ritual. Esses antigos templos dos *Pareci* ainda hoje subsistem, segundo Roquete-Pinto, sempre defesas ao olhar das mulheres.

Os *Pareci* são poligamos e, ao contrario do que se observa na familia indigena em geral, os homens não tratam bem as mulheres, que segregam de seu culto e não permitem que dansem ou cantem em sua companhia. Casam muito jovens e, alguns, criam meninas, desde tenra dade, a que tomam por mulher logo que ficam puberes, aos 12 e 13 anos. Talvez em revide a esse tratamento desatento dos maridos, Roquete-Pinto acentua a leviandade de procedimento amoroso da mulher *pareci*, muito ao contrario da mulher *nambiquara*, embora essa esteja em condição de inferioridade sensivel junto áquela.

Quando se encontrou entre os *Pareci*, em sua viagem de 1888, von den Steinen observou que eles faziam um inteligente comercio com os brancos vizinhos e com outras tribus, trocando ou vendendo á sua moda, entre outros produtos, fumo em rolo, peneiras, redes, penas, mandioca, algodão, cará, batatas e ipeca. Todo esse ativo co-

mercio era praticado especialmente com S. Luiz de Caceres e Diamantino.

Os *Pareci* usavam de velha data a rede de algodão e de tucum, andavam despidos, usavam ligas nas pernas como enfeites, os homens de algodão, as mulheres de borracha. Tatuavam-se nas coxas e nos braços, desenhando arcos com tinta de genipapo, utilizando nesse mister o espinho de gravatá.

As mulheres incumbiam-se da tecitura da rede e da ceramica grosseira do seu viver, enquanto os homens se reservavam o trabalho das peneiras, a industria dos trançados, que exigia melhor destreza e viva inteligencia da parte de quem os fazia.

Nos primeiros documentos dos cronistas, essas vastas terras do Brasil central aparecem com a indicação de *Sertão dos Parecis* ou *Sertão de Cuiabá,* começando, muito depois, já nos documentos de 1735, a se falar na denominação de Mato Grosso, pela qual ficou respondendo toda essa imensa região do Brasil Central. Mato Grosso fez parte da capitania de S. Paulo até 1748, sendo elevado a capitania a 9 de maio desse ano.

Os Nambiquára

Na Serra do Norte são os *Nambiguára* ou *Nhambiquára,* estudados em 1912 por Roquete-Pinto e por Pirineu de Sousa, a mais surpreendente revelação da idade da pedra trazida aos nossos dias. O estado de atraso

desse povo é tão grande que, segundo o ilustre antropologista e etnografo, "a pele do homem negro e do homem branco, que todos os indios do Brasil conhecem, despertava ainda, em muitos deles, grande surpresa". Viviam inteiramente afastados do contacto de outras tribus que os rodeavam, em isolamento igual áquele em que von den Steinen encontrou no Xingú os *Baikari*, cercados de tribus adiantadas, mas apresentando absoluta regressão social, em plena idade do silex lascado.

Os *Nambiquára* tinham sido antevistos em 1718, mas só no seculo XIX, nas viagens de von den Steinen, foram observados mais a vagar. Ehrenreich com eles se deteve em 1897, verdadeiramente, porem o estudo desse povo data dos trabalhos da Comissão Rondon e, mais precisamente, da excursão que entre eles realizou Roquete-Pinto em 1912, relatando-a em 1917, na "Rondonia".

E' de 1920 o trabalho publicado por Pirineu de Sousa, sobre a mesma região, um completando o outro, nos detalhes relativos ao viver obscuro desse povo. Não é pequena a zona de dominio do povo Nambiquára, situado alem dos campos dos Pareci. Seu limite na região meridional é o rio Papagaio; ao norte a região do Gi-Paraná; a leste o rio Tapajoz; a oeste o Guaporé. Roquete, que melhor os visitou, não pôde recensea-los com segurança, dando noticia da existencia de uma duzia de aldeias que, habitadas aproximadamente por cem individuos cada uma, perfazem o total de mil e duzentas almas para a população do grupo.

Os *Nambiquára* compreendem diversos grupos, como Roquete-Pinto explica Ás margens dos rios Juruena Juina e Papagaio até o Camararé, reside o que aquele naturalista denomina de *Kôkôzú.* No baixo 12 de Outubro, abrangendo a sua confluencia com o Arinos, vivem os *Ánunzé* ou grupo de nordeste, emquanto o primeiro será de sudeste.

Há outros, alem destes. Os *Salamá, os Tarutê,* os *Taschuité, os Taguarú,* os *Tatuité,* os *Uaintaçu,* todos acessiveis ao trato do branco, exceção dos ultimos, desconfiados, rebeldes e maus, mesmo na convivencia entre eles.

Os *Nambiquára* são de côr amarela siena queimada, mais escura nos *Kôkôzú,* quasi preta nos grupos colocados no Juruena e no Juina. São dos indios de maior estatura e mais escuros do Brasil. Á cabeça conservam o cabelo escuro e de pêlos retilinios. No corpo, homens e mulheres são depilados, habito, aliás, comum entre essa tribu, sendo poucos os homens que conservam vagos fios de bigode e, sobre o mento, á guisa de barba. As unhas são-lhes, porem, indispensaveis e uteis meios de defesa porisso que, com elas, suprem vantajosamente os objetos cortantes que o seu viver atrasado não lhes dá. Despidos de beleza fisica, têm pés grandes, pernas finas e musculosas, torax pouco volumoso, abdomen saliente e desenvolvido. Muito embora em plena idade litica, dormindo deitados sobre o chão, sem defesa para o corpo, estendidos a decubito dorsal, com a cabeça apoiada sobre o braço direito, ou sobre um cêpo ou sobre a perna

do vizinho, num primitivismo animal, desconhecidos e estranhos ás demais tribus, são adiantados agricultores e se nutrem do trabalho de suas plantações.

Vivendo em permanente nudez absoluta, carregam, entretanto, um manto de fibras de palmeira ao longo da coluna vertebral, pendente do pescoço. Os homens usam o cepto-nasal e os lóbulos da orelha furados, guarnecidos, uns e outros, de covilha ou outro objeto, ali colocado a titulo de enfeite. Pintam-se nas ocasiões festivas, passando a tinta do urucú sobre o corpo todo; as mulheres fazem-no depois do banho. Tambem se adornam, especialmente os homens, com diademas de penas, brincos, braceletes, pingentes e colares. Não praticam cerimonia especial para o casamento e são fetichistas.

CAPITULO VII

GRUPOS POUCO ESTUDADOS

Os Betoia, os Tacana, os Peba, etc. — Os Tapirapé.

Os *Betoia* ou *Tucano,* os *Tacana,* os *Peba,* os *Catuquina,* os *Macu* e os *Chauapana,* são povos indigenas que pouco interessam ao Brasil, mas que estão de alguma sorte relacionados com outros que nas nossas terras se situaram.

São grupos etnicos incluidos na primeira zona estabelecida por Ehrenreich, e que diz respeito á Venezuela, ás Guianas, á Columbia, á Bolivia, ao Perú e ao Brasil. Deles o que mais de perto pode interessar aos nossos estudos é o dos *Betoia* ou *Tucano* que compreende diversos grupos espalhados pelo Solimões e pelas Guianas, e que têm como tribus essenciais os *Tucano,* subdivididos em *Jupuá* e *Coretú, Jaúna* e *Cobéua;* os *Desana* no rio Apaporis, os *Corregai* e *Tama* do rio Jair, afluente

do Japurá; os *Pioie,* ás margens do Napo e do Putomaio; os *Paiaguá,* no baixo Napo; os *Umáua,* no alto Japurá.

Esses indios foram estudados primeiramente por Brinton, em 1922, mais tarde por Beuchat, Köch Grüenberg e Rivet, chegando esses etnologos á conclusão de que os *Betoia* atingiram o territorio em que se encontram em epoca muito recente, tendo descido pelos rios Napo, Putomaio e Japurá, das regiões setentrionais onde habitavam.

A tribu dos *Tacana,* tambem observada por Brinton, compreende grande numero de grupos, sendo principais: os *Araona,* os *Arása,* os *Toromona,* os *Guacanágua,* os *Tacana* propriamente ditos, os *Maropa,* os *Guaraio,* os *Tiatinagua,* os *Cavina,* os *Sapibocóna,* os quais se estabelecem no territorio da Bolivia, chegando provavelmente ao rio Aquiri, em dominio brasileiro, porisso que os *Capechena,* do territorio do Acre, apresentam evidentes aproximações linguistas como os *Tacana,* sendo possivelmente do mesmo tronco.

A revisão dos estudos linguisticos dessa tribu, procedida por Créqui-Monfort e Rivet, atribue-lhe numerosos idiomas perfeitamente estudados.

Os *Peba* formam outra dessas familias, aparecem aqui por aproximação ou afinidade com as nossas tribus. Estudados igualmente por Brinton e revistos por Rivet, os *Peba* compreendem tres grupos distintos: Os

Peba, propriamente ditos, sub-divididos em *Cauwachi, Caumari* e *Pacáia;* os *Iagua,* e os *Iaméo.* Dominam os *Peba* na parte setentrional do Amazonas.

Dos povos reunidos sob a designação de grupos pouco estudados, são os *Cahuapano* um dos mais numerosos. Compreendem varias tribus, como os *Cutiana,* os *Urarina,* os *Itucale* e os *Lama,* estabelecidos no Equador oriental e nas abas andinas até a região do Napo e do Marañon.

Na mesma zona encontram-se, igualmente, os *zaparo,* povo aparte, que como os *Cahuapano,* não nos interessa senão sob o ponto de vista geral.

Nas bacias do Purús e do Juruá, Rivet estudou, igualmente, a tribu dos *Catuquina,* deixando seus trabalhos incompletos, o que resultou ficar essa tribu inexplicada até agora.

Os *Macú* são uma tribu que habita entre os rios Negro e Japurá. Este nome se origina de *Makú,* alcunha insultuosa dada a este povo pelos *Aruak.*

Köch-Grüenberg, Rivet e Tastevin estudaram diversos dialetos *Macu,* chegando á conclusão de que todos são dialetos diferentes de uma lingua comum, que acusa elementos recolhidos dos *Tupi* e dos *Aruak.* Ha uma tribu *Macú* no rio Auari, afluente da margem esquerda do alto Arariquera, mas Köch-Grüenberg, que a estudou, não descobriu nenhuma afinidade entre a lingua desses *Macú* e qualquer outro idioma americano.

Os Tapirapé

Em 1912 os *Tapirapé,* indios da margem desse rio, afluente do alto Araguaia, foram visitados por um sertanista brasileiro, que deles dá noticia detalhada.

O explorador foi o sr. Alfredo Olimpio, que por essa epoca se empregava na descoberta e exploração de cauchais. Tendo trabalhado nos seringais do Xingú, partiu de Belem, visando Conceição do Araguaia, de lá subiu o Araguaia, ladeou pelo braço direito do rio e, ao passar a ponta de baixo da grande ilha do Bananal, encontra a foz do Tapirapé, que descreve larga, semelhando a pequena baía, fechada por dois paredões que lhe pareceram graniticos.

Galga o rio e, ao fim de dois dias de viagem, avista vastos campos, que logo percorre, abandonando a *ubá* em que se transportava. O horizonte é fechado por uma serra para a aqual o cearense, acompanhado de sua gente, avança. Ao fim de um dia de viagem chega ao sopé da serra, que pelo mapa de Homem de Melo é a do Roncador, mas que o explorador assegura ser um serrote isolado, onde nasce o Tapirapé, ao qual ele deu o nome de Serra Chumbada. Transpõe-n'a e, duas horas depois de atravessar o penhasco, onde os campos desaparecem e a mata esponta, tem contacto, de surpresa, com os indios.

Transcrevamos sobre esses indios o que diz a narração dessa viagem, publicada ha vinte e um anos, no

jornal *Folha do Norte,* de Belem do Pará, no dia 29 de julho de 1912. O trabalho aludido, que é do autor deste livro, intitula-se "Através do Noroéste brasileiro", e dele extraimos os periodos seguintes, referentes á especie e ao viver dos indios daquela tribu:

"Estes indios ocupam tres aldeias, distando a primeira da margem do rio dois dias de viagem e a segunda tres, não tendo o explorador visitado a terceira. As caracteristicas principais da tribu são tez morena claro, diferente da dos *Carajá,* que são muito escuros, e inimigos dos *Tapirapé.* As mulheres são baixas, os homens mais altos, uns e outro bem proporcionados. Cabelos corredios e asperos, olhos um tanto obliquos, testa regular, labios grossos. Andam nús, sem enfeites. As mulheres resguardam o sexo com uma folha de fibra extraída do entrecasco de uma orvore da região, que os nativos chamam *Cachimbeira.* Esta folha é atada na cintura, na frente e nas costas, passando pela entreperna e colocada de maneira a garantir um completo recato. Os homens, como os *Carajá,* atam por uma fibra o prepucio, encurvando-o como usam certas tribus da Amazonia. No terço inferior da perna á altura do tornozelo, as mulheres usam liga de algodão, enfeitada com pena. Os homens adotam no mesmo lugar uma liga de borracha defumada. São doceis e possuem bons sentimentos e boa moral. Praticam a poligamia. A mulher só recebe marido depois da nubilidade".

"A cerimonia do casamento é engraçada e curiosa, realiza-se nos periodos lunares e consta de uma "fala"

feita pelo maioral, longa e enfadonha, logo seguida de dansas, e do rapto simulado da noiva pelo noivo. Eles se retiram com seu *jamaxi*, cheio de peixe, macaxêra, farinha, banana da terra e milho, unicos alimentos desses indios, ficando no mato, em lugar não sabido, até o outro periodo lunar".

"Conhecem e usam a rede. Fabricam e utilizam louça muito tôsca, de barro. Fazem, do cipó e da palha, trançados para *tipitis* e cestos grosseiros.

Entre os *Tapirapé* encontrou o desbravador resquicios, em objetos quebrados, de uma expedição que por lá andou. Tambem notou que esses indios se alimentam mal, e que a molestia que mais os ataca é a tuberculose. Fora dela, a bexiga, a catapóra, o reumatismo, poucas febres.

A ilha de Sant'Ana do Bananal, de que se fala na exploração do Tapirapé, é a mesma de que conhecemos a remota descrição do alferes José Pinto da Fonseca, um dos primeiros documentos que a ela se refere, feita em carta datada de 2 de Agosto de 1775 e publicada em 1846 no vol. 8 da Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, e na qual seu autor a descreve: "Acho ter esta ilha 80 leguas de cumprido e 22 de largo; o que nelas temos descoberto de gentio são as duas nações de *Carajá* e *Javaé;* a primeira consiste em seis aldeias, a segunda de tres, e ambas fazem o numero de nove mil almas; estas duas nações nos dão noticias dos *Araé*, *Tapirapé* e *Comocare*, com os quais tem paz". Esta nação *Carajá* tinha como adversarios os *Chavante*, ferozes indios que lhes tomavam as mulheres.

A excursão procedida pelo desbravador Alfredo Olimpio ás aldeias *Tapirapé,* realizou-se cento e trinta e sete anos depois da referencia feita na carta supra. Recentemente, em junho de 1935, o etnologo Herbert Baldus visitou novamente esta tribu, cujos costumes descreveu, explicando não ter sido ela visitada por outros dada a distancia e dificilimo acesso das suas aldeias.

O sr. Herbert Baldus discorda da classificação que Metraux dá a esta tribu, quando a aproxima dos *Karajá,* dizendo que as suas investigações demonstraram ser os *Tapirapé* parentes proximos dos *Tupi.*

CAPÍTULO VIII

OBSERVAÇÕES REFERENTES AOS TIPOS ANTROPOLOGICOS

São bem consideraveis os estudos realizados desde Rodrigues Peixoto e Lacerda Filho, até Roquete-Pinto, em nossos dias, no dominio da antropologia. A contribuição brasileira dos sambaquis auxiliando as conclusões de eminentes figuras da ciencia europeia e norte-americana, desde Quatrefages, Kollmann e Virchow, que estudaram o material da Lagoa Santa, recolhido por Lund ao Museu de Copenhague, até os que mais tarde compararam esse material com o esqueleto de Pontinelo, descoberto em 1881, por Santiago Roth, e o cranio d'Arrecifes, em 1888, por José Monquillot, ambos encontrados na Argentina, permitiram estabelecer certa segurança na classificação das nossas raças, do ponto de vista antropologico, estudos que, mais desenvolvidos e completados com o material fornecido pelas raças historicas, possibilitaram a divisão do nosso povo em braquicefalos, mesati-

cefalos e dolicocefalos, tipos que correspondem a uma menor ou maior influencia das raças formadoras primitivas, naqueles povos que inicialmente viveram no continente.

Facilmente descobre-se em cada uma dessas divisões elementos semelhantes, traços comuns a outros povos do planeta, sendo chamados os mongois, os malaios e os polinesicos, a explicar o embaraçoso problema das populações amerindias, o que quer dizer, das tribus nativas do Brasil. Hoje já não é possivel pôr em duvida, na questão do nosso povoamento, a presença dos povos oceanicos, apenas, o que talvez seja possivel observar é que, desde a primeira hora, isto é, muito antes dos europeus aqui chegarem, a nossa terra já era um vasto campo de mestiçagem dos povos do Pacifico. Não querendo tomar conhecimento dessa mestiçagem, mas amparando as origens asiaticas dos povos americanos, estão vitoriosas as afirmações de Rivet, de Hrdlicka, Boissutti, Mendes Correa, Vernau, discutidas e aceitas, entre outros, por Montandon, Deniker, Jacques de Morgan, que discordando em detalhes minimos, são acordes em reconhecer no homem da America o asiatico, o oceanico, que emigrou.

Muitas são as semelhanças de observação fisionomica encontradas entre os povos americanos e as raças exoticas do velho continente. A braquicefalia dos indios da epoca

---

(*) Ao sahir publicada a primeira edição de «Introdução á Arqueologia Brasileira», filiava-me ao autoctonismo. Hoje situo-me entre os partidarios do povoamento pelas migrações da Asia e da Oceania, assunto de que trato largamente em «Migrações e cultura Indigena».

da conquista lembra a dos povos do tronco malaio, assim como os nossos dolicocefalos se aproximam, ou evocam, tipos de outras raças diferentes. Embora distanciados do dolicolouro, pelos traços principais que imprimem carater á raça, os nossos dolicocefalos não deixam de se acusar como elemento impressionante em algumas tribus. O tipo mesaticefalo, tambem aqui encontrado, significa uma formula intermediaria de cruzamento equilibrado entre as duas outras classificações raciais citadas, seguindo as afirmações de Rivet.

Ao chegarem ás terras de Santa Cruz as caravelas mandadas pelo rei de Portugal ás Indias, esses tres tipos raciais ocupavam a massa continental brasileira. Tinham os braquicefalos o seu nucleo mais importante na região nordeste e no vale do Amazonas, onde os *aruak* braquioides se alternavam com os *tupi* e *caríba* mesaticefalos.

Segundo classificação do sr. Alfredo Ellis Junior, da Baía para o sul os *tupi* que, no Amazonas, eram mesaticefalos, e no Nordeste fortemente braquicefalos, retomavam a conformação mesaticefala, dominando uma area que se estendia até o sul da Baía e o Espirito Santo, onde se confinavam com os *Aimoré* e com os *Goitacaz*, do grupo *Gê*, dolicocefalos, com fortes acentos do protodolicomorfo americano, fato bservado nos caracteres que os *Botocudo*, seus descendentes, ainda hoje fortemente acusam. A este vasto grupo, que se estendia pelo Espirito Santo, vales dos rios de Contas, Doce, Mucurí e Jequitinhonha — deviam pertencer os indios do alto São Francisco, tais como os *Cataguaz*, os *Puri*, os *Marme-*

min, os *Guarani*, etc., os quais, se não tinham identidade etnica absoluta com os antepassados dos *Botocudo*, deveriam com eles apresentar afinidades, que a vizinhança do *habitat* transformava facilmente em cruzamento. Logo a seguir vinham os mesaticefalos *tupi*, representados no Rio de Janeiro pelos *Tamoio* e, na capitania vicentina, pelos *Guaiana*, cujos caracteres eram identicos aos dos *Tupi* do sul, conforme suposição do mesmo autor, adquirida no estudo de um cranio *Guaianá*, encontrado em São Paulo, e a que emprestam muita autoridade os cranios dos sambaquis de Iguape, examinados pelo naturalista Krone. Por essas comparações são alguns americanistas levados a crer que certas raças do litoral foram antepassadas dos indios *Guaianaz* da descoberta, ligando-os, porem, e aos *Coropo* e *Botocudo*, ao homem da Lagôa Santa. Este, por sua vez, examinado sem fantasias à luz de um criterio seguro que as conquistas da ciencia já permitem, ao invez de ter nascido em nossa terra, veio dos velhos troncos da Asia e aqui espalhou-se pelo continente, sendo encontrados ainda hoje seus representantes entre os *Pericúe* da Baixa California, lá ao norte e, muito abaixo, na parte extrema do continente, entre os *Ona* e os *Alacaluf* da Patagonia.

E' oportuno lembrar sobre as peculiaridades do homem da Lagoa Santa o relatorio feito por Quatrefages ao apresentar o cranio desse individuo ao Congresso de Antropologia de Moscow, reunido em 1879.

O cranio, diz o eminente antropologo, "apartient à un idividue âgé de plus de trente ans; il présente exte-

rieurement un aspect metalique bronzé; son poids est considerable; les arcades zygommatiques sont brisées dans la region mediane; les apophyses styloides ont disparu; á la region temporale droit, ont voit une ouverture elliptique de 48 millimètres sur 20, causée problement par le coup de quelque instrument, qui a donné la mort. Le front est bas et incliné en errière, come dans tous les cranes americaines; la glabelle est saillant; les bosses susorbitraires très proéminents, l'occiput presque peu saillante, le plan du trou occipital prolongé passe par une ligne horizontale joignant les deux orbites. Les os malaires sont saillants et projetés en avant. Les orbites sont quadranguliares, les parois laterales du crâne sont verticales. Les apophyses mastoides sont peu volumineuses, presque toutes soudées. On voit aux maxillaires superieures quatorze alvéoles plus ou moins fracturées et la seconde molaire est usée".

Reunindo os elementos fornecidos pelo famoso Relatorio aos materiais já pesquisados por Wiener, naquela epoca, nos sambaquis do litoral do nosso país, pôde De Nadaillac á pagina 482 de *L'Amerique Prehistorique*, concluir: "M. Quatrefages établit non moins mettement que la forme cephalique des hommes du Lagôa Santa se recontre sur le littoral des deux Océans et jusqu'au coeur de la Cordillère peruvienne. On la retrouve sur deux cranes Aymaras modernes et sur quelques têtes observées par M. Wiener. Il est raisonnable d en conclure que la race dont la tête trouvée par Lund est le type, a contri-

bué pour une part encore indeterminée dans la constitution des races Bresiliennes et Ande-Peruviennes".

Como facilmente deixei vêr, neste mesmo capitulo, do tempo em que o marquez De Nadaillac escrevia, até ao presente, os assuntos referentes ao homem da America esclareceram-se o suficiente para sabermos até que ponto devemos ir na compreensão do homem cujos fosseis Pieter Wilhelm Lúnd descobriu.

PARTE IV

Morfologia da civilização Tupi-Guarani, aplicavel, por extensão, ás demais raças brasilicas

---

CAPITULO I

COMO VIVIAM AS POPULAÇÕES PRE-CABRALINAS

Estudada desenvolvidamente a etnografia do *Tupi-Guarani* historicamente o mais importante povo, vejamos de um modo geral como ele vivia, quando Cabral aqui aportou.

Morava na *oca*, que no litoral obedecia geralmente á forma retangular ou oblonga, e, em outras regiões, especialmente nos altos rios da Amazonia, apresentava-se perfeitamente circular ou oitavada, com o teto armado de diferentes maneiras, embora sempre construida com os mesmos materiais fornecidos pela mata. Sua disposição externa pouco variava, a não ser na cobertura que, como já dissemos, sofria alterações impostas pelo maior ou menor gráu de adiantamento da tribu, segundo observa Metraux.

A *taba*, propriamente, já incorporava o sentido de aldeia, o plasma da vida comunal: reunia a tribu, enquanto a *oca* dava apenas agasalho á familia. Tambem se cha-

mava *ocara* e era um perfeito conjunto de edificações construidas com certa simetria, tanto na forma de cada uma das *ocas,* como na disposição delas entre si. Edificada em amplas esplanadas, no alto de um chapadão, nas vizinhanças de um grande rio, bem expostas aos ventos, cercavam-nas, ás vezes, grandes paliçadas circulares, construidas com fortes troncos e resistentes achas de madeira.

A paliçada fazia o efeito de trincheira e, algumas, tinham ainda por fora um largo fôsso cujo fundo cheio de farpas agudas era atravessado por tres ou quatro pranchas, retiradas á noite.

Dentro do vasto circulo limitado pela paliçada construiam-se cinco ou seis *ocas,* extensos e amplos galpões ás vezes de 200 e 300 palmos de comprido, cobertos de folhas de pindoba e de outras palmeiras e cujas paredes eram feitas, entre os tupis da costa, de ripas de jussara rebocadas de barro a sopapo. Havia simetria na disposição das *ocas* e entre elas se reservava um largo espaço, chamado a *ocara,* onde se celebravam as festas. Aí eram comidos, em grandes festins, os prisioneiros e declaravam-se as guerras. As *ocas* internamente não tinham outra divisão que os tirantes para pendurar as *inis,* moveis mais importantes da tribu.

As pessoas de cada *oca,* geralmente mais de cem, inclusive crianças e escravos, ficavam juntas no mesmo espaço, sem outra separação que não a convencionada para cada familia; mas, na verdade, materialmente inexistente, desde que essa divisão era estabelecida pelas *inis* (redes

de dormir), estendidas em sentido horizontal, á largura da primitiva edificação.

Os tirantes, esteios para as *inis*, suportavam tambem uma estiva feita de varas muito chegadas ao teto, que chamavam o *jurau* e servia de dispensa á familia.

Neste guardavam-se os mantimentos, todos os objetos que não eram de uso diario. Não havia nas *ocas* outros trens de uso domestico alem de redes, potes para agua, pratos, panelas, cuias, tudo trabalhado no barro pelas mulheres, esteiras de juncos que crianças e mulheres teciam, pequenos toros de madeira para assento, facas fabricadas de osso ou casco de tartaruga, conforme a zona onde a *taba* se levantava, cestos de cipó ou de taquara, nada mais. Nos tempos de paz, o que preocupava os ocios dos indios, era a fabricação dos objétos de uso domestico, armas, instrumentos de trabalho, artificios de caça e pesca.

Aos homens reservava-se o fabrico das armas, e utensilios de guerra, que consistiam em arcos, flechas, clavas, lanças, tambores, buzinas, escudos, alforges para seta, etc. Suas armas, especialmente os arcos e flechas, eram feitas com muita perfeição e segurança, como o attestam os exemplares reunidos nos museus de etnografia e historia natural. O arco, instrumento principal, fabricavam-no de madeira especial e resistente, de côr vermelha ou preta, sendo tão violento o seu manejo que o homem civilizado, diz Rocha Pombo, geralmente não podia maneja-lo. A corda do arco era tecida de certa fibra chamada ticum que tinha seu *habitat* nos brejos.

As flechas em seu cumprimento regulavam de um a dois metros, divididas em tres partes, construidas a parte media de caniço e as extremidades da mesma madeira. cipós e fibras tiradas de casca das arvores. As flechas se enfeitavam com duas penas de um pé de cumprimento amarradas com fios de algodão. Os tacapes ou clavas faziam-se de escolhida madeira muito resistente e, se bem tivessem aplicação diversa, guardavam a conformação de espadas. A *tangapema,* massa pesada, muito grossa na extremidade inferior, destinava-se quasi que exclusivamente ao sacrificio dos prisioneiros.

As lanças eram feitas de madeira muito forte, tendo á extremidade uma ponta de osso, como as setas. O tambor cavava-se a fogo num pedaço de tronco ou era uma grossa taboca, sendo o timpano de couro especialmente tratado. As buzinas e mimbis ou frautas, eram feitos de enormes busios, grandes cabaças compridas ou taquaras especiaes. Jean de Léry informa que os indios faziam tambem pifanose gaitas, com os ossos dos braços e das pernas do inimigo. Usavam, certas tribus, escudos de guerra feitos de couro de *tapirussú,* da parte do lombo, que secavam por um processo especial para adquirir melhor resistencia. Completava a indumentaria do guerreiro um alforge feito de vime, de taquara ou de couro, onde ele conduzia um mólho de setas com que prolongava os ataques. Nos dias de paz os artefatos de uso domestico ou de adornos, eram trabalhados em pedra, argila, resina, ossos, vime, madeira, taquara, fibra, cipós, penas e outros materiais retirados da mata. Eram geral-

mente machados, tambem utilizados como arma terrivel durante as guerras, chuços, pontas de flechas, facas, bolas, moletas, cavadeiras, polidores, martelos, serrotes, punções, ralos, grosas que usavam no preparo da farinha de mandioca e de milho e no esfarelamento de plantas. Seus artefactos e mais objetos eram bem trabalhados e polidos com pericia, na pedra mais dura. Eram feitos de quartzo, de agata, os varios adornos, como os *tembetás*, que traziam pendentes do beiço inferior, os brincos, pulseiras, contas de colar, executados com perfeição. As mulheres, como já vimos, se dedicavam á ceramica. Os indios ainda fabricavam artefatos: de ossos, como virotes, farpas de arpoeira, pontas de seta; de resina, como tembetás, argolas, aneis, discos e esferas para colar; de madeira, chuços, pás, vasos, gamelas, garfos e fisgas, etc. Onde, porem, a perfeição dos operarios de madeira se revelava maior, era na construção de objetos nauticos e embarcações. A principal eram as jangadas, as grandes canôas, as ubás, as pelotas e as balsas. Alguns já se serviam de esteiras de *piris* como velas, muito embora ordinariamente a locomoção se fizesse a remo. As jangadas eram feitas de *apeiba,* madeira muito leve, direita e comprida. Juntavam-se seis paus roliços unidos por tres ou quatro cavilhas de madeira mais forte, atravessando os quatro paus do centro, sendo os extremos encavilhados nos que lhe ficam imediatamente juntos. A mesma tecnica que subsiste entre os pescadores, jangadeiros do Nordeste, em nossos dias.

malha de rede de pescar e outras em bom pano semelhante ao brin inglez. Essas *inis* eram grandes, largas e comodas, medindo nunca menos de uma vara de largura, resistentes para o peso de duas pessoas. Tambem teciam a *tipoia,* especie de grande faixa de algodão, com que amarravam os filhos a tiracolo; os *curús,* panos de varios tamanhos e diferentes usos; os cintos e as braceiras. De taquara, juncos e cipós, faziam variedade de *balaios, jamaxis, jacás, samburás, pacarazes, patiguás, tipitis, paneiros* e ainda *cóvas, jiquis* ou *jiquiás.* As lavouras eram feitas pela tribu em comum, trabalhando, igualmente, homens, mulheres e crianças. As grandes pescarias e caçadas constituiam exercicio reservado aos homens, muito embora, nas primeiras, as mulheres tomassem parte. Revista a atividade material das tribus *tupi,* vale a pena recordar suas festas, animadas e celebradas a muitos pretestos, como fôssem o dia das bodas; o dia em que os rapazes integravam-se na vida da tribu, passando a ser considerados guerreiros; o dia da volta de um chefe ou parente de longa viagem; o ato de aclamação de um novo cacique; o dia em que nasce uma criança; a epoca em que as meninas se fazem mulheres. Escreve o padre Daniel que logo que as meninas sentem os sintomas vivos da puberdade são içadas a um cesto por uma corda até a cumieira da *oca* ou até o jurau e aí ficam em absoluto jejum e imobilizadas por muitos dias. Ao cabo desse suplicio, são descidas do cesto, desfeitas e definhadas, mas persuadidas pelas velhas de que se não se submetessem a este tratamento, jamais teriam bôas cores, não

gozariam saude, ficariam feias, sem possibilidade de encontrar marido. Esse costume, entretanto, não era geral e sim peculiar a certas tribus.

Segundo Metraux, os *Tupi-Guarani*, haviam adaptado aos seus habitos e costumes diferentes utilidades ligadas á idéia de um viver melhor. Para tornar menos rude a existencia da tribu, tinham alcançado certas conquistas materiais já incorporadas á sua civilização, na epoca em que os portugueses chegaram ao Brasil.

Essas conquistas são assim ordenadamente descritas: *vestimenta*: panos, calembés, tangas, tipoias, camisas, mantos de pele, mantas, proteção de certos orgãos, cinturas, sandalias; *ornatos de penas*: penas coladas diretamente no corpo, gorros, diademas, gargantilhas, colares, braceletes, jarreteiras, mantos, pintura de penas sobre passaros vivos; *ornatos de outra natureza*: penteados, ornamentos de nariz, ornamentos de beiço e das orelhas, brincos, braceletes ou pulseiras de sementes e seixos e dentes de animais ou de pessoas, jarreteiras e penduricalhos. Ainda usavam a depilação total, exceção da cabeça, pintura do corpo, tatuagem. Praticavam a deformação corporal com objetivos esteticos. Aparece como grande preciosidade entre certas tribus, tendo ás vezes interpretação totemista, o muirakitan (nefrite).

Do manuscrito de Heriarte, descoberto por Varnhagem na Bibliotéca Imperial de Viena e publicado, pela primeira vez, em 1874 e hoje incluido na sua *Historia Geral do Brasil,* exhaustivamente comentada e corrigida por Garcia, verifica-se que o muirakitan era usado, em

fórma de passaro e de rã, em vasos para beber, pelas grandes tribus dos rios Tapajós e Trombetas, as quais faziam o comercio trocando esses objetos, papagaios e escravos. O mesmo autor dando noticia da compressão da cabeça dos *Omaguas*, praticada artificialmente sobre as crianças recem-nascidos, informa que essas tribus faziam uso de chapeu.

Esse habito de compressão do cranio, informa Ladislau Netto, era usado em quasi toda a America, desde os Tehuelches, na Patagonia, até os povos do extremo norte. Lá em cima, tambem os homens dos *Mounds-buildings* comprimiam o occipital e o frontal dos recem-nascidos. Esse costume ao qual estava ligado o homem da lagoa Santa, é de habito comum entre povos da Oceania e da Africa. Resulta de uma idéa fetichista, araigada no homem primitivo e para aqui viera, necessariamente trazida da Polynesia ou da Malasia, onde os idolos apresentam a mesma conformação craneana, como acontece com a maioria das peças de escultura ciclopia da Páscoa.

CAPITULO II

A IDEIA DA RELIGIÃO, DA DIVINDADE E DO FETICHISMO

Antropofagia ritual — Saudação lacrimosa — Os mitos.

Esse povo rude e selvagem não tinha uma crença estratificada num ser supremo, nem cerimonial que, pela formula externa do culto, pudesse ser considerado um ritual.

Ele evoluia entre formulas grosseiras do totemismo e de fetichismo que, senão acusavam o mesmo desenvolvimento verificado entre povos de padrão igual, como os africanos e os polinesios, já se manifestavam sob diferentes aspetos do seu animismo nascente.

As populações primitivas que habitavam a nossa terra começavam a sentir esse impulso que é o plasma de todas as religiões e se manifesta sempre sob idênticas formas de grosseiro antropomorfismo, comuns á infancia dos povos. Nossos indios eram estranhos a uma

idéia de Deus. A sua teogonia, fantasiada por muitos, não resiste a uma analise singela, quando examinada de animo sereno. O *Tupá* dos primitivos *Tupi* não encarnava o fogo ou o raio no sentido de força que cria e destroe sêres e cousas, da mesma fórma que o *Jurupari* não era para o indio aquele diabolico figurante, de certas lendas e narrações de fantasia. De outras figuras, por mim estudadas em "Migrações e Cultura Indigena", o mesmo com muito maior razão se poderá dizer, porque, evidentemente, são creações secundarias, de menor relêvo, na organização totemica do indio.

Agora, que o fogo representava para ele um elemento de indisfarçavel prestigio, não é preciso explicar com a presença do fetiche. Fôsse porque produzir a chama com o atrito de dous pauzinhos não constituisse serviço facil, ou porque a brasa devesse permanecer sempre acêsa para assar o alimento, defender o corpo dos mosquitos e insetos, ou preservar contra as feras a maloca indefesa, o certo é que o fogo era mantido entre os indios, noite e dia, sem nunca se apagar, velando por ele o mais velho da tribu, contando historia aos mais novos, que se revesavam no plantão, enquanto o principal atiçava a chama sentado, comendo e fumando, junto ás tres pedras que serviam de fogão. A defesa do fogo adquire no viver do selvagem a importancia de um rito, mais de um rito imposto pelas necessidades materiaes da tribu. Não havia adoração ao fogo que propiciava os bens, mas não podia deixar de haver um cuidado extraordinario com a conservação de elemento tão precioso e indis-

pensavel, para a vida do indio e o bem-estar da tribu. Alguns viajantes, dos primeiros que vieram ao Brasil, viram nos indios certa compreensão religiosa, mas devemos lembrar que essas observações foram feitas sob impressões de terror e obtidas no trato de uma lingua que eles não sabiam falar.

Os primeiros que por aqui andaram olhavam o indigena como um ser inferior, que era preciso destruir, e na presença do qual se enchiam de pavor. Não tinham por ele simpatia e os gestos menos suspeitos traduziam, no seu terror, como ameaça de brutos.

Nos primeiros seculos da conquista foi sempre assim, mas nos dias correntes esse criterio de julgamento alterou-se. Saint-Hilaire, que cuidadosamente observou os Botocudos, ainda escreveu com benevolencia de quem não era etnologo: "Les Botocudos paraissent avoir quelque idée vague de l'immortalité; mais ils sont probablement étrangers à celle d'un être supreme, ou du moins elle se confond dans leur esprit avec l'idée du soleil". (Pg. 155, Tome second — Première partie. Voyage dans l'interiur du Brésil, Paris, 1830).

Mas não iremos cair no exagero de negar ao indio uma propensão para o dominio do fetiche e da magía. Aquilo que lhe negamos, é que ele houvesse atingido a compreensão de um Deus.

Von den Stenen encontra no meio dos *Baikairi*, dos *Trumaï* e de outros grupos do Alto-Xingu, manifestações de crença no sobrenatural. Entre outras tribus, Metraux vê o esboço de um culto, observa detalhes, que ele não

trepida em reunir num só todo, descobrindo-lhe indicios pronunciados da idéia religiosa em evolução.

Niemuendajú estuda os mitos dos *Apopocuva* e dos *Tembé*, tribus ainda hoje existentes, fixadas na bacia Amazonica, e que são dos ultimos descendentes da familia *Tupi*, e recolhe analogias de ritos e de mitos, que permitem a Metraux encadea-los ao material encontrado em antigos textos, servindo para demonstrar a existencia de um espirito religioso entre os povos dessa grande familia.

O autor da "La Réligion des Tupinambá", aliás, não vacila em se colocar francamente entre os partidarios da corrente que filia os indigenas da descoberta entre as tribus que evoluiam para as formas rituais da crença. "Les croyances, les mythes et certains rites des Tupinambas, des Guarani, des Garaiú, des Pauserna, des Chiriguano des Tembé présentent entre eux un air de parenté que prouve l'unité culturelle des ces tribus dans les temps anciens". E tornando mais claro seu pensamento, fala da existencia de praticas comuns na religião dos Tupi-Guarani, incluindo entre os mais caracteristicos desses costumes genericos a saudação lacrimosa e a antropofagia ritual, uma e outra comuns a todas as tribus tupi.

Antropofagia ritual

Essa antropofagia ritual é feita em meio de grandes festas e dansas, descritas detalhadamente, entre outros,

por Hans Staden, Cardim, Thévet, que consagram a tais cerimonias paginas de vigorosa côr local. Conhecidas que são elas, pedimos a outro testemunho, o autor anonimo do manuscrito 11.402, do Catalogo da Exposição da Historia do Brasil, pertencente á Biblioteca Nacional, copia por letra do seculo XVIII, Cod. XXXVI, o pinturesco das cenas a seguir: "Tres noutes antes que o matem nem dormem todos da aldêa, andando em continuos bailes, e danças por ultimo, o levam a lavar a sua fonte, por hum caminho que tem, limpo e novo, donde o trazem com muita festa: com as cantigas se tu foras gaviam, tu voavas, e fugiras, chegado a aldêa, e posto ao meio do terreno, atado pelo cinta com um cordel, que só tem para este feito, que chama Moessurana, ficando-lhe hum homem de cada lado sae o matador com hua carocha de penas na cabeça, o corpo pintado de novo, hum septro na mão, que hé hum arco sem corda empenado, e assenta-se em hum banco pintado de novo. Logo o principal faz uma pratica ao matador dizendo veja bem o que faz, nam erre o golpe, porque se o nam matar da prmeira, lhe não ham de dar nome: metendo-lhe a espada na mão se recolhe".

O mesmo autor conclue, linhas adiante, depois de outros circunstanciados detalhes:

"Isto se faz ao amanhecer antes de sahir o Sol e o morto e espedassem, e cada qual leva seu pedasso para comer. Depois o pranteam muito dizendo que bem os servia. Com o sangue untam os calcanhares, e nadeguas

das crianças porque dizem os faz ligeiros para num temer seus inimigos".

E nesse detalhar, depois de relatar outros cerimoniais, conclue:

"Usam de muitas dansas e todas sam desonestas porque se deitam no cham, e em volvendo-se elles com ellas aly se communicam, e o que não faz fica tido por inimigo, e procuram vingar a ofença".

Os mitos

Estudando-se atentamente a mitologia indigena, verifica-se que as raças brasilicas avançavam á procura de formas mais abstratas da ideia de Deus. Tupã era um ser misterioso desconhecido, mas que se manifestava na luz, nas claridades do ceu, na fulguração do relampago, no fogo, no sol. Inferiores como forças divinatorias, existiam abaixo de Tupã varios sêres, todos propiciadores do bem, não se conhecendo nenhum, segundo afirma Couto de Magalhães, que fôsse a encarnação do mal, o equivalente de Satanaz. O proprio *Anhanga,* celebrado no poema do cantor dos Timbiras, não é a exata reprodução do principio do mal segundo a teogonia cristã. Concentra uma forma de poder malefico muito inferior ao do anjo rebelado da Biblia. Na essencia, o fundamento de toda a concepção mistica dos indios decorre diretamente da natureza, encerra um amplo panteismo naturalistico. Os genios eram bons e protegiam a vida. As tres maiores forças eram o *Sol* (*Coaraci*), a *Lus* (Jaci),

Rudá (Deus do amor). Subordinados ao primeiro havia: *Irapurú,* que preside ao destino dos passaros e tem o dom de atrair com o seu canto a felicidade: o *Caapora,* que preside ao destino dos animais da floresta; a *Uiára,* que preside ao destino da vida aquatica, superintende o mundo dos peixes; o *Macachera,* que protegia os guerreiros em campanha e guiava as expedições.

Ao segundo poder divino, a *Lua,* estavam subordinados: o *Mboitatá* que protege os campos contra os incendios; o *Curupira,* genio amigo das florestas, o *Sacicêrêre,* guarda das capoeiras da vizinhança das tabas.

Perudá ou *Rudá,* divindade do amor, tem tambem seu sequito de divindades menores. Viaja nas ventanias e é terror dos indios quando surpreendidos por temporais em caminho da floresta para a taba. Seu sequito se compõe de *Cairê,* lua cheia, *Caiti,* lua nova; uma serpente, *Mboia,* guarda das donzelas. Esta serpente, diz Couto de Magalhães, tinha como seu dever reconhecer e policiar as moças virgens. Quando o chefe da tribu julgava que a india donzela perdera essa qualidade, conduzia-a com presentes de comida até uma ilhota no rio ou no lago, onde a abandonava, ficando de esguelha, na terra firme, a observa-la. Se a *mboia,* jiboia ou cobra grande, comia a moça e deixava os presentes, era certo que ela fôra culposa, perdera realmente a virgindade; se preferia a comida, então é que a moça era virgem e, nesse caso, a serpente cantava suavemente á volta das aguas, fazendo adormecer os peixes. Os pais da incriminada realizavam farta

pescaria e retiravam-se conduzindo aquela que se mantinha pura.

Gustavo Barroso, estudioso incansavel do *folclore* brasileiro, no seu excelente livro *Mythes, contes et légendes des indiens, edição* F. Ferroua, Paris, 1930, traça o seguinte quadro explicativo do mito de Tupã:

T U P Ã

	Anhangá — Deus da caça.
	Caapora — Deus da floresta.
(Sol)	Uauira — Deus dos peixes.
	Uirapurú — Deus dos passaros.
	Saci-pereré — lutino.
	Boitatá — fogo-fátuo.
(Lua) Jaci	Urutáu — ave da noite, a noite.
	Iara — ondina.
	Boiuna — serpente deusa das aguas.
	Cairé — lua cheia.
(Amor) Rudá ou Perudá	Catiti — lua nova.
	Mboia-arara — guarda da virgindade.
	Jurupari — espirito do mal.

Encontram-se tambem entre certos indios tradições de culto tendendo para a idolatria e não para o fetichismo, como se observa na simbolica de outros povos inferiores. Ha na descritiva de varios viajantes que primeiro andaram por essas terras farta documentação a favor dessa mentalidade idolatra, comprovada, modernamente, pelo encontro de idolos nos *"mounds"* da Amazonia.

Pesquisaram e chegaram a essas conclusões, entre outros, Hartt, Derby, Ladislau e Ferreira Pena.

Quanto ao fetichismo, elle se inspirava no misterio da natureza virgem, seus proprios espiritos familiares não se apresentavam com outro carater senão o de duendes da floresta.

Cercado e perseguido pela ideia de incarnações misteriosas do mal, que o acompanhava por toda parte, o indigena era presa facil do terror, que o fazia sentir a ação do Anhanguera ou do Jurupari, nos ares, nas aguas, nas montanhas, nas arvores, ao menor contacto com a natureza. O indio comovia-se e ficava cheio de respeito supersticioso diante do crepusculo. Suas batidas pelas matas, seu trabalho fora da taba, seus assaltos guerreiros, eram dados sempre de dia, em plena luz do sol. A' noite, não se afastava de junto da fogueira. Tinha o horror da escuridão, e seus sonhos eram geralmente povoados de pesadelos contra os quais ele se debatia apelando para os genios protetores. Mas, examinando-se a maneira de viver e a alimentação dos indigenas, antropofagos vorazes, não é dificil explicar a causa desses sonhos atordoantes, desses pesadelos atrozes que eles, almas ignorantes do conhecimento da vida, iam buscar na perseguição que lhes moviam os maus espiritos.

Os primeiros jesuitas que tiveram melhor contacto com os indios descobriram, no misterio dessas inteligencias paradas, reminiscencias da crença mal esboçada na existencia da alma. Não nos parecem verdadeiros, contudo, os argumentos apresentados pelos seguidores de An-

chieta, não sendo, talvez, heresia afirmar que as revelações desta natureza não tiveram outro fundo de verdade, senão o ponto de vista unilateral com que partiam para a catequese os apostolos cristãos.

Tambem cronistas houve que depararam, nos primitivos indios da descoberta, a crença em um remoto diluvio, chegando a nós tais versões enrodilhadas na tradição oral dos jesuitas, não se podendo, assim, separar da contribuição propriamente indigena, a dos elementos veiculados pelos padres. Enquadram-se no grupo destas lendas a de *Sumé* e *Tamandaré* encontrada entre a confusa cosmogonia dos povos tupis. *Sumé* era um personagem misterioso, que em tempos imemoriais aparecera aos indios, ensinando o bem, predicando a moral. Os padres que a ele primeiro se referiram confundiam-no com S. Tomé e diziam-no enviado de Deus para pregar entre os indigenas a lei cristã; o segundo, através do emaranhado de formas que reveste o conto, não é mais de que Noé, escapo das aguas do diluvio, não no conforto de uma grande arca flutuando sobre o monte Ararat, mas enlaçado á copa frondosa e ridente da palmeira americana, um Noé esportivo, defendendo a mulher nos braços contra a agua que solapara a planicie, destruira as especies, sufocara a vida vegetal; a mesma companheira com que repovoaria rapidamente o mundo, logo que as aguas baixassem.

Jean de Lery refere-se a um lendario estrangeiro que, entre os indios da Guanabara, teria ensinado a essas

raças a existencia do verdadeiro Deus, e alguns autores vêm nesse estrangeiro a corporificação da lenda do Sumé, perfeitamente vincada, desde que a dispam das roupagens com que vistiram-n'a, ao cielo dos heroes-condutores, dos homens-guias, á Quetzalcoatl, á Manco-Capac, á Bochica.

Segundo Batista Caetano, *Tumé* ou *Sumé* significa o absoluto, e pode interpretar-se como o "pai vindo de outras terras".

Em uma de suas notas eruditas aos comentarios de Brandonio, no *Dialogo das grandezas do Brasil,* Garcia diz que a *Nova Gazeta da Terra do Brasil,* de 1515, se refere á lembrança que os indios tinham de São Tomé, cujas pegádas quiseram mostrar aos portugueses. Era corrente a lenda do aparecimento de um homem estrangeiro, que teria vindo ensinar costumes novos, como o uso da mandioca. Mas era geral, tambem, a mesma lenda em outros povos do continente. E não vai fora de proposito lembrarmos que os heroes dos planaltos platinos, boliviano, mexicano, aparecem aos naturais para lhes ensinar grandes coisas, que até sua chegada eles desconheciam. Tal qual, Sumé veio fazer entre as tribus *tupi*...

Saudação lacrimosa

O indigena brasileiro, apesar de estudado em quatro seculos de ciencia e de literatura, aparece sempre revestido de traços que lhe deturpam o viver. No seu

habitat, na taba e na tribu, ele formava uma sociedade primaria, mas nela coexistiam sentimentos de fraternidade e cooperação social. Se viajantes ha, como Hans Staden, que só viram nos indios braveza rude e antropofagia, vultos como Anchieta, Jean de Lery e o autor do "Dialogo das Grandezas" observaram qualidades mais humanas, algumas reveladoras de excelentes traços morais.

O indio tinha, por exemplo, o sentimento da hospitalidade, em alta conta, considerando o hospede pessoa sagrada a quem se destinavam todas as pequenas comodidades da taba.

Ao receber seu hospede, conforme conta Pero Lopes de Sousa, que conviveu com os *Charrúa*, e os *Minuano*, alguns indios se desmanchavam em pranto, que era, assim, um sintoma de alegria.

Narrando sua chegada e a de seus companheiros ao cabo de Santa Marta, Pero Lopes de Sousa diz ter sido recebido com grandes prantos pelos naturais, como se lhes tivesse morrido alguem. Era esse choro a expressão maior de alegria, conforme depois veio a saber. Outros cronistas, recebidos no interior das tabas de varios indios, observaram o mesmo detalhe. Este genero de saudação, chamada a saudação lacrimosa, foi narrado, entre outros, por Lery, Tévet, Gandavo, Gabriel Soares, Cardim e Simão de Vasconcelos. Brandonio assim narra esse costume: "Nas vistas que se fazem uns aos outros, guardam tambem um estranho costume, o qual é que, quando se chegam a ver, a mulher que está na casa, ou

a que de novo vem de fora, sendo já de perfeta idade, se põe assentada aos pés do hospede, que chegou ou do que visita, e ali, com um choro muito sentido e magoado, lhe está recitando, por grande espaço, as coisas passadas, que sucederam a seus pais e avós, de infortunios, acomodadas todas a provocarem as magoas, sem aquele que é chorado responder palavra; de modo que semelha mudo enquanto dura o choro; e depois dele acabado, o recebem e agasalham o melhor que podem a seu uso".

A saudação lacrimosa é habito comum a toda América do Sul, comentada desde o seculo XVI e documentadamente estudada, em nossos dias, por Metraux. Teria sido Pero Lopes de Sousa o primeiro que a observou, quando procedia a reconhecimentos no estuario do Rio da Prata. Choravam os indios do Brasil junto do hospede que lhes chegava á *oca*. Era um chôro prolongado, em algumas tribus, chôro convulso de quem partia com saudade... E emquanto iam chorando, iam desfiando em sua lingua a triste historia dos dias passados ausentes, mesmo quando se avistavam pela primeira vez...

Capitulo III

A VIDA NA TABA

Casa, mobiliario e vestimenta. — Comida de indio — Contraste de paz e guerra.

Não era muito ativa a vida do indio. Na oca estava sempre na rede, quando não sentado em tamborete á porta, segundo o uso de certas tribus, observado pelo padre Cardim, por Thévet, d'Orbigny e outros. Duas ou mais redes principais ao centro, tecidas em bom algodão e, ás vezes, enfeitadas de penas, para o marido e a esposa, ou esposas, se a sua atividade lhe dava o direito de ter mais de uma mulher, eram o *movel* mais usado. As crianças, *curumis,* os parentes, outros indios que combates perdidos haviam tornado escravos, esses dormiam nos *piris* ou *inis,* redes tecidas em malha. Cada lanço da oca tinha sua fogueira, que o fogo era entidade quasi sagrada, entre os indios. Durante a noite o mais velho da taba contava historias aos mais novos, abanando o foguinho,

Acordava muito cedo, geralmente, o indio. E ainda na toca, se era chefe, dava suas ordens indicando o serviço de cada um. O seu primeiro esforço, ao levantar-se, era tomar banho, na agua corrente do rio. A india, a mesma coisa, não guardando resguardos de qualquer natureza.

Entre as missões *Guarani*, os jesuitas haviam legislado com prudente sabedoria para os afazeres desta hora. Na intenção de garantir o aumento da natalidade, esses argutos organizadores de clans impunham aos indios casados a função regulamentar de acordar ás 4 horas da manhã, e ficar uma hora na rede, conversando. Era obrigação prescrita em lei, que todos tinham o dever de obedecer. Só depois começava a faina do dia, pelo banho, pela reza, pela comida matinal.

Depois do banho ia o indio começar os seus incipientes trabalhos, entremeando-os com os intervalos para a alimentação. Comiam dia e noite, a toda hora, e de tudo, salvo quando se ocupavam na pequena lavoura. Para comer não usavam mesas, nem estrados, nem esteiras, nem toalhas. Sentavam-se de cocoras em volta do chefe, trazendo cada um a sua cuia. O chefe repartia a comida, indistintamente, guardando os indios, enquanto comiam, absoluto silencio. Ordinariamente, o alimento consistia em farinhas, bolos de aipim, carnes, peixes e frutos. A carne de caça ou o peixe comiam-n'a *moqueada*, que era, esse, o seu processo de assar.

Não esfolavam a caça, nem escamavam o peixe. Comiam todos os bichos e insétos. Uns pelando em agua

quente e outros assando ou cozendo-o com escamas, visceras, e o que nelas se continha. Faziam suas refeições devagar, saboreando bem o alimento, deitando fóra geralmente as gorduras. Se gostavam de comer, ainda mais os seus instintos amavam o prazer das bebidas. Embriagavam-se nas suas festas, e cometiam os excessos mais incriveis. Muito meigos para as suas mulheres, quando queriam vingar-se de qualquer falta, castigando-as, faziam-n'o durante as suas vinhanças e, depois, desculpavam-se levando o gesto á conta de embriaguez... Após a larga refeição feita pela manhã, retiravam-se para o trabalho, isto é, para as roças, a caçada e a pescaria, onde se abasteciam.

Casa, mobiliario e vestimenta

Alfredo Metraux ocupa-se em seu recente trabalho *La civilization materielle des tribus Tupi-Guarany,* de varios detalhes relativos á existencia desses povos. A sua habitação, diz ele, era uma especie de paliçada, variando de tipo, entre as diversas tribus. Havia desde a que oferecia o aspecto de um corredor ou curral de separar gado, coberta dos lados e em cima, tendo apenas uma porta, ás de fórma circular ou eliptica. com tetos ponteagudos, como acontecia, entre as tribus do Alto Xingú, do Tapajós e entre os Apiacás.

O mobiliario, o mais modesto, variava tambem de povo a povo. De um modo geral compunha-se de redes,

catres servindo de leito, entre tribus do alto Amazonas e do Paraguai, bancos, tamboretes, prateleiras á guisa de étagéres, forquilhas para potes d'agua, fazendo as vezes de mesa de filtro.

Os *Tupi-Guarani* dormiam geralmente em redes tecidas de algodão, no litoral, e tecidas de fibra, na Amazonia. Desses os *Chiriguano* e os *Cainguá* usavam catres cobertos de folhas de palmeira que, no sul, na bacia do Paraguai, tinham esse fôrro substituido por peles de animais. Os *Omagua* usavam "mosquiteiros" tecidos em fina teia de algodão para se defenderem dos mosquitos, uso praticado tambem por certas tribus *Aruak*. Os *Tupinamba*, os *Cainguá*, os *Chiriguano*, faziam uso do tamborete. Entre os *Omagua* eses tamboretes eram pintados ou envernizados com resinas que eles conheciam. Os *Chiriguano*, *Juruna*, *Cainguá* faziam seus tamboretes conservando-lhes a forma de animais. Os *Guarani*, os *Omagua* e os *Guaraijú* usavam bancos de madeira que, entre os segundos, eram apenas privilegios dos homens, neles não se podendo assentar as mulheres, que se conservavam sentadas nos catres de dormir. Os bancos cercavam as ocaras, onde comparecia grande numero de pessoas, convidadas para deliberar, em certos dias.

Entre essas tribus começa a vulgarizar-se o uso do catre, que faz a vez de leito, onde o indio dorme fugindo ao uso comum da rede. Com o catre ha o banco largo onde as mulheres se sentam para conversar, ha o tamborete, que exerce o papel de cadeira. Na ceramica

distingue-se aquela que se destina ao uso pesoal do individuo da que é uso comum e vai ao fogo para cozer o alimento.

Sente-se que, á proporção que os Tupis sobem a bacia amazonica, sua civilização material melhora.

Já ha peças de ceramica que, pela perfeição de seu desenho e estado de limpesa em que foram encontradas, são rigorosamnte louça para mesa, louça destinada exclusivamente a comportar a comida na ocasião da refeição.

Este costume é altamente expressivo e significativo na hipotese que vimos estabelecendo, da ascenção do povo Tupi, porisso que os primeiros cronistas e viajantes que se perderam pelo sul, falam, apenas de cuias ou de toscas vasilhas de barro em que o indio, acocorado e em circulo, comia ao redor do seu maioral.

O uso de vestimenta era geralmente desconhecido em todas as tribus não submetidas á influencia da civilização andina ou dos missionarios. Sómente os *Cariu,* que habitavam o sul do Brasil, onde o calor é menos intenso, tinham sido constrangidos a se vestir. Seus irmãos do Paraguai, pelo contrario, escandalizaram Montoya e Schmidel pela sua nudez. Os *Omagua,* como já vimos, são os unicos que, pelo comprimento das suas camisas, grangearam o elogio de "gente decente", dito pelos espanhois. "Se a raça *Tupi-Guarani* tivesse se espalhado pelo continente sul-americano, depois de ter vivido durante alguns seculos em contacto com os povos dos Andes, é de supor

que houvesse aprendido a se vestir um pouco; efetivamente, um povo que adquiriu o habito de vestir-se não o perde facilmente, *"même s'il change de milieu"*, diz Metraux.

As mulheres e moças *Omagua* usavam um retalho de pano tecido de algodão em redor dos rins, cobrindo o sexo, e decorado com pinturas. O uso desse escasso retangulo de algodão, verificado por Metraux, justifica o meu ponto de vista da ascenção dos *Tupi*, á proporção que sobem a bacia amazonica. Nas raças colocadas mais para o extremo da planicie esse pano, já em forma de camisa, envolve os ombros; noutras desce aos peitos; em uma terceira atinge a cintura. Entre os *Omagua* apresenta-se com as dimensões normais de camisa, camisa no bom termo em que empregamos e utilizamos esta peça do vestuario. Cai-lhe até os joelhos, encobrindo, por conseguinte, os detalhes anatomicos que as civilizações historicas têm procurado ocultar.

Essa informação, entretanto, é corrigida por Nordenskiöld, dizendo que essas mesmas camisas cobriam os pés e não eram sómente usadas pelos homens, como ensina Metraux, e sim por homens e mulheres, o que estabelece um conceito de decoro, desconhecido dessas mesmas tribus, no sul.

Os *Guarani* ocultavam o sexo com um pequeno tecido de penas enfeitado de rodelas de coquilhos de palmeira. As tribus *Cainguá* usavam de um retalho de algodão para os homens. Entre as mulheres, este pano, que toma o nome de *chiripá*, desce até os joelhos.

Entre os *Tupinambá* os homens em idade de casar cobriam o penis com duas fôlhas longas e concavas ligadas por um fio de algodão. Depois da chegada dos europeus substituiram essa defesa por um pedaço de pano. Este uso não era geral. Certos autores dizem que só os velhos o praticavam; os moços se contentavam com uma simples ligadura do prepucio. Os *Parintintin, Apiacá, Mundurucú, Chipaya, Cumaya* e *Yuruna* tambem usavam introduzir o penis num estojo de folhas ou de palha. Entre os *Mundurucú* o penis é dobrado e mantido por um cordão preso ao ventre. Resumindo, pode dizer-se que a vestimenta se compõe de escassos trajos, tangas, tipoias, camisas, cinturões, retalhos de proteção dos orgãos sexuais. Sob a influencia dos indios andinos a população masculina *Tupi-Guarani* do Alto Amazonas usava a camisa que, entre os *Cocamilla,* apenas cobria até o estomago, e era decorada com figuras traçadas a pincel, em côr vermelha, geralmente o urucú, em azul, amarelo, alaranjado e verde. As jovens *Omagua* usavam em certas cerimonias um manto sobre as espaduas, que caía ao longo do corpo. Essa vestimenta assim reduzida completava-se com os enfeites de pena, colares de dentes humanos ou de animais, seixos rolados, coquilhos, tembetás, ornatos de orelha e de labio, braceletes, jarreteiras, cinturões, passadeiras, com que todos, geralmente, se engarridavam. Em meio a essa singela maneira de compor-se, avultam os ornatos de penas multicores, como diademas, bonés, mantos, coletes, cintos usados pelos *Tupinambá* e outros povos.

Tambem nas artes da guerra muito se adiantaram, criando varios tipos de flechas, com as respectivas pontas e tacapes, massas, lanças, punhais, bolas, arcos para flecha e para bola, etc.

Em geral a taba caminhava sempre, na direção da mata ou seguindo o curso dos rios, á proporção que a caça rareava. Nas suas avançadas os homens abriam a marcha conduzindo as armas e utensilios de trabalho, seguidos pelas mulheres, que carregavam os filhos ás costas e, em cestos que chamavam *samburá*, a bagagem necessaria. Tinham os sentidos altamente aguçados e eram destros, valentes e resistentes ás caminhadas.

Comida de Indios

Entre as tribus higidas, o indio era um animal forte, de corpo esguio, membros bem proporcionados, enxuto de carnes, sem deformidades produzidas pela gordura. Comia de tudo, e talvez desta circunstancia lhe viesse relativa harmonia alimentar. A sua alimentação conteria, assim, apreciavel riqueza vitaminica e aceitavel quota protéica, condições essenciais da bôa nutrição, e que explicariam a linha fisica, a permanencia na saude, a agilidade dos seus movimentos.

O seu apetite, entretanto, não conhecia limites. Comia de tudo, do piolho á onça, do jacaré á outro indio. Não havia bicho que ele não encontrasse praser em devorar, tudo era estar com fome e te-lo ao alcance da flexa

ou da mão. Depois, sua comida se fazia sem nenhum método, comia pelo habito de mastigar, de não estar com a mandibula parada. Esta falta de repouso, de disciplina alimentar, prejudicaria, sem duvida, a vantagem que ele podesse obter com a apreciavel composição qualitativa das suas rações, anulando, pelo máo habito, as condições felizes de bôa nutrição a que o instinto e o ambiente o levavam. Os dietologos afirmam que uma das necessidades da alimentação racional é utilizar alimentos de varios grupos, animaes e vegetaes. E o indio o fazia. São estas informações, prosaicas mas verdadeiras, que se pode retirar daqueles que com o indio conviveram, fôssem os padres jesuitas do sec. XVI ou o ultimo desbravador, na ordem cronologica, penetrador de sertões.

Para citar, apenas, o testemunho dos etnologos, que trouxeram ao assunto contribuição mais nova, basta lembrar os nomes de Colbacchini, Roquete-Pinto, Nimuendajú, testemunhas que foram de muitas comidas, que os encheram de nojo.

O indio não era apenas carnivoro, comia, tambem, raizes, fôlhas, frutos recolhidos das arvores, em roda da taba ou apanhados no mato. E ainda apelava para as aguas, dos lagos e dos rios, de onde retirava peixes e jacarés, do mar, que lhes dava peixes, camarões, crustacios, das praias fluviaes, de onde extraia ovos de tartaruga, de tracajás, de jabotis, de outros bichos de casco.

Não era abundante o numero de frutos da sua comida, porque, não os cultivando, limitavam-se ao que o

mato fornecia. Mesmo assim, havia os araçás, a goiaba, os cajús, o biribá, o piquiá, as pupunhas, o mamão, de grande riqueza vitaminica, coquinhos de numerosas palmeiras, castanhas, entre elas a castanha do Pará, de alto poder nutritivo, cupuassú, bacuri, o pinhão, a ubaia, a ubaia-mixama, o ananas, abacaxis, a mangaba, o abricó, o muruxi, o abio, a joboticaba, o camapú, as melancias, os melões, o camboim, o grumixama, o assahi, a bacaba, frutas que ele comia quando encontrava, simples ou acompanhadas de outro alimento, como a farinha de mandioca o mel de abelhas, este caçado, cuidadosamente, no mato. E havia ainda o milho, nativo na America, de que faziam comida e bebida embriagante para os festins, base principal do famoso *cauim*, fabricado pelas velhas nas vesperas dos grandes ritos antropofagicos.

Comendo de tudo e comendo muito, o excesso de comida mal deglutida era um constante motivo de doenças de que nem sempre os indios escapavam. Varios encontravam nos jejuns o remedio melhor, mas geralmente outros iam agravar padecimentos que a empyrica mediena dos pagés não curava. Tambem os sonos, que o digam os horriveis pesadelos assistidos por Hans Staden, refletiam muito a miude a pesada sobrecarga dos estomagos. A alimentação do indio, portanto, continha algumas qualidades e muitos defeitos, podendo explicar, em parte, algumas deficiencias de sua cultura á luz dos modernos estudos realizados sobre o valor da alimentação no desenvolvimento dos grupos sociaes.

Contrastes da paz e guerra

Entre os selvagens, geralmente, qualquer que fôsse a raça, desde que entrassem a fazer guerra, a sua maior honra consistia em prender e matar muitos inimigos, dos quais herdavam o nome, considerando-se mais nobre aquele que mais gentilicos reunia. Couto de Magalhães viajando em 1863 entre as tribus do noroeste, da bacia do Prata ao Amazonas, verificou que o indigena, amante da tranquilidade e do sossego da tribu, enxertara no seu organismo social uma instituição que nenhum outro povo conhecia. Para manter a paz dos seus lares criara uma função esquisita e singular: a de marido das viuvas. Couto de Magalhães recolheu a lenda, mas Eliseu Reclus dá-lhe foros de verdade quando, citando o fato, assim o refere á pagina 144 de "Estados Unidos do Brasil", uma das partes da sua grande Geografia: "Para manter ordem nas familias fundaram até uma instituição especial, que é unica no mundo: nomeiam um marido das viuvas, mantido a custo da comunidade, e dispensado de todo trabalho, de todas as fadigas, das guerras e das expedições, em que seus companheiros tomam parte".

O sentimento da força, na epoca da descoberta, diz Rocha Pombo, gerara no povo *Tupi* os imperativos da vida heroica. Ele vivia, pela luta, preso ao encanto, ao colorido marcial da guerra. Tinha um profundo orgulho do seu valor militar, no que se diferençava dos outros povos, por

ele combatidos e afastados das suas terras. O Tupi subira evidentemente na escala da evolução social, e sua organização tomava o carater de verdadeira confederação, vinculada por fortalecido espirito de cooperação. Isso o não impedia, entretanto, de praticar a antropofagia. Era um vicio innato á raça. Praticava-o por vingança e por influencia totemista, e era a ancestralidade que o mandava, com a pompa de um ritual, comer o seu semelhante. Metraux, em *La Réligion des Tupinamba*, reporta-se ao testemunho dos cronistas e, depois de observar a constancia dessa pratica, escreve minucioso:

"L'antropophagie rituelle était pratiquée par les anciens Guarani, les Chiriguano, les Guarayú, les Yurunnas, les Sipáia, les Apiaká et les Oiampi. Les Omaguas et les Concama ont souvent été accusés d'antropophagie. Les missionnaires les défendent de cette imputation, mais les details quil's nous donnent sur la manière dont les prisionnièrs étaient traités, font supposer qu'autrefois leur condition était identique á celle des captifs chez les Tupinamba".

Para o autor, "Les Omagua et les Cocama donnent l'impression d'avoir renoncé au cannibalisme á une date recent et cela sous l'influence de leurs voisins".

Capitulo IV

A ORGANIZAÇÃO DA FAMILIA

Nubilidade e casamento — Anchieta e a Couvade.

Os indigenas da descoberta viviam em uma sociedade de vida embrionaria e rudimentar, mas perfeitamente organizada, nos seus delineamentos gregarios. A paz sorria-lhes em trabalhos de ordem material. Os seus vagares eram utilizados na confecção da ceramica artistica e dos artefátos de plumagens, uma e outra industria trabalhadas mesmo pelos povos mais antigos do continente. A sociedade, organizada no sentido da obediencia ao maioral ou mais velho, era um clan de evidente traço patriarcal, onde as pessoas de idade desfrutavam uma consideração altamente apreciavel. A moral não diferia da dos outros homens do mesmo estado social.

Tinham a conciencia de que o homem não casa com a filha, com a mãe ou com a irmã. Faziam-n'o, porem,

entre os primos filhos da irmã e, geralmente, os casais desejavam preferencialmente ter filhas, porque estas, mais requestadas e procuradas, davam aos pais maior importancia na tribu.

Casavam com uma ou varias mulheres, mas cada uma dispunha de seu proprio fogo, na *oca,* e de sua plantação de raizes. A esposa mais velha, entre certas tribus, exercia como que uma função de matriarcado. Dispunha de autoridade sobre as outras e sobre os filhos de todas, muito embora já não lhe fossem reservadas as primicias afetuosas do companheiro. Talvez porisso mesmo que o homem a relegava a segundo plano, a mulher passava a desfrutar maior prestigio resultante da melhor experiencia que ela devia ter da incipiente vida do lar. Sua palavra, seu conselho, eram ouvidos nas deliberações da *oca,* nas assembléias da taba. Não se tomava nenhuma deliberação de interesse da tribu sem ouvir os mais velhos e, entre estes, a experiencia das velhas mulheres, sempre acatada por todos.

A mulher, a esposa com quem o indigena convivia, em cuja rede dormia, era a que fazia a comida e lhe provia as necessidades lareiras. O indio mudava naturalmente de mulher á proporção que os seus desejos variavam, sem que a esposa preterida se agastasse. Seu estado social não representava um modelo de ordem moral, no conceito do ocidente, mas estava longe de comparar-se á vida de comunidade, onde todas as mulheres são servas ou escravas de um mesmo senhor. Até casar, o que geral-

mente, entre os homens, só se verificava dos vinte e cinco anos por diante, os pais exerciam absoluto poder sobre os varões. Em algumas tribus os rapazes só casavam depois de ter tomado parte na guerra ou feito um prisioneiro ou escravo, quando, então, a comunidade os considerava aptos para a responsabilidade de manter mulher.

Quasi sempre os homens casavam virgens, o que não se verificava, com a mesma constancia, entre as mulheres. Estas se casavam muito cedo, geralmente dos quatorze anos por diante, de onde se originava a circunstancia de envelhecerem depressa, muito mais cedo do que os homens. Os cuidados com os filhos, os trabalhos da casa, porisso que o indio, afora os afazeres da guerra, da caça e da pesca, geralmente pouco produzia, cêdo lhe desbotava o viço e roubava os seus encantos melhores.

O sentimento filial achava-se altamente desenvolvido nas tribus, assim como as relações entre pais, filhos e irmãos. Enquanto os filhos eram crianças, o que os pais traziam da caça entregavam ás mães, que procediam á distribuição entre todos.

Nubilidade e casamento

O casamento era contratado entre os pais, quando os filhos ainda pequenos, e, ao celebrarem a cerimonia, grandes festas agitavam, semanas inteiras a taba. No momento em que a menina atingia a nubilidade, os pais cortavam-lhe o cabelo da cabeça, unico que os indios con-

servavam, riscavam-lhe as costas, os peitos, os quadris, o ventre, com marcas especiais, traçadas com o espinho afiado do urucú, sobre os quais derramavam a tinta do genipapo; penduravam-lhe ao pescoço dentes de animais ferozes e, uma vez crescido novamente o cabelo e as cicatrizes fechadas, entregavam-n'as, sem outras complicações, áquele que ia ser seu marido. E depois, só a festa dos esponsais, costume, entretanto, que não era comum a todas as tribus indigenas.

Cardim, no seu delicioso "Trabalho da Terra e Gente do Brasil", descrevendo os casamentos dos indios, refere que, "entre eles ha casamentos, porem ha muita duvida se são verdadeiros, assim por terem muitas mulheres, como pelas deixarem facilmente por qualquer arrufo, ou outra desgraça, que entre eles aconteça; mas, ou verdadeiro ou não, entre eles se faziam deste modo. Nenhum mancebo se costumava casar antes de tomar contrario, e perseverava virgem até que o tomasse e matasse correndo-lhe primeiro suas festas por espaço de dous ou tres anos; a mulher da mesma maneira não conhecia homem, até lhe não vir sua regra, depois da qual lhe fazião grandes festas; ao tempo de lhe entregarem a mulher fazião grandes vinhos, e acabada a festa ficava o casamento perfeito, dando-lhe uma rede lavada, e depois de casados começavão a beber, porque até alli não o consentião seus pais, ensinando-os que bebessem com tento, e fossem considerados e prudentes em seu falar, para que o vinho lhe não fizesse mal, nem falassem cousas ruins, e então com uma cuya lhe davão

os velhos antigos o primeiro vinho, e lhe tinhão a mão na cabeça para que não arrevezassem, porque se arrevesava tinhão para si que não seria valente, e vice-versa".

Mas entre os indios tambem se amava a pureza das mulheres. Nas tribus Tupis do sul as donzelas nubeis traziam a liga ou axorca simbolica da virgindade. Gabriel Soares, no *Tratado descritivo do Brasil em 1589*, conta que "por nenhum caso se entrega a dama a seu marido emquanto lhe não vem seu costume; e como lhe vem é obrigada a moça a trazer atado pela cinta um fio de algodão, e em cada bucho dos braços outro, para que venha á noticia de todos. E como o marido lhe leva a flôr, é obrigado a quebrar estes fios; para que seja notorio que é feita dona; e ainda que uma moça destas seja deflorada por quem não seja seu marido, ainda que em segredo, ha de romper os fios de sua virgindade, que de outra maneira cuidará que a leva logo o diabo, os quaes desastres lhes acontece muitas vezes..."

Muitas mulheres se conservavam puras na tribu, a acreditarmos em Brandonio, no *Dialogo das Grandezas do Brasil*, quando escreve: "Ha muitas donzellas entre elles, que amam summamente a castidade, como são humas, que totalmente fogem de ter ajuntamento viril, pretendendo de se conservarem virgens, e para que o possam melhor fazer, se exercitam no arco e na flexa, com andarem de ordinario pelos campos em bosques, á caça de brutas feras, nas quaes fazem grandes presas, recreando-se neste exercicio, pelo qual despresam todo outro".

Anchieta e a Couvade

Anchieta, o veneravel jesuita do seculo XVI, na sua preciosa *Informação dos casamentos dos indios do Brasil,* publicada em 1846, no vol. VIII, da Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, e reeditada recentemente pela Academia Brasileira e em edição organizada por Alcantara Machado, dá seu testemunho sobre casamentos nas impressões a seguir:

"Os indios do Brasil parece que nunca têm animo de se obrigar, nem o marido á mulher, nem a mulher ao marido, quando se casam; e por isso a mulher nunca se agasta porque o marido tome outra ou outras, reste com ellas muito ou pouco tempo, sem ter conversação com ela, ainda que seja a primeira; e ainda que a deixe de todo, não faz caso disso, porque se ainda é moça ella toma outro, e se é velha assim se fica sem esse sentimento, sem lhe parecer que o varão lhe faz injuria nisso, sobretudo se isso serve e lhe dá de comer, etc.".

O indio tinha poucos preconceitos de moral e de familia. A proposito, lembra Anchieta diversos "casos de indios maiores, casados, com muitos filhos e filhas tambem casadas, e muitos netos, os quaes se casavam com escravas, mulheres de outras raças, tomadas em guerra", ás quais tinham por mulher e delas tinham filhos "sem a primeira mulher, nem os filhos e genros fazerem por isso sentimento algum".

O veneravel cronista, ilustra a referencia com o episodio de "Cayoby, velho de muitos annos, que deixou uma da sua nação, tambem muito velha, da qual tinha um filho homem muito principal, e muitas filhas casadas, com indios principaes de toda a aldêa de Jaribatiba, com muitos netos, e sem embargo disso casou com outra, que era Gayanã, das do mato, sua escrava tomada em guerra, a qual tinha por mulher, e della tinha quatro filhos".

Cita o caso de *Araguaçú,* "indio tambem principal e velho, que casou com uma sua escrava moça tamoya, que havia muito pouco tomara em guerra, sem fazerem caso disso, nem o tomarem por afronta outras duas mulheres que tinha, e filhos já homens, e uma filha já mulher casada".

Tambem as mulheres costumavam abandonar o marido e tomarem outro quando eram "varonil e virago", na expressão do mesmo jesuita.

Sobre adulterio, é tambem precioso o testemunho de Anchieta:

"Nunca vi, nem ouvi, que com o sentimento de adulterio algum indio matasse alguma de suas mulheres, quando muito espancam o adultero se podem, e elle tem paciencia pelo que sabe que tem feito, salvo se é algum grande principal, e a mulher não tem pai ou irmão valente de que elle tenha medo". Para ilustrar sua asserção, Anchieta conta o episodio do maioral Ambirem, "um grande principal do Rio de Janeiro, que mandou, por lhe fazer adulterio uma das vinte mulheres, atar a um páo e abrir com um manchil a barriga", acrescentando, textual: "*mas*

isto bem parece que foi lição dos francezes, os quaes costumam dar semelhantes mortes, porque nunca indio do Brasil tal fez, nem tal morte deu".

Tambem é do mesmo cronista a explicação de que o indio não toma por mulher ou manceba a filha do irmão; mas toma a filha da irmã, porque tem para si que o parentesco verdadeiro, vem pela parte dos pais, que são os agentes, a semente; e que as mães apenas recebem, "não são mais que uns sacos". O indio vê na filha do irmão o seu proprio sangue; não o bebe, evita o incesto. Com a filha da irmã não distingue o parentesco, porque não reconhece na mulher nenhuma função geradora. O utero é o saco onde a semente se desenvolve independente da cooperação ou do desejo da mulher. Ela fica estranha ao fenomeno da gestação, que passa a ser atribuido ao agente exclusivo que é o pai.

Não será por outro motivo que, segundo narra Brandonio no citado *Dialogos das Grandezas do Brasil,* comentado por Rodolfo Garcia e editado pela Academia Brasileira, se alguma india, feita cativa em guerra e tomada por esposa ou manceba do seu senhor, "si acerta de fugir, e vai prenhe, depois de estar entre os seus posta em salvo, e chega a parir, o proprio avô, e ainda a mesma mãe, matam a creatura nascida e a comem, dizendo que o fazem ao filho do seu inimigo; porque a mãe foi somente um bolso em que se criou e aperfeiçoou a tal semente, sem tomar nada della; e por este modo usam de mil crueldades em outros casos semelhantes".

Estas noticias sobre casamento completam-se falando-se na couvade, o habito generalizado em varias tribus, de ir o marido guardar o resguardo do parto, ocupando a rede ou *ini* que devia servir á mãe pelos dias seguintes ao nascimento da creança, enquanto a parturiente, depois de banhar-se e ao seu filho, momentos após o parto, retomava as funções, o trabalho habitual da taba, ficando o marido a receber as visitas, a saborear, deitado, os presentes, que os parentes e amigos oferecem festejando o nascimento da criança. Vejamos no falar seiscentista do cronista dos *Dialogos* o pitoresco da *couvade*: "quando a este gentio lhes parem as mulheres, a primeira cousa que ellas fazem no instante que acabam de parir, e pode ser que ainda sem terem bem livrado, é ir-se metter no mais vizinho rio ou alagôa de agua fria, que acham, na qual se lavam muitas vezes e, depois de bem lavadas se recolhem pra casa, aonde já acham o marido lançado sobre a rede em que costumam dormir, como se fôra elle o que parira, e alli o regalam, e é visitado dos parentes e amigos, è a parida se exercita nos officios manuaes de casa, fazendo o comer, e indo buscar agua no rio, e lenha ao matto, como se nunca parira".

Igualmente, Cardim, o delicioso cronista quinhentista, dá seu testemunho á maneira por que os filhos nascem, entre as tribus, escrevendo, incisivo:

"As mulheres parindo, (e parem no chão) não levantão a creança, mas levanta-a o pai, ou alguma pessoa que tomão por seu compadre, e na amizade ficão como os compadres entre os christãos; o pai lhe corta a vide

com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra, e logo se põe a jejuar até que lhe cae o umbigo, que é de ordinario até os oito dias, e até que não lhe caia não deixam o jejum, e em lhe caindo, se é macho lhe faz um arco com frechas e lho ata no punho da rede, e no outro punho muitos molhos de erva, que são os contrarios que seu filho ha de matar e comer, e acabada esta cerimonia fazem vinhos com que se alegrão todos".

A *couvade*, ou chôco, que pertence ao mesmo circulo de ideias primitivas em que se encontram a exogamia, o totemismo e a antropofagia, foi amplamente estudada pelo cientista Rudolph Schuller, no *Boletim do Museu Goeldi*, que a ilustrou com excelente bibliografia, dando interessantes informes relativos a esse velho uso, adotado por quasi todas as tribus do continente, como afirma Metraux.

A *couvade* é uma perfeita ação do sentimento paterno sobre o filho que nasce. A rigôr, uma exhibição dos direitos de paternidade. Sua area de expansão é universal. Os povos da America, geralmente, a praticaram, mas a *couvade* se depara, com o mesmo fundo religioso, em todos os continentes. Tem a persistencia e a continuidade de um rito. Na observação de Levy Bruhl, se impõe com a força de uma mistica.

Os indigenas revelavam certo pudor nas suas relações sexuais, segundo o testemunho insuspeito de Hans Staden, que entre eles, por muito tempo, viveu, não os poupando nos comentarios que sobre eles, mais tarde, escreveu. E não só no ato da reprodução, mas tambem no

contacto diario, ao que se depreende dc Cardim, quando, descrevendo-lhes o vestiario, observa: "Todos andam nús assim homens como mulheres, e não tem genero nenhum de vestido e por nenhum caso *verecundant*, antes parece que estão no estado de innocencia nesta parte, pela grande honestidade e modestia que entre si guardão e quando algum homem fala com mulher vira-lhe as costas".

Nesta observação de pudicicia do indio, ha muito da propria pureza do padre Cardim. Os etnólogos puderam verificar, mais tarde, que o indio não é pudico, nem impudico, é apenas natural. Sua nudez é casta. A malicia foi-lhes atribuida pelos civilizados, mesmo assim, eles pouco se contaminaram. Sempre que o indio volta ao seu acampamento, mesmo que tenha morado entre padres, seu primeiro gesto será atirar no mato a roupa com que o cobriram. Vestil-o é um esforço continuado que só muito a vagar os catequizadores obtinham.

CAPITULO V

A CERAMICA NA AMAZONIA E NO LITORAL

Evolução da ceramica — Elementos de comparação morfologica — O pensamento de Nordenkiöld.

E' ocasião de falar sobre a rica ceramica encontrada na bacia amazonica, da qual a da ilha de Marajó é a de mais precioso valor.

De sua observação, resulta a certesa de que bem cedo a região amazonica foi povoada por tribus muito adiantadas. Uma delas, e das que primeiro se estabeleceram, vinda dos planaltos andinos, descendo os afluentes da margem esquerda do Amazonas e galgando, por outro lado, a estrada do mar, foi a familia *Aruak* ou *Nu-Aruak,* pacificos e ativos construtores das artes do trançado e da ceramica, tribus a que se atribue a construção das peças artisticas mais belas na louça indigena do Brasil.

Os *nu-aruak* haviam tido velhos contátos com as tribus do isthmo, depois do desaparecimento da florescente civilização dos *Maya.* Tinham pervagado as grandes bacias do Orinoco e do Magdalena, estabelecendo comercio, possivelmente demorado, com tribus de cultura superior. Ao aparecerem na planicie, talvez fugindo a perseguições de tribus mais belicosas, os *nu-aruak* rumaram para Marajó. Habeis artifices, trabalhavam as industrias da paz. Enquanto os homens edificavam a oca que, entre as suas tribus da Amazonia, tem forma circular e perfeito acabamento, as mulheres construiam com paciencia e gosto a louçaria, auxiliadas, nos desenhos, pelo homem. Os homens eram peritos no entrançado das palhas para cêstos e outros artefátos, e dessa industria trouxeram para o ornato de louçaria as linhas dispostas na mesma direção em que manejavam os cipós. A sra. Heloisa Torres inclina-se por uma seriação industrial entre esses artistas remotos e conclue que, ao contario do que ela mesmo supunha ser um privilegiado trabalho do seu sexo, não foi senão a colaboração do homem que marcou o indelevel traço de superioridade á obra de paciencia e habilidade que as mulheres toscamente executavam. Numa palavra a sra. H. A. Torres chegou á conclusão de que, nos abundantes exemplares da ceramica de Pacoval, as peças simples, aquelas de mais grosseiro acabamento, de mais descuidado efeito, eram modeladas pelas mulheres, sendo as outras, as que ainda revelam melhores qualidades de beleza, confeccionadas laboriosamente pelo homem. "Trançadores habilissimos, diz ela, nunca titubearam na estilização da ce-

ramica, marcharam firmes e acorrentados á forma austera em que os materiais rigidos do trançado formara neles a feição psiquica em que sentiram a natureza. Daí a sobriedade do seu estilo, o vigor decidido de sua estilização". Mas as declarações feitas pela referida publicista, não ficam sómente na distinção entre o material existente, trabalhado pelo homem, e o que representa a cooperação da mulher. A outras conclusões, ela avança, afirmando que, nas modelagens de Marajó, se acusam representações de animais muito aproximadas da natureza, sendo possivel, por elas, com a continuação dos estudos, explicar alguns sinais que na ceramica se repetem a miudo, e já não constituem simples ornato senão representação da propria ideia. Pelo exame de um fragmento de prato, as peças do ceramio de Marajó podem revelar uma expressão de pensamento, um principio aproximado da ideia.

Não é facil, entretanto, encampar sem melhor exame o desenvolvimento do pensamento da sra. Heloisa Torres, neste particular. Sua fantasia leva-a a concluir, sobre o misterio desse passado, proposições em desacordo com o que se tem conseguido reunir no dominio arqueologico, em relação á escrita na ideologia do indio. Todos os estudos promovidos nesse campo, são negativos. A "escrita do indio" não foi alem do desenho rupestre, que é arte infantil, não é escrita, é sinal de communicação, algumas vezes, outras, singelo *ludus homini,* quando a presença de bandeirantes ou boiadeiros nelas não intervem. As culturas indigenas do Brasil não acusam o dominio dessa conquista com que o homem se firma no tempo.

Os sinais, os garranchos, os caracteres surgidos em mais de meio seculo de estudos, realizados com a finalidade de explicar a origem e o passado das primeiras familias indigenas, não depôem a favor da ideografia do indio. No Brasil, nem em nenhuma região da America do Sul, o homem pré-colombiano deixou elementos bastantes para convencimento contrario. Os Quechuas, os Aymaras, plasmando a flor magnifica da civilização dos Incas, não transmitiram documentos por onde fôsse possivel afirmar ser-lhes peculiar o uso de caracteres ou simbolos ideograficos. Alem do *Quipo* não avançaram, e não parece facil pensar que esse instrumento de contar contivesse ou constituisse uma estrutura gramatical.

A ceramica brasileira não desmentiu essa verdade. Muito embora até 1870 os arqueologos não houvessem demonstrado maior interesse por ela, daquela data para cá muitas pesquisas foram feitas sem a nenhuma conclusão chegar-se.

Dando-se um balanço, de norte a sul do país, na louçaria indigena, encontram-se ou peças singelas, ou peças ornamentadas com preocupação de belesa, verdadeiro gosto e alta noção estetica, as de Marajó e Cunani, mas em nenhuma, em bôa fé, se descobrirá a intensão de reproduzir, criar uma idéia, compor um pensamento, construir a palavra. Essa arte, até agora tem apenas demonstrado que, aqui como entre os Diaguitas, os Incaicas, os Aztecas, os Mayas, os *"mounds-builders"* de Mississipi, Michingan, Ohio, Masachussets, Illinois, a ceramica foi o instrumento

em que o indio plasmou a primeira emoção. E' o primeiro toque, e muito adiantado, aliás, da sua sensibilidade artistica.

Evolução da ceramica

Dentro da ceramica brasileira, o que se pode assegurar, sem nenhuma contestação, é a ascenção geografica que essa arte vai fazendo, de sul para norte, até alcançar o extremo da planicie, onde os modelos superiores se apresentam. Não é que esta ascenção geografica seja trabalho de culturação dos indios da costa, dos Tupi-Guarani. Ela existe como produto de varias culturas, que nem sempre se transmitiram umas as outras, mesmo porque, muitas vezes, ocorreram em periodos distanciados no tempo, sem intercomunicação entre si. Esta ascenção não é obra do acaso. E' obra da terra, e documenta de maneira nitida a influencia da terra sobre as realizações humanas.

Foi a terra e não ó homem quem forçou esta evolução. Basta olhar a localização das familias indigenas do Brasil, correr os olhos sobre a carta, vêr onde os melhores achados se encontram. E' evidente que, para as primitivas populações brasileiras, a marcha na direção do sul para o norte, representou, talvez pela conquista de uma vida em melhores condições ambientes, um apuramento da ceramica. Basta ver que, lá em cima, em periodo de tempos ainda não determinado, mas no norte, os lacustres do Ma-

ranhão traçavam o desenho em volutas, o tipo de retas interceptadas, o de raios verticais, o de zonas circulares, o de curvas irregulares, o triangular-losanguiforme, nunca repetindo as mesmas linhas. Os contornos de cabeças de animais, de asas e de acessorios, não deixavam de oferecer maior variedade entre eles, sendo qualitativamente, como ideação, a arte do Cajari mais fragil e graciosa. E de um exame comparativo com outra ceramica, situada mais para o setentrião, embora fabricada por outro povo, e em outra epoca, a ceramica de Marajó, parece evidendenciar-se uma certa identidade de espirito com o melhor daquela arte, o que mais se acentua se compararmos seus recursos de colorido, como o uso da pintura vermelha e preta, em fundo claro, que tanta graça dá aos artefatos dos indios marajoaras.

O indio parte do centro e do litoral á procura de terras fartas, de localizações onde se sinta mais em contacto, mais senhor da natureza. As varzeas do Maranhão já lhe ofertam um ambiente agradavel para a vida, a planura amazonica, opulenta de recursos naturais, rica de frutos, de ervas, de fibras, de passaros, de aves, de peixes, de moluscos, exerce sobre sua inteligencia primaria, uma poderosa, inigualavel atração. E ele marcha, presa das forças interiores que presidem o seu destino e criam a fatalidade do seu apêgo á terra.

Nesta ascenção, a cultura do Cajari representa, fatalmente, um degrau inferior, que será galgado pelo oleiro de Marajó. Em Marajó as peças reunem as melhores qua-

lidades do oleiro cajariense e mais outras que esse oleiro não conseguiu adquirir. Será pela influencia da grande ilha que os *Tupi-Guarani,* p. ex., irão aprender, mais tarde, ou aperfeiçoar, os conhecimentos revelados um grau abaixo e, — note-se bem — jamais manifestados no litoral, nas planuras do extremo sul. A louça dos indios do sul, os *Guarani,* os *Tupi,* ou outros povos que aí hajam vivido antes dele, não se enriquece de artefatos que possam ser colocados em confronto com as peças encontradas no Maranhão. O achado de um fragmento de barro com decoração, possivelmente *aruak,* referido por Francisco Aparicio, não invalida, pelo seu carater de achado muito excepcional, a minha afirmação. Mas esse proprio achado, assinalando a presença do povo já não reflete o apogêo da arte. Esta já é a decadencia.

Nos sambaquis do litoral de São Paulo e Santa Catarina aparecem fragmentos de barro, tôscos e inferiores, trabalhados sem nenhuma preocupação de belesa. Recentemente, a sra. Heloisa Torres colheu igaçabas funerarias no Distrito Federal, que acusam certa arte, mas não se comparam ás peças da ceramica nortista. Ha no detalhe, evidentemente, um traço explicativo da evolução geografica que vimos observando: tôsca e rude, no sul, feita exclusivamente com a preocupação de utilidade determinada pelas exigencias do viver; melhorada ao centro, quando as tribus já evoluiram e se adiantaram na marcha para o norte; bastante aperfeiçoada no Maranhão, começo da planura, de absoluta identidade fisiografica, sem ter ainda os elementos naturais que fazem da Amazonia uma região de privilegio.

A ceramica de Marajó

Observando atentamente a ceramica de Marajó, descobre-se que uma evidente regressão sobre si mesma ocorreu no povo adiantado que a construiu. Ela é a mais bela, a mais bem acabada, mas, segundo Ferreira Pena, dos primeiros a examina-la, a louça mais perfeita aflora em niveis inferiores, enquanto os niveis mais altos recolhem artefatos de inferior qualidade.

Essa colocação das peças, no seu deposito principal, o Pacoval, revela apenas serem os primeiros oleiros artistas mais avançados, que não tiveram continuadores entre as tribus instaladas na grande ilha com o advento dos povos tupicos.

Sabido que a louça era confeccionada pelas mulheres, a sra. Heloisa Torres aceita a hipotese de que seus ultimos fabricantes fossem mulheres tomadas em guerra, mulheres escravas, mulheres de qualidade inferior. Sendo de raça Aruan, ultimo povo *aruak* que habitou a grande ilha, a construção do Pacoval, Cf. Barnard, Pena, Hartt, Ladislau, Derby, Steere, quantos exploraram o Pacoval ou estudaram, em primeira mão, o rico achado, e sabendo-se que o *Tupi* chegou até a margem esquerda do grande rio, que não pôde transpor por ter seu avanço impedido pelos *Caraïba*, situados á margem oposta, não parece suposição sem base que a regressão da louçaria seja obra dos sucessores dos aruans, menos habeis, naturalmente menos seguros no seu manejo, porisso que eram tribus vindas

através de demorada migração, com habitos de luta rude, só modificaveis depois de uma longa parada na terra para onde rumavam. Quem fizera o caminhar de um continente, por que não poderia estabelecer-se ou, pelo menos, demorar algum tempo na ilha aprazivel, se dela o separava apenas a largura de um rio? Dizer que o volume do Amazonas seria empecilho intransponivel, é não observar com exatidão porisso que, quando fixados lá em cima, os *Tupi-Guarani,* através dos Omagua, por exemplo, se afizeram ao elemento aquatico, preponderante na Amazonia, e foram dos mais velozes, dos mais temidos, dos mais ageis canoeiros de que ha memoria.

Os artefatos mais valiosos do Pacoval estavam depositados nas camadas mais baixas, como já dissemos. As tangas, por exemplo, o precioso ornato das mulheres de Marajó, que dele faziam prodigios de beleza ornamental, imprimindo ao barro modalidades de graça e finura de desenho, para compor a peça em que se velavam, foram encontradas nas camadas mais antigas, nos depositos inferiores do *"mound"*.

Da sua compreensão e descritiva, damos a palavra a De Nadaillac que, examinando-as na sua composição, nelas não distingue nenhuma formação de ideia:

"Nous avons dejá dit que tous, hommes, femmes et enfants, erraient dans un état de complete nudité; dans quelques tribus cependent, on trouve des tangas en terre cuite couvrant les parties sexuelles. Ces tangas sont en

argile très fine, cuite au feu. Le côte concave a conservé sa couleur naturelle, le côté convexe est émaillé avec de l'argile blanche; sur quelquer uns d'entre eux on figuré un visage".

Com o cachimbo ocorre, quanto a localização, o contrario da tanga. Ele aparece nas primeiras camadas, nas primeiras explorações procedidas por Pena, enquanto as camadas baixas não lhe acusam nenhum exemplar.

Vem a proposito contestar von Ihering, que afirma em seu estudo "Archeologia Comparativa do Brasil", publicado no volume VII da *Revista do Museu Paulista,* não existirem cachimbos nos achados referentes ao norte do Brasil, da Baía para cima, condescendendo que, na Baía, haja sido encontrado um. Segundo Ihering, o uso do cachimbo era peculiar ás tribus *Guarani*, do extremo meridional, e os *Tupi* fumavam charuto e não o velho utensilio tão estimado de quantas raças inferiores praticam o uso do fumo. Essa afirmação do antigo diretor do Museu Paulista é contestada pelo achado de Pena, referido por ele proprio, por Hartt, e repetido, modernamente, por Teodoro Sampaio. E com ser uma afirmação graciosa, por isso que ele apareceu em mais de um lugar da Amazonia e já Ladislau Neto o reproduzia nas ilustrações que acompanham o seu estudo publicado no volume VI das *Memorias do Museu Nacional,* serve para revigorar nossa afirmação anterior de que, encontradas no Pacoval varias peças em duplicatas e só um cachimbo, isso prova ter sido ele pouco usado ao tempo da construção do *mound,* fato que deixa perceber ter esse

objéto aparecido na ilha levado pelo povo *Tupi*, ao irromper na Amazonia, sendo até então desconhecido na região.

E' acentuada a existencia dos elementos decorativos lineares na ceramica, não só do Brasil como do continente. Em diversos países sul-americanos observa-se a mesma curiosa e esquisita similitude de tipos ceramicos, que deixa parecer terem os indigenas primitivos da grande ilha fluvial recebido seu ensinamento de tribus do altiplano situado junto ao Pacifico. No territorio boliviano de Môjos, por exemplo, ha tempos foram encontrados vasos do mesmo feitio de louça mexicana, com a pintura de volutas caracteristica dos estilos usuais na louça da Amazonia. E o professor Childe, do Museu Nacional, oferece diversas sugestões, segundo o sr. Raimundo Lopes, sobre as semelhanças existentes entre a arte diaguita da Argentina e a marajoara. E comentando essa observação, o autor da "Civilização Lacustre do Brasil" chama a atenção para o detalhe de ser real a analogia na estilização da figura humana, assim como nas formas da pintura que se assemelham á decoração lacustre. Tambem não é dificil verificar a aproximação sensivel existente entre a louçaria do Pacoval e certos produtos incaicos mexicanos e mayas. Varias autoridades têm-se referido á identidade de motivos morfologicos, verificados entre a ceramica andina e a de Marajó, por onde estabelecer-se a premissa de que os andinos transmitiram a estes ultimos, em passado remoto, seus conhecimentos da materia. Muito se tem escrito a este respeito, pondo em evidencia a similitude de desenho e de ornato que unifica num só tipo as

duas louças. Lovén assinalou ser nas Antilhas que se encontra ceramica semelhante á de Santarem, sendo as cabeças de passaros, comuns na louça de Santarem, usuais nas Antilhas, em Cuba, em São Domingos e Trindade. Nordenskiöld em seu ultimo trabalho vê similitude, igualmente, entre a ceramica de Santarem, a do Rio Beni e a de Costa Rica.

Elementos de comparação morfologica

Estudando a ceramica indigena, a sra. Heloisa Torres considera-a como um todo constituindo duas series: peças ornamentadas com impressões digitais e peças redondas com pintura interior a traço fino. O primeiro tipo é catalogado como ceramica de tecnica influenciada nos modelos orientais, muito abundante, segundo explica Nordenskiöld, no territorio argentino de Missiones, no rio Paraguai, na provincia de Buenos Aires, e na costa sul do Brasil, em larga zona. As peças do segundo grupo, que se assemelham a bacias, ordinariamente, de forma redonda, eliptica ou retangular, são encontradas na costa norte, na região de Santos ao Pará. Seus ornatos são dispostos em linhas paralelas, sinuosas, duas a duas, apresentando em certas peças linhas continuas, acompanhadas, ás vezes, por linhas pontilhadas. Geralmente a ceramica do primeiro grupo, aquela que parece filiar-se, na opinião do sabio sueco, á influencia de desenho oriental, guarda traços que lhe acentuam a origem tupi-gua-

rani, no que são mais ou menos acordes Alfred Metraux e Ladislau Neto. Muito embora a distribuição geografica a que obedece essa louça seja a mesma compreendida pelo dominio das tribus tupis-guaranis, lembra a autora citada, muito a proposito, a circunstancia ocasional da aproximação geografica não constituir um documento definitivo a favor da hipotese, porisso que os tupis poderiam ter sido precedidos por outras raças. que tivessem ocupado precisamente a mesma faixa de terra. Tambem não prevalecem os argumentos que procuram explicar a origem dessa louça através da sua forma redonda, de bacia ou tigela, com que ela vem representada nas gravuras da "Viagem ao Brasil", de Hans Staden, desde a primitiva edição de 1556, em Frankfort, onde já aparecem alguns desenhos, até ás mais recentes, em lingua nacional, feitas sobre a edição de Marburgo de 1557, julgada definitiva pelos melhores bibliografos. Como se sabe, esses desenhos, considerados, aliás, de autenticidade absolutamente garantida, foram feitos sobre madeira, na fôrma tôsca da gravura incipiente do seculo XVI. Assim, não é facil avançar reconhecimentos através das suas linhas confusas, pleitear autenticidade de peças de ceramica, pois são muito poucos os elementos de comparação morfologica resultantes da contribuição imperfeita da xilografia. Observa-se que, pela reprodução sobre madeira ou mesmo zinco, as linhas ornamentais desses desenhos se empastam, perdem a finura e leveza do traço copiado, desvirtuando de muito a gravura, quando obtida do modelo que lhe serviu de copia. Ademais pode-se acrescentar

que, sendo o indio geralmente um espirito pouco inovador, que alimentava, sem lhe acrescer novas contribuições, o pequeno mundo mental onde se elaborava o trabalho da sua incipiente cultura, toda essa louçaria encontrada por Hans Staden, entre tupiniquin e tupinambá, com os quais conviveu, podia oferecer a mesma forma e o mesmo desenho da louça utilizada pelos primitivos indigenas, pelo homem que antecedeu ao tupi-guarani, no dominio e na posse fixada ou irradiada das primitivas florestas do Brasil.

A duvida levantada contra a tecnica de desenho das peças circulares, que ornam as antigas edições de Hans Staden, atinge, tambem, cenas e reproduções divulgadas no famoso "*Album*" de Bry, vindo á luz da publicidade em 1619, nos Paises Baixos.

O pensamento de Nordenskiöld

Nordenskiöld afasta a civilização das tribus da Amazonia da influencia dos povos do planalto andino e a encadeia aos povos da America Central, dos quais ela toma o carater.

"Les recherches futures en Venezuela, diz o eminente professor, région presque totalement inxplorée au point de vue archeologique, nous serons d'une grande utilité pour mieux comprendre la civilisation indiene du bassin de l'Amazone; elles nous permettront de constater les liens

culturels qui unissent cette region à la Colombie et à l'Amérique Centrale".

E prosseguindo, aclara seu pensamento, dizendo que a inexistencia de obstaculos entre a bacia do Paraguai e os afluentes do Amazonas, estabelece evidentes analogias entre as descobertas arqueologicas da região do Paraná e as do Amazonas inferior, o mesmo fenomeno de aproximação se fazendo sentir ao longo dos Andes, desde o norte da Bolivia até o norte argentino. Possivelmente, o aparecimento do europeu impediu que a Bolivia recebesse diretamente a influencia da Amazonia. As linguas do planalto não eram faladas aqui. Não se deparou nenhuma tribu falando o quichua ou o aymara ou qualquer das linguas do grupo chibcha, isto é, dos povos aparentados aos que elevaram mais alto a civilização precolombiana na America do Sul em sua orla ocidental. Contemporaneamente ao aparecimento do europeu no novo mundo, as tribus da Amazonia falavam tres linguas ainda hoje predominantes entre esses povos: o aruak, o caraïba e o guarani, diz o autor sueco. Desses idiomas o aruak era o mais importante e, se o povo que construiu os ceramios, não foi o aruak, foi fatalmente o seu descendente mais proximo. Esse povo, com ser de cultura mais adiantada, era de habitos mais pacificos e não pôde, muitas vezes, deixar de ser batido e dominado por outros povos de cultura inferior, mas de melhor poder de agressão. O mesmo autor illustra o exemplo com a tribu *aruak Chané* que, submetia pelos *Chiriguano*, povo *Guarani*, transmitiu-lhe, entretanto, a influencia do seu viver su-

perior. A observação realizada com os *Chiriguano*, na Bacia Amazonica, aplica-se aos *Carïba*, nas Antilhas. Os *Carïba*, que utilizavam as mulheres, tomadas por violencia, recebiam delas elementos inestimaveis de vida em comum. Esplendidas oleiras, elas levavam para os seus senhores os beneficios de uma arte adiantada e iam melhorar as condições do viver *caraïba*. "Au ponit de vue scientifique actuel, tout semble prouver que les Arowaks ont été les principaux civilisateurs, non seulement aux Antilles, mais aussi en Amazonie, du moins dans les endroits ou des vestiges on été mis au jour par les archeologues", escreve o autor que estamos acompanhando, ao que acrescentamos, com outras autoridades, que maior não foi a documentação encontrada na Amazonia porque o seu clima, quente e humido, excessivamente humido, não oferece as mesmas vantagens dos climas sêcos, onde melhor podem ser conservados objetos de plumagem e madeira, tecidos de delicada contextura e varios outros, encontrados, por exemplo, no Perú, em estado de perfeita conservação. Não é outro o motivo, senão o fornecido pelo clima, que obriga a Amazonia a só se revelar, para os arqueologistas, como depositaria de objetos de ceramica, de um ou outro objeto de pedra, de nefrites, de coquilhos trabalhados, de ossos e inscrições.

* * *

A região de Môjos, na Bolivia, Nordenskiöld acha semelhante á de Marajó, como ambiente fisico. Região baixa, descreve-a sujeita normalmente a grandes inunda-

ções, que os habitantes procuravam evitar construindo suas casas sobre eminencias naturais ou pequenas colinas artificiais, chamadas *mounds,* a fim de se subtrairem aos efeitos das inundações. Tribus de atividade semelhante, lá em cima, na Venezuela, construiam canais para escoamento da planicie, entre os quais o rio Cassiqueare, que comunica o rio Negro ao rio Orenoco, senão todo, em parte rasgado pelos indios, para facilidade de enxugamento das terras da região.

Nessas regiões estuda Nordenskiöld o *mound* Hernmarck, onde foram encontradas varias urnas finamente pintadas, e o *mound* Velarde, que oferece grande interesse porque comprova a existencia de um povo que fazia enterramentos em urnas e confeccionava utensilios de ceramica de tres pés, seguido de outro, que se observa na camada inferior do *mound,* o qual enterrava seus mortos estendidos diretamente na terra, e fazia potes e jarras de quatros pés. Entre esta ceramica antiga e a de Tiahuanaco existe na ornamentação certas analogias que testemunham a influencia dos Andes, afirma o autor sueco.

CAPITULO VI

SINTESE MENTAL E MORFOLOGICA DAS TRIBUS BRASILEIRAS

A organização social da tribu — A medicina nativa — Espirito especulativo e economia naturista.

Resumindo detalhadamente quanto escreveram os primeiros viajantes, cronistas e historiadores, que estudaram as nações indigenas do país, chega-se á evidencia de que bem pobres foram as manifestações rudimentares de arte, deixadas pelas diversas familias, exceção de Marajó. O indio, assistente sem curiosidade dos dramas da natureza, não sentiu necessidade de se integrar no infinito. Tudo em torno dele era grande, e a sua propria morada tinha proporções de catedral. Era a floresta densa que o envolvia desde os seus primeiros anos, e na majestade da sua grandeza os seus instrumentos de percepção e tacto se apuravam, sem que subisse, até o cerebro, a im-

pressão do olhar. Observador forçado dos misterios da vida tropical, sua visada simples não gravou nenhum dos detalhes, nem a massa opulenta desse conjunto cosmico. Vivendo entre as arvores maiores da terra, grimpado aos pincaros mais altos da serra do Mar ou mergulhado no golfo inegualavel do Amazonas, jamais o seu cerebro se impressionou com o mundo em redor. Ficou simples assistente do grande drama que, em torno dele, se desenrolava. Pobre de atenção e acuidade, mais pobre ainda de compreensão dos fatores morais, o indio contentou-se com pouco. Não pesquisou. Não perquiriu. Não sentiu. Não se impregnou do encanto da natureza opulenta. Viveu sem aspirações. Bastaram á sua escassa ambição os frutos dourados das arvores, os peixes saborosos dos rios, os ricos produtos da mata. Do galho da arvore cnstruiu a oca para rudimentar habitação; da pena das aves teceu o enfeite com que se engrinaldava nos momentos de grande alegria; da fruta do geninpapo extraiu a tinta utilizada nos desenhos e arabescos que lhe cobriam o corpo; do algodão e das fibras vegetais teceu a rede para o repouso; das arvores retirava o vermelho e o branco que, com o negro, completavam os elementos de decoração do barro.

Com o material fornecido pelas fibras e cipós os homens confeccionavam *paneiros, cestos e tipitis,* e as mulheres, consideradas mais habeis, teciam a paina do algodão na feitura das redes e retangulos de pano para escassas necessidades de indumentaria. Nestas simples aplicações utilizavam os indigenas as suas habilidades manuais,

e, dos variados trabalhos que suas mãos confeccionavam, só a ceramica, de preferencia a religiosa, pode considerar-se uma arte. Do barro não passaram, na revelação do traço estetico. A casa, por onde esponta o gosto de viver, foi no indio a simples *oca* recoberta de folha de palmeira, sem compartimentos interiores, que dessem mostra de conforto, e sem beleza exterior. Apenas no abobadado da cobertura obtida do trançado das palhas, póde observar-se certa pericia e habilidade, um vago sentido de beleza em procura da suavidade trabalhosa da linha curva, da harmonia de uma forma que os retangulos exatos lhe negavam. Os seus proprios instrumentos de guerra não acusavam imperfeição. Não se enfeitavam com a graça, nem se enriqueciam com a copia de nenhum elemento vegetal. Os encantos da vida animal não lhe impressionavam a retina. Não poliram a pedra. Não trabalharam os metais. Permaneceram singelos obreiros da tabatinga, que só entre os naturais de Marajó, e numa ou noutra região do litoral, produziu peças de interessante acabamento. Sua capacidade de sentir a beleza não ia alem daquela que a vaidade incipiente desperta em todo animal. Seu sentido artistico não distinguia alem do diadema de penas, que depunham sobre a testa; dos braceletes e pulseiras, tecidas em penas de côres; dos longos colares de dentes humanos ou de dentes de onça e de jacaré; dos penachos de pluma de ema ou de guará, que lhe enfeitavam os rins; dos escassos trapos de algodão adornados de penas, que lhes compunham as espaduas. Fora isto, mais nada. Ou por outra, antes dis-

to, praticavam com o dente de jacaré, sobre o corpo, riscos que coloriam com a tinta do genipapo. Nos homens, mais singelos, em linhas retas; nas mulheres, entre algumas tribus, envolvendo traços mais delicados, que se aplicavam sobre os peitos, as nadegas e o sexo, no inconciente do imperativo animal, que fazia refluir, justamente para as regiões onde é maior a carga da *libido*, os desenhos intencionais que lhes mostravam mais claramente o sentido da beleza. A essas preocupações de estesia, pode acrescentar-se o testemunho de Gabriel Soares, de que, alem dos enfeites de pena, usavam as mulheres colares de conchas, que lhe cobriam todo o peito e pulseiras de terracota a que adicionavam brincos ou pendurícalhos de contas brancas ou de busios da praia, nas orelhas. Acrescenta Hans Staden que os homens amarravam feixes de penas nos braços; pintavam-se de preto e com penas vermelhas e brancas, misturadas sem ordem, grudadas ao corpo com substancias extraidas das arvores; ou borravam um braço de preto e outro de vermelho, e, do mesmo modo, as pernas e o corpo, não sendo, porém, tais habitos, comuns a todas as tribus.

A organização social da tribu

Geralmente, cada nação de indio se compunha de um certo numero de tribus aliadas pelo parentesco, amisade e conveniencia de defeza comum. A tribu constituia uma aldeia e a aldeia uma ou diversas *tabas*, conforme o nu-

mero de individuos que nelas se reuniam. O lugar onde se fixava oferecia sempre certa facilidade de defesa contra o ataque dos inimigos. Concorriam para solidificar a amizade reinante na tribu, os casamentos que se faziam. O indio quando tomava mulher passava a residir com o sogro, levando para o novo lar o espirito de solidaridedade e estima da oca de onde partia. Nas guerras, contavam eles com a defesa dos povos amigos, sendo comum uma taba, dominando força numerosa, vir a render-se, transformando-se de assaltante em assaltada, por se meter entre dois fogos. Quando começavam as guerras todas as aldeias eram avisadas e logo seus homens validos se aprestavam para a luta. A guerra entre os indios era a primitiva guerra de exterminio, que acaba pela destruição, pelo arrasamento integral do inimigo.

Fóra do campo guerreiro, o indio era bom. No interior da taba reinava a melhor ordem, obedecendo a *oca* á autoridade do maioral. Jean de Lery, observando a ordem domestica seguida pelas familias indigenas, elogia a paz e o sossego em que eles viviam e faz referencia á justica que nas tabas se praticavam. Eram felizes entre si, observa aquele cronista, registrando, porem, que, quando se desavinham, a justiça da taba os punia, em igualdade de pena. Ao ser alguem ferido por outrem o ofensor era preso, recebendo dos parentes da vitima tratamento identico, e, se a morte se seguia ou o ofendido morria depois, os parentes do defunto tiravam tambem a vida ao assassino, o que acontecia, entretanto, raramente.

Cardim, observando o viver desses remotos avôs, alonga-se nas mesmas afirmativas, mostrando a boa indole dos indios, em geral, porisso que, vivendo em regime comum, entre eles não se verificavam desordens, nem se conhecida o roubo. Os indios moços, até a idade de casar, eram obedientes ao dominio dos pais, e quando se casavam e mudavam de tenda, passando a residir na taba da esposa, acatavam os sogros. Uma taba geralmente abrigava de cincoenta a cem familias e tinha vida independente provendo sua economia e seu governo por conta propria. Entre os principais das varias tabas, o mais veneravel era o chefe de todos. A autoridade do chefe, entretanto, quasi só se exercia durante as guerras, porisso que, como tudo se achava previsto pelo proprio regime consuetudinario, seu acatado poder, durante o tempo de paz, não era mais extenso que o do principal da taba. A chefia era hereditaria. Se o filho não se mostrava digno de substituir o pai era preterido por um irmão ou outro parente, em condições mais aptas. Havia no aparelho de justiça e governo das tribus uma especie de assembléia constituida pelos maiorais das tabas, a qual se reunia quando se verificavam desavenças entre pessoas diferentes ou quando tinham de deliberar sobre mudança, aliança ou luta com outros povos. Esta assembleia era poder soberano e reunia geralmente os guerreiros mais valentes. Os guerreiros de uma eram recebidos na outra com cerimoniosa cordialidade, segundo explana Rocha Pombo.

Nas formulas rudimentares de viver dos Tupis-Guaranis não é possivel deixar de registrar a ascendencia, que frisamos anteriormente, exercida pela mulher. O padre Samuel Fritz, que viveu trinta e nove anos em plena era seiscentista, no meio dos Omaguas, observou entre eles indicios excelentes da formação de um espirito social. Fritz de tal maneira se adaptou aos indigenas, que consagrou toda a vida á obra de catequese, conseguindo aldear trinta e oito tabas, que passaram a constituir vilas e povoações.

A medicina nativa

Martius observou entre diversas tribus acentuados indicios de direito, como seja em relação á propriedade das pessoas ou da tribu; á escolha de um chefe para a guerra; á educação dos filhos; á emancipação das filhas; aos dotes; aos compromissos matrimoniais. Outros detalhes, como os relativos á toponimia geral indigena, abrangendo os acidentes geograficos, a zoologia, a botanica, demonstram sua compreensão do mundo fisico. Barbosa Rodrigues, pouco mais tarde, chama a atenção para a aplicação da inteligencia indigena ao reino vegetal, e diz que a nomenclatura do indio é tão clara, perfeita e exata, como reais são os proveitos que sabem tirar da aplicação de plantas medicinais. O vocabulario que davam á botanica não era arbitrario, e sim fruto de exames

aceitos em todas as tribus, transmitidos pela memoria e vulgarizados pela sua aplicação e uso.

Da botanica retiravam elementos curativos de que necessitavam, muito deles transmitidos aos europeus, que os incorporaram á sua farmacopeia.

Os indios sofriam de poucas molestias, "tão leves e faceis de curar, que case se não podem reputar por taes", como diz Brandonio no "Dialogo das grandezas do Brasil". Eram as boubas, o macúlo, as feridas, a malaria, e, depois da chegada dos europeus e dos africanos, segundo Pirajá da Silva, a sifilis e a lepra. Ainda trazidas pelos negros, suportavam a variola e a varicela. Pode dizer-se que, das molestias nativas, as mais graves eram a *bouba* ou *pian,* conforme aparece em André Thévet e Jean de Lery, que primeiro a ela se referiram em livros publicados em Paris, em 1558, e em Rochelle, vinte anos depois, e o *macúlo,* facil de combater, mas que, até antes de ser estudado, grandes males causava em toda a zona quente do país, especialmente no litoral. A bouba era doença tropical, existia na terra, assim tambem em regiões correspondentes, do continente africano. O conhecimento que se adquiriu desse mal, não permite mais pôr em duvida sua existencia aqui, antes das caravelas chegarem. E' doença americana. O *maculo* aparece no *Manual of Tropical Medicine,* citado por Garcia, como "epidemy grangenous rectite," de etiologia desconhecida. A doença, acrescenta o mesmo autor, "inicia-se por um prurido nas margens do anus, a que se seguem sintomas de disenteria aguda, até chegar a descargas de liquido sanguinolento, fetido, ou es-

verdeado. Podem ocorrer: prolapso, gangrena do reto e convulsões, caso em que o paciente não resistia".

A cura do maculo era feita com apozemas de limão e pimenta injetados no anus do paciente. Tambem aplicavam-se no local, sacatrapos feitos de pano, fios ou algodão, embebidos em limão, e a que juntavam pimenta, aguardente e polvora.

As feridas eram molestia grave para os indios, em virtude da vida sem higiene que eles levavam, sem defesa contra o mato, contra os insetos e os pequenos animais, de toda a especie, que juntamente com eles viviam. Uma das feridas mais nocivas, que muito afligiu os portugueses da conquista, era produzida pelo bicho de pé. A sifilis desenvolveu-se com estranha violencia no organismo são do indigena e foi esse campo sadio que revigorou o *treponema pallidum* e imprimiu-lhe a agressividade com que ele voltou a desenvolver-se na Europa. Como que os amerindios se pagaram da perfidia de portugueses e hespanhois devolvendo-lhes com maior poder destrutivo o mal que eles lhes injetaram.

As boubas curavam os indios cobrindo as pustulas que se formavam com suco de genipapo; quando rebeldes, aplicavam-lhes, ainda, folhas de caroba, usando, tambem, deste vegetal em cozimento interno; das terçãs livravam-se untando-se com seiva de genipapo, cujas virtudes curativas tinham na mais alta conta; as feridas tratavam-n'as sugando-lhes o sangue afetado com a bôca, para limpa-las e aplicando sobre ela a fruta *cabureiba,* utilizada mesmo contra o *cancro venereo,* e sempre com bom resultado. As

fortes dôres de cabeça eram tratadas sarjando-se o doente nas frontes, e nas pernas, quando era em criança. Muito interessante é o tratamento dispensado aos ferimentos graves, geralmente feitos em guerra. Estendiam os necessitados de socorro sobre um *girau*, debaixo do qual atiçavam o fogo. O paciente ficava com as feridas voltadas para o calor das brasas e assim elas enxugavam rapidamente, perdendo o sangue considerado infeccionado. Logo eram os pacientes retirados das tais grelhas, assim que as feridas começavam a enxugar, e sobre as feridas aplicavam-se unguentos de ervas curativas e, com essa singela terapeutica, dava-se a cura em poucos dias. Tinham os indios em alta conta o poder da dieta, na ajuda da cura dos seus males e, assim, quando doentes, ou nada comiam ou apenas se alimentavam de *mingaus* de farinha. Ao lado dessa medicina simples, nativa, florescia a que provinha da contribuição dos *pa-yé* ou *pagés*, geralmente velhas e velhos, cujo poder de sarar todos os males era pelas tribus acatado, conforme narram Hans Staden, Lery, Gabriel Soares, e outros cronistas da epoca.

Ao lado dessas doenças havia febres, muitas, como não podia deixar de ser em terra tão cheia de mosquitos. Faziam tanto damno que, desde cedo, a literatura medica se interessou por elas. Deixaram estudos sobre febres, verdadeiros tratados para o seu tempo, Francisco de Melo Franco, no inicio do seculo XIX, (febres do Rio de Janeiro) João Vicente Torres Homem, no terceiro quartel do mesmo seculo, e, no ultimo, afinal, Francisco de

Castro, que não chegou a publicar em livro a sua contribuição. O nativo, algumas vezes, e o europeu, constantemente, sofriam do medo das febres, fôsse o paludismo, a malaria, as sezões, as maleitas, as terçãs, as quartãs, nome sempre dado de acordo com a localidade onde a doença aparecia. Na verdade, fôsse com este ou aquele nome, de febre morria-se muito, por todas essas vastas terras do Brasil.

Muitas dessas molestias subsistiram até nossos dias, assim como o uso de certos entorpecentes. Se os velhos narradores seiscentistas não as observaram, modernamente elas aparecem na descritiva de varios naturalistas. Koch Grüenberg é um deles. Bates, é outro. Roquete-Pinto a eles alude. Nunes Pereira, em observação direta, procedida sobre os indios *múra,* um dos ultimos restos da grande nação Mundurucú, verificou, entre eles, o abuso da *coca* e do *paricá,* explicando que a isto se deve o grau de depravação, de anestesia moral, e de miseria intelectual a que esses indios chegaram.

Espirito especulativo e economia naturista

O vasto manancial de lendas tupis, desenvolvidas em torno de bichos e mitos, nas suas relações com os homens e coligidas por varios estudiosos, confirma o grau apreciavel de desenvolvimento mental que haviam adquirido esses adiantados representantes das raças indigenas. Estudando a civilização material desses indios, chega-se

á conclusão de que essas populações andavam em vesperas de modificar-se notavelmente, evoluindo para um viver melhor.

A ideia de troca mercantil desenvolveu-se, desde a chegada dos europeus, atando os indigenas aos invasores, sobretudo os franceses, por tratos e combinações que eram aparentes contratos comerciais. Os indios traziam do interior, em numerosos grupos e caravanas, os objetos mais cobiçados pelos europeus, os quais vinham busca-los regularmente, nas suas naus, duas e tres vezes por ano. O dominio da terra pelos portugueses aguçou ainda mais esse instinto de permuta, que entre as proprias tribus já perfeitamente se esboçava.

Cardim, de tão oportuno testemunho, relatando *Do modo que tem em fazer suas romarias e como pagão uns aos outros,* escreve que "esta nação não tem dinheiro com que possão satisfazer aos serviços que se lhes fazem, mas vivem *comutationis rerum* e principalmente a troco de vinho fazem, quanto querem; e assim quando hão de fazer algumas cousas, fazem vinho e avizando os vizinhos, e apelando toda a povoação lhes rogão os queirão ajudar em suas roças, o que fazem de boa vontade, e trabalhando até ás dez horas tornão para suas casas a beber os vinhos, e se aquele dia não acabam as roçarias, fazem outros vinhos e vão outro dia até ás 10 horas acabar seu serviço; e deste modo usão os brancos prudentes e que sabem a arte e maneira dos indios, e quando fazem por vinho, por onde lhes mandão fazer vinhos, e os chamão ás suas roças e canaviaes, e com isto lhes pagam. Tambem usão

de ordinario, por troco de algumas cousas, de contas brancas, que se fazem de buzios, e a troco de alguns ramaes dão até as mulheres, e este é o resgate ordinario de que usão os brancos para lhes comprarem os escravos e escravas que têm para comer".

Modernamente, os alemães, estudando esse detalhe do viver dos povos amazonicos, chegaram á conclusão de que, na epoca das descobertas, as diversas tribus da planicie permutavam-se entre si os objétos de uso comum, sendo usuais entre eles a acha de pedra e machados desse material, de que a região é pobre, objétos de plumagem, armas e outras utilidades, peculiares aos povos andinos.

A este comercio, bem pronunciado e desenvolvido, deram os alemães o nome de economia naturista, e por ele se explicam o uso e conhecimento de diversos materiais de evidente importação, encontrados nos grandes rios da região.

A economia naturista não foi de uso restrito, antes, bem pelo contrário, ela se desenvolveu, alargou-se e estendeu-se a toda a planicie, vinda do sopé dos Andes, de onde e por onde se permutaram os materiais de que os povos mais obscuros, situados na baixada, careciam.

CAPITULO VII

RELAÇÃO DE FAMILIAS INDIGENAS POVOADORAS DO BRASIL

Com as raças que habitavam o Brasil na epoca cabralina, aquelas que desapareceram, as que subsistiram, e as que foram conhecidas depois e chegaram até nosso tempo, é possivel organizar a seguinte relação, tanto ou quanto aproximada, como nomenclatura, insuficiente, apenas, na localização geografica, em consequencia do permanente nomadismo inerente ao viver desses povos. Ela diz respeito, exclusivamente, ás tribus situadas dentro do país ou nas nossas fronteiras.

Tribus Tupicas e Guarnizadas

1 — Tupinambá
2 — Potiguara
3 — Caheté
4 — Tupiniquin
5 — Termiminó
6 — Tamoio
7 — Tupi
8 — Guajajara
9 — Turiauara
10 — Pacajá

11 — Marono
12 — Tembé
13 — Manaiés ou Amanajé
14 — Anambé
15 — Guajá
16 — Auambé
17 — Amanajó ou Manajó
18 — Manaxo
19 — Tapiranha
20 — Jacundá
21 — Tapirapé
22 — Cabixi
23 — Canoeiro
24 — Juruna
25 — Tacomhapé ou Takunapeua
26 — Aracajú
27 — Guahuara
28 — Guayapi
29 — Chipaya
30 — Curuaia ou Curuahé
31 — Manitsauá
32 — Auêtos
33 — Kamayura
34 — Kuluene
35 — Tupinambaranas ou Tupinambá
36 — Maués
37 — Manguaz ou Mau-ari
38 — Mundurucu
39 — Apiaká
40 — Parintintin
41 — Tapanahuna
42 — Tapanhoananhúm
43 — Timaona
44 — Raipe-chichi ou Aipo-Sissi
45 — Rayabi
46 — Copayba ou Cauahipe
47 — Paranáu
48 — Uirapé
49 — Tacanatiba-Iriahum
50 — Parintintin-Kaoahiba
51 — Cabahiba
52 — Nhogapi
53 — Katukina
54 — Tape
55 — Arechan
56 — Charrúa
57 — Guaianaz
58 — Guarani
59 — Agaz
60 — Goitacaz
61 — Carijó
62 — Xaraye
63 — Caingua ou Caagua
64 — Carimá
65 — Tarumã
66 — Chiripá
67 — Apapocuva
68 — Zanygua
69 — Oguaiva
70 — Taniguá
71 — Cheirú
72 — Abahuguay
73 — Paiaguaçú
74 — Ybytygúá
75 — Abachiripá
76 — Aré
77 — Guaiaqui ou Guachaqui

78 — Tabajara
79 — Prasú
80 — Minuano
81 — Paiaguá
82 — Charrúas
83 — Goiá
84 — Chiriguano
85 — Yurimagua
86 — Omagua ou Cambeba
87 — Cocamilla
88 — Xabitaona
89 — Cocama
90 — Pariana
91 — Miranha
92 — Spaulo
93 — Conduriz
94 — Pauxi
95 — Mara-guassú
96 — Paikipiranga
97 — Oyampi
98 — Emerillon
99 — Calayopi
100 — Caripuna
101 — Manaué
102 — Urubu

Tribus Gê

1 — Timbyra
2 — Aymoré
3 — Picolgé
4 — Augé
5 — Grangé
6 — Paicogé
7 — Guajajara
8 — Capiscran ou Canela
9 — Manajó
10 — Temembé
11 — Timbira
12 — Cayapós ou Ubirajára
13 — Acuen
14 — Chavante ou Cherente
15 — Caingang
16 — Canoeiro
17 — Corôado
18 — Chocren
19 — Maracá
20 — Camacan
21 — Acoroá ou Coroado
22 — Miramoni
23 — Gaianá
24 — Camê
25 — Botocudo
26 — Gueren
27 — Poncatogé
28 — Gradaó
29 — Gavião
30 — Mamecran ou Craô
31 — Apinagé
32 — Canacatogé

33 — Picamecran
34 — Xicriabá
35 — Sacamecran
36 — Pataxó ou Pataco
37 — Suiá
38 — Gamela
39 — Catatoi
40 — Cutaxó
41 — Massacará
42 — Mulali
43 — Coroado do Xopotó
44 — Puri
45 — Papauá
46 — Pacamecran
47 — Piocobogé
48 — Crangé
49 — Cauacatgé
50 — Poncatgé
51 — Jaicó
52 — Goguê
53 — Tarairiú
54 — Auveikoma

Tribus Caraîba

1 — Baikaris
2 — Palmelas
3 — Pimenteira
4 — Nauquá
5 — Iumá
6 — Arara
7 — Apiacá
8 — Apalaî
9 — Ajona ou Rucuiene
10 — Crixamá ou Ianaperi
11 — Voiavai
12 — Pianocotó
13 — Macuxi
14 — Taulipangue

Tribus Nu-Aruak.

1 — Atorai
2 — Maipúre
3 — Baré
4 — Baniba ou Baniva
5 — Manáo
6 — Ticuna ou Tucuna
7 — Passé
8 — Javitero
9 — Corutana
10 — Catopolitana
11 — Acari
12 — Siussi
13 — Ipeca
14 — Cáua
15 — Huhuteni
16 — Paioarini
17 — Tapira
18 — Cuati

19 — Jamamadi
20 — Paumari
21 — Ipuriná
22 — Cauamari
23 — Culina ou Culino
24 — Aruan
25 — Aravaqui
26 — Uapichana
27 — Maïnacú
28 — Custenaú
29 — Vaurá
30 — Pareci
31 — Tucano
32 — Tereno
33 — Guaná
34 — Pauxi
35 — Purupurú
36 — Tariana
37 — Tamamadi
38 — Atorai
39 — Tarumà
40 — Guaná

Tribus Kiriri

1 — Teremembé
2 — Paiacú
3 — Janduí
4 — Icó
5 — Caratiú
6 — Cariú
7 — Areriú
8 — Jucá
9 — Genipapo
10 — Curema
11 — Ariú ou Areá
12 — Pega
13 — Panati
14 — Guarahun
15 — Carapotó ou Carapoti
16 — Pipipões
17 — Xocó
18 — Vouvê
19 — Uman
20 — Carnijó
21 — Aconan
22 — Ceococe
23 — Uamói
24 — Romari
25 — Sabujá
26 — Rodela
27 — Jaicó
28 — Sucurú

Tribus Pano

1 — Amanhuacá
2 — Aninauá
3 — Jaminauá
4 — Capanauá
5 — Caxinauá
6 — Teuxinauá
7 — Sipinauá
8 — Paninauá

9 — Saminauacana
10 — Caxibo ou Cahibo
11 — Araraúá
12 — Contanauá
13 — Pacanauá
14 — Marinauá
15 — Caianauá
16 — Paianauá
17 — Inocuini
18 — Nauá
19 — Iaiá
20 — Catuquina
21 — Yauavo
22 — Jurá
23 — Remo
24 — Sacuia
25 — Mainauá
26 — Canamari
27 — Maioruna
28 — Marubo ou Pelado
29 — Mairuna ou Marubo
30 — Culino ou Curina
31 — Caripuna ou Jaún-Avo

Tribus Guaicurú

1 — Matará
2 — Abipone
3 — Lengua
4 — Quiniquinau
5 — Paiaguá
6 — Mbaia
7 — Caduvéo
8 — Enimagá
9 — Toba
10 — Mbocobi

Tribus Goitacá

1 — Corôado
2 — Puri

Tribus Carajá

1 — Carajá
2 — Xambioá
3 — Javaé

Tribus Borôro

1 — Cabaçal
2 — Borôro do rio das Garças
3 — Barbado do Diamantino

Tribus Nambiquara

1 — Kokozú
2 — Anunzé
3 — Salumá
4 — Tarutê
5 — Taschuité
6 — Taguarú
7 — Tauité
8 — Uaintaçú

Tribus Trumaï

Tribus Pareci

Tribus Toia ou Tucano

Tribus Tacana

1 — Capechana

Tribus Charrúa

Tribus Peba

Tribus Macú

Tribus Araé

Tribus Comocare

* * *

Não se sabe ao certo, nem por aproximação, quantos eram os indigenas que habitavam o Brasil na epoca da descoberta. Os primeiros cronistas nada dizem a respeito, limitam-se a verificar que essas terras todas tinham donos, homens de pele escura, cabello corrido, modos de viver diferente de tudo quanto os europeus conheciam. Se os viajantes das primeiras levas não se impressionaram com o numero de individuos bravios em cujas tabas algumas vezes tiveram de penetrar, propriamente os jesuitas, que são em bôa ordem cronologica as autoridades mais serias a se ocuparem desses assuntos, tambem não demonstraram curiosidade, nesse particular, distraidos que estavam na contemplação dos encantos da natureza, e na conquista, para Cristo, de novos elementos humanos.

Lery, Thévet, Gandavo, Anchieta, não deram nenhuma significação á quantidade numerica de individuos que aqui conheceram. Apenas, eles como os outros, viram muita gente, núa, de estranha côr, cujo censo seu interesse estatistico não se lembrou de promover. E mais tarde, sob as capitanias, sob o governo geral, o vice-Reinado, o Reino-Unido, o Imperio, a mesma falta de lembrança perdurou. E até certo ponto esse desinteresse vem encontrar motivos que o justificavam na impossibilidade de recensear populações escondidas pelas matas, pelas montanhas, nos rios centrais do país. Só recentemente, com a instalação do Serviço de Proteção aos Indios, foi possivel pensar-se num calculo aproximado da população indigena.

Rondon não vacila em avaliar em um milhão e quinhentos mil os nossos nativos, e Luiz Bueno Horta Barbosa, em estatistica, assim os distribue: Territorio do Acre — 300.000; Amazonas — 200.000; Pará — 100.000; Maranhão — 10.000; Espirito Santo, Bahia, e Minas Gerais, 10.000; São Paulo — 1.170 — Paraná — 10.000; Santa Catarina — 10.000; Rio Grande do Sul — 2.517 — Goyaz — 100.000; Mato Grosso, que é o grande viveiro dessas raças, 500.000.

Esse calculo, até certo ponto exagerado, tende cada vez a diminuir porisso que as tribus indigenas, de fraca percentagem de reprodução, vão sendo dominadas pelo branco, que as absorve, ou as assimila, em cruzamentos pacificos ou impostos pela violencia. Não tem sido outro o trabalho verificado nos altos rios da Amazonia, por quantos se deram ao rude trato de explorar em seu *habitat* a borracha. Seringueiros, cauchêros, balatêros, ou garimpeiros de ouro do Gurupi e das Guianas, extratores de castanhas do Tocantins e do Araguaia, faiscadores de diamantes de Mato Grosso, desbravadores de ervais do Avanhandava, madeireiros do planalto central, não fazem, nesse particular, senão concorrer para o desaparecimento das tribus nativas, das raças obscuras que o europeu aqui encontrou. E' uma luta pertinaz, de intenção destruidora. Familias inteiras extinguiram-se, outras acham-se reduzidas a limitado numero de pessoas. Varios exploradores e sertanistas concordam com o apressado desaparecimento do indio, observado nos rios da Amazonia e outras re-

giões onde já não existe nenhuma tribu. Onde, porem, eles são numerosos e se distribuem por diversas familias, é na zona norte de Mato Grosso, lá nas cabeceiras dos rios que sobem para o Pará e o Amazonas, galgam as faldas andinas para irem viver na Bolivia, no Perú, nos países convizinhos. Mesmo assim, entretanto, a população indigena brasileira, neste momento, não ultrapassa de quinhentos mil individuos, segundo calculo official do Serviço de Proteção dos Indios.

CONCLUSÕES

Da relação feita com os elementos aqui sumariados, chegamos ás seguintes conclusões:

a) — O homem da Lagoa Santa é o antepassado do Botocudo que os Europeus encontraram errantes no continente (Lund, Ehrenreich, von den Steinen).

b) — O homem de Pontinelo, descoberto por Santiago Roth, em 1881, num afluente do Rio da Prata, é da mesma familia do homem descoberto na Lagoa Santa (Quatrefages, Virchow, Beuchat, Sören Hansen).

c) — O homem dos sambaquis, de mais recente antiguidade, é pré-colombiano, muito anterior ao dominio europeu no continente (Wiener, Froes, Roquete-Pinto).

d) — O estado de petrificação dos ossos da Lagoa Santa, calculados por Lund com uma antiguidade de mais de dois mil anos, prova que a população

do Brasil deriva de tempos remotos, (Lund, Quatrefages, Virchow).

e) — Tribus sul-americanas partiram em migração do planalto central do Brasil (von den Steinen, Ehrenreich, Roquete-Pinto).

f) — Povos que em epocas remotas habitavam nesta parte do novo mundo, eram da mesma raça dos que, no tempo da conquista, habitavam o nosso país (Vernau, Ehrenreich, Ferreira Pena).

g) — Distinguem-se duas origens na louçaria encontrada na bacia Amazonica, procedente de duas civilizações diferentes: uma que fazia seus enterramentos em urnas ou cestos, outra que enterrava direto no solo, quando não realizavam a ingestão dos ossos (Nordenskiöld, Metraux, Rivet).

h) — Da louçaria da Amazonia as peças sobrecarregadas de ornatos, procedentes de Santarem, se aproximam das de São Domingos e de Chirique. Seus detalhes são identicos na forma de botelha ou moringue sobre a qual se aplica uma cara humana em relevo, divergindo apenas no excesso de ornato observado em Santarem (Nordenskiöld).

I) — Os potes de pescoço estreito, ornados com o rosto humano, que aparecem na louça brasileira, da região Amazonica, prendem-se á louça Andi-

na de onde devem ter vindo trazidos com a "economia naturista" (Nordenskiöld).

j) — A ceramica funeraria da Amazonia inferior apresenta evidentes analogias com a das Antilhas. Esta é Aruak, anterior ás urnas antropomorfas pintadas que se encontram no continente (Nordenskiöld).

k) — As cabeças de passaros da louça de Santarem são assinaladas nas Antilhas, especialmente em Trindade (Nordenskiöld, Lóven).

l) — Os vasos de tres pés e a representação de cariatides ou ornatos feitos com a representação de macacos na posição de saltar, comuns em Santarem, se aproximam da louça rica de Chirique e Costa Rica, na America Central (Nordenskiöld).

m) — Urnas antropomorfas, analogas ás da bacia Amazonica, encontram-se ao norte da Argentina, na Venezuela, na Colombia e parte do rio Negro, no Equador (Nordenskiöld).

n) — A raça desses oleiros é diversa, mas a aproximação ocorre pelo contacto das populações da orla ocidental dos Andes com as que sobem da bacia Amazonica (Nordenskiöld).

o) — O estudo das inscrições brasileiras não permite nenhuma conclusão definitiva sobre os problemas

da pré-istoria americana, porisso que não eram mais que ociosos, grosseiros primordios, duma arte primitiva.

ρ) — Os indigenas encontrados pelos europeus no Brasil não se achavam em estado de regressão social; sim no de evolução gradativa, interrompida, subitamente, pelo aparecimento do homem branco em nosso continente.

DESCRIÇÃO DAS ESTAMPAS E DOS MAPAS

ESTAMPA I

URNAS FUNERARIAS DE MARAJÓ.

FIG.

I — Urna funeraria achada em Marajó. Apresenta formosos desenhos em gregas e traços curvilineos. Côres vermelha e escura sobre fundo branco. Pacoval.

II — Urna funeraria, gravada e pintada a duas côres. Desenho a traço. Pacoval.

III — Urna gravada e pintada a duas côres. Desenho a traços rétos e curvilineos. Ilha de Marajó.

ESTAMPA II

URNAS FUNERARIAS DE MARACÁ

I — Urna funeraria representando um jovem assentado sobre um banquinho em fórma de jaboti. A boca da urna está situada no pescoço, do qual a cabeça é a tampa. Diversos orificios facilitam a passagem de um fio ligando as duas peças. A urna mede 0,m,35 de altura, 0,m13 de diametro na boca, 0m,005 de espessura na boca. Sua bace é retangular com as dimensões: 0m,19x0,m,13. Procede dos ceramios de Maracá.

II — Urna funeraria representando a fórma de um jaboti. Corpo concavo. No dorso está a boca da urna e sobre esta um operculo discoide ou tampa, fechando-a. Dentro, ossos de uma creança pouco desenvolvida. O rôsto da figura é de fórma humana. O material empregado na urna é argila bastante grossa, escurecida pelo calor do fôgo. Procede de Maracá.

ESTAMPA III

TEMBETÁS DE FÓRMAS E SUBSTANCIAS DIVERSAS REPRESENTADOS EM TAMANHO NATURAL.

FIG.

I — Tembetá de berylo verde, dos antigos indios de Minas Geraes.
II — Tempetás de argila cosida, dos antigos indios de Marajó.
III — Tembetá de amazonasone, dos antigos indios de Minas Geraes.
IV — Tembetá de berylo verde, dos antigos indios de Pernambuco.
V — Tembetá de serpentina, dos antigos indios de Minas Geraes.
VI — Tembetá de quartzo compacto, dos modernos indios do Tocantins.
VII — Tempetás de nó de pinheiro, dos indios modernos do Paraná.
VIII — Tembetá de quartzo compacto, dos indios modernos do Araguaya.
IX — Tembetá de syenito, dos antigos indios de Minas Geraes.
X — Tembetá de berylo verde, dos antigos indios de Pernambuco.
XI — Tembetá de berylo verde azulado, dos antigos indios do vale do S. Francisco.

ESTAMPA IV

URNAS FUNERARIAS

I — Tampa de urna funeraria, gravada, pintada, ornada de figuras em relevo. Procede de Marajó.
II — Grande urna funeraria, pintada e gravada com relevo; numa das faces apresenta uma face humana.
III — Pequena urna zoomorfa, lisa e grosseiramente fabricada. Procede de Marajó.
IV — Grande vaso funerario, com pinturas vermelhas sobre fundo branco, figuras em alto relevo. Marajó.
V — Fragmento de urna antropomorfa, gravada e pintada, com ornatos em relevo. Ilha de Marajó.

ESTAMPA V

MACHADOS DE PEDRA

I — Machado de gneiss — Minas Geraes.
II — Machado de pedra de cal — Alto Tocantins.
III — Machado de gneiss — Minas Geraes.
IV — Machado de quartzito — Maués.
V — Machado de gneiss — Piauhy.

FIG.

VI — Machado de diorito — Paraná.
VII — Machado de gneiss — Amazonas.
VIII — Machado de feldspato — Sem procedencia.

ESTAMPA VI

CERAMICA DE CUNANY

I — Urna funeraria, pintada de amarelo, revestida de desenho a traço encarnado. O pescoço representa uma cara humana. No corpo distinguem-se os peitos e o sexo. Tem a fórma de um pote grande, de bojo conico, gargalo largo e ornato em relevo antropomorfo. Dimensões: 0m,34 diametro de boca; 0m, 10m altura do pescoço; 0m, 41 diametro maximo do bojo; 0m, 48 profundidade. Seu desenho é simples e belo. O padrão escalar domina na face antropomorfa; gregas onduladas ocupam o resto das respectivas cintas; no gargalo o desenho virgular. Continha fragmentos de ossos humanos.

II — Vaso em fórma de pote, com quatro zonas na parte bojuda, alem de duas no gargalo, esta com cara humana. Dimensões: 0m, 28 diametro de boca, 0m, 39 1/2 diametro maximo, 0m, 34 de profundidade.
Continha diminuta quantidade de terra, misturada a fragmentos de ossos humanos.

III-IIIa. — Vaso em fórma de pote alto, com tres zonas na parte bojuda, alem de duas no gargalo, esta com cara humana em relevo; contornos e extremidades humanas em relevo na parte bojuda. Dimensões: 0m, 24 diametros de boca, 0m, 09 altura do gargalo.
A urna é de grande beleza. Continha fragmentos de ossos humanos.

IV — Vaso em fórma de pote, com duas zonas na parte bojuda, duas no gargalo e aza zoomorfa. Dimensões 0m, 21 diametro de boca, 0m, 34 1/2 de profundidade, 0m, 06 altura do gargalo. E' igualmente pintada de vermelho sobre o amarelo, com finos desenhos em gregas. Apresenta ornatos zoomorfos em relevo. Continha pequena quantidade de terra vermelha misturada com pó e fragmentos de ossos.

V — Fundo de urna n. 2, Estampa n. 9, descrita na respectiva plancha.

ESTAMPA VII

ZOOLITOS, AMULETOS E INSTRUMENTOS DE PEDRA

I — Cachimbo de steatito.
II — Zoolito representando um passaro (diorito). Sambaquis de Santa Catarina.

FIG.

III — Zoolitho representando um passaro de azas abertas. Apresenta uma cavidade na região abdominal. Servia de almofaris. Diorito. Mesma procedencia.

IV — Martelo circular ou clava perfurada no centro. Diorito. Usado pelas tribus do sul.

V — Martelo de pedra. Sambaquis de Santa Catarina.

VI — Zoolitho semelhante ao da fig. 3. Sambaquis de Santa Catarina.

VII — Zoolitho vasiforme. Diorito. Sambaquis de Santa Catarina.

VIII — Zoolitho em fórma de peixe, tendo cavidade lateral. Diorito. Sambaquis de Santa Catarina.

IX — Zoolitho semelhante aos dos ns. 3 e 6. Sambaquis de Santa Catarina.

X — Fetiche de steatito, em fórma de peixe. Procedente da foz do Trombetas.

XI — Zoolitho nas mesmas condições dos ns. 3, 6 e 9. Sambaquis de Santa Catarina.

XII — Zoolitho de fórma aproximada do de n.º 6. Sambaqui de Santa Catarina.

XIII — Instrumento provavelmente de guerra. Diorito. Sambaquis de Santa Catarina.

XIV — Machado perfurado. Eurito. Usado pelas tribus do Sul.

XV — Zoolitho semelhando a almofaris.

XVa. — Zoolitho de fórma de um peixe esculpido, tendo cavidade no flanco esquerdo. Diorito. Santa Catarina.

XVI — Peso ou pedra de funda. Diorito. Tribus do Sul.

XVII — Instrumento de uso desconhecido. Diorito. Idem, idem.

XVIII — Zoolitho com cavidade abdominal. Sambaquis de Santa Catarina.

XIX — Zoolitho. Idem, idem.

XX — Instrumento de fogo ou brinquedo. Quartzo. Tribus do norte.

XXI — Zoolitho de fórma de passaro. Diorito. Sambaquis de Santa Catarina.

XXII — Martelo circular ou clava perfurada. Diorito. Tribus do sul.

XXIII — Utensilio de trabalho. Tribus do norte.

XXIV — Martelo para quebrar frutas. Diorito. Tribus do norte.

XXV — Machado trianguiforme. Diorito. Tribus do norte.

XXVI — Machado semi-lunar. Eurito. Idem, idem.

XXVII — Machado polido de quartzo compacto. Idem, idem.

XXVIII — Machado semi-lunar. Serpentina. Maranhão.

XXIX — Machado semi-lunar. Diorito. Vale do Tocantins.

XXX — Machado semi-luuar. Diorito. Pará.

XXXI — Instrumento de uso desconhecido. Diorito. Tribus do sul.

XXXII — Instrumento de uso desconhecido. Diorito. Tribus do sul.

ESTAMPA VIII

INSCRIÇÕES RUPESTRES COPIADAS DE PEDRAS DAS MARGENS DO RIO NEGRO

FIG.

I — Grupo de pedra chamado da Tartaruga. Ha uma serie de circulos em angulo quasi réto, tanto menores os circulos quanto se afastam do angulo. Abaixo do circulo ha duas figuras de capivaras, ao lado uma da outra, como em marcha juntas.

I a XVIII — Esbôços, traços vagos, tentativas de desenho entre os quaes se reconhecem flechas representadas com imperfeição. Grosseiras tentativas de desenho de cabeças humanas semelhantes ás cabeças gravadas nas inscrições da America Central e das margens do Rio Colorado.

ESTAMPA IX

CERAMICA DE CUNANY

I — Vaso em fórma de grande pote, com tres zonas na parte bojuda não contando o gargalo. Dimensões: 0m.39, diametro do segundo paralelo, 0m,18 diametro do gargalo, 0m,32 profundidade. Não tem ornamentos plasticos em relevo. Apresenta notavel desenho. A zona inferior ou do fundo é pintada a vermelho. As restantes são cobertas por um desenho de gregas ondeadas. A parte interior desta urna não é pintada, conserva a côr natural do barro. Continha residuos de ossos quasi triturados.

II — Vaso em fórma de pote, grande. Cremulação na divizoria entre o bojo e o pescoço. No gargalo ha ornatos em relevo com o rosto humano. Gregas retilineas e desenho virgular. Tambem ha gregas meio curvas. Dimensões: 0m,25 diametro de boca, 0m,10 1/2 altura da zona da boca, 0m,34 diametro maximo do bojo, 0m,37 de profundidade. Continha residuos de ossos humanos.

III — Vaso em fórma de pote, com tres zonas na parte bojuda e duas no gargalo. Belamente pintado. Desenho verdadeiramente artistico; emprega a grega retilinea e o padrão virgular. Dimensões: 0m,22 diametro de boca, 0m,06 altura da zona da boca, 0m,17 distancia da boca á primeira zona do bojo, 0m,37 diametro maximo do bojo, 0m,24 profundidade. Continha pequena quantidade de pó de ossos, com particulas de terra.

IV — Vaso em fórma de pote grande, com tres zonas na parte bojuda e duas no gargalo. Dimensões: 0m,24 diametro da boca, 0m,36 profundidade, 0m,20 distancias da boca ao segundo paralelo. Bela urna, um pouco asimetrica. Côr, as mesmas. Desenho, gregas onduladas e retilineas. Continha insignificante porção de terra e de restos de ossos humanos.

FIG.

V — Vaso, idem, idem. Fórma e pintura verdadeiramente nobres. Desenho triplice. Circunvoluções de um novo padrão em volta de maior periferia. Mesmas côres. Dimensões: 0m,38 diametro maximo, 0m,18 diametro de boca, 0m,32 profundidade. Continha dois punhados de terra misturada com cinzas e fragmentos de ossos compridos. Tambem um dente premolar humano, bastante gasto na face triturante.

VI — Vaso idem, idem. Duas zonas no bojo e duas no gargalo. Bôjo conico, perfil arqueado, ornamento antropomorfo no gargalo. Dimensões: 0m,26 diametro da boca, 0m,07 altura da zona da boca, 0m,1 profundidade. Continha fragmentos de ossos e residuos cadavericos.

VII a XXV — Representação das urnas funerarias descritas nesta e nas estampas 6 e 11 e colocadas em simetria, oferecendo aspecto de conjunto.

XXV a XXVII — Vaso em fórma de chapéo virado, com tres zonas, circular na base, oval na boca. E' um dos vasos mais raros pela sua fórma e interessante do ponto de vista arqueologico. Não se conhece peça identica na ceramica indigena sul-americana. Ao vaso faltam azas, que pareciam representar certo animal. O desenho consiste em linhas ondeadas, combinadas com gregas. Á beira da boca mostra uma estria vermelha larga. Iguaes linhas mais finas separam as diversas zonas do lado exterior. Não ha pintura interna. Dimensões: 0m,51 1/2 comprimento de boca, 0m,37 1/2 largura de boca, 0m,50 largura maxima externa, 0m,11 largura da aba, 1m,1/2 altura do vaso na extremidade, 0m,27 altura do vaso no meio, 0m,22 1/2 diametro na parte da base. Continha fragmentos de humerus, femur, etc., medindo de um palmo para baixo, como si quebrados á força.

ESTAMPA X

INSCRIÇÕES DE ITAMARACÁ. DESCOBERTAS E DESCRITAS POR FERREIRA PENNA. SITUAM-SE NA ROCHA DE ITAMARACÁ, NO RIO XINGÚ

E' evidentemente uma das inscrições mais perfeitas e valiosas encontradas na America do Sul. Nela aparecem varios desenhos em linhas e circulos e retangulos distribuidos por tres grupos, definindo-se num deles tres saurios. Tem a atestar a sua autenticidade, e fiel reprodução, a sisudez e criteriosa circumspecção de Ferreira Penna.

ESTAMPA XI

CERAMICA DE CUNANY

I-IV e V — Vaso em fórma de piramide retangular truncada, inversa, comparavel a uma bandeja. Dimensões: 0m,50 cumprimento da face inferior, 0m,38 cumprimento face superior,

FIG.

0m,41 largura, face superior, 0m,25 face inferior, 0m, 4 altura total, 0m,09 profundidade. Este vaso de fórma exquisita, diz Goeldi que talvez não tenha similar nos produtos ceramicos sul-americanos. E' uma formosa peça, quer do ponto de vista do feitio artistico e das proporções felizes, quer dos desenhos e dos ornatos plasticos. E' ornado, a relevo, com dois acutipurus, pequeno roedor muito cantado nas lendas dos indios amazonicos, e com figuras presumivelmente de passaros colocados nos quatro angulos. O desenho é feito em tinta encarnada, a urucú, em linhas ondeadas e traços virgulares. Continha parcos residuos de cinzas e de ossos calcinados, misturados com particulas de terra.

II — Vaso em fórma de alguidar, circular, pintado e ornamentado a relevo, com duas gias ou pererecas. No intervalo de uma para outra vêm-se duas cobras. Desenho vermelho, virgular, separado em grupos por traços verticaes. A mesma côr. Dimensões: 0m,47 diametro de boca, 0m,19 profundidade, 0m,11 largura da zona superior.

III a VI — Vaso em fórma de alguidar, circular, relativamente raso de boca saliente, sobretudo do lado exterior. Sua ornamentação consiste em duas figuras opostas, em relevo semelhante a uma gia, ou "perereca". Dimensões: 0m,49 diametro de boca, 0m,16 profundidade, 0m,10 largura da zona superior. Desenho virgular. Continha fragmentos de ossos e particulas de terra.

VII — Pedra granitica lavrada, que servia de marco para assinalar exteriormente a situação das cavernas funerarias onde se encontrava depositada a chamada Ceramica de Cunany.

VIII — Machado de pedra, encontrado no Cunany.

IX — Vaso em fórma de alguidar, com duas zonas, a superior bastante larga. Não tem ornatos em relevo, mas apresenta bonito desenho. Corre na beira uma linha serpenteada vermelha, marginada de ambos os lados por um campo branco. Os intersticios em baixo e em cima são vermelhos, divididos ao meio por um disco claro perpendicular. Dimensões: 0m,39 diametro da boca, 0m,21 profundidade. 0m,11 altura da zona superior. Internamente não é pintado. Continha pouca terra com fragmentos de ossos.

X — Aza zoomorfa de vaso encontrada com outros fragmentos de louça nos ditos ipogeus de Cunany.

ESTAMPA XII

IDOLOS FALOMORFOS

I e II — Idolos falomorfos em terra-cotta, pintados de branco, tendo á altura do pescoço um orificio por onde corria o fio que os atava. Pacoval.

III — Falus em terra-cotta. Ladislau inclue-n'o entre os Idolos faliformicos falomorfos da região. Marajó.

ESTAMPA XIII

CERAMICA DE MARACÁ E MARAJÓ

FIG.

I — Urna da estação litica de Micaran-uéra, Amazonas. Material, argila pardo-avermelhado, sem arêa e mal queimado. Suas dimensões são: 0m,35 altura tomada do lado interno, 0m,18 diametro na boca, 0m,26 diametro na base, 0m,005 espessura das paredes na boca. A urna é demasiado tosca e parece ter pertencido a uma mulher. Ao ser encontrada ainda conservava a côr branca da tabatinga e muitos traços, quasi todos em linha réta, feitos a tinta encarnada.

II — Urna representando o corpo de uma mulher, ornamentado com ligeiros relevos e variados desenhos a tinta rosea ou vermelha esmaecida. Falta-lhe a tampa. Apresenta na boca algumas fraturas. Suas dimensões são: 0m,65 de altura, 0m,19 de diametro na boca, 0m, 16 de diametro da base, 0m,01 de espessura. Os peitos e o sexo estão bem pronunciados, este coberto com a tanga. Distingue-se esta urna particularmente pela sua dupla face, isto é, por apresentar duas frentes, cada uma perfeitamente igual á outra, em ornato, fórma, estilo, côres. Procede do Pacoval.

III — Urna igualmente de face dupla, inferior, porém, á primeira, apesar do caráter e do estilo semelhante. Rôsto menor sobrecarregado de ornatos. Suas dimensões, são: 0m,29 de altura, 0m,11 de diametro na boca, 0m,12 de diametro na base, 0m,01 de espessura das paredes. Vê-se o sinal do sexo, sem tanga. E' urna de menina e procede do Pacoval.

ESTAMPA XIV

INSCRIÇÕES GRAVADAS EM PEDRA NO VALE DO RIO NEGRO

I a V — Circulos concentricos, caractéres incompletos ou apagados. Configuração de homens e animaes.

VI a X — Figuras indefiniveis. Traços que lembram letras do alfabeto moderno.

XI a XVII — Distinguem-se dois personagens tendo á cabeça um halo ou corôa. Um deles traz á mão algo á guiza de cétro. Duas capivaras em plano inferior se defrontam. São representadas em côr negra.

XIX a XXIV — Sinaes de secundaria importancia diante dos que se vêm nos planos mais altos. Aparecem linhas concentricas e traços da grega.

ESTAMPA XV

TANGAS DE MARAJÓ

FIG.

I a IV — Tangas de barro que os Aruans chamavam babal. Sua descrição exaustiva encontra-se no texto. A de n.º I é reproduzida ao natural, e devia ser usada por indias nubeis.

ESTAMPA XVI

VARIOS ARTEFATOS DE CERAMICA DE MARAJÓ

I — Fragmento de urna funeraria gravada com perfeição, vendo-se, de relevo, um saurio. Pacoval.
II — Fragmento de urna funeraria antropocefala. Marajó.
III — Vaso gravado, tendo como adorno linhas rétas. Pacoval.
IV — Fragmento de grande vaso com ornatos, em alto relevo. Marajó.
V — Um tatú em terracota encontrado no Pacoval.
VI — Bela urna, na fórma, no desenho e no relevo, em terra-cota. Marajó.
VII — Pequeno vazo trabalhado com esmerado lavôr. Marajó.
VIII — Parte superior de um vazo gravado em terra-cota. Pacoval.
IX — Fragmento de vazo artisticamene gravado. Pacoval.
X — Alguidar pintado. Marajó.
XI — Pequeno vaso pintado interna e externamente. Marajó.
XII — Tampa de urna funeraria ou pequeno vazo gravado externamente, e pintado pelo lado interno. Parte artistica de grande perfeição.

ESTAMPA XVII

TANGAS DE MARAJÓ

I a IV — Interessantes e caprichosas Tangas usadas pelas mulherés de Marajó. Seus desenhos atingem á perfeição. Pacoval.

As estampas que ilustram esté livro foram feitas pelo pintor e desenhista Sr. Fernando Martins, que as reproduziu do VI e do IV volumes dos "Arquivos do Museu Nacional", e das "Memorias do Museu Goeldi" do Pará, copiando outras, dirétamente, na peça.

Os mapas são da autoria do cartografo Carlos Maria Cantão, que os riscou com elementos reunidos pelo autor, por autores estrangeiros, e pelo Museu Nacional.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA (Joseph, S. J.) — Cartas jesuiticas — III — Cartas, informações, fragmentos historicos e Sermões. Notas de Alcantara Machado. Publicações da Academia Brasileira — 1933.

ABREU (J. Capistrano de) — Capitulos de Historia Colonial — 1500-1800 — Rio — 1928.

ABREU (J. Capistrano de) — Caminhos antigos e Povoamento do Brasil — Rio 1930.

ABREU E GARCIA (Capistrano e Rodolfo) — Dialogo das grandezas do Brasil. Introdução e notas. Publicações da Academia Brasileira — Rio — 1930.

AGASSIS (Mr. et Mme.) — Voyage au Brésil — Paris — 1872.

AGASSIS (Louis) — Conversações cientificas sobre o Amazonas feitas na sala do Colegio Pedro II — Rio — 1876.

AGASSIS (Louis) Bassin de L'Amazone (Extrait du voyage — Bulletin de la Société de Geographie de Genéve — V). — Genéve — 1868.

ARARIPE (Tristão de Alencar — Cidades petrificadas e inscrições lapidares do Brasil — Revista do Instituto Historico e Geografico do Brasil — Tomo L — Rio — 1887.

ANDRADE E SILVA (José Bonifacio) — Declarações e certas noticias do sitio do Pará, acções dos Moradores e seus cos-

tumes de vida — Mns. pertencente á Bibliotheca Nacional. Copia de José Bonifacio de Andrade e Silva — Lettra do sec. XVIII. Cod. LXXXVI — Archivos do Museu Nacional — Vol. XII — Rio — 1903.

ANGYONE COSTA (J.) — Atravéz do Noroeste brasileiro — Descripção da excursão ao Tapirapé feita pelo sr. Alfredo Olimpio — «Folha do Norte» — 29 de Julho — Belem — Pará — 1912.

ABREU (Sylvio Fróes) — Sambaquis de Imbituba e Laguna — Separata da Revista da Sociedade de Geographia — Rio — 1928.

ANONYMO — Os Orizes conquistados ou noticia da conversão dos indomitos Orizes Procazes, povos habitantes e guerreiros do sertão do Brasil etc. publicado em Lisbôa em 1716, inserto no tomo 8.º, anno de 1846, da Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

ANONYMO — Manuscrito da Bibliotheca Nacional Cod. LXXXVI, publicado nos Archivos do Museu Nacional — Rio.

BARATA (Francisco José Rodrigues) — Diario da Viagem que fez á colonia Hollandeza de Surimam o porta-bandeira da setima Companhia do Regimento da cidade do Pará, pelos sertões e rios deste Estado, em diligencia do Real Serviço — Revista do Instituto Historico e Geografico do Brasil — Vol. VIII — 1846.

BRANNER (John Casper) — A Geologia Cretacea e Terciaria da Bacia do Brasil — Sergipe — Alagoas — publicação dirigida por Laudelino Freire — Aracajú — 1899.

BRANNER (John Casper) — Inscripções em rochedos do Brasil — Revista do Instituto Archeologico Pernambucano — Recife — 1904.

BRANNER (John Casper) — Geologia elementar — Rio — 1915.

BRANNER (John Casper) — A suposta glaciação do Brasil — Revista Brasileira — Vol. VI — Rio — 1896.

BENEDITO CALIXTO — Algumas notas e informações sobre a situação dos Sambaquis de Itanhaen e de Santos — Revista do Museu Paulista — Vol. VI — São Paulo — 1904.

BACKEUSER (Everardo) — A faixa littoranea do Brasil meridional — Hontem e Hoje — Rio — 1918.

BACKEUSER (Everardo) — Conferencia — Os Sambaquis do Districto Federal — Revista Didactica da Escola Polythecnica — Rio — 1919.

BARROSO (Gustavo) — Mythes, contes et legendes des indiens — edição F. Ferroud — Paris — 1930.

BARROSO (Gustavo) — As Colunas do Templo — Rio — 1930.

BARROSO (Gustavo — Aquem da Atlantida — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1931.

BORBA (Telemaco M. de) — Observações sobre os indigenas do Estado do Paraná — Revista do Museu Paulista — Vol. VI — 1904.

BEUCHAT (H.) — Manuel d'Archeologie Americaine — Paris — 1912.

CAMPOS (Luiz Felipe Gonzaga de) — Notas sobre algumas localidades da costa norte e nordeste do Brasil, onde se encontram os fosseis terciarios e cretaceos etc. — Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil — Rio — 1925.

CAPANEMA (Barão Guilherme S. de) — Os Sambaquis — Ensaios de Ciencia por diversos amadores — Rio — 1876.

CASTELNAU (M. le Comte Francis de) — Expedition dans les parties centrales de L'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Pará, executé par ordre du gouvernement Français pendant les années 1843 — 1847 sous la direction de Francis Castelnau — histoire du voyage — Paris — 1850 — 1851.

CHANDLESS (W.) — Exploração dos Rios Juruá, Assú e Abacaxis — Anexo ao Relatorio do Ministro da Agricultura — Rio — 1879.

COUDREAU (Henri) — Voyage au Xingú — Paris — 1897.

» » — Voyage au Tapajóz — Paris — 1897.

CHILDE (Alberto) — Arqueologia classica e americanismo — Archivos do Museu Nacional — Vol. XIX — 1916.

CARDIM (Fernão) — Tratado da terra e gente do Brasil — Introdução e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia — Rio — 1925.

CREVAUX (J.) — Voyage dans l'Amérique du Sud — Paris — 1883.

COSTA (Dante) — Bases da alimentação racional — S. Paulo — 1938.

CAMPOS (Antonio Pires de) — Breve noticia que dá do Gentio barbaro que ha na derrota da viagem das minas de Cuiabá e seu reconcavo etc. — Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Vol. XXV — 1863.

CAMINHA (Pero Vaz de) — Carta escrita do porto seguro de Vera Cruz com a data de 1.º de Maio do anno de 1500 a El-Rei D. Manoel — Historia da Colonização Portugueza do Brasil — Porto — MCMXXIII.

COUTO (Domingos de Loreto) — Desagravo do Brasil e Glorias de Pernambuco — março de 1755 — Publicação da Bibliotheca Nacional — 1903.

CARVALHO (Alfredo) — Pre-historia sul-Americana — Recife — 1910.

CRULS (Gastão) — A amazonia que eu vi — Rio.

DERBY (Orville) — Contribuições para a Geologia do Baixo Amazonas — Arch. do Museu Nacional — Vol. I — Rio — 1876.

DERBY (Orville) — A bacia cretacea da Bahia de Todos os Santos — Arch. do Museu Nacional — Vol. III — Rio — 1878.

DERBY (Orville A.) — Geologia da região diamantifera da Provincia do Paraná no Brasil — Arch. do Museu Nacional do Rio de Janeiro — Vol. III — Rio — 1878.

DERBY (Orville A.) — Contribuição para o estudo da geologia do Valle do São Francisco — Arch. do Museu Nacional — Vol. IV — Rio — 1879.

DINIZ (Gonçalves, Alpheu) — Coordenadas geographicas — Boletim n. 53 do Serviço Geologico Mineralogico do Brasil.

DINIZ (Gonçalves, Alpheu) — A evolução dos estudos geologicos no Brasil — Revista Brasil Ferro Carril — Vol. XXIII — Rio — 1922.

DENIS (Ferdinand) — L'Univers, Histoire e description de tous les peuples — Brésil — Paris — 1837.

DARWIN (Charles) — O recife de grés do porto de Pernambuco — Trad. de Alfredo de Carvalho — Revista do Instituto Arqueologico e Geografico Pernambucano — Recife — 1904.

DÉVIGNE (Roger) — L'Atlantide — Sixième partie du monde — Paris — MCMXXIV.

EHRENREICH (Paul) — Einteilung und Verbreitung der Volkerstamme Brasiliens nach den gegenwartigen Stande unserer Kemtnisse — Tradução de Capistrano de Abreu — Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — Vol. VIII — 1892.

ELLIS JUNIOR (Alfredo) — Raça de Gigantes — S. Paulo — 1926.

FERREIRA (Alexandre Rodrigues) — Descrição da Gruta do Inferno feita em Cuiabá — Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Vol. 4.º — 1842.

FILHO & PEIXOTO (Lacerda e Rodrigues) — Contribuições para o estudo antropologico das raças indigenas do Brasil — Archivos do Museu Nacional — Vol. VI — 1885.

FERREIRA PENNA (Domingos Soares) — Apontamentos sobre os Ceramios do Pará — Archivos do Museu Nacional — Vol. I — Rio — 1876.

FERREIRA PENNA (Domingos Soares) — Algumas palavras da Lingua dos Aruans — Arch. do Museu Nacional — Vol. IV — Rio — 1881.

GOELDI (Emilio A.) — Excavações arqueologicas em 1895 — Memorias do Museu Goeldi — 1905.

GANDAVO (Pero de Magalhães) — Tratado da Terra do Brasil — Historia da Provincia de Santa Cruz — Rio — 1924.

GARCIA (Rodolpho) — Etnografia Indigena — Dicionario Historico, Geografico e Etnografico do Brasil — Vol. I — Rio — 1922.

GARCIA (Rodolpho) — Diario do Padre Samuel Fritz — Introdução e notas — Revista do Instituto Historico e Geofico Brasileiro — T. LXXXI — 1917.

GARCIA (Rodolpho) — Historia das Explorações Scientificas — Dic. Historico, Geogr. e Ethnographico do Brasil — Vol. I — Rio — 1922.

GUIMARÃES (José da Silva) — Memoria sobre os usos, costumes e linguagem dos Apiacas, e descobrimento de novas minas na provincia de Matto Grosso — Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Vol. VI — 1844.

GIKOVATE (Moysés) — Os sambaquis — Revista Nacional de Educação — Rio — 1933.

HURLEY (Henrique Jorge) — Prehistoria Americana — Revista do Instituto Historico e Geografico do Pará — Vol. IV — 1931.

HOMEM DE MELLO (Barão e Francisco) — Atlas do Brasil — Rio — 1909.

HARTT (Charles Fred) — Contribuição para a Etnologia do Valle do Amazonas — Archivos do Museu Nacional — Vol. VI — Rio — 1885.

IGNACIO DE OLIVEIRA (Avelino) — Atravez da Guiana Brasileira pelo rio Erepecurú — Estado do Pará — Boletim n. 31 do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil.

IGNACIO DE OLIVEIRA (Avelino) — Bacia do Rio Branco — Boletim n. 37, idem, idem.

IHERING (Dr. H. von) — A civilização prehistorica do Brasil Meridional — Revista do Museu Paulista — Vol. I — 1895.

IHERING (Dr. H. von) — Arqueologia comparativa do Brasil — Revista do Museu Paulista — Vol. VI — 1904.

IHERING (Dr. H. von) — Natterer e Langsdorff — Revista do Museu Paulista — Vol. V — 1902.

IHERING (Dr. H. von) — Os Indios Patos e o nome de Lagoa dos Patos — Revista do Museu Paulista — Vol. VII — 1907.

IHERING (Dr. H. von) — A Antropologia do Estado de S. Paulo — Revista do Museu Paulista — Vol. VII — 1907.

IHERING (Dr. H. von) — Os Botocudos do Rio Doce — Revista do Museu Paulista — Vol. VIII — 1911.

IHERING (Dr. H von) — Fosseis de S. José do Rio Preto — Revista do Museu Paulista — Vol. VIII — 1911.

JESUITA ANONYMO — Informações do Brasil e de suas Capitanias — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro — Vol. VI — 1844.

KÖCH-GRÜENBERG (Theodor) — Vom Roroima zum Orinoco — Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren, 1911-1913 — Berlim — 1917.

KRONE (Ricardo) — Notas de Prehistoria Paulista — O cemiterio de Pombeva — Revista do Museu Paulista — Vol. X — 1918.

KRONE (Ricardo) — Estudo sobre as Cavernas do Vale do rio Ribeira — Archivos do Museu Nacional — vol. XV — Rio — 1909.

LOPES (Raymundo) — Pontas de silex lascado no Brasil — Separata do Boletim do Museu Nacional — Rio — 1927.

LOPES (Raymundo) — A Civilização lacustre do Brasil — Rio — 1924.

LOPES (Raymundo) — Entre a Amazonia e o Sertão — Rio — 1929.

LERY (Jean) — Primeiras letras — Dialogos — Publicações da Academia Brasileira — Rio — 1923.

LERY (Jean) — Historia de Uma viagem á terra do Brasil — S. Paulo — 1925.

LISBOA (Alfredo) — Descrição do litoral — Dicionario Historico, Geografico e Etnografico do Brasil — I vol. — Rio — 1922.

LACERDA E ALMEIDA (Dr. Francisco José de) — Diario de Viagens pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuiabá e S. Paulo, nos anos de 1780 e 1790.

MONTANDON (Dr. George) — La Race Les Races — Paris — 1933.

MORGAN (Jacques de) — L'Humanité prehistorique — Paris — 1937.

MAMIANI (Pe. Luiz Vicencio S. J.) — Arte gramatica da lingua Brasilica Kiriri — 2.ª edição — Rio — 1877.

MAGALHÃES (Couto de) — Viagens ao Araguaya — 3.ª edição — Editora Nacional — 1934.

METRAUX (Alfred) — La Civilization Matérielle des Tribus Tupi-Guarani — Paris — 1928.

METRAUX (Alfred) La Religion des Tupinambá et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani — Paris — 1929.

MOURA (Ignacio) — Etnografia historica — Dicionario Historico, Geografico e Etnografico do Brasil — II vol. — Rio — 1922.

MOURA (Ignacio) — Etnografia Statica — Dicionario Historico, Geografico e Etnografico do Brasil — II vol. — Rio — 1922.

MELLO REGO (Maria do Carmo) — Artefatos indigenas de Matto Grosso — Archivos do Museu Nacional — vol. X — Rio — 1899.

MENDES DE ALMEIDA (Dr. João) — Dicionario Geografico da Provincia de S. Paulo — São Paulo — 1902.

MELLO (Mario) — Os Carnijós de Aguas Belas — Revista do Instituto Arqueologico Pernambucano.

MENDES CORRÊA (A. A.) — O Homo — Porto — 1924.

MENDES CORRÊA (A. A.) — Gravuras rupestres no Brasil — Porto — 1932

MANOEL DA NOBREGA (padre) — Cartas Jesuitas — Cartas do Brasil — 1549-1560 — Publicações da Academia Brasileira — 1931.

MORAES (Raymundo) — No Paiz das pedras verdes — Manáos — 1930.

MADRE DE DEUS (frei Gaspar da) — Extracto das Memorias para a historia da Capitania de São Vicente — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro — vol. IV — Rio — 1842.

NETTO (Ladisláo) — Investigações sobre a Arqueologia Brasileira — Arquivos do Museu Nacional — vol. VI — Rio — 1885.

NETTO (Ladisláo) — Apontamentos sobre os Tembetás — Arquivos do Museu Nacional — vol. I — Rio — 1876.

NETTO (Ladisláo) — Lettre a Mr. Ernest Renan à propos de L'Inscription Phenicienne apocryphe — Rio — 1885.

NORDENSKJOLD (Erlan) — Ars Americana — L'Archeologie du Bassin de L'Amazone — Paris — 1930.

NADAILLAC (Marquis de) — L'Amerique Prehistorique — Paris — 1883.

NOBREGA (Manoel da) — Informação das terras do Brasil — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro — vol. VI — 1844.

NUNES PEREIRA — Os indios Muras e o uso do paricá e da coca — «Diario de Noticias» — Rio — 1934.

OLIVEIRA (Eusebio Paulo) — Geologia, Fisiografia e Solos — Vale do Amazonas — Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil — Rio.

OLIVEIRA (Cel. José Joaquim Machado) — Noticia raciocinada sobre as aldeias de indios da provincia de S. Paulo, desde o seu começo até a atualidade — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro — vol. 8 — 1846.

OLIVEIRA VIANNA (F. J.) — Etnografia — O typo brasileiro — Seus elementos formadores — Dicionario Historico, Geografico e Etnografico do Brasil —I vol. — Rio — 1922.

ORICO (Oswaldo) — Mythos Amerindios — 2.ª edição — Rio — 1930.

ORLANDO (Arthur) — Brasil — A terra e o Homem — Recife — 1914.

PEIXOTO (Afranio) — Cartas Jesuitas II — Cartas Avulsas — Introdução e notas — Publicações da Academia Brasileira — 1931.

PAIVA (Glycon) — O Vale do Rio Negro — Fisiografia e Geologia — Boletim n. 40 do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil.

PALADOFF (J. M.) — Arqueologia Riograndense — Revista do Museu Paulista — vol. IV — 1898.

PIMENTA BUENO (F. A.) — Memoria sobre a Exploração do Rio Xingú — Boletim da Sociedade de Geografia — T. I — Rio — 1885.

PRADO (Francisco Rodrigues do) — Memoria publicada na Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro — vol. I — Rio — 1839.

PYRINEU DE SOUZA (Antonio) — Notas sobre os costumes dos indios Nhambiquaras — Tomo XII da Revista do Museu Paulista — 1920.

PAULA E SOUZA (Geraldo) — Nota sobre uma visita ao acampamento de indios Caingangs — Revista do Museu Paulista — T. X — 1918.

PAULA E SOUZA (Geraldo) — Nota sobre a geologia e paleontologia de Matto Grosso — Arch. do Museu Nacional — vol. IX — Rio — 1896.

RODRIGUES PEIXOTO (Dr. J.) — Novos Estudos Craniologicos sobre os Botocudos — Archivos do Museu Nacional — vol. IV — 1885 — Rio.

RODRIGUES (J. Barbosa) — Poranduba Amazonense — Rio — 1890.

RODRIGUES (J. Barbosa) — Vocabulario indigena com a ortografia correta — Rio — 1893.

RODRIGUES (J. Barbosa) — Vocabulario indigena comparado para mostrar a adulteração da lingua — Rio — 1892.

RUGE (Dr. Sophus) — Historia da Época dos Descobrimentos — Com prefacio e notas de Manoel d'Oliveira Ramos — Lisboa.

RUCH (Gastão Sturzenecker) — Aspecto geral da Fisiografia Brasileira — Dicionario Historico, Geografico e Etnografico do Brasil — I vol. — Rio — 1922.

RODRIGUES DE ALBUQUERQUE (Odorico) — Reconhecimentos geologicos no Valle do Amazonas — Boletim n. 3 do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil.

ROQUETTE-PINTO — Rondonia — Rio — 1917.

ROQUETTE-PINTO — Seixos rolados — Rio.

RECLUS (Elisée) — Estados Unidos do Brasil — Trad. e notas do Barão de Ramiz Galvão — Rio — 1900.

ROCHA POMBO (Joaquim Francisco) — Historia do Brasil — I e II vols. — Rio — 1908.

ROCHA POMBO (Joaquim Francisco) — Compendio da Historia da America — Rio — 1900.

RIBEIRO (Francisco Paulo) — Memoria sobre as nações gentias que presentemente habitam o continente do Maranhão — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro — vol. III — 1841.

STEINEN (Karl von den) — Unter den Naturvolkem Zentral Brasiliens — Tradução de Carlos da Silva Loureiro — Revista do Inst. Historico e Geographico Brasileiro — Tomo 84 — 1918.

STEINEN (Karl von den) — Conferencia realizada na sociedade de Geografia do Rio de Janeiro em 1884 — Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — T. I — Rio — 1885.

STEINEN (Karl von den) — O Rio Xingú — Conferencia idem, idem, em 1888 — T. IV — Rio — 1888.

STEINEN (Karl von den) — Exploração do Rio Xingú — Conferencia — Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — 30 de Dezembro de 1884 — Revista da Sociedade de Geografia — T. I — Rio — 1885.

STEANS (William John) — O Vale do Rio Doce — Revista da Sociedade de Geografia — vol. 4 — 1887.

STADEN (Hans) — Viagem ao Brasil — Versão do texto de Marpurgo por A. Löfgren — Revista e annotada por Teodoro Sampaio — Publicações da Academia Brasileira — Rio — 1930.

SOUZA (Gabriel Soares) — Tratado descritivo do Brasil em 1587 — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro — vol. XIV — Rio — 1851.

SAMPAIO (Theodoro) — Arqueologia Brasileira — Dicionario Historico, Geografico e Etnografico do Brasil — I vol. — Rio — 1922.

SAMPAIO (Theodoro) — Hidrografia — Idem — Idem — 1922.

SAMPAIO (Theodoro) — Orografia — Idem — Idem — 1922.

SAMPAIO (Theodoro) — O Tupy na geographia nacional — S. Paulo — 1901.

SAMPAIO (Theodoro) — A nação Guianá da Capitania de São Vicente — Revista do Museu Paulista — vol. II — 1897.

SANTA ROSA (Henrique de) — A depressão Amazonica e os seus exploradores — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, parte II do Tomo especial do 1.º Congresso da Historia Nacional — Rio — 1915.

TORRES (Heloisa Alberto) — Ceramica de Marajó — Conferencia realizada na Escola de Bellas Artes — Rio — 1929.

TORRES (Heloisa Alberto) — Entrevista publicada n'«A Nação» — Rio — 1933.

TOCANTINS (Antonio Manoel Gonçalves) — Estudo sobre a tribu Mundurucu — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro — vol. LX — 1887.

TAUNAY (Affonso de E.) — Na era das Bandeiras — São Paulo — 1922.

VARNHAGEM (Fco. Adolpho) — Historia Geral do Brasil — 3.ª edição — Revista por R. Garcia — Companhia Melhoramentos de S. Paulo.

VERNAU (Dr. R.) — Les anciens Patagons — Contribution à l'etude des Races Precolombiennes de l'Amerique du Sud — Monaco — MCMIII.

VERNAU (R.) — Les Origines de l'Humanité — Paris — 1926.

VERISSIMO (José) — Etnografia em geral — Dicionario Historico, Geografico e Etnografico do Brasil — II vol. — Rio — 1922.

WIENER (Carlos) — Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil — Archivo do Museu Nacional — vol. I — Rio — 1876.

INDICE ONOMASTICO

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

Q

R

S

T

U

V

W

INDICE DE ASSUNTO

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

Y

Z

INDICE DE NOMES GEOGRAFICOS, TRIBUS, FAMILIAS E POVOS

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

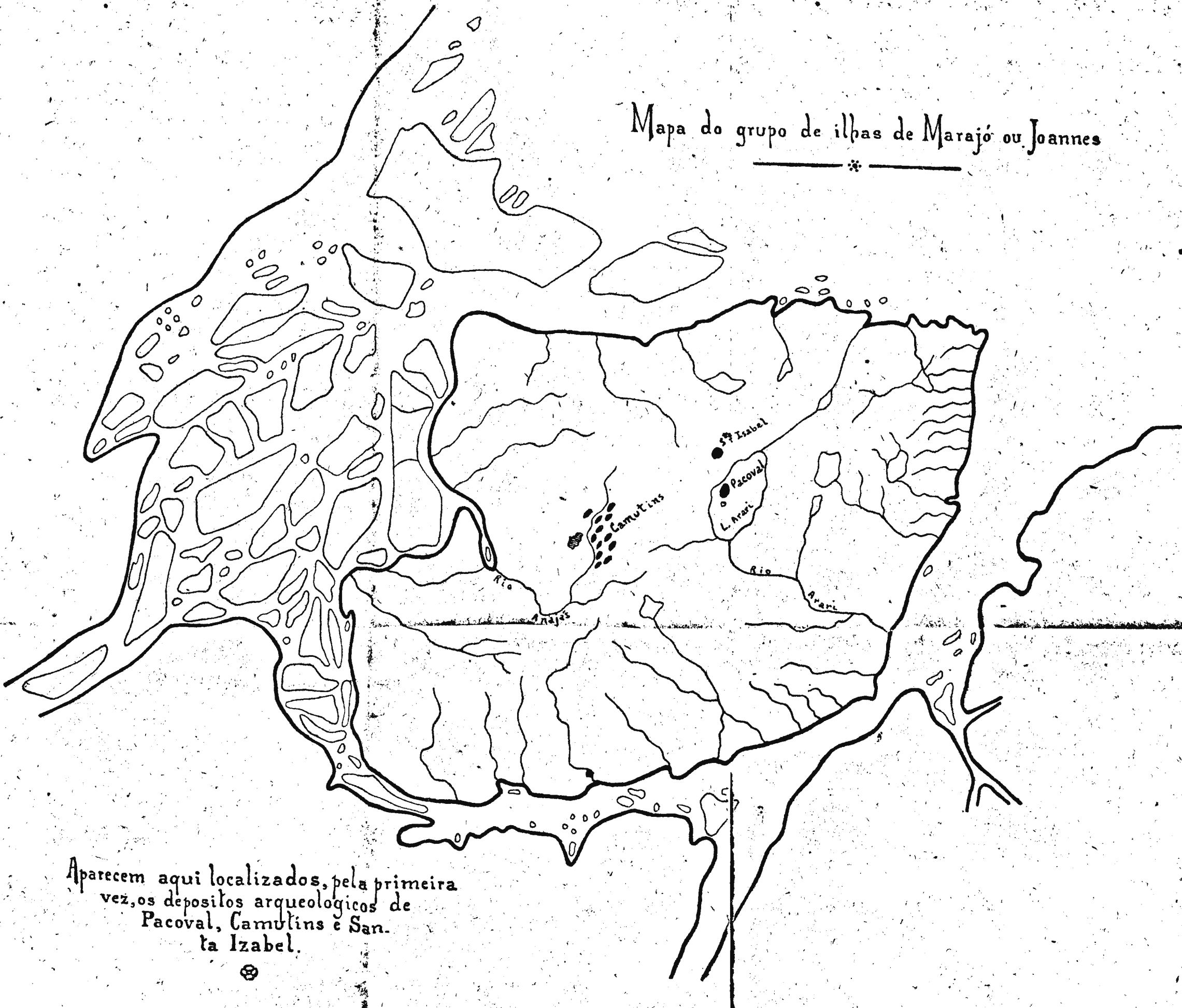
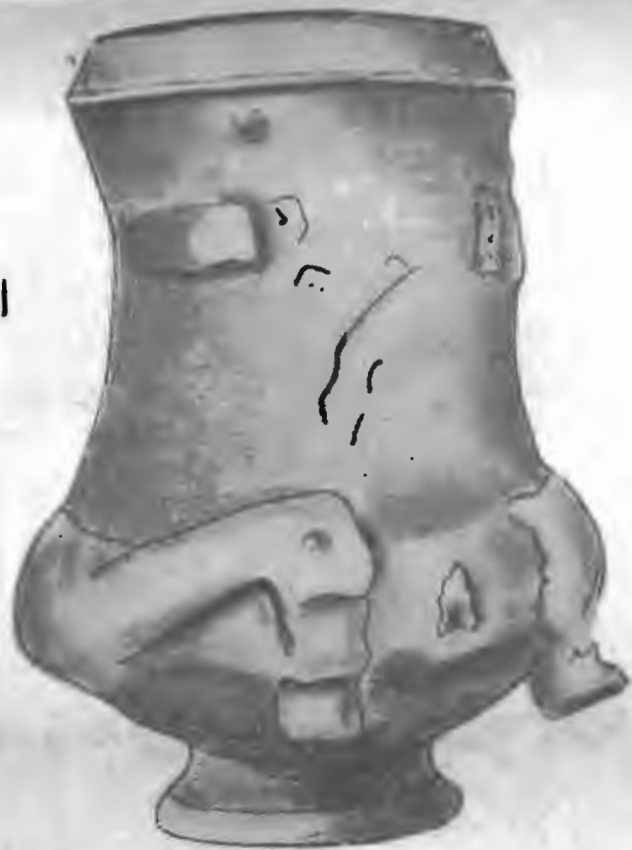
U

V

W

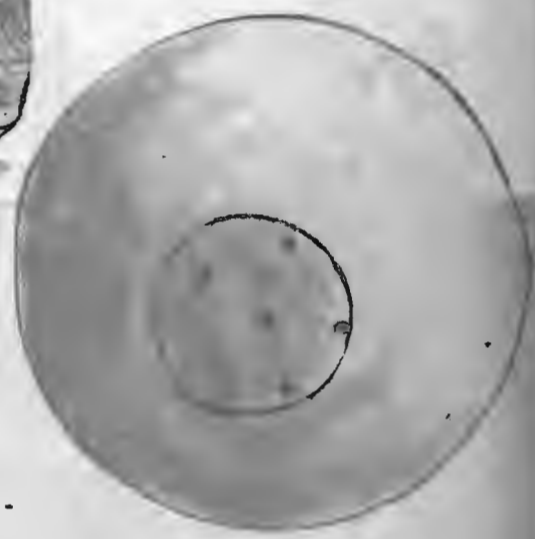
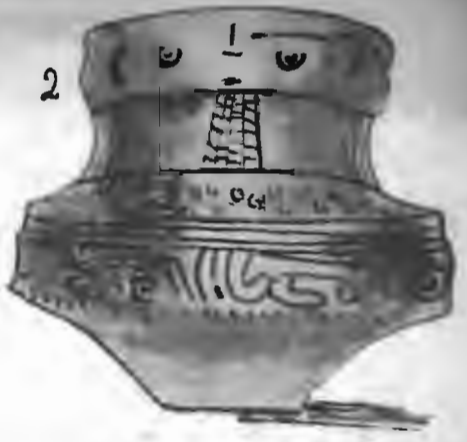
X

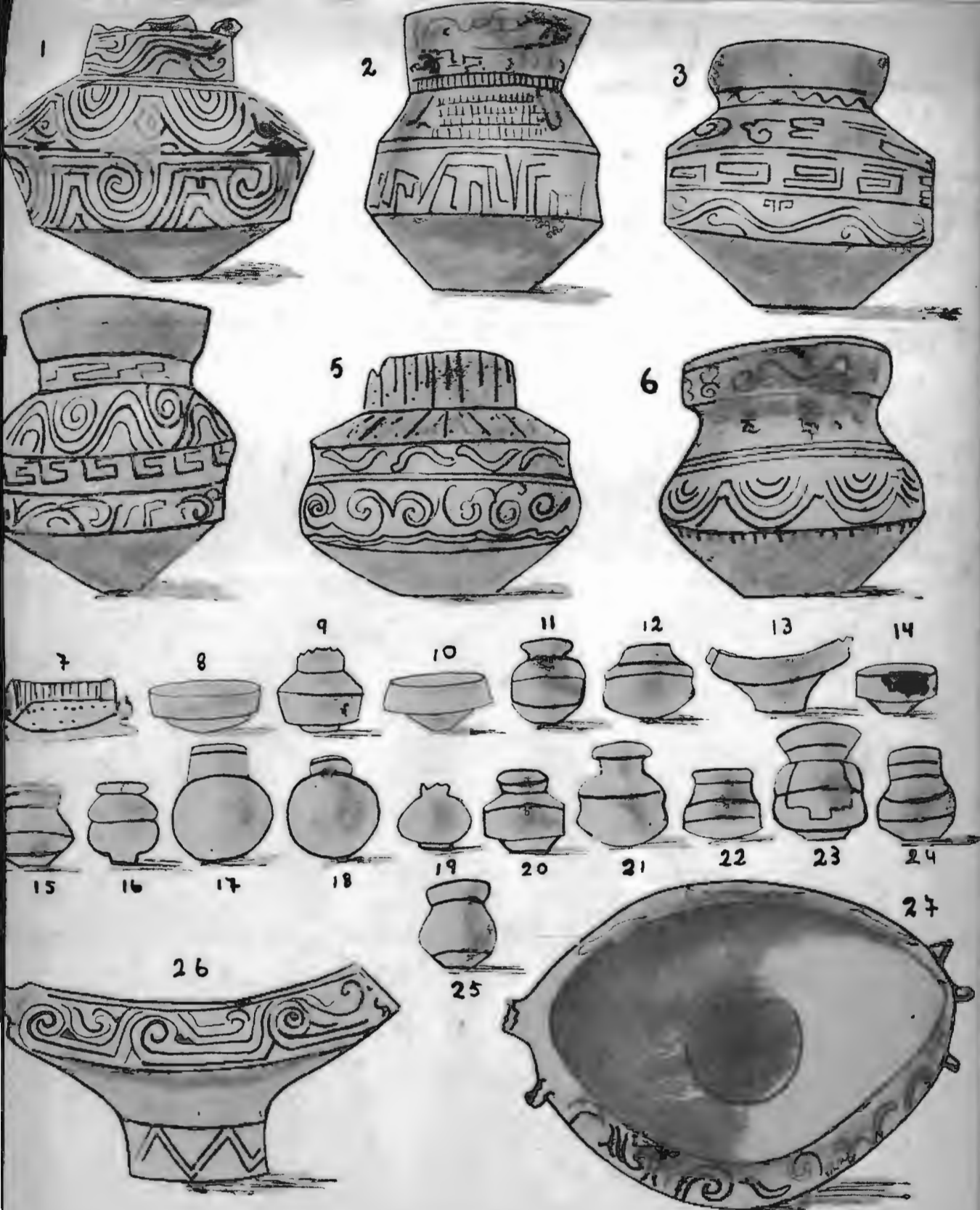
Mapa de Minas Gerais com a localização da
Lagôa Santa
No alto, o mapa da Lapa do Sumidouro, comprehendendo todo o extenso terreno, rico em cavernas, situado entre os afluentes do rio das Velhas e do Paraopeba
Curvelo
Codisburgo
Sto Antonio da Lagoa
Jequitibá
Sete Lagoas
Lapinha
Lagôa Santa
BAÍA
GOIAN
M. GROSSO
S. PAULO
RIO DE JANEIRO
ESPIRITO SANTO
BELO HORIZONTE
Lagoa Santa

Mapa do grupo de ilhas de Marajó ou Joannes
Sta Izabel
Pacoval
Camutins
L. Arari
Rio Arari
Rio Anajás
Apparecem aqui localizados, pela primeira vez, os depositos arqueologicos de Pacoval, Camutins e Santa Izabel.

ESTAMPA XIII

Ceramica de Maracá e de Marajó

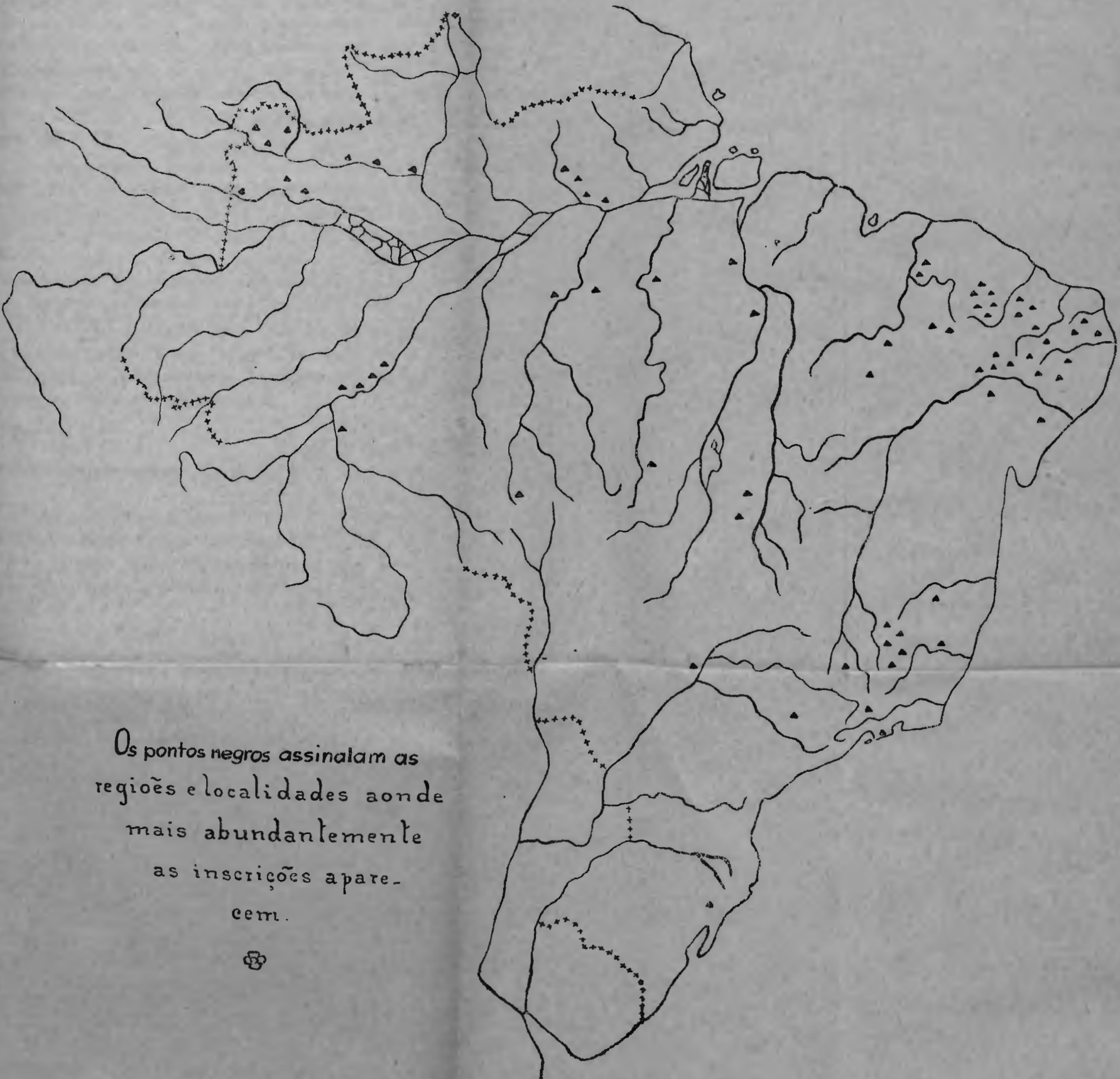
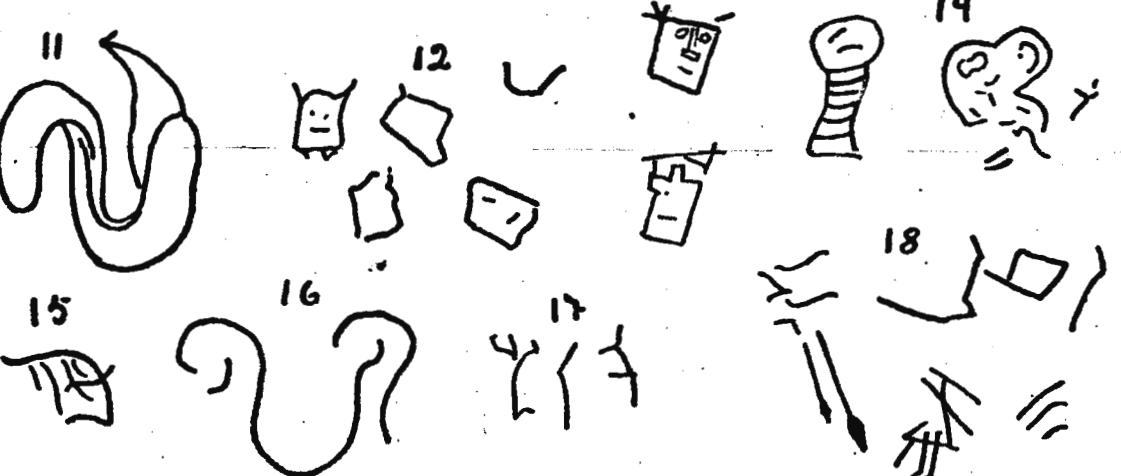
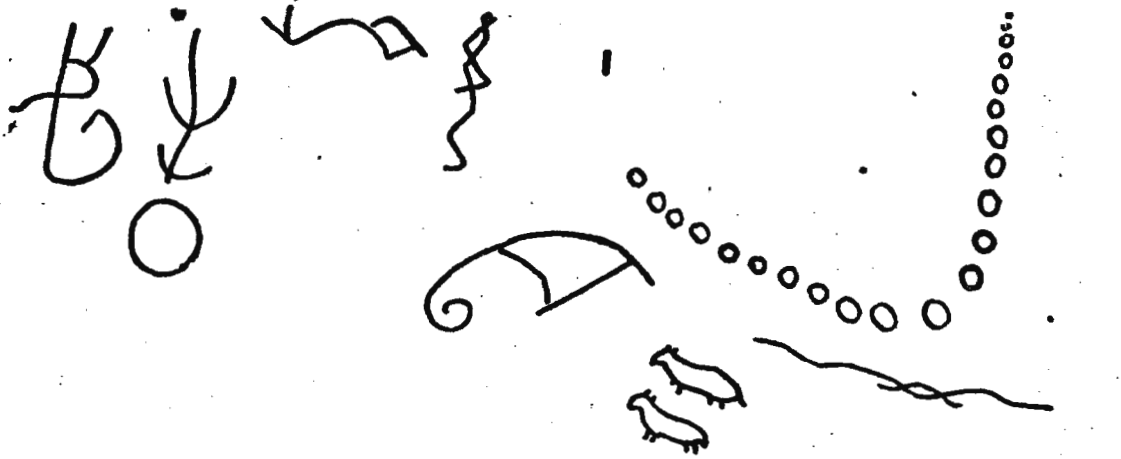
ESTAMPA II

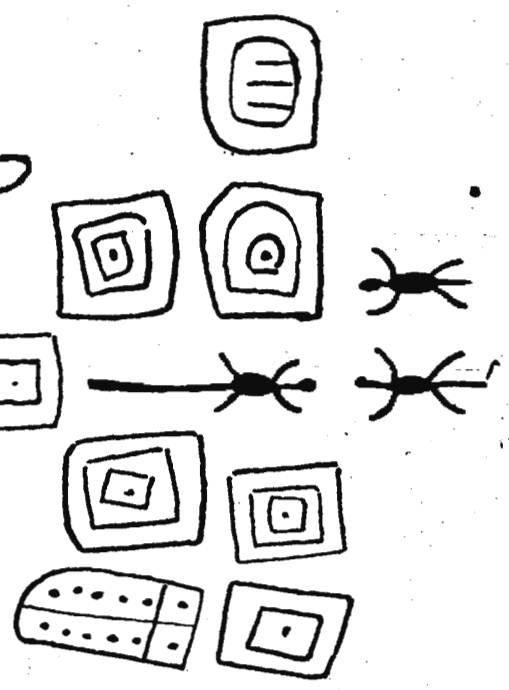
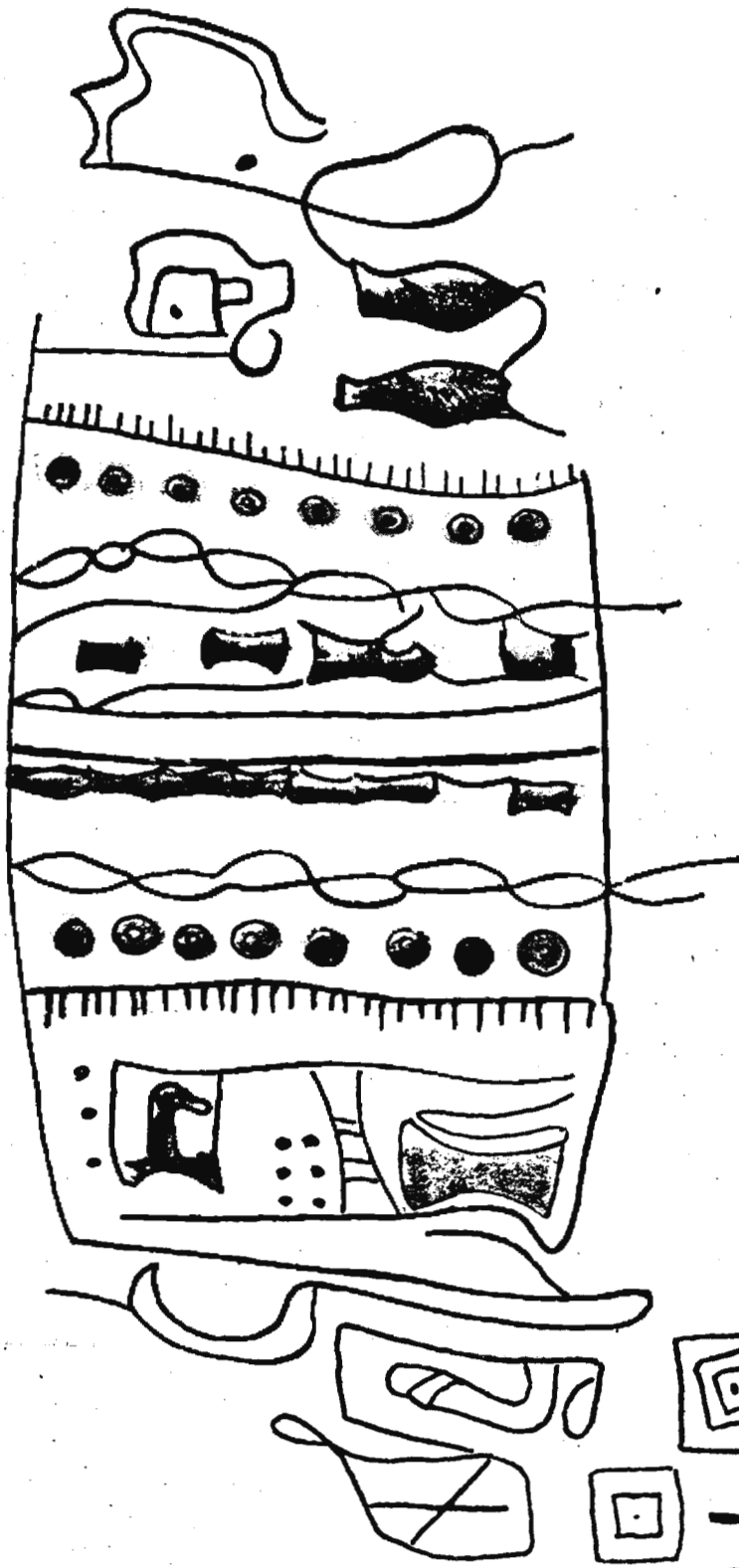
Ceramica de Maracá

ESTAMPA VI

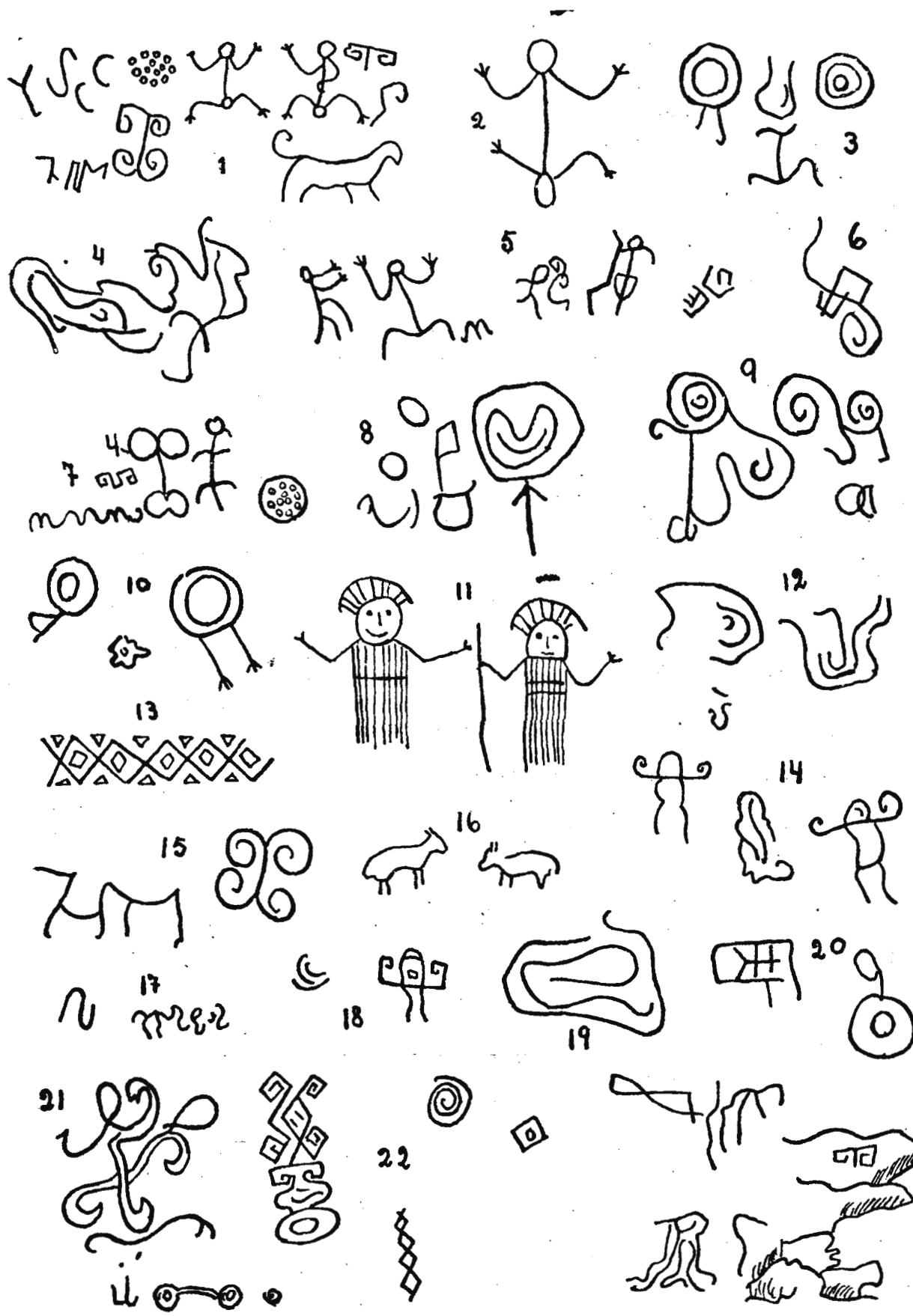
Ceramica de Cunany

ESTAMPA XI

Ceramica de Cunany

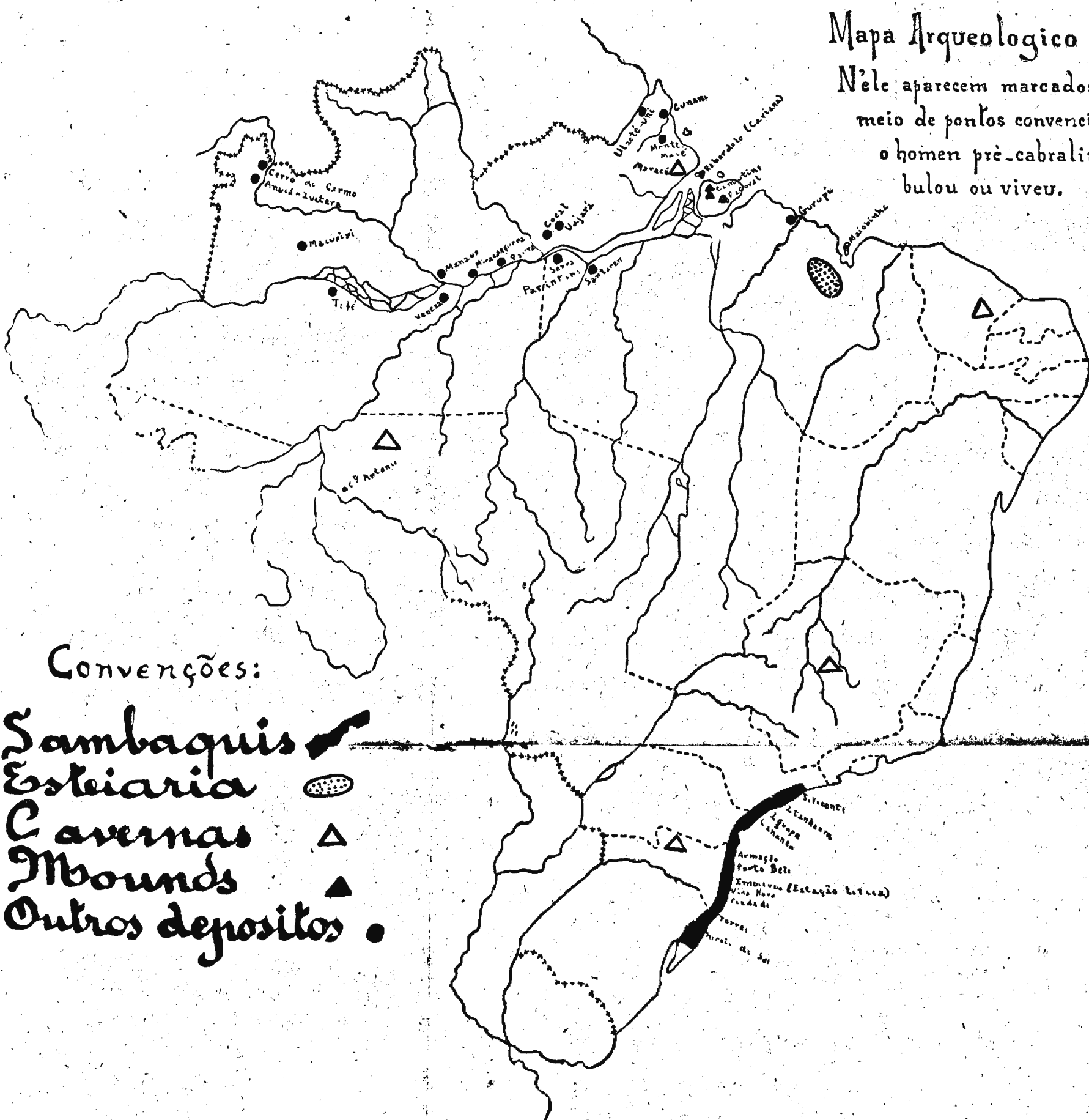
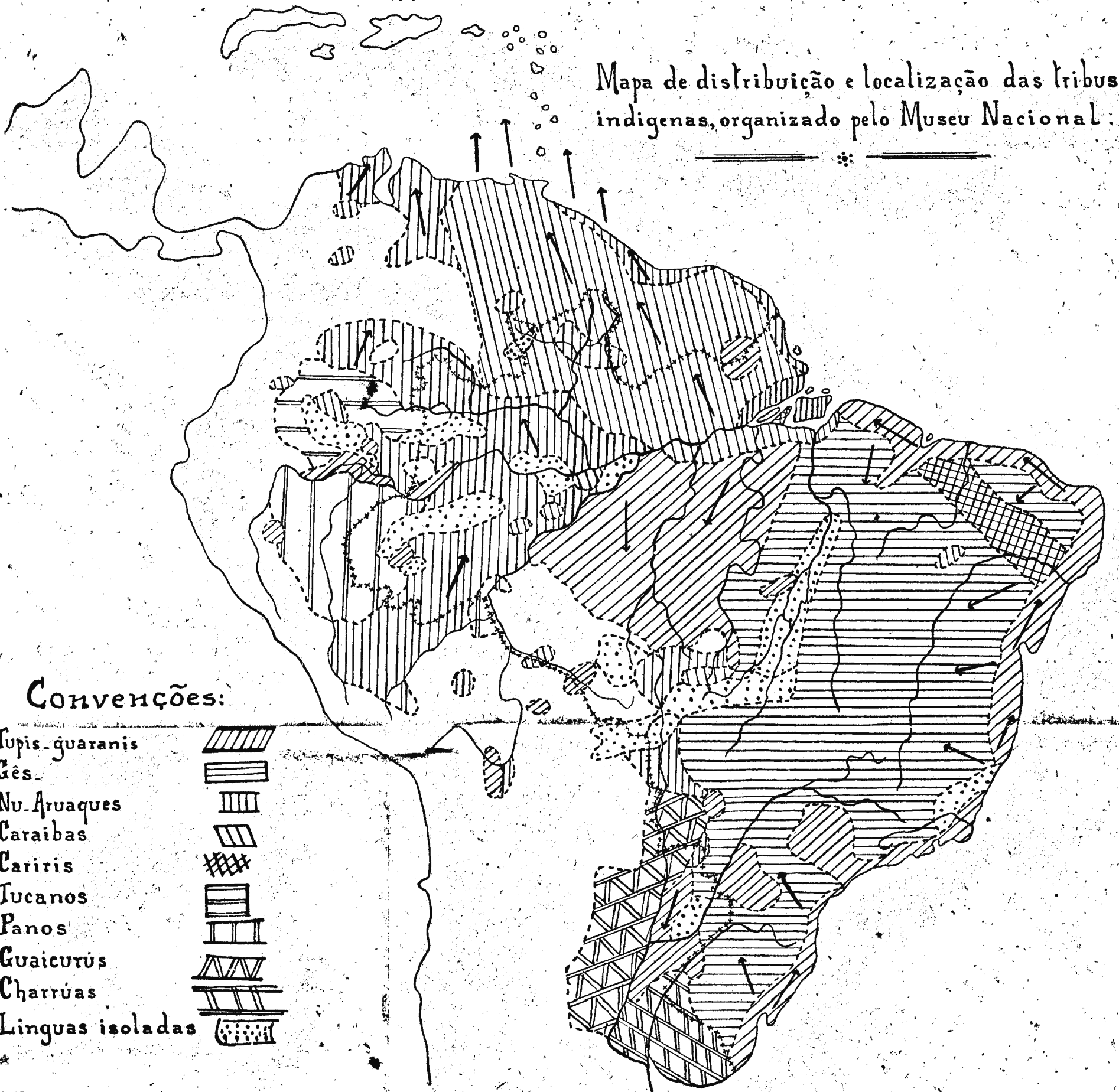
ESTAMPA IX
Ceramica de Cunany

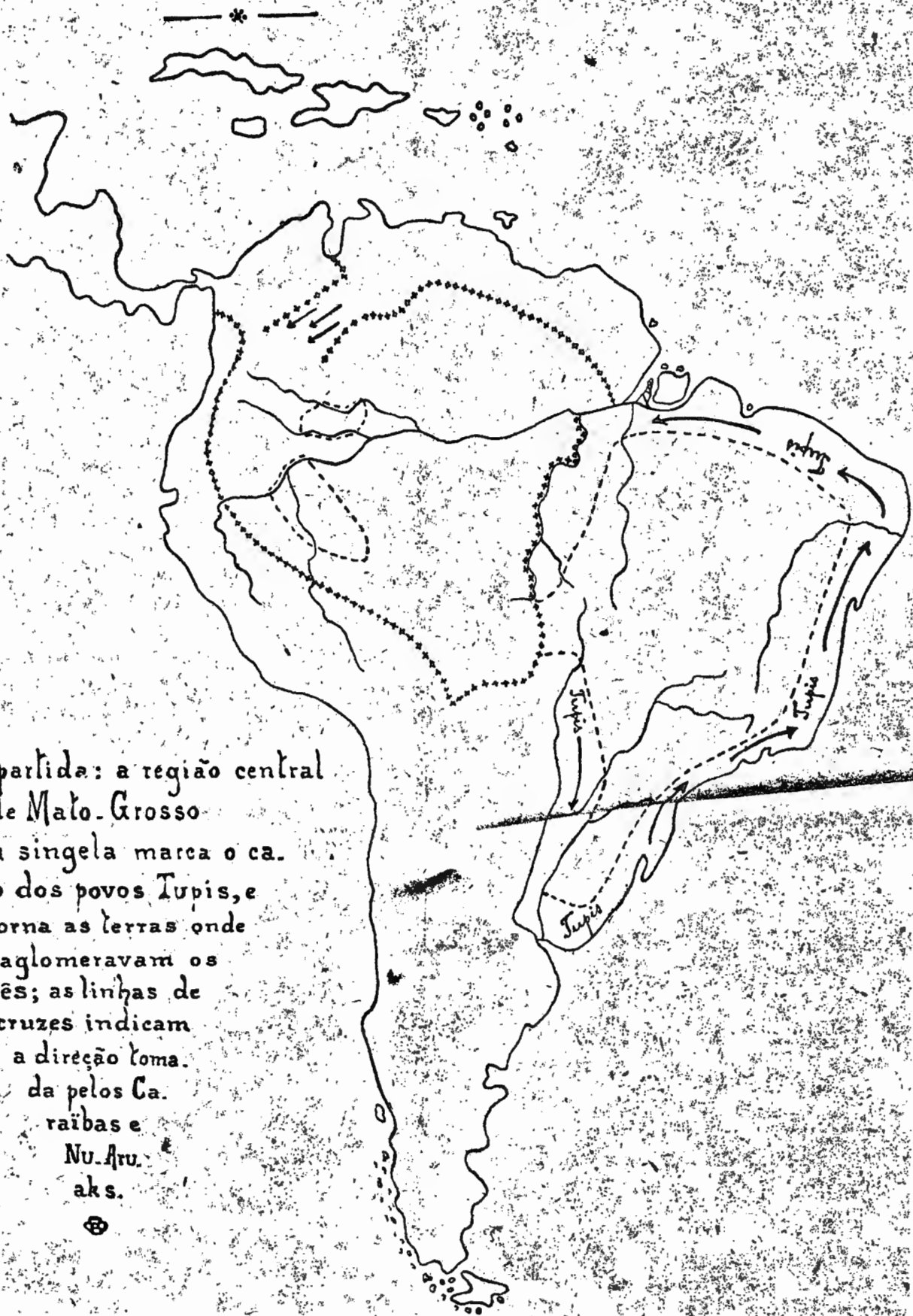
Mapa de Inscrições Rupestres do Brasil

ESTAMPA VIII

Inscrições rupestres

ESTAMPA X

Inscrições rupestres

ESTAMPA XIV

Inscrições rupestres

Mapa Arqueologico do Brasil
N'ele aparecem marcados os logares, por meio de pontos convencionais, aonde o homen pré-cabralino perambulou ou viveu.
Cerro do Carmo
Macupiri
Tefé
Manaus
Coral
Parintins
Santarem
Cunaní
Monte Maré
Maracá
Gurupá
S. Vicente
Iguape
Cananéa
Armação
Porto Belo
(Estação Lítica)
Vila Nova
Torres
Convenções:
Sambaquis
Esteiaria
Cavernas
Mounds
Outros depositos

Mapa de distribuição e localização das tribus indigenas, organizado pelo Museu Nacional.
Convenções:
Tupis-guaranis
Gês
Nu-Aruaques
Caraibas
Cariris
Tucanos
Panos
Guaicurús
Charrúas
Linguas isoladas

Mapa schematico das tres grandes migrações sul-americanas

Tupis

Tupis

Tupis

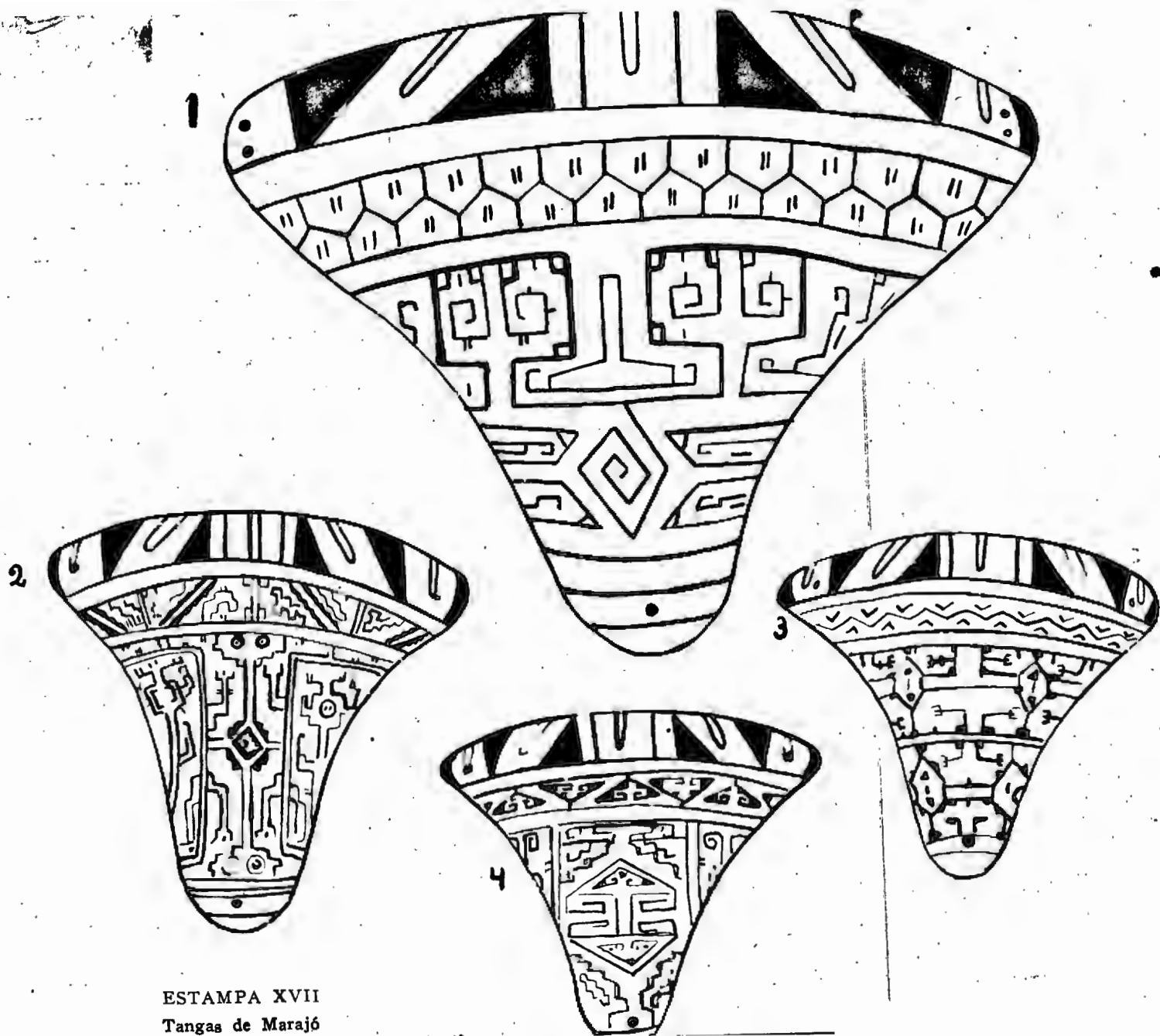
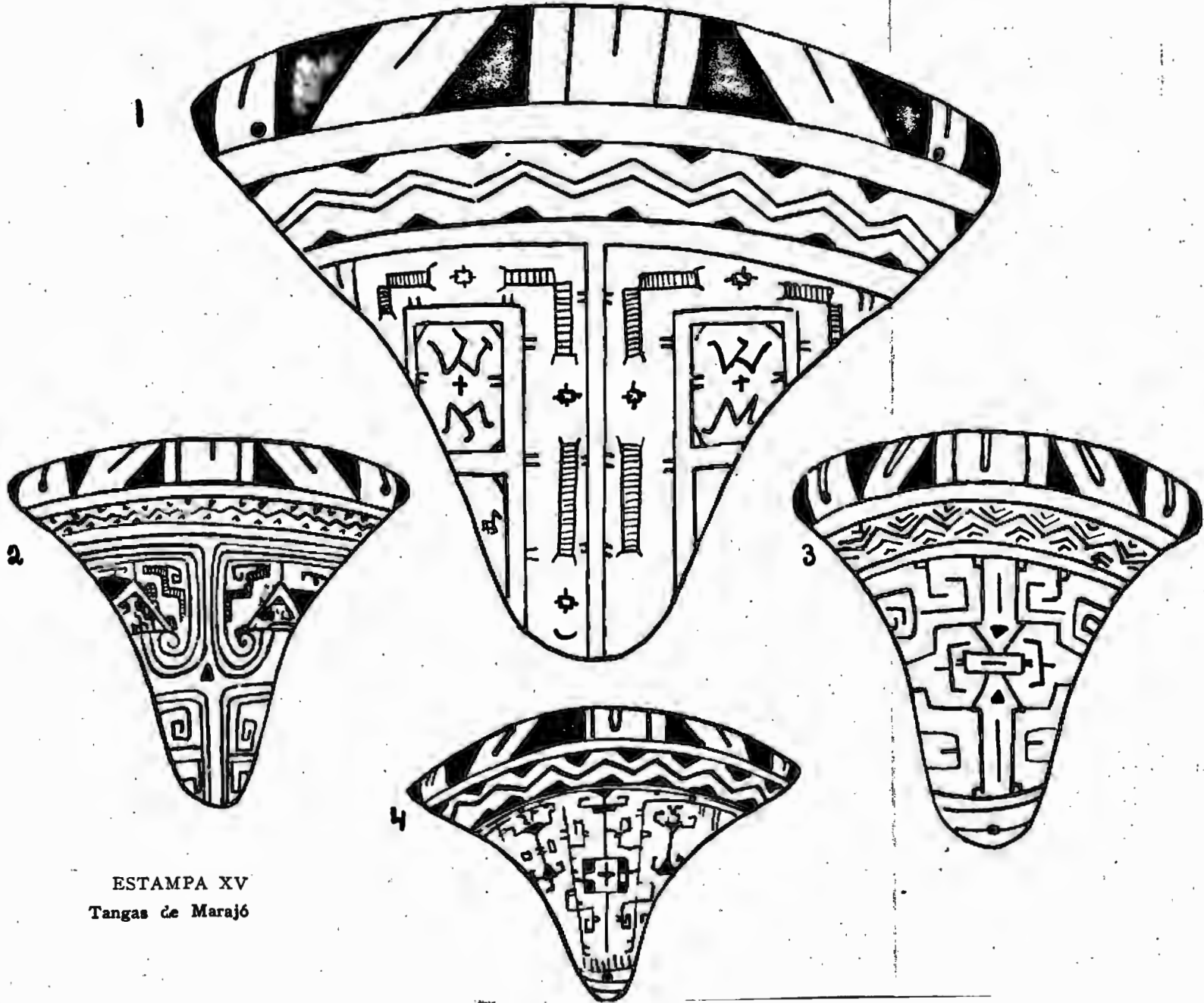
Tupis

Ponto de partida: a região central de Mato-Grosso

A linha singela marca o caminho dos povos Tupis, e contorna as terras onde se aglomeravam os Gês; as linhas de cruzes indicam a direção tomada pelos Caraïbas e Nu-Aru-aks.

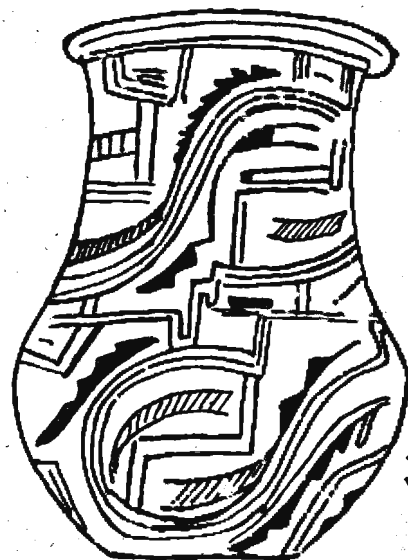
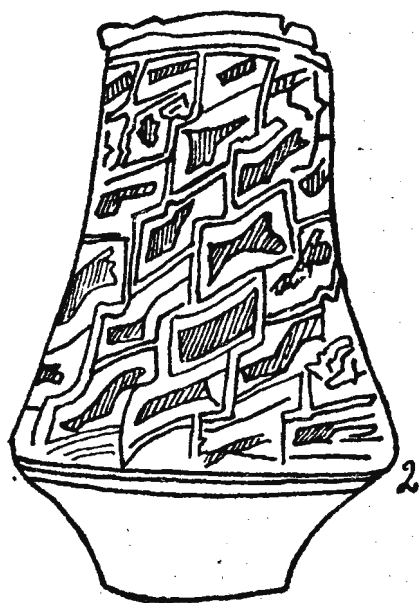
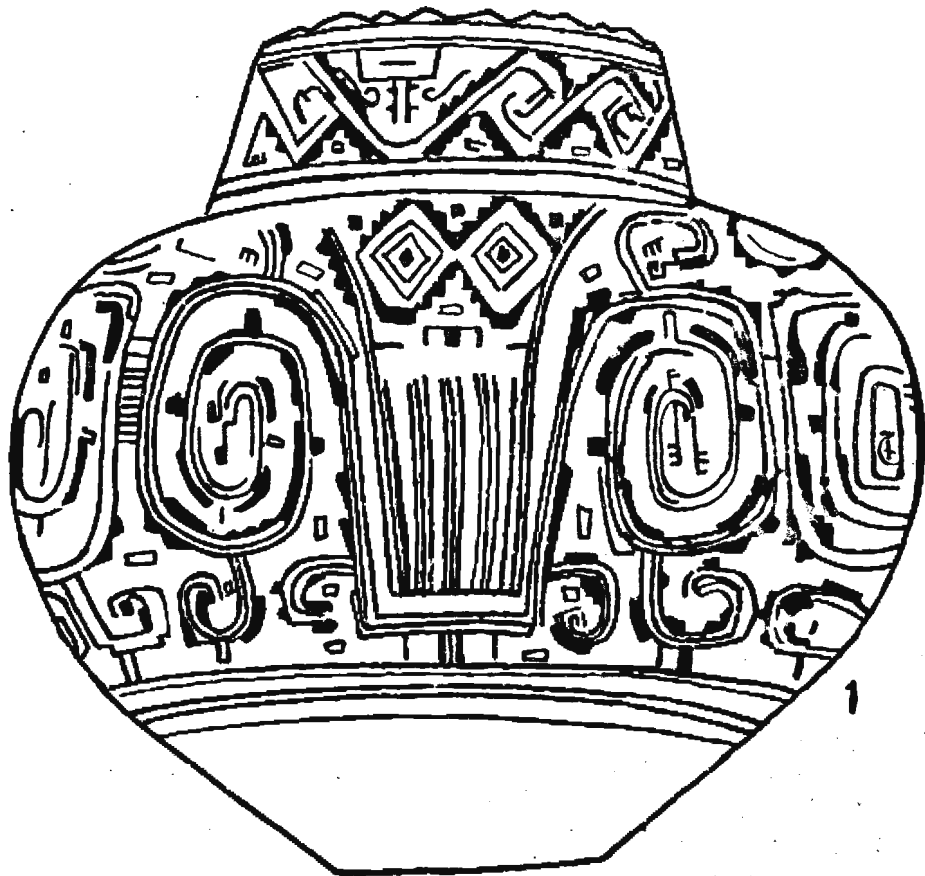
Mapa de distribuição das Tribus indigenas
Localiza, n'um esforço de siste-
matização topografica, a
grande familia huma-
na do Brasil
Oiampi
Ojoma
Apalai
Purucotó
Taruma
Banibas
Manau
Passé
Jauaperi
Manaus
Mura
Cocama
Omagua
Catuquina
Paumari
Purupuru
Pano
Juruna
Jpurinã
Manetenen
Araras
Mauê
Tapajós
Mundurucús
Nhambiquaras
Parintintins
Parecis
Pauserna
Cabeçaes
Borôros
Terena
Guaná
Jurunas
Caiapó
Xambioá
Chavantes
Tupinambá
Timbiras
Guajajara
Teremembé
Kariris
Potiguares
Caetés
Amanajés
Sacamecrans
Acroás
Macamecrans
Tapacoás
Crixás
Cherentes
Botocudos
Aimorés
Tupiniquins
Caiapós
Borôros
Tamoio
Tupiniquim
Guaianá
Caingang
Caingua
Guarani
Guaycurus
Charruas
Bugre
Carijó
Tapé

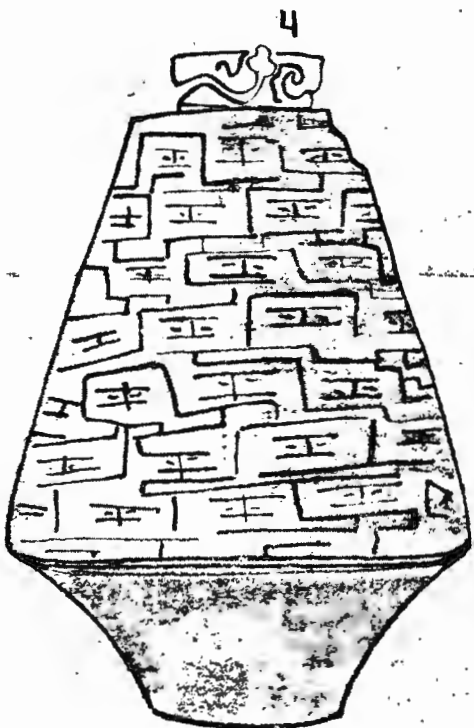
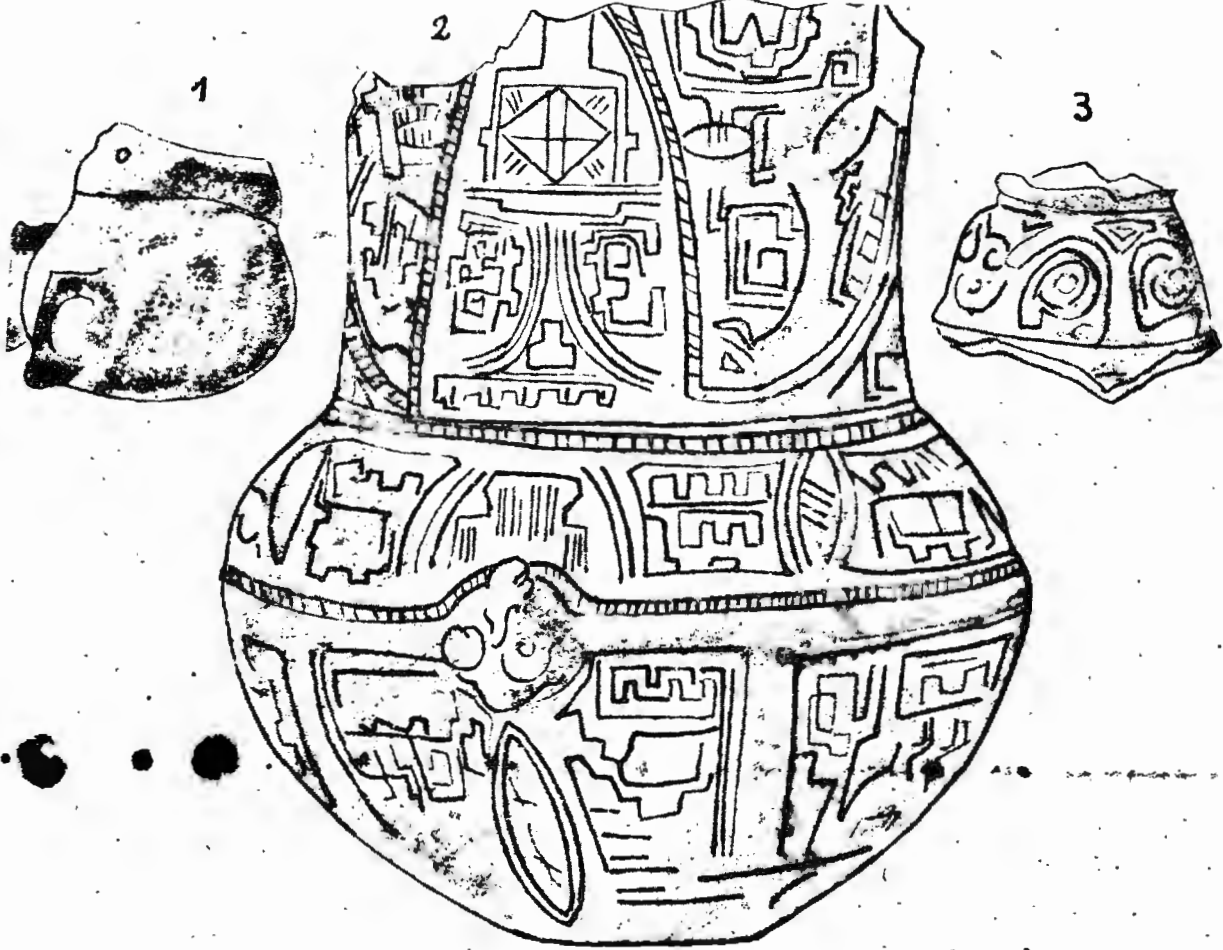
ESTAMPA VII

Machados de pedra e outros artefatos

ESTAMPA XVII
Tangas de Marajó

ESTAMPA XV

Tangas de Marajó

ESTAMPA XII

Idolos falomorfos

ESTAMPA I

Urnas e outros artefatos de ceramica de Marajó

ESTAMPA IV

Urnas e outros artefatos de ceramica de Marajó

ESTAMPA XVI

Urnas e outros artefatos de ceramica de Marajó